

Fernanda de Almeida

***Entre o local e o global:
a Rede do Fórum Social Mundial***

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
Ciências Políticas do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do
Prof. Dr. Thomas Patrick Dwyer

Novembro de 2008.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

AL64e Almeida, Fernanda de
**Entre o local e o global: a rede do Fórum Social Mundial /
Fernanda de Almeida. - - Campinas, SP : [s. n.], 2008.**

**Orientador: Thomas Patrick Dwyer.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Fórum Social Mundial. 2. Ciências sociais – Análise de
redes. 3. Sociedade civil. I. Dwyer, Thomas Patrick.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.**

(cn/ifch)

Título em inglês: Between local and global: World Social Forum's network

Palavras chaves em inglês (keywords) :

**World Social Forum
Social sciences – Network analysis
Civil society**

Área de Concentração: Cultura Política

Titulação: Mestre em Ciência Política

**Banca examinadora: Thomas Patrick Dwyer, Maria da Glória Gohn, Bruno
Speck**

Data da defesa: 10-11-2008

Programa de Pós-Graduação: Ciência Política

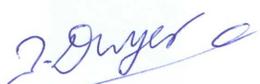
FERNANDA DE ALMEIDA

Entre o Local e o Global: A Rede do Fórum Social Mundial

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Thomas Patrick Dwyer.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/11/2008

BANCA


Prof. Dr. Thomas Patrick Dwyer (Orientador)


Profa. Dra. Maria da Glória Marcondes Góhn


Prof. Dr. Bruno Wilhelm Speck

Novembro / 2008

Entre o local e o global: a Rede do Fórum Social Mundial

Observando o Fórum Social Mundial (FSM) como um sujeito político que se utiliza da lógica das redes sociais para se organizar, a presente pesquisa procurou analisar sua rede lançando mão das ferramentas de Análise de Redes Sociais, de modo a melhor perceber os entraves à relação entre o local e o global intrínseco ao FSM, procurando respostas sobre os motivos para que grandes redes globais se fragmentem em redes locais, regionais ou nacionais.

A hipótese que norteou essa pesquisa sugeria a existência de uma combinação entre dois elementos que conduziam à fragmentação nas redes globais, e que, permitiriam que a mesma assumisse um caráter local, mas se relacionasse globalmente com as demais. Desta forma as agendas temáticas e as movimentações do FSM via fóruns regionais e temáticos foram problematizadas a partir da relação local/global e permitiram constatar um padrão de relacionamento estruturador das relações na “sociedade civil global”.

Finalmente, através da operacionalização dos conceitos de “flexibilização” e “tradução” nas agendas das organizações que compõem a rede do FSM percebeu-se um movimento de fragmentação espontânea do Fórum assegurando assim a sua continuidade e não a extinção, como se acreditava inicialmente. Esse movimento foi, portanto, confirmado com a observância de um processo de reprodução e constante adequação de agendas e contextos de modo a envolver a sociedade civil sob bandeiras de trabalho aproximadas entre si, sugerido quase como uma reprodução do mesmo em distintas escalas.

Between global and local: World Social Forum's network

By observing the World Social Forum (WSF) as a political entity that uses the social network logic to organize itself, this research sought to analyze its network by employing Social Networks Analysis tools in order to better understand the barriers imposed to the relationship between the local and global aspects intrinsic to the WSF, searching for answers to the reasons for which large global networks are fragmented in local, regional or national ones.

The hypothesis that guided this research suggested the existence of a combination of two factors leading to the fragmentation of global networks and that consequently would allow them to assume a local character, yet globally dealing with their counterparts. Bearing that in mind, both the thematic agenda and the movements of the WSF over regional forums were problematized from the perspective of a local/global relationship, enabling the establishment of a pattern that structures the relations in the "global civil society."

Finally, a spontaneous fragmentation movement of the Forum was observed through the operation of the "flexibility" and "translation" concepts on the agenda of the organizations that comprise the WSF, thus ensuring its continuity rather than its extinction, opposing previous belief. This movement was thus confirmed through the observation of a reproduction process and a constant adaptation of the agenda and its contexts such that the the civil society is embraced in closely related ideas of action, mostly suggesting a reproduction of the same in different scales.

*Á memória de minha avó,
uma militante da vida
cotidiana...*

AGRADECIMENTOS

Meu coração ficaria apertadinho e eu nunca me perdoaria se em primeiro lugar não agradecesse à Deus. Lembro que quando ainda estava pensando em me inscrever na Seleção do Mestrado quando um amigo meu comentou, mediante meus fracassos anteriores: “E se você não passar”? Respondi com uma frase que me acostumei a pronunciar ao longo desses anos e que me dá um certo ânimo em não temer as negativas da vida (que são muitas): “O “não” eu já tenho!”. E foi com esse espírito que encarei o mestrado em Ciência Política. Novamente, quando inquirida sobre a Bolsa Fapesp que eu estava pleiteando, respondi de pronto: “O “não” eu já tenho!” Foi assim que fui galgando os espaços, ouvindo alguns “nãos ...outros “sins”...mas sempre estive segura de que se eu não fosse suficientemente capaz de fazer alguma coisa na qual estava me aplicando, Deus me capacitaria para isso. Pelos meus temores em prestar o Mestrado, cursá-lo e ainda me manter em dia com a Fapesp, eu agradeço primeiramente a Deus!

Uma constelação de estrelas passaram pela minha vida enquanto eu realizava essa pesquisa. Por ter uma memória péssima seus nomes me escapam ... gostaria de poder agradecer-los um a um. Mas como não conseguirei lembrar de todos os nomes aqui, prefiro não citar o nome de ninguém e abraçar a todos pessoalmente!

Minha família é um capítulo à parte nessa seção de agradecimentos. Não sei bem se eles não acreditaram que eu daria conta do recado ou o quê, mas um certo “tom de dúvida” pairava no ar ... Sinto não poder expressar aqui o quanto os amo ... Contudo expressei minha gratidão pelo silêncio inspirador em seus olhares e pelas preocupações. (O importante foi que eu terminei meu Mestrado, já posso sair da frente desse computador, retomar minha vida em família, finalmente sentar na sala com meu pai (como sempre fizemos) e assistir “HOUSE”!)

Agradeço especialmente ao Gabriel (e esse é o único nome que citarei aqui), meu sobrinho, que mesmo sem saber falar e só pela sua presença ali comigo enquanto eu escrevia, me transmitia uma força e uma vontade de continuar que eu só conheci em uma outra pessoa a quem meu agradecimento já não cabe mais: minha avó.

Amigos são uma jóia rara na nossa vida não é mesmo? Existem aqueles que podemos contar com sua parceria, suas conversas despreocupadas, seu ombro ou mesmo com suas frases esparsas no MSN ... A esses amigos, com quem eu troquei risadas, lágrimas, palavras duras, porém sinceras, a minha gratidão! Àqueles que se diziam meus amigos e que a princípio (e

outros até o fim) duvidaram da minha competência, a minha gratidão é imensa! Porque como diz aquele ditado: “com as pedras que me lançam construo meu castelo”, foi assim mesmo que eu procedi! Por isso, agradeço a vocês que duvidaram de mim, que tiveram a coragem de me questionar (outros nem tanto), porque foi para provar a vocês, que eu continuei “implacável”!

Agradeço também às pessoas que me decepcionaram... Sem querer, vocês me ensinaram a ser menos ansiosa e a criar menos expectativas que talvez me levassem às tais decepções. Minha gratidão a vocês é legítima e real por que (mesmo sem querer) vocês me trouxeram crescimento e amadurecimento e, agora sim, eu posso dizer que sou uma pessoa melhor!

Minha sincera gratidão ao meu orientador pela confiança em nesse meu jeito solitário e, como ele mesmo dizia: “autodidata” de ser, pelos fiéis encontros e e-mails que trocamos e que me deixavam ainda mais segura dos meus passos investigativos.

Agradeço ainda à FAPESP por ter acreditado no potencial dessa pesquisa, por ter me concedido uma bolsa cuja representação simbólica para mim sempre foi maior que a material!

Mas meu leitor deve estar se perguntando: “Mas então seu Mestrado correu às mil maravilhas? Você nunca teve problema algum???”. E eu respondo de pronto que NÃO! Tive muitos percalços: fui ríspida com muita gente, às vezes excessivamente “durona”, chata, mal-humorada, enfim ... se faltavam pedras no meu caminho... eu mesma me colocava como “pedra” quando não havia problema algum! Por isso peço perdão à minha família que me aturou meses sem sair de casa na fase final dessa pesquisa, aos meus amigos que continuaram a me aceitar mesmo estando eu “neurótica” e aos anônimos com quem não tive um pinga de paciência ... minhas sinceras desculpas.

Tudo o que escrevo nesse trabalho, tudo o que pretendi fazer aqui é um grande mosaico, cujas peças são formadas por um pedacinho da cada uma das pessoas que atravessou meu caminho, me cativou e permitiu que eu as cativasse.

Eu levo os corações de vocês comigo ... eu os levo no meu coração!

Muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I.	19
1.1) A GLOBALIZAÇÃO	22
1.2) ASPECTO POLÍTICO/CULTURAL	22
1.3) ASPECTO ECONÔMICO	25
1.4) AS CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO E OS MOVIMENTOS ANTIGLOBALIZAÇÃO	26
1.5) A SOCIEDADE CIVIL GLOBAL	28
CAPÍTULO II.	33
2.1) ANTECEDENTES HISTÓRICOS QUE DESENCADARAM O FSM	33
2.2) EVENTO OU MOVIMENTO?	38
2.3) CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CARTA DE PRINCÍPIOS DO FÓRUM E O VISLUMBRE DE UM NOVO TIPO DE MOVIMENTO	39
2.4) PERSONAGENS QUE CIRCULAM PELO FSM	42
2.4.1) MOVIMENTOS SOCIAIS	43
2.4.2) ONGS	45
2.4.3) SINDICATOS	46
2.4.4) REDES TRANSNACIONAIS DE ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS	47
2.4.5) MUDANÇAS E NOVAS NUANCES	51
2.5) QUEM PARTICIPA?	52
CAPÍTULO III.	59
3.1) ORGANIZAÇÃO DO FSM	59
3.2) METODOLOGIAS DE TRABALHO DOS FÓRUNS	66
3.2.1) O NOVO MÉTODO DE TRABALHO DO FÓRUM	66
3.2.1.1) O PAPEL DA INTERNET	73
3.2.2) O FÓRUM ENQUANTO REDE	75
3.3) FÓRUNS REGIONAIS E TEMÁTICOS	76
CAPÍTULO IV.	79
4.1) ANÁLISE CRONOLÓGICA E TEMÁTICA DO FÓRUM	79
4.2) DINÂMICA E PARTICIPAÇÃO DOS FÓRUNS	86
4.2.1) ANÁLISE DA AGENDA DE MOBILIZAÇÕES DOS FÓRUNS	89
4.3) CATEGORIAS ESPECÍFICAS PARA ANÁLISE DA REDE DO FSM	97
4.4) ANALISANDO O CONSELHO ORGANIZACIONAL E COMITÊ INTERNACIONAL	100
4.4.1) RELAÇÕES DE PODER NA REDE DO FSM	101
4.4.1.1) CLIQUES	103
4.4.2) CENTRALIDADE	107
4.4.2.1) PODER DE BONACICH	108
4.4.2.2) DENSIDADE	111
4.4.2.3) GRAU DE CENTRALIDADE	112
4.4.2.4) CENTRALIDADE DE FREEMAN	116
4.4.2.5) EGO	119

4.5) ANÁLISE DAS AGENDAS TEMÁTICAS DAS ORGANIZAÇÕES QUE COMPÕEM A REDE DO FSM	129
4.7) ONE WORLD	142
4.8) ANÁLISE DAS MOVIMENTAÇÕES ESPACIAIS DO FÓRUM	146
4.8.1) ANÁLISE DOS FÓRUNS REGIONAIS E TEMÁTICOS	147
4.9) O FSM COMO PARTE DA “SOCIEDADE CIVIL GLOBAL”?	152
4.9.1) ANÁLISE COMBINADA: O LOCAL E O GLOBAL	153
 CAPÍTULO V.	 161
 BIBLIOGRAFIA	 169
 GLOSSÁRIO DE SIGLAS	 179
 <u>ANEXO I</u> – Lista de eventos e protestos antiglobalização e sua conexão com o FSM	 180
<u>ANEXO II</u> - CARTA DE PRINCIPIOS DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL	184
<u>ANEXO III</u> - Fóruns Regionais e Temáticos, segundo local e data de realização	187
<u>ANEXO IV</u> - CARTAS ENVIADAS AOS MEMBROS DO CO E CI	192
<u>ANEXO V</u> – Lista de Organizações Participantes do CO e CI e sua respectiva numeração nos Diagramas	193
<u>ANEXO VI</u> – Banco de Dados: Caracterização dos membros do CI	195
<u>ANEXO VII</u> – Balanço geral das reuniões do FSM, segundo ano, participação, atividades	199
<u>ANEXO VIII</u> – Matrizes inseridas no software UCINET	201

INTRODUÇÃO

em vez de entender as redes como meros condutores através dos quais a influência se propaga segundo suas próprias regras, as redes devem ser tratadas como uma representação direta de sua própria influência

Duncan Watts (Six Degrees)

Quem nunca ouviu falar que o mundo está “menor”, que as pessoas estão mais próximas? Quem nunca se deu conta da revolução que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) produziram nas relações sociais pela simples trocas de e-mails, pela criação das “Second Lifes”, das “redes sociais” como o “Orkut” e “Facebook”, e por mais uma infinidade de ferramentas e opções virtuais que aceleram a vida cotidiana em frente ao computador? Quem não sente a Economia mundial cada vez mais imbricada pela proximidade entre as bolsas de valores e mercados? Quem não sabe que o mundo das Relações Internacionais ainda tem de aprender a lidar com as transposições de fronteiras quase que virtuais, com infrações transnacionais aos Direitos Humanos? Enfim, o panorama que se apresenta não é novo, não assusta e nem é desconhecido para a maioria dos ativistas em causas humanitárias, usuários da Internet, e até mesmo para simples investidores cambiais.

Entretanto, este momento revela sua face obscura através das instabilidades nos empregos, do individualismo exacerbado, do descomprometimento de algumas “empresas consideradas globais” para com seus funcionários e com o local onde estão instaladas, seguida de uma lista inumerável de situações que revelam os “efeitos” da Globalização.

Olhando para esse fenômeno chamado de Globalização, muitas Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais, Redes, Fóruns, etc., têm promovido grandes eventos e manifestações procurando explicitar o descontentamento da sociedade civil para com alguns dos impactos considerados nocivos da Globalização. Conforme Klein (2003), tais reações têm sua origem na chamada “sociedade civil global”, que não apenas parece ter absorvido a lógica da “sociedade em Rede”, e suas características de organização e flexibilidade, bem como, tem agido com base nesses formatos, como foi possível observar nos protestos contra os acordos da OMC (Organização

Internacional de Comércio), em Seattle (1999)¹, nos Fóruns Sociais Mundiais (FSM)², nos Fóruns Regionais de Quebec, Genova³, Barcelona⁴, etc. Esses eventos são bons exemplares para se notar como muitas organizações ativistas têm utilizado a Internet (e-mails, chats, blogs, páginas da Web, etc.) para coordenar suas ações durante os mesmos, para divulgar informações, produzir documentos, enfim, facilitar a ação conjunta entre os diversos sujeitos⁵ envolvidos nos protestos, criando uma espécie de rede de ação com baixo custo, alta velocidade, amplitude geográfica e contestações públicas emergentes.

No rastro dessa “outra forma de se fazer política” surgem os “encontros globais”, responsáveis por transformar o modo de se relacionar dos atores da sociedade civil e produzir “espaços alternativos”, forjados no formato de redes sociais, destinadas à discussão e ao debate. Muitos desses citados protestos e Fóruns foram etnografados e estudados em profundidade. No entanto, com exceção do inovador trabalho de Anheier e Katz (2005), nunca se havia estudado o caráter, o trabalho e a rede construída a partir desses cenários. Com base nas observações sobre o tema desses novos personagens da sociedade civil, propõe-se a realização de um estudo exploratório, que busca traçar um panorama das organizações, redes, fóruns, movimentos sociais, etc., que trabalham em rede.

Todavia, quando se fala de sociedade civil, existem várias maneiras de se abordar a questão, seja pelo traçado de um recorte geográfico para as mesmas, como os movimentos sociais latino-americanos⁶, por exemplo; seja por um recorte tipificado e temporal, como o movimento sindical brasileiro dos anos 80⁷; ou ainda pode-se apresentar um recorte organizacional diferenciado, como as organizações e movimentos sociais que utilizam a Internet⁸ e sua lógica como ferramenta de trabalho e organização.

Assim, essa pesquisa se propôs a investigar este terceiro “tipo” da sociedade civil organizada que utiliza a “lógica das redes sociais” como metodologia de trabalho diferenciado, que estabelece seus contatos e movimentos para além das fronteiras nacionais, e ainda conjuga dos mesmos anseios que os demais personagens da sociedade civil. Mesmo sendo caracterizado como um evento,

¹Vide Klein (2003).

²Vide Anheier e Katz (2005)

³Vide Júris, 2005.

⁴Vide Klein, 2002 (apud AMOORE, 2005).

⁵Definimos a categoria “sujeito” nessa pesquisa com base nas reflexões de Touraine: *O sujeito não é reflexão sobre Si-mesmo e sobre a experiência vivida; ao contrário, ele se opõe ao que tentamos chamar primeiramente de papéis sociais, e que na realidade é a construção da vida social e pessoal pelos centros de poder que a criam consumidores, eleitores, um público, pelo menos enquanto oferecem respostas às demandas sociais e culturais* (TOURAINÉ, 1995: 247). Assim, entende-se que o sujeito tem consciência de suas vontades, de seus atos, contudo ele ainda não é um ator na medida em que ainda está forjando sua identidade, seu campo de ação e reconhecendo seus oponentes nesse espaço.

⁶Vide Gohn (2003).

⁷Ver Boito Jr. (1991).

⁸Vide Juris (2005).

sugerindo, dessa maneira, um recorte transversal aos padrões geográfico, espacial, temporal e organizacional, o FSM pode ser caracterizado a priori da seguinte forma:

(...) os organizadores do FSM se propuseram a simplesmente criar um “espaço” de intercomunicação horizontal, de aprendizado mútuo, de articulação, aberto a todos os interessados, rompendo as barreiras que separam os movimentos e organizações da sociedade civil, para que, pela sua união, reforcem suas lutas. Ele se situa bem claramente na perspectiva das redes, permitindo o livre encontro de múltiplas organizações e redes e a formação de muitas outras (WHITAKER, 2005, p. 53, nota 20).

Assim, nascido no ano de 2001 em meio a uma série de eventos de caráter antiglobalização, o Fórum Social Mundial se propôs a ser um evento de caráter global preocupado em articular um múltiplo de vozes que dialogavam no cenário exposto acima. No ano de 2002, têm início alguns Fóruns e eventos paralelos que nascem com o intuito debater com o FSM e, sobretudo, realizar uma “ponte” entre o local e o global, promovendo com esse movimento uma maior correspondência entre grupos interlocutores entre si. Finalmente, no ano de 2006 os organizadores do Fórum optam por realizar uma edição Policêntrica do evento de modo a sanar o “déficit” inter-regional do evento, culminando no Fórum de 2008⁹ onde não se realizou uma edição única, mas múltiplos eventos paralelos em mais de 60 países.

Intriga, portanto, observar e melhor conhecer esse movimento que o FSM realiza: nascendo com a intenção de ser global e articulando em seu interior a relação local/global sem aparentemente afetar seus preceitos básicos. Assim, de modo à melhor compreender essa articulação do FSM, optou-se por realizar um recorte temporal que cobrisse as edições deste evento entre os anos de 2001 e 2007 nos quais o FSM desloca-se para outros continentes e, finalmente, desponta como um sujeito mundialmente conhecido.

Em alguns estudos anteriores o FSM foi considerado um personagem marcante da chamada “sociedade civil global” (BYRD, 2005; RIBEIRO, 2006). Sabe-se que tal sociedade civil fomenta-se sob a égide do trabalho em rede e preza por sua adjetivação “global”. Com base nessas descrições e no breve histórico apresentado, observou-se que o FSM estaria caminhando em uma direção contrária a esses preceitos. Assim, através do estímulo à promoção de eventos menores como os fóruns regionais ou temáticos, o FSM estaria indo de encontro a redes locais e com a formação de agendas específicas¹⁰. De posse de tais informações, a questão que se levantou e que norteia toda essa pesquisa é: “Por que as

⁹O FM de 2008 não será aqui analisado, dada a sua recente realização e falta de dados.

¹⁰Tomou-se conhecimento da existência de certa tensão entre os planos global e local no seio do FSM, que pode ser então reconhecida pela fala de Pedro Santana (2003, p. 61), durante a *Mesa Redonda: Uma Nova Agenda para a Sociedade Civil Organizada* que afirma: *Como fazer para que cada grupo deixe o corporativismo? Como fazer para passar da época de política representativa, na qual os movimentos têm as suas próprias reivindicações e nada mais, para uma época em que cada movimento, cada grupo, além de sua agenda própria, seja capaz de participar de uma agenda mais global, de uma agenda coletiva?*.

pretensas redes globais, como é o caso do FSM, estão se “fragmentando” em redes menores e mais regionalizadas?”.

Desconfiando da análise de Gadotti (2004)¹¹ que investe na pluralidade de vozes e de olhares, e na multiplicidade de atividades oferecidas, para explicar essa suposta fragmentação¹² do FSM, buscou-se por elementos mais concretos que pudessem evidenciar, explicar ou suplantar tal idéia.

A hipótese que se levantou para explicar tal fragmentação assumiu, nessa pesquisa, a forma de uma combinação entre dois elementos: agendas temáticas e regionalismo, como fatores que poderiam estar conduzindo a tal fragmentação. Tal hipótese por fim foi orquestrada: *A fragmentação da rede do FSM tende a combinar o local e o global no contexto da “sociedade civil global”¹³*. Assim, acredita-se que esses elementos, somados posteriormente à questão dos interesses particulares dos membros do FSM, podem exercer influência na composição da rede do FSM.

Para tanto, esses elementos foram testados quanto aos seus possíveis efeitos para um fracionamento das redes do FSM. E, a posteriori serviram de base para se pensar a possibilidade da formação de uma nova estrutura global de redes descentralizadas, as quais aparentemente assumiam um caráter local, sem deixar de se relacionar globalmente com outras redes.

Assim, optou-se por realizar um movimento do “macro” e “micro” análise, aonde inicialmente tentou-se abordar e responder a citada questão de pesquisa observando o FSM e suas “relações externas” e, posteriormente, analisando suas “relações internas” com a efetiva análise de sua rede. De um modo geral, essa pesquisa procurará intercalar ambas as esferas de análise, procurando demonstrar que as estruturas de redes naturalmente dissociadas podem ser encaradas como opções para se pensar uma possível estrutura global/local menos estanque e mais fragmentada, de modo a se trabalhar com a categoria ainda em construção de “sociedade civil global”, tal como a imagem de um “fractal”¹⁴, que mesmo fragmentado, suas partes espelham seu todo.

¹¹Na qual se lê: *podemos ler essa quantidade de manifestações como a riqueza do movimento que não nos divide, mas nos une numa polifonia de vozes, harmonizadas por uma causa comum.*

¹²Contrariando essa possível “fragmentação” e enfraquecimento do FSM, e apontando para uma outra forma de participação política, no princípio deste ano o Fórum exponenciou ainda mais seu caráter polifônico, dando um grande passo rumo ao internacionalismo (ou possível fragmentação), com as atividades do “Dia de Mobilização Global”, que ficaram marcadas como atividades descentralizadas de mais uma edição anual do Fórum Social Mundial.

¹³ O termo “sociedade civil global” aparecerá nesse trabalho entre aspas por ser uma categoria ainda em construção e a respeito do qual muitas nuances ainda devem ser observadas antes de o adotarmos plenamente.

¹⁴Importado da matemática, o conceito de fractais remonta a idéia de micro partes que revelam imagens do todo. Os fractais são ilustrações gráficas de equações matemáticas que mimeticamente se repetem dentro de uma equação geral. Mandelbrot definiu *fractal* como “um sistema organizado para o qual a dimensão de Hausdorff-Besicovitch excede a estritamente a dimensão topológica (número inteiro que caracteriza a geometria de um objeto euclidiano – por exemplo: zero para um ponto, um para uma linha, etc.). No entanto, cada representação, é uma expressão subjetiva da realidade matematicamente observada. Muitas vezes, o conceito de caos (Efeito Borboleta) aparece associado aos fractais na medida em que estes são ilustrações de movimentos também caóticos.

O presente texto inicia-se, portanto, com uma apresentação do panorama filosófico e político no qual o FSM está inserido e com que dialoga (Capítulo I), a saber, a “Modernidade Reflexiva”, a partir da qual se começa a pensar nas categorias de Globalização, antiglobalização e “sociedade civil global”. Tal exercício analítico ajuda a situar o FSM no contexto político/social e no debate acadêmico que será retomado ao final do presente trabalho na forma de novas suposições e questionamentos.

O Capítulo II é descritivo e nele procura-se verificar a natureza do FSM, contra o quê se posiciona, de que maneira se organiza, quais símbolos compartilha, quais organizações o compõem, o que é e como se apresenta na arena política e quem são os seus freqüentadores.

Com o intuito de descrever em minimamente tal evento, optou-se por utilizar fontes primárias e secundárias, produzidas diretamente pelas organizações que participam do Fórum e por comentadores.

No Capítulo III é realizada uma análise acerca do próprio FSM, na qual se observa sua “Carta de Princípios”, Conselhos Organizacionais, detalhamento dos sete eventos (com taxa de crescimento entre eles e temáticas abordadas), metodologia de trabalho para cada um desses eventos, os quais trouxeram consigo boas informações sobre o modelo organizacional adotado pelo FSM e sua relação com a Internet.

A importância desse trabalho descritivo e de revisão das informações adquiridas a partir de fontes secundárias mostra-se relevante na construção do capítulo seguinte (Capítulo IV), aonde são realizadas novas análises com base no caráter de Rede que o FSM apresenta, e nos ciclos de protestos no qual o mesmo irrompe.

O Capítulo IV tem início com um exercício analítico “macro” no qual se pôde observar o FSM a partir de suas relações com outros eventos e movimentos com os quais dialoga. Com esse exercício foram observadas algumas peculiaridades bastante significativas e reveladoras sobre o FSM enquanto um sujeito da “sociedade civil global”.

Primeiramente, foi realizada uma análise cronológica da evolução do FSM no contexto da “sociedade civil global”. Tal verificação desencadeou por fim uma análise acerca dos ciclos de protesto do FSM e sua agenda de mobilizações. Percebeu-se um “espelhamento” inverso entre as mobilizações que antecedem o Fórum e os eventos anuais do mesmo.

Em um segundo momento, foi realizada uma “micro” análise, aonde o FSM foi compreendido como uma rede, para então, ser reconstruída a sua estrutura organizacional e as inter-relações existentes entre seus membros.

Percebeu-se no desenho da rede do FSM um grande problema de fragmentação: de um todo

coeso (tal como seria almejado pelos ideólogos das redes sociais), o FSM estaria sendo fracionado em múltiplas pequenas redes. Tal estrutura foi analisada como um princípio de possíveis relações de poder no seio do Fórum.

De modo à melhor compreender e inter-relacionar as “macro e micro” esferas do FSM procurou-se analisar as agendas temáticas do FSM e dos ciclos de protesto, ou seja, elementos que se mostraram presentes no interior e no exterior do FSM foram analisados conjuntamente.

Tal exercício revelou como as agendas se relacionam com o contexto social e político no qual estão inseridas, quem as propõe para estarem em pauta no FSM e, quem propõe esses protestos e seus embates. A análise das agendas e ciclos também se mostrou interessante na medida em que tal estratégia permitiu perceber a influência dos ativismos no seio do FSM.

Outra abordagem dessa problemática foi realizada a partir da análise das agendas do FSM e as agendas temáticas de cada uma das organizações que participam de sua rede. Com essas iniciativas, pode-se conhecer sobre os agendamentos propostos, centralizações e distanciamentos entre agendas, observando-os como alguns fatores que poderiam estar levando o FSM a se fragmentar¹⁵, por sua vez revelaram-no como uma grande rede formada por micro redes internas, cada qual com temáticas específicas que cruzam umas com as outras, formando um grande mosaico¹⁶.

Por fim, foram examinadas as movimentações espaciais do Fórum de modo a melhor compreender o porquê do FSM estar optando por reproduzir anualmente Fóruns Regionais e Temáticos, tal como a macro análise apontou. As observações dos deslocamentos do Fórum trouxeram informações acerca da relação Norte/Sul no FSM e também informaram sobre o peso das agendas locais frente às agendas globais. Tal verificação permitiu pensar em um cruzamento dos fatores tema e regionalismo utilizados para testar a hipótese dessa pesquisa na fragmentação do FSM. Estas observações corroboraram a idéia de local/global do FSM como um “jogo de opostos complementares” e sem o qual o mesmo não poderia expandir-se como um sujeito da “sociedade civil global”. Essa exploração conduziu a novas percepções acerca dessa “sociedade global” e da forma como a mesma está estabelecida.

Assim, através da relação entre “múltiplos” e “todo” a “sociedade civil global” foi analisada e, tais observações conduziram a algumas conclusões bastante interessantes apresentadas no Capítulo V, sobre uma nova forma de enxergar o que viria a ser a “totalidade política e social” da “sociedade global”.

¹⁵ Fragmentação a respeito da qual ainda não podemos discorrer ser boa ou ruim para o andamento do FSM.

¹⁶ A figura do mosaico pode ser comparada a do quebra-cabeças, aonde as peças que, a priori parecem diferentes, acabam por se encaixar.

Interessante notar que na discussão que se realiza ao longo do presente trabalho são abordadas várias formas de se categorizar e definir alguns objetos ainda em construção, como o caso do FSM e mesmo da “sociedade civil global” e que, enquanto tais carecem de evidências empíricas que melhor os abordem. Para tanto, lançou-se mão de alguns termos e categorias que não originais e usuais na Ciência Política, antes, foram importados da Matemática, Física, Geografia, etc., justamente por haver um hiato entre os novos objetos e as velhas categorias analíticas.

Acredita-se que, a análise do FSM como um sujeito da “sociedade global” (que faz parte de uma nova safra de mobilizações políticas transnacionais) pode, finalmente, começar a contribuir com algumas novas formas de se pensar e enxergar tais categorias e objetos para longe de ideologias apenas, dando-lhe um trato cientificamente merecível e aproveitável em discussões futuras.

CAPÍTULO I.

A “MODERNIDADE REFLEXIVA” E UM “NOVO SUJEITO”

Há muito Habermas, Touraine, Giddens, Beck (dentre outros) têm problematizado acerca da complexa sociedade do século XXI e percebido nas questões econômica, ambiental, social e política, grandes vertentes para se pensar a alta modernidade e a pós-modernidade.

Para Giddens (1991), o ponto fundamental que caracteriza essa Modernidade é o indivíduo. E, a partir desse radical, as relações sociais e econômicas, poderiam ser entendidas como processos dinâmicos a partir do qual a Globalização pôde se desenvolver em sua plenitude. Em *As Conseqüências da Modernidade* ele aborda esse assunto, defendendo a tese de que

o dinamismo da modernidade deriva a separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o “zoneamento” tempo-espacial preciso da vida social; do desencaixe dos sistemas, e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz dos continuados inputs de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos (GIDDENS, 1991, p. 25).

O autor argumenta que o mundo está se transformando, provocando com isso o deslocamento gradativo das relações locais para o plano do tempo-espaço impessoal e indefinido, também chamado de global. Giddens acredita que a separação tempo/espaço associada ao conceito de reflexividade proporciona os mecanismos necessários à racionalização individual da vida cotidiana. Tais mudanças, em última instância, afetariam inclusive a posição do Estado-Nação na ordem mundial, através da emergência de novas formas de envolvimento político, dentre as quais podem ser citadas as pressões para ampliação da participação nos locais de trabalho e a criação de associativismo local.

Assim como Giddens, Beck (1997) acredita estar havendo uma radicalização dos princípios que orientam o processo de modernização industrial, que por sua vez, marcam a passagem da sociedade moderna para uma sociedade de modernidade radicalizada. A modernidade radicalizada é, portanto, marcada pela institucionalização da reflexividade e da incerteza resultantes de uma “autonomização” do pensamento moderno.

Assim, trabalhando com o conceito de “risco fabricado”¹⁷ de Giddens, Beck acredita que os riscos não seriam mais efeitos colaterais do industrialismo apenas, mas constitutivos desse momento

¹⁷Por risco fabricado Giddens entende como um dos efeitos da Globalização, motivados pela ação antrópica e pelas incertezas que a Globalização acarreta à vida cotidiana.

histórico e perpassariam a vida cotidiana, assinalados, sobretudo, por um “efeito bumerangue”¹⁸, que constantemente traz à tona nas nossas sociedades os resultados técnicos, científicos e políticos, redefinindo formas e espaços de se fazer política. Assim, o que antes era considerado parte de uma esfera privada de responsabilidade e criatividade científica, passa a ser objeto de debate, caracterizando “sub-políticas híbridas”, na medida em que convidam a ciência, a técnica e a política à se responsabilizarem por minimizar ou radicalizar os riscos presentes na atual sociedade.

Nesse sentido, a modernização simples significa primeiro a desincorporação e segundo, a reincorporação das formas tradicionais pelas formas sociais industrializadas. Então, a modernização reflexiva¹⁹ significa “a possibilidade de uma (auto) destruição criativa para toda uma Era: aquela da sociedade industrial [onde] o “sujeito” dessa destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental” (BECK, 1997, p.12). Exponencialmente, a “modernização reflexiva” seria a reincorporação “das formas sociais industriais por uma outra modernidade” (BECK, 1997, p.12). Com isso, a radicalização da modernidade invadiria as premissas e os contornos da sociedade industrial e abriria caminhos para uma alta modernidade através da contraposição própria à modernidade industrial.

Partindo desse conceito de reflexividade ou auto-confrontação, Beck (1998) se propõe a discutir acerca da “sociedade de risco”. O autor acredita estarmos vivendo um momento histórico não mais baseado na modernidade simples (ou pós-industrial), mas na sociedade de risco. Para Beck, tais riscos seriam completamente diferentes da modernização industrial e teriam origem nos processos sociais.

Assim, no raciocínio de Beck, para que haja uma sociedade de risco, deve existir uma fase no desenvolvimento da sociedade moderna em que os riscos sociais, políticos, econômicos e industriais tendam cada vez mais a escapar das instituições de controle e proteção da sociedade industrial.

Por esse prisma, estar-se-ia, portanto, vivendo um período de pós-industrialismo centrado na produção de ciência e conhecimento, o qual se daria a partir de dois estágios básicos. O primeiro viria marcado pelos efeitos e pelas auto-ameaças sistematicamente produzidas, mas que não se tornam questões públicas, tal como a produção de energia nuclear. O segundo momento sinalizaria para uma situação completamente diferente que surge quando os perigos da sociedade industrial começam a dominar os debates e conflitos políticos (públicos e privados). Nesse caso, as instituições da sociedade industrial tornar-se-iam produtoras e legitimadoras das ameaças que não conseguem controlar e, à sociedade civil caberia o papel de debater e dinamizar os conflitos no seio nessa “sociedade de risco”.

¹⁸Vide Keck e Sikkink (1998).

¹⁹Giddens (1991) também utiliza o conceito de “modernização reflexiva”.

Na sociedade de risco, o reconhecimento da imprevisibilidade das ameaças provocadas pelo desenvolvimento técnico-industrial exige a auto-reflexão em relação às bases da coesão social e o exame das convenções e dos fundamentos predominantes da “racionalidade”. No autoconceito da sociedade de risco, a sociedade torna-se reflexiva (no sentido mais estrito da palavra), o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para ela própria (BECK, 1997, p. 19).

Submersa em meio ao caldo da sociedade de risco estão as chamadas “linhas de conflito”, que surgem e se dissolvem no contexto do Estado, perdendo a sua força de ação e seu poder de impacto “de baixo para cima”, tais linhas de conflito também, são capazes de realizar coalizões dando origem às sub-políticas híbridas, e trazendo a política até o cidadão uma vez que este não vai até ela.

Giddens (1997) chama esse processo (que Beck denominou constituição de políticas híbridas) de “política emancipatória” por justamente realizar esse movimento “de baixo para cima” ou do “eu” para o mundo, revelando, por sua vez, um exercício de consciência, no qual o sujeito reflete sobre sua existência e contexto.

De forma nítida, a presença de Habermas nesse debate é marcante e traz à tona a importância das ações cotidianas e individuais na criação dos “feixes de possibilidades” que, possivelmente, na leitura de Giddens e Beck acerca da Modernidade, poderiam impulsionar uma mudança política estrutural. Mudança esta que é a marca da “modernização reflexiva” e que, tal como abordado no princípio desta unidade, trata da justaposição entre o global e o local, dando origem à Globalização. Nesse sentido,

A intensificação da globalização esvazia os contextos locais de ação, exigindo e estimulando o crescimento da reflexividade institucional. As transformações da vida cotidiana ocorrem nos domínios da “subpolítica” de Beck, na arena política ortodoxa (GIDDENS apud BECK (org)., 1997, p. 228).

Imerso nesse contexto político, o próprio FSM, tal como deverá ser demonstrado, assume a forma de um grande “feixe de possibilidades”. Assim, analisado por Wallerstein (2004), o Fórum Social Mundial aparece como um sujeito que se encontra na vanguarda da democracia mundial e que, por incorporar esse conceito de “risco fabricado” de Beck, vem produzindo e reproduzindo discussões e alternativas políticas à Globalização. Em outras palavras, o FSM não é a representação técnica da política na medida em que se posiciona como um interlocutor que nasce justamente dos efeitos colaterais desse momento histórico, mas é, antes de tudo, um resultado dessa alta modernidade e a tentativa de unir tradição e auto-crítica em um mesmo espaço.

A idéia de “risco fabricado”, portanto, aparece atrelada ao projeto do FSM na medida em que este desponta como um interlocutor e indicador das problemáticas existentes no atual momento histórico no qual sociedade de risco atua. O FSM, nesse caso, revela-se uma espécie de “ponte” entre a técnica e o risco na medida em que, como será mostrado, atua apenas indiretamente.

1.1) A GLOBALIZAÇÃO

Retraçar o cenário da Globalização é um percurso que se faz necessário para se compreender a partir de quais perspectivas os autores da modernidade reflexiva refletem e sob qual prisma os sujeitos do Fórum trabalham.

Desta maneira, com o fim da Segunda Guerra Mundial e o princípio da Guerra Fria, países como os EUA assumiram uma postura econômica e política hegemônica. Isso teve início com o Tratado de Bretton Woods e a adoção do dólar como moeda forte durante esse período. Pouco tempo depois a URSS levantava-se como potencial rival dos EUA na corrida pela supremacia ideológica das superpotências. Iniciava-se assim uma importante busca pelas inovações tecnológicas, simbolizada, sobretudo, pelos computadores da americana ARPANET e pela corrida espacial. Frente a esse cenário, constata Langman (2005), poder-se-ia argüir que a Globalização, em sua forma contemporânea, foi baseada nas políticas econômicas capitalistas com tendências inerentes à expansão tecnológica e de mercados existente nesse período.

Vista como uma descrição do mundo contemporâneo, a Globalização pode ser extensivamente debatida por diversos ângulos e abordagens. No presente trabalho as abordagens política, econômica e cultural serão levantadas e postas em xeque pelo movimento antiglobalização, apresentado na seqüência.

1.2) ASPECTO POLÍTICO/CULTURAL

Para abordar o aspecto político e cultural da Globalização parte-se inicialmente de uma concepção que preza por observá-la²⁰ em termos de transformação da organização espacial das relações sociais, privilegiando, assim, as relações políticas e o exercício de poder à distância.

Assim, a abordagem de Gómez (2000) implica em duas análises diferenciadas que poderão ser bastante úteis para se pensar tal fenômeno de uma maneira mais crítica. Primeiramente, a Globalização pode ser pensada como uma mudança histórica das relações econômicas e sociais. Em segundo lugar, pode-se pensar nesse conjunto de mudanças como constituidoras de um processo multidimensional em que o crescimento dos padrões de interconexão global alcançariam, em escalas e com intensidades distintas, os principais domínios institucionais da vida social moderna, como o econômico, cultural, tecnológico, político, legal, ambiental e social.

O autor ainda sinaliza para certo distanciamento cultural na relação local/global, cujas conseqüências influenciariam diretamente nas noções contemporâneas de soberania e democracia. Para

²⁰Gómez (2000) procura deixar claro que Globalização não é o mesmo que internacionalização.

tanto, argumenta que se estaria caminhando para a adoção de uma ordem mundial menos endocêntrica, fato exemplificável pelo aumento de novas áreas desterritorializadas de organização econômica e política. Gómez também lança luz sobre o aumento e a difusão de identidades culturais, baseadas em novos elementos, como preferências sexuais, migrações identitárias decorrentes de diásporas, identidades religiosas, etc., as quais seriam reveladoras da fluidez dos limites territoriais dos Estados-Nação.

Para Gómez, em última análise, a Globalização seria o fator responsável por desestabilizar a soberania e a democracia ao minar a correspondência histórica e analítica entre democracia e o Estado-Nação, drenando a identificação do indivíduo com seu Estado de origem e lhe apresentando uma vasta gama de novas identidades e de espaços políticos fluidos. Nesta leitura, além do campo das identidades, o campo da cidadania também estaria sendo afetado pela Globalização²¹.

Uma visão diferente é apresentada por Held e McGrew nos livros *Prós e contras da Globalização* (2001) e *Globalization/antiglobalization* (2002) onde, de maneira sintética expõem as várias acepções e controvérsias envolvidas com o termo²². Com isso, dividem o debate da Globalização em dois pólos²³: há aqueles que consideram a Globalização contemporânea como um fenômeno histórico real e significativo – os globalistas²⁴ – e, há aqueles que a concebem como uma construção primordialmente ideológica ou mítica de valor periférico – os cétricos²⁵.

Para esses dois autores, de uma maneira geral, a Globalização pode ser definida: a) como uma ação à distância; b) como compressão espaço-temporal; c) como interdependência acelerada; d) como mundo em processo de encolhimento; e) como integração global; f) consciência da situação global e, g) intensificação da interligação inter-regional. O que diferencia estas definições é a ênfase que se dá aos aspectos materiais, espaços-temporais e cognitivos do termo.

Desta maneira, é possível conhecer que

²¹Pensando de uma maneira um pouco diferente, Tarrow e Della Porta (2005, apud Milani e Laniado, 2006) afirmam que dentre os processos responsáveis pela Globalização estariam 1) a internacionalização das políticas através da emergência dos atores, redes e instituições transnacionais; 2) a integração econômica produzida pelo vertiginoso crescimento do mercado internacional, pela mídia e pela integração financeira. Nesse sentido, a Globalização favoreceria os próprios atos chamados antiglobais como o Fórum Social Mundial.

²²Assim, optou-se por abordar na presente pesquisa apenas a visão dos globalistas, excluindo da discussão a postura cétrica, visto que se trata de um momento histórico e de um sujeito político que não questiona a Globalização em si. Nesse caso, parte-se do princípio de que as organizações participantes do FSM “aceitam” a Globalização uma vez que a incorporam a seu discurso, desconstruindo-a e reconstruindo-a mediante os paradigmas “anti globalistas”.

²³Held e McGrew alertam que usam estes termos para designar tipos ideais para visualização do campo de investigação e identificação das áreas primárias de consenso e dissensão.

²⁴Dentre os quais podem ser citados Giddens, 1991; Castells, 2006; Mann, 1986; Robertson (2000); Harvey (1989); Jameson (1991), dentre outros citados por Held e McGrew (2001).

²⁵Dentre os quais podem ser citados Hirst, 1997; Hirst e Thompson, 1996; Gilpin, 1987; Gordon, 1988, Jones, 1995, dentre outros citados por Held e McGrew (2001).

A tentativa de compreender o debate sobre a globalização apresenta desafios consideráveis, uma vez que não existem linhas de contestação definitivas ou previamente fixadas. Dentro das tradições compartilhadas da investigação sociológica, seja da economia neoclássica, seja da teoria sistêmica mundial, nenhuma explicação singular da globalização atingiu o status de uma ortodoxia (HELD e MC GREW, 2001, p. 09).

Assim, tal fenômeno pode revelar seu aspecto material a partir dos fluxos de comércio, capital e pessoas por todo o globo. Tais fenômenos são facilitados por tipos diferentes de infra-estrutura física, normativa e simbólica, que são responsáveis por gerar as pré-condições para formas regularizadas e relativamente duradouras de interligação global. Denota-se também, em escala crescente, a magnitude progressiva, a aceleração e o aprofundamento do impacto dos fluxos e padrões inter-regionais de interação social, conectando comunidades distantes e ampliando o alcance das relações de poder por grandes regiões e continentes.

Porém, Held e McGrew advertem que o fenômeno não deve ser entendido como algo que anuncia o surgimento de uma sociedade mundial harmoniosa, pois podem também ser alimentadas qualidades adversas, como as políticas reacionárias de extrema direita, como o ressurgimento dos neonazistas, e até mesmo uma espécie de xenofobia contra imigrantes.

Tomando como base o livro de David Held (1995) *Democracy and the Global Order*, Ulrich Beck (1999) procura mostrar como a política nacional-estatal, através dos acordos internacionais, da internacionalização dos processos de decisão política, das crescentes relações de dependência das políticas de segurança, perde aquilo que representa o núcleo de seu poder: sua soberania²⁶.

O autor percebe a ordem global como um fator que possibilita à concretização de múltiplas redes de poder sobrepostas, que abrangem o bem-estar, a organização espontânea, a economia, a dependência entre nações e a organização do poder repressivo. Para ele, o campo de possibilidades da democracia cosmopolita só poderia surgir destas diversas redes, através de uma distribuição do poder entre nações, organizações e pessoas em várias dimensões.

Para tanto, os Estados nacionais têm aberto mão de uma parte do seu poder e de sua soberania em favor de instituições e organizações transnacionais e, formulado uma nova interpretação do seu papel. Com isso, essas instituições e organizações são colocadas como pontos centrais e coordenadores das dependências transnacionais. Nessa nova interpretação, os indivíduos poderiam formar associações em diferentes espaços de poder transnacional ou local, e influenciar na determinação de seus direitos – do plano local ao global.

²⁶Onde, segundo Beck, a soberania deve compreendida e examinada como um poder separado, que é percebido de forma parcial por uma série de atores nacionais, regionais e internacionais.

De acordo com essa visão fatalista de Beck, tal globalidade decorreria do fato de que, não haveriam mais fenômenos espacialmente delimitados, antes, todas as descobertas, triunfos e catástrofes afetariam a todos e, por conta disso, vidas e ações em todo o mundo deveriam ser redirecionadas em torno da relação local/global. Desta maneira, caracteriza a “globalização como um processo (dialético), que produz as conexões e os espaços transnacionais e sociais, que revalorizam culturas locais e põem em cena terceiras culturas” (BECK, 1999, p. 31).

Para tanto, Beck introduz as categorias de “extensão espacial”, “estabilidade temporal” e “densidade social das redes” (de comunicação) como mecanismos responsáveis por essa reformulação do eixo local/global e pela “intensificação da mútua dependência para além das fronteiras nacionais [e] separados pelo modelo da interdependência transnacional” (BECK, 1999, p. 92). Tais categorias, para o autor, nada mais são do que resultados das transformações sociais, políticas, culturais produzidas pela Globalização e agravadas pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (CASTELLS, 2006).

1.3) ASPECTO ECONÔMICO

De difícil dissociação do plano político, a questão da “economia globalizada” emerge como uma temática bastante interessante. Held e McGrew acreditam que tal discussão gira em torno de visões muito mais práticas que teóricas, valendo-se tanto de provas existentes e do valor dos diferentes tipos de dados, os quais podem ser resumidos em quatro questões: a) até que ponto a atividade econômica vem sendo globalizada; b) se haveria uma nova forma de capitalismo se impondo em todo o globo; c) até que ponto a globalização econômica continua sujeita à uma administração nacional e internacional, e d) se a competição global equivale ao fim das estratégias econômicas nacionais e do Estado do bem-estar social.

Os autores afirmam que os padrões da Globalização econômica contemporânea teceram fortes e duradouras redes em todas as grandes regiões do mundo, ligando seus destinos econômicos como as bolsas de valores, mercados de câmbio, etc. Nessas condições, as economias nacionais já não funcionariam como sistemas autônomos de criação de riqueza, e se mostrariam consideravelmente mais abertas que nos séculos precedentes. Assim, seria o capital empresarial global, apreciado na figura das multinacionais, o responsável pela localização e distribuição do poder econômico. Desta forma, os fatores localização e poder empresarial podem ser entendidos como decisivos na organização dos recursos econômicos na economia global contemporânea.

Nessa linha de argumentação, os autores preconizam que a Globalização econômica contemporânea seria a responsável por um mundo cada vez mais unificado para e pelas elites – nacionais, regionais e globais, sinalizando, por sua vez, para certa ingovernabilidade por parte dos

Estados-Nação.

Destarte, Held e McGrew apontam que a Globalização da atividade econômica estaria ultrapassando o âmbito regulatório dos governos nacionais, forçando-os a estabelecerem uma autoridade limitada, o que os levaria a adaptarem-se às forças da Globalização econômica.

1.4) AS CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO E OS MOVIMENTOS ANTIGLOBALIZAÇÃO

As conseqüências dos eventos desencadeados pela Globalização podem se mostrar dialéticas. Conforme Langman (2005), baseando-se no trabalho de Teeple (1995), na Economia, aponta-se para um aumento na riqueza das nações e para uma maior discrepância na distribuição de renda, trabalhando inclusive com o avanço das doutrinas neoliberais de ajuste estrutural.

No Plano Político, Langman sinaliza para uma erosão na autonomia do Estado com relação às políticas orgânicas, além de um grande avanço das agências e órgãos internacionais como a Organização Mundial do Comércio (WTO), Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial.

No Plano Cultural, a citada autora sinaliza-se para um crescimento dos meios de comunicação facilitado pelas novas mídias, o que estaria transformando as subjetividades e identidades culturais.

Com relação ao Meio Ambiente, Langman aponta para um panorama não muito satisfatório, com a destruição dos ecossistemas, extinção de muitas espécies, modificação genética de organismos, ocasionando na luta contra os transgênicos e organismos modificados.

Por fim, no campo dos Direitos Humanos a autora observa que desde o princípio do século XX muitos movimentos civis têm se organizado contra as formas de opressão, tortura, assassinatos, relações de gênero, raça, classe, ideologia, cultura, religião, etc., culminando, por fim, nos atuais movimentos. Graças às facilidades e vantagens que as novas tecnologias têm oferecido, tais movimentos têm podido aliar-se através de redes (de ONGs e Movimentos Sociais) na promoção de ações globais.

De modo geral, ao passo que a Globalização tem criado novas estruturas financeiras, comerciais, de transporte, manufatura e distribuição, de outro lado, têm levado ao caos cultural, político e econômico provocado pelas migrações, diásporas que tem se estendido por todo o globo.

Frente a esse cenário, conforme Ceceña (2001), os movimentos antiglobalização apareceram com essa autodenominação em 1996 durante os protestos do EZLN (Exército de Libertação Zapatista) contra NAFTA. Anos mais tarde, durante a reunião da OMC em Seattle (1999) consolidou-se como um ator de peso no cenário neoliberal, combinando uma perspectiva marcadamente internacional

acerca de questões envolvendo meio ambiente, mulheres, população, segurança alimentar, direitos humanos, dívida externa, direitos trabalhistas e de consumidor, etc. Dando atenção aos contextos locais, o movimento antiglobalização vem crescendo, sobretudo, nas alianças que estabelece durante os protestos realizados frente às grandes reuniões como as do Banco Mundial, OMC, OCDE, MAI, etc., criando uma relação que Lins Ribeiro (2006) denominou de “estrutura/anti-estrutura” ou seja, uma relação entre opostos indissociáveis como a Globalização e a antiglobalização.

Assim, marcada pelos impactos das políticas globais e pelos movimentos contrários a elas, a vida cotidiana dos anos 90 segue imersa em uma nova forma de ativismo transnacional que, mesmo limitado, minoritário, com problemas de sub e sobre representação, com tensões entre os níveis de ação nacional e global e, com dificuldades em afirmar sua identidade, assume um caráter contra-hegemônico.

Esse “movimento”²⁷ chamado de antiglobalização opõe-se diretamente às políticas neoliberais, suas instituições e agências. Por meio de marchas, protestos, campanhas, abaixo-assinados e, finalmente, através do ciberespaço, os “movimentos” antiglobalização ampliaram seu campo de contato e ação, procurando criar e utilizar novos tipos de comunicação, informação, organização e mobilização entre ONGs, Movimentos Sociais, Redes, Fóruns, Sindicatos, etc., posicionando-se contra o vigente modelo de Globalização apresentado no princípio desta unidade.

Gómez (2002) apresenta uma definição interessante dos “movimentos” que se constituem a partir da oposição direta às políticas neoliberais²⁸ considerados por estes como resultados do processo político da Globalização:

De natureza eminentemente global, plural e heterogêneo por definição (dele fazem parte antigos e novos movimentos sociais, ONGs, redes de ação cívica e associações políticas com as mais diversas cosmo visões, identidades e recursos organizacionais), este ativismo transnacional de novo tipo conseguiu, em menos de 2 anos, redesenhar o mapa da política mundial, tal como ilustram os nomes das cidades Seattle, Porto Alegre, Genova, dentre muitas outras. Além disso, eis o mais importante, foi politicamente reconhecido pelo próprio establishment do poder econômico e político mundial, tendo em vista a repercussão e a legitimidade social crescente de suas manifestações de massa, conferências ou fóruns alternativos e campanhas específicas, cancelamento da dívida externa dos países do terceiro mundo, supressão dos paraísos fiscais, introdução da Taxa Tobin, etc). (GOMEZ, 2002, p., 379)

Estes “movimentos” tiveram seu apogeu entre 1999 e 2002, e desde então o seu papel tem sido ampliado por outras temáticas como as coligações anti-guerra e pela ampla aliança de movimentos

²⁷Concorda-se com Klein (apud MERTES, 2004) de que ainda não é possível afirmar se trata de um “movimento propriamente dito, ou da coalizão de vários movimentos, ONGs, redes, etc. Nesse sentido, prefere-se conservar a expressão entre parênteses e optar por se pensar em um momento de efervescência política cultural e social ainda em processo de melhor definição.

²⁸Assim, expressando-se como uma forma de contestação mundial contra a Globalização neoliberal, esses “movimentos” constituem um campo de resistência já estruturado, como o "Movimento de Resistência Global", organizado pela ATTAC na França, Alemanha, Suécia, Reino Unido e Catalunha.

que fazem parte do Fórum Social Mundial:

o FSM tem propósito de ser um “novo espaço internacional” para a reflexão e a organização de todos os que se contrapõem às políticas neoliberais e estão construindo alternativas para priorizar o desenvolvimento humano e a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais²⁹.

Por isso, traçando um paralelo com o pensamento de Alberto Melucci (1989) acerca dos novos movimentos sociais, os “movimentos” antiglobalização são observados como inovações sociais e políticas que desafiam códigos culturais dominantes ao mesmo tempo em que também desenvolvem novos "modelos de comportamento e de relações sociais em sua vida cotidiana." Além da produção de valores alternativos, discursos, identidades, os “movimentos” antiglobalização, conforme Juris (2005) são talvez melhor entendidos como “laboratories, generating new cultural practices and political imaginaries for a digital age” (JURIS, 2005, p. 206).

Assim, como será mostrado na seqüência, o FSM nasce no bojo desses novos “movimentos” e no celeiro dos grandes protestos do fim dos anos 90, sinalizando para um novo paradigma das relações político/sociais e, acaba por se mesclar aos acontecimentos que marcaram o nascimento do “movimento” antiglobalização e também de uma “sociedade civil global”.

1.5) A SOCIEDADE CIVIL GLOBAL

Conceitualizar a “sociedade civil global”³⁰ ainda é uma tarefa bastante delicada, visto que esse é um tema que aparentemente parece estar imbricado com o estabelecimento dos movimentos anti globalização, com as redes de ativismo transnacionais, com os protestos de Seattle, Praga, Gênova, com o despontar das organizações de consumidores contra transgênicos, com os esforços de grupos como o Médécins sans Frontières, e até mesmo com a conectividade crescente dos cidadãos: dos chats da Internet, redes de paz, meio ambiente, direitos humanos, de intercâmbio estudantil até chegar aos meios de comunicação globais, junto aos quais o Fórum Social Mundial desponta.

Enfim, trata-se de um sujeito político ainda sem definição, com raros estudos empíricos, e acerca do qual Anheier et al (2002) pensam, tratando-o como a decorrência de uma realidade existente e partilhada entre os sujeitos da sociedade civil organizada, que por sua vez é vista como mais um componente da “sociedade civil global”³¹.

²⁹Vide definição do Conselho Organizacional acerca do FSM no site do Fórum Social Mundial na Internet: www.forumsocialmundial.org.br

³⁰Alguns autores como Anderson (2004) acreditam que o termo “sociedade civil global” acerca-se de muito ideologismo, o que acabaria por lhe comprometer quanto a um contorno conceitual de democracia, participação, representação mais aferível, etc.

³¹Frente a tal projeto, adverte Keane: “But the converse of Anheier's rule must also be borne in mind: the conceptual theory of global civil society is infinitely 'purer' and much more abstract than the form and content of actually existing global civil

Assim, concorda-se com Tarrow (2001) de que as previsões e tentativas de categorizar a “sociedade civil global” descendem diretamente do conceito de Globalização e dos processos e práticas adotadas pelos movimentos sociais transnacionais. Permitindo perceber as distintas origens e conexões dos organismos estatais e com o contexto internacional.

They fail to adequately distinguish social movements, nongovernmental organizations (NGOs), and transnational networks and do not adequately specify their relations with each other or with states and international institutions. (TARROW, 2001, p. 02)

Desta forma, boa parte dos estudos sobre o tema trabalham com a hipótese de que a “sociedade civil global” é um ator que tende a reagir à Globalização, na medida em que esta última fornece sua base de atuação. Destarte, muitos destes estudos consideram-nas como um processo desigual que vai além de benefícios, trazendo consigo exclusão, tal como mostrado ao longo desta unidade.

Assim, Anheier et al (2002) e Smith (2004) concordam quanto à existência de duas gerações da “sociedade civil global”, a primeira mais solidária e a segunda (atual), mais contestatória. Além disso, há um consenso de que a “sociedade civil global” está plenamente baseada em ações e, por isso, para melhor conhecê-la deve-se observar justamente esse tipo de orientação prática.

O que ajuda a explicar a atual popularidade da "sociedade civil global" é a sua própria confusão: ela pode ser todas as coisas. Em particular, prevalece um conflito acerca de sua categoria empírica, na qual é muitas vezes é referida como ONG ou como um projeto político. Na primeira opção, ela é um rótulo novo para um velho ator. Enquanto projeto político seu objetivo é resistir, através da sociedade civil, pressionando ou influenciando o Estado acerca de suas reivindicações sociais.

No sentido empírico, Anheier et al (2002), sugerem que algumas partes do mundo estão muito mais ligadas do que outras: há poucas ligações com a Guiné ou Mongólia, mas inúmeras ligações comerciais entre Sudão e China. Assim, ao falar de uma "sociedade civil global", deve-se, em primeiro lugar diferenciá-la de uma sociedade civil “transnacional”, na medida em que “all one needs to be transnational is a single border-crossing” (ANHEIER et al, 2002, p. 16). Em segundo lugar, apenas a palavra "sociedade civil global" pode ser colocada como um contrapeso à Globalização, na medida em que ambos são processos que acontecem para além do nível do Estado. Terceiro, “the term ‘global civil society’ has a normative aspiration that ‘transnational civil society’ does not” (ANHEIER et al, 2002, p.17)³². Nessa mesma perspectiva, a “sociedade civil global” pode ser vista como uma tendência a

society (KEANE, 2003, p. 08).

³²Da mesma forma que a expressão "direitos humanos" tem intenções universalistas que carece de "direitos civis".

coadunar os cidadãos de toda parte e que lhes permitam pensar e agir como cidadãos globais.

Conforme os citados autores, “Some of the literature on globalisation stresses the emergence of a global consciousness, an ‘imagined community of mankind’”³³ (ANHEIER et al, 2002, p.17, e RIBEIRO, 2006), trazendo em seu bojo, a uma reformulação do “risco fabricado” de Beck³⁴.

Ainda traçando um cenário empírico, Mario Pianta (2002) é o primeiro a adotar uma definição similar e unificadora de tais descrições:

Despite extreme heterogeneity and fragmentation, much of the activity in the sphere of global civil society consists of what Richard Falk (1999: 130) has termed “globalisation from below”, a project whose “normative potential is to conceptualise widely shared world order values: minimising violence, maximising economic well-being, realising social and political justice, and upholding environmental quality” (PIANTA, 2002, p. 171 apud ANHEIER et al, 2002).

Variando conforme as políticas e predileções herdadas, o termo “sociedade civil global” também é usado de maneiras diferentes, por exemplo, no Ocidente, predomina a concepção da sociedade civil (mundial) despontando como uma “metáfora para o liberalismo ocidental” (SECKINELGIN, 2001 apud ANHEIER et al, 2002), já no mundo Oriental, tal concepção não se aplica, dada as inúmeras divergências político/culturais herdadas. Nesse sentido, a definição de “sociedade civil global” aqui utilizada, corresponderia a uma “expansão” dos preceitos liberais ocidentais na medida em que nasce nesse paradigma e com ele conjuga.

Nessa perspectiva, a sociedade civil é vista como uma forma de minimizar o papel do Estado, agindo tanto como um mecanismo para dominar o poder estatal, como um substituto para muitas de suas funções. Discordando, de tal definição, Byrd (2005) acredita não se tratar de minimizar os Estados apenas, mas de aumentar a capacidade de resposta das instituições políticas e de seus “mecanismos de governança global”.

Assim, transitando entre o nacional e o internacional, a sociedade civil (através dos “associativismos”) há quase dois séculos, vem trabalhando em rede para além das suas fronteiras nacionais, em uma espécie de “efeito bumerangue” (KECK e SIKKINK, 1998) primitivo. Atualmente, fazendo uso desses mesmos recursos, grupos ambientalistas têm sublinhado o caráter transnacional dos seus militantes, voltando-se para problemas considerados “globais” e dando um novo sentido para a “sociedade civil global” como um ethos transnacional ou destituído de seu “caráter nacional”.

John Keane (2003) assume uma postura mais holística ao definir a “sociedade civil global”: o autor acredita que a vida comercial deve fazer parte das discussões acerca da “sociedade civil

³³Vide também Shaw 2000; Robertson 1990.

³⁴Como exemplo, duas guerras mundiais e a ameaça de uma guerra nuclear geraram esta “consciência global”, e o holocausto e Hiroshima tornaram-se memórias globais coletivas. Um reflexo atual disso pode ser visto também na transição dos movimentos ambientalistas desde Chernobyl até aos efeitos das emissões de CO2 e as comercializações nas bolsas de valores de “taxas de carbono”.

global”, na medida em que esta última tem assumido uma postura claramente oposta aos mecanismos utilizados pelos organismos “do capitalismo global”, como WTO, FMI, etc. Com isso, a “sociedade civil global” seria transposta para a arena na qual ela pode ser vista como uma opção política ou social homóloga ao processo da globalização econômica.

Partilhando dessa noção holista de “sociedade civil global”, a presente pesquisa procurará mostrar que a idéia de “fragmentação” colocada como um norteador da mesma pode ser vista como intrínseca à noção de “sociedade civil global” na medida em que esta categoria, ainda em formação, aceita múltiplas formulações culturais, políticas, econômicas, etc., que o caracterizam enquanto tal. Assim, sob a égide de múltiplas formas de Globalização, a idéia de “sociedade civil global” concilia esses “múltiplos” atores e suas formulações políticas em sua “espinha dorsal”, sinalizando para a união desses fragmentos como opção metodológica que melhor lhe coube.

Com isso, situa-se o FSM nesse espaço “quase-conceitual” da “sociedade civil global” servindo tanto como arcabouço metodológico para suas práticas, como uma série de atores que exerce poder de atração no cenário internacional. A partir das práticas e enlaces do FSM será possível analisar se tal suposição acerca da “sociedade civil global” em estar optando por um ajuste fragmentado para suas redes ativistas é plausível ou não.

CAPÍTULO II.

DO NASCIMENTO DOS MOVIMENTOS ANTIGLOBALIZAÇÃO AO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL³⁵

Entendido como um sujeito político (evento ou movimento)³⁶ cuja existência e desempenho podem ser atribuídos tanto à sua perspectiva de atuação enquanto um espaço para discussões transnacionais, quanto à sua nova maneira de se organizar em rede. Seja dentro ou fora da Internet, o FSM procura equacionar um múltiplo de vozes que se posicionam contra ou por outro tipo de Globalização como os Movimentos de Globalização Alternativa (AGMs)³⁷. Nessa perspectiva, ele pode ser definido como um sujeito político dinâmico no cenário antiglobalização, por fim, despossuído de voz ativa tal como será mostrado na seqüência.

Para tanto, um breve histórico de suas atuações é apresentado de modo que seja possível situá-lo na História da sociedade civil. Contudo, a ênfase nesse capítulo recai sobre suas inter-relações no contexto do FSM, prezando por avaliá-lo sob a perspectiva de 4 critérios adotados (COUTINHO et al, 2008): a construção de sua identidade, suas múltiplas dimensões de ação, seu grau de organização e o tipo de mudança social que propõe.

2.1) ANTECEDENTES HISTÓRICOS QUE DESENCADARAM O FSM

O advento do FSM remonta seu histórico a partir de várias possibilidades. Existem aqueles, como Gadotti (2004) que atribuem seu início às mobilizações do início dos anos 90. Assim, imerso em meio à uma série de acordos e reuniões da ONU, o decênio 80/90 foi intensamente marcado por protestos, marchas, ativismos de ambientalistas do GREENPEACE, de feministas da Marcha Internacional das Mulheres (WMW), de povos indígenas do CONAIE, de direitos humanos do Amnesty International, de campanhas contra pobreza, desemprego, fome, analfabetismo promovidas pelo IBASE, de campanhas por melhores condições de saúde do Médecins Sans Frontières, etc.

³⁵Por tratar-se de um ator político relativamente novo no cenário internacional, a discussão que se faz em torno da problemática da Globalização e dos posicionamentos do Fórum parecem um tanto quanto ingênuas e unilaterais. A discussão que se segue esta baseada em uma bibliografia produzida pelos próprios atores que compõem o FSM, por isso, o caráter “militante” do debate. Assim, de modo à melhor classificar as declarações militantes das “acadêmicas” acerca do FSM, as primeiras receberam notas de rodapé identificando a organização de origem do militante.

³⁶Essa definição será melhor discutida na Seção 3.2.

³⁷Segundo Bramble (2006) tais movimentos apareceram na cena política no final dos anos 1990, e deram origem a uma nova geração de ativistas dos “novos movimentos sociais”, os quais associaram as ruas às atuações em rede e através da Internet, fatores que distinguiram sua “novidade”.

Justamente nesse período, realizou-se o *Fórum Global 92*, que se reuniu durante o encontro ambientalista *Rio-92*. Conforme Gadotti (2004)³⁸, esse momento “nevrálgico” é essencial para se entender como as causas e ações globais³⁹ retornaram à pauta da sociedade civil, combinadas “com iniciativas locais, mesmo porque as políticas globais têm conseqüências no nível local e no nível das pessoas” (GADOTTI, 2004, p. 06).

Na seqüência desses acontecimentos, em 1996 foi realizado o primeiro *Encontro Internacional da Humanidade e contra o Neoliberalismo*. Segundo Jackie Smith (2004)⁴⁰, tal encontro foi um modelo para o estabelecimento dos diálogos entre sujeitos da sociedade civil com a finalidade de propor mudanças ao modo de agir dos ativistas na América Latina⁴¹.

Tais mudanças, por sua vez, refletiram nos protestos de 1998, quando veio a público a proposta de um Acordo Multilateral de Investimentos (MAI) que seria assinado pelos países mais ricos do mundo, para depois ser atribuído aos demais países⁴². Na ocasião, o jornal francês *Le Monde Diplomatique* reproduziu uma primeira denúncia feita nos Estados Unidos pelo movimento "Public Citizens" (liderado por Ralph Nader), através de um artigo assinado por Lori Wallach⁴³, advogada do movimento. O artigo apresentava uma reação ao Acordo, com denúncias que resultaram em uma série de protestos que, liderados pela ATTAC, no final de 1998, levaram a França a se retirar das negociações da OCDE, o que acabou por impedir que o Acordo fosse celebrado.

Concordando com Whitaker (2004)⁴⁴ e Corrêa Leite (2003)⁴⁵ o efetivo surgimento do FSM

³⁸Moacir Gadotti é diretor do Instituto Paulo Freire.

³⁹Ação global é uma ação catalisadora para a qual convergem muitas ações de movimentos sociais, ONGs, sindicatos, etc. *O FSM é, por excelência, uma ação global, envolvendo muitas redes de movimentos em muitos países, com vistas à superação do modelo de globalização capitalista, essa globalização perversa, estágio superior do imperialismo, que nos ilude que nos faz crer que estamos realmente nos comunicando com todo o mundo, que nos faz pensar que todos fazemos parte da globalização. Na verdade, o mundo só está melhor hoje para as grandes corporações, pois um bilhão de pessoas está passando fome e quase um bilhão de pessoas são analfabetas.* (GADOTTI, 2004, p. 05)

⁴⁰Jackie Smith é membro do Institute on Globalization and the Human Condition, McMaster University (Canada).

⁴¹A visibilidade de tal encontro se deu quando os Zapatistas adotaram-no como parte de seus esforços para expandir seus ganhos contra as fontes globais de seus problemas.

⁴²Esse Acordo vinha sendo discutido no quadro da OCDE, com a pretensão de passar a ser uma espécie de “regra geral” para as transações comerciais.

⁴³Disponível em arquivos do Jornal *Le Monde Diplomatique* de Fevereiro de 1998, ou pela Internet:

<http://www.monde-diplomatique.fr/1998/02/WALLACH/10055>

Lori Wallach é diretora do Public Citizen's Global Trade Watch.

⁴⁴Francisco Whitaker é representante de Comissão Brasileira Justiça e Paz no Secretariado do FSM e no Comitê Internacional do FSM. Apesar da obscura paternidade do evento, Whitaker (2004) fala acerca dessa suposta paternidade: *Mais exatamente quem teve essa notável idéia – não sei se a teria discutido anteriormente com outras pessoas – foi nosso amigo Oded Grajew, que a colocou para mim quando nos encontramos na França, em fevereiro deste ano. Resolvemos levá-la juntos ao diretor do Le Monde Diplomatique, que é também o Presidente da ATTAC na França, Bernard Cassen, para vermos se a idéia seria bem aceita fora do Brasil* - Artigo publicado no "Correio da Cidadania", de 2 a 9 de dezembro de 2000, edição no. 222, de onde foi extraída versão disponível na página do FSM na Internet, da qual fazemos uso.

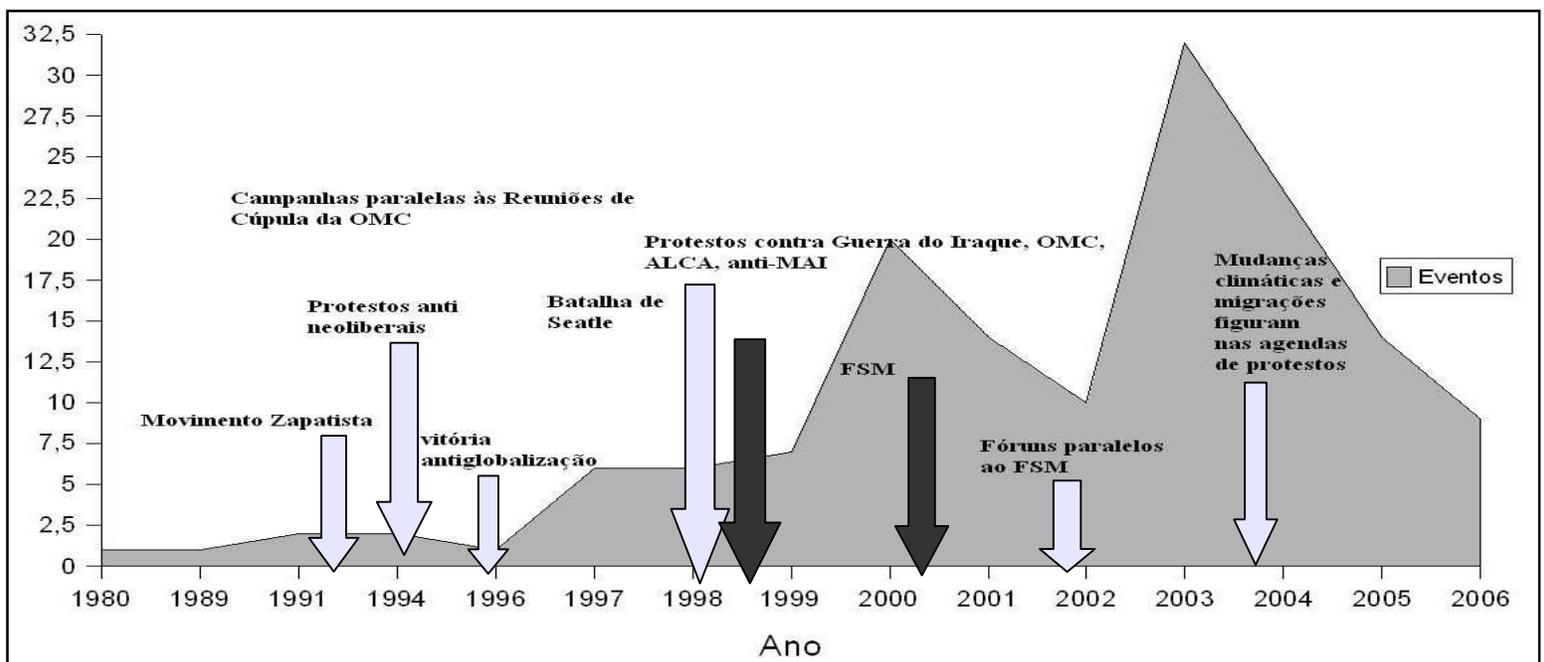
⁴⁵José Corrêa Leite é membro da Associação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos (ATTAC), integra a Secretaria e o Comitê Internacional do Fórum Social Mundial.

se deu no princípio do século XXI pari passu às manifestações anti neoliberais, de luta contra os acordos econômicos da OMC, no contexto dos protestos de Seattle, e de manifestações dos movimentos antiglobalização que, “colocaram definitivamente em evidência a emergência de um movimento cívico além das fronteiras nacionais” (CORRÊA LEITE, 2003, p. 64).

Entretanto, é de fundamental importância frisar que o FSM não necessariamente destaca-se como um evento do movimento antiglobalização, unicamente, na medida em que conjuga outras informações, alia-se a outras agendas temáticas e, sobretudo, amplia seu leque de oportunidades políticas para além dos protestos que marcaram os momentos histórico/político e culturais citados.

Assim, no GRÁFICO 1 é possível observar a evolução e crescimento do volume dos eventos considerados antiglobalização, onde é possível ver alocado o nascimento do FSM e o contexto no qual ele emerge, produzindo uma ampla efervescência nesse cenário.

GRÁFICO 1: Evolução dos eventos antiglobalização segundo ano:



Fonte: Tabela 1, ANEXO I.

Observando o GRÁFICO 1 é possível perceber uma evolução no crescimento desses eventos, culminando no ano de 2002. No entanto, para se chegar a tanto, o movimento considerado antiglobalização foi sendo forjado sobre os eventos anti-MAI que, no ano de 1999, apoiados pelos AGMs, ganharam visibilidade com manifestações públicas, passeatas e imprensa alternativa, se organizando, sobretudo, através da Internet.

Durante anos, organizações da sociedade civil do “Terceiro Mundo” protestaram contra a

agenda neoliberal que promovia o MAI, mas foi somente depois que esse protesto “tomou as ruas” de Seattle⁴⁶, que o movimento ganha trajetória ascendente.

Pouco tempo depois, no ano de 2000 muitos outros eventos eclodiram. Houve manifestações em Janeiro, contra o Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça); em Fevereiro, em Bangkok, contra a UNCTAD; em Abril, em Washington, durante o encontro do FMI; em Junho, em Bologna, contra o encontro da OCDE; em Junho, demonstrações de protestos em Okinawa, durante o encontro do G-7 para o cancelamento da dívida dos países do “Terceiro Mundo”; em Setembro, entre 10 e 30 mil pessoas protestaram em Melbourne contra o encontro do Fórum Econômico Mundial, dentre outros. Algum tempo depois, durante a 5ª Edição do Dia de Ação Global, ativistas de muitos países protestaram conjuntamente em Praga contra o FMI – no encontro do Banco Mundial. Deste dia em diante, como será mostrado, ambientalistas, grupos religiosos, sindicalistas, anarquistas e punks tomariam as ruas com “mega protestos”.

Deste modo, a idéia do Fórum, lançada um ano após “a batalha de Seattle” catalisava o espírito desses sucessivos protestos se desenvolvendo em meio a um clima propício para as manifestações globais, dado que muitas das organizações internacionais que periodicamente participavam dessas ações estavam se posicionando política e ideologicamente no cenário internacional contra os organismos e agências consideradas globalistas, como a OMC, OCDE, etc.

Foi por esta época que um pequeno grupo de brasileiros decidiu lançar um novo tipo de resistência atrelada aos processos em curso.

Parecia possível ir além das manifestações e protestos de massa e oferecer propostas específicas (...) A idéia era, com a participação de todas as organizações com as quais já tínhamos contato nos protestos, coordenar um outro tipo de reunião em escala mundial: o Fórum Social Mundial. (HADDAD apud REVISTA ODE, fev/2003, p.02)⁴⁷.

Oded Grajew, presidente do Instituto Ethos, Francisco Whitaker, da Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBPJ) e Barnard Cassen, diretor do jornal *Le Monde Diplomatique* e presidente da Ação para Taxação das Transações Financeira em Apoio aos Cidadãos (ATTAC) se encontraram em fevereiro de 2000 em Paris, onde Grajew expôs sua idéia de realizar um Fórum no Brasil. A escolha de um país do “Terceiro Mundo”, se deve ao “efeito simbólico” que isso causaria no cenário internacional e frente ao Fórum de Davos. A opção por Porto Alegre se deu em razão da visibilidade que suas experiências

⁴⁶ As mobilizações consideradas mais famosas desse período, talvez pelas repercussões que tiveram na mídia, foram: a “batalha” de Seattle, contra a OMC; os protestos em Washington contra o FMI e o Banco Mundial e, mais recentemente, a mobilização em Praga, que levou os representantes de governos ali reunidos a encerrarem seu encontro um dia antes do previsto.

⁴⁷ Sérgio Haddad é presidente da Abong - Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais e membro da Secretaria do Fórum Social Mundial.

democráticas vinham tomando no âmbito mundial⁴⁸.

De volta ao Brasil seus organizadores tinham a tarefa de efetivamente procurar organizações dispostas a participar do desafio de organizar o Fórum. Em 28 de fevereiro de 2000, houve em São Paulo uma reunião com oito⁴⁹ organizações entre as quais figuravam ONGs, Movimentos Sociais e Sindicatos, onde foi assinado um “Acordo de Cooperação” que marcou o princípio das atividades que possibilitariam o FSM se realizar pela primeira vez, em Porto Alegre, entre 25 e 30 de janeiro de 2001.

Assim, desde 2001 o Fórum Social Mundial tem sido avaliado como uma nova arena internacional para a criação e mudança de projetos sociais, econômicos, para promoção dos direitos humanos, justiça social e desenvolvimento sustentável. Anualmente, o evento tem levado milhares de pessoas às discussões sobre os mais diversos assuntos, como saúde, educação, fome, meio ambiente, meios de comunicação, inclusão e exclusão social, sexualidade, relações de trabalho, etc.

Por apresentar a característica dos encontros sazonais⁵⁰ o FSM pode ser entendido, como uma Rede⁵¹ estabelecida permanente e constantemente entre seus membros, mas que somente se revela enquanto tal durante os dias em que acontecem seus encontros e reuniões.

Finalmente, pode-se acrescentar que o FSM desponta no cenário da antiglobalização como o mais longânimo e bem sucedido sujeito político, justamente por balancear múltiplas características em seu interior.

2.2) EVENTO OU MOVIMENTO?

Conhecer o caráter do FSM torna-se fundamental na medida em que se pode melhor compreender o debate estabelecido em torno da dinâmica e direção para qual o FSM poderia caminhar.

De modo à melhor abordar a questão do FSM como um espaço ou um movimento, deve-se revisitar o debate dicotômico que se formou em torno do sexto item da Carta de Princípios do FSM, reproduzida:

⁴⁸A realização do Fórum foi então apoiada pelo governo de Porto Alegre, o qual, no momento era conduzido pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e que via na ocasião a oportunidade de mostrar ao maior número possível de pessoas, sobretudo os estrangeiros, o sucesso que vinha sendo o Orçamento Participativo (OP), modelo inovador no qual o governo local vinha combinando os interesses das instituições representativas tradicionais com a participação da população. Maiores referências ao Orçamento Participativo, sobre o impacto do mesmo na preparação para o FSM I, vide Santos e Rodrigues-Gravito (2005).

⁴⁹CIVES, ABONG, ATTAC, CBJP, CUT, IBASE, CJG, MST.

⁵⁰Geralmente entre os meses de Janeiro e Março, a depender da localidade e da data prevista para a realização do Fórum Econômico Mundial (FEM), porque o FSM sempre se realiza na mesma data do FEM.

⁵¹Jai Sen (2002): *o Fórum é em si um reflexo da Web ou das redes, onde os workshops, seminários, conferências testemunhos que o constituem são todos ligados (hiperlink) uns aos outros* (op.cit, p.03). Nesse sentido, *o Fórum Social Mundial é uma rede de redes* (WHITAKER, 2003, p.99, nota 23).

Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes. @s participantes não devem ser chamad@s a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que @s engajem a tod@s ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui, portanto em instância de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.

Este princípio dá razão à não diretividade do FSM, estabelecendo que “ninguém está autorizado a se pronunciar em nome do Fórum”. Assim, o FSM apresenta-se como um evento, muitas vezes confundido com um movimento que se expressa no formato de uma rede.

Conectado à questão da não diretividade, o caráter de espaço do FSM dá início à uma série de debates entre seus dirigentes versando acerca da possibilidade do mesmo enquanto evento vir a se tornar um “movimento de movimentos” e, como isso influenciaria em seu caráter.

Participantes desse debate, Patömaki⁵² e Teivanen⁵³ (2004) defendem que o FSM poderia estar sendo mais bem aproveitado se posicionado politicamente, ou seja, se transformado em movimento. Concordando com esses autores, Naomi Klein (2002)⁵⁴, acredita que, por não falar em uníssono e por não produzir um documento oficial único (ainda que houvessem dúzias de documentos não oficiais), o FSM estaria se tornando um sujeito mudo no cenário político internacional, fato que poderia levá-lo à dissolução e segregação no cenário político da antiglobalização, principalmente.

Frente a esse debate, conforme Patömaki e Teivanen (2004) observaram, uma forma encontrada pela ONGs, Movimentos Sociais e Redes que participam da edição do FSM de Mumbai de se evitar esse “silêncio político”⁵⁵ através da adoção de declarações pessoais de cada participante, organização ou eixo temático de modo que o encontro em si não passasse vazio.

Porém, Whitaker (2004) se mostra bastante preocupado com tais declarações, sobretudo com as referenciadas pelas grandes Assembléias, como a de Movimentos Sociais lançada no final do FSM de 2004 (Mumbai) que, segundo o autor, se todos os participantes a assinassem provocaria um ato político de peso incalculável, desconfigurando o caráter de evento do FSM e transformando-o instantaneamente em um “movimento de movimentos”.

Enquanto os críticos da adoção do caráter não diretivo do FSM prevêem um não

⁵²Heikki Patömaki é professor da Nottingham Trent University.

⁵³Teivo Teivanen é membro da Network Institute for Global Democratization (Peru).

⁵⁴Naomi Klein é ativista e autora de livros “anti globalistas” como “No Logo” e “Cercas e Janelas”.

⁵⁵Já em 2001 havia a eminência de algumas tensões no interior do FSM, que segundo Jorge Durão (2002), versavam sobre a proposta de que o Fórum deveria ser entendido como um espaço autônomo e exclusivo da sociedade civil e as pressões para transformá-lo em palco para acumulação de forças no terreno político-partidário, inclusive com a formulação de alternativas.

aproveitamento do potencial político do evento, autores menos pessimistas como Sérgio Haddad (2002) buscam um ponto comum entre as duas posições:

O FSM deve ser interpretado como um movimento político e não apenas como um evento, apesar do seu impacto midiático frente ao Fórum Econômico Mundial. Sob o ponto de vista de um evento, poderíamos dizer que o FSM já trouxe resultados, ao menos no plano formal. Nunca se falou tanto de pobreza em Nova York. Mas resultados futuros (...) Dependem também, e fundamentalmente, da mobilização e dos debates produzidos na base das sociedades, que permitam construir processos sustentáveis - porque garantidos por apoio popular - de novas alternativas ao atual modelo de organização da sociedade (HADDAD, 2002, p. 01).

Mediante tais perspectivas, os atos indiretos dos participantes do FSM têm posicionado-o no cenário político internacional, a partir de seu diálogo com os ciclos de protestos que circundam, tal como será mostrado mais adiante. Desta forma, o FSM tem feito jus ao caráter antiglobalização de suas práticas e, procurado mostrar que se trata de um evento que, ao contrário do que muitos críticos imaginam, não possui suas mãos atadas, ainda que mantenha seus lábios cerrados.

Nesse caso, o FSM segue como um sujeito cuja relevância política vem marcada pela junção entre seu caráter de evento e a maneira de se apresentar como um novo tipo de movimento. Nesse sentido, o FSM possui os fatores indicados por Touraine (1998) que o identificam como tal e que permitem que o mesmo seja pensado também com um “movimento de movimentos” por possuir uma identidade específica obtida por oposição ao neoliberalismo, demandas e projeto. Tais elementos permitiram-me pensar o FSM como um novo tipo de movimento de caráter transnacional e cujo peso político não se localiza mais na participação do poder, mas na busca por implementar um novo modelo de participação política. Tais análises serão melhor trabalhadas na seção seguinte, quando se observará a Carta de Princípios do Fórum, o único documento capaz de dar diretrizes às suas práticas.

2.3) CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CARTA DE PRINCIPIOS DO FÓRUM E O VISLUMBRE DE UM NOVO TIPO DE MOVIMENTO

Após a avaliação positiva da primeira edição do Fórum Social Mundial, seu Comitê Organizador constatou a necessidade de dar continuidade ao mesmo. Assim, foi proposto o estabelecimento de uma Carta de Princípios de maneira a garantir uma metodologia de organização e trabalho para a preparação do FSM. Assegurando-o como um “espaço e processo permanente de busca de construção de alternativas em âmbito mundial”.

Assim, logo na primeira edição do FSM, seu Comitê Organizador formulou o único documento produzido pelo Fórum⁵⁶ que ficou conhecido como a “Carta de Princípios”⁵⁷ do FSM.

⁵⁶O FSM não produz documentos finais nem posicionamentos políticos, justamente por seu caráter de “evento”.

⁵⁷Aprovada e adotada em São Paulo, em 9 de abril de 2001, pelas entidades que constituem o Comitê de Organização do

Segundo Andreotti (2004), além de revelar o traço ético do Fórum, tal documento reflete os ideais a serem conquistados nas inter-relações entre as organizações que dele participam e também um caráter a-político do mesmo.

Transliterada no ANEXO II e, em linhas gerais, a Carta estabelece 14 pontos⁵⁸ que orientam os participantes do Fórum acerca de suas características e aspirações, e procura afastá-lo das “tradicionais práticas políticas”, em que há disputas pelo poder e hegemonia.

Ainda no início da Carta, o Fórum é instituído como um “espaço aberto”, permitindo a reunião de diferentes movimentos sociais e entidades da sociedade civil, independente de causa. Nessa primeira parte da Carta, Glasius (2005) percebe o uso de uma linguagem habermasiana (remetendo a noção de esfera pública) na medida em que esta aponta e descreve o FSM como um “espaço aberto, democrático e livre” para a comunicação.

Em seguida, a Carta localiza o FSM no tempo e no espaço como um evento⁵⁹; com isso, o FSM se assume como um processo e também uma rede de ação internacional, não sendo limitado ao país que o sedia.

Na seqüência, tomando os escritos de Touraine (1998) como referência básica é possível perceber que, assim como os movimentos sociais estudados por este autor na metade do século XX, o FSM também pode ser analisado como um novo tipo de movimento. Na medida em que conjuga três variáveis apontadas pelo sociólogo francês como fundamentais na definição dos movimentos - sobretudo dos latino-americanos - o FSM parece alocar em si os seguintes fatores:

a formação de movimentos sociais depende menos de situações e condições “objetivas” do que de elementos formadores de atores definidos ao mesmo tempo por um determinado *conflito social* e por uma *vontade de participação social*, assim como consequência das *relações entre demandas e exigências sociais e o sistema político* (GADEA E SCHERER-WARREN, 2006, 167).

Destes três critérios, a identidade para Touraine (1998) pode ser definida pelo “desejo de salvaguardar a unidade da personalidade”, “pela luta coletiva” e pelo “reconhecimento do outro como sujeito” (TOURAINÉ, 1998, p.103). No caso do FSM, ela é localizada a partir do adversário da luta e dos objetivos da ação, que são: os adversários contra quem o FSM se opõe e que, por sua vez, o

Fórum Social Mundial, aprovada com modificações pelo Conselho Internacional do Fórum Social Mundial no dia 10 de junho de 2001. A Carta de Princípios do FSM segue transcrita no ANEXO II.

⁵⁸ A análise de Biagiotti (2004) auxilia quanto à organização geral, segundo tópicos, da Carta de Princípios: os princípios 1, 4 e 12 fazem referência ao aspecto ideológico do Fórum e traça críticas ao neo liberalismo; o princípio 3 expressa o internacionalismo do Fórum; os princípios 5 e 10 revelam ambições universalistas; os princípios 7, 8, 9 e 11 propõe abertura para a participação de outros movimentos; os princípios 13 e 14 demonstram o traço pluralista e disseminador de alternativas a serem seguidas pelo FSM; o princípio 2 explicita que cada edição do Fórum pode apresentar resultados próprios que podem ser de caráter mais local ou global.

⁵⁹ Pode ser traçado um paralelo com as ações coletivas segundo Tarrow (1996), as quais necessariamente devem ter um local e um tempo de ação bem definidos.

caracterizam como um sujeito que luta “por outra globalização⁶⁰” e, pelo “projeto-utópico”, que é colocado como uma alternativa às lutas por questões sociais não abordadas em outros Fóruns e Instâncias. Todavia, não é porque o FSM se caracteriza como um sujeito que luta “por um outro tipo de globalização” que, necessariamente é um ator antiglobalização, uma vez que apenas identifica suas bases, alianças e projetos com esse movimento.

Outro traço relevante acerca da identidade do FSM e de seus participantes aparece na Carta de Princípios como a necessária e obrigatória origem civil dos participantes do FSM, como um caráter imprescindível para participação. Além disso, institui-se o FSM apenas como um espaço e não como uma instância deliberativa e representativa das organizações que dele participam, sinalizando para o que aqui estamos chamando de “um novo tipo de movimento”.

Assim, o caráter de “espaço”, que é considerado como um dos princípios mais estruturantes da Carta e que estabelece a não diretividade do evento: “ninguém está autorizado a se pronunciar em nome do Fórum”, também é o princípio que o localiza como um novo tipo de movimento cujo grande mote é gerar apenas uma alternativa de articulação apenas, e não como uma instância de poder.

Nesse sentido, atribuir o caráter de movimento ao FSM, uma vez que o mesmo é caracterizado como “evento” implica que observemos seu traço identitário de evento que se opõe ao neoliberalismo como um indicador de um novo tipo de movimento, cuja voz segue marcada muito mais pela pluralidade do que pela unidade, tal como é estabelecido no princípio oitavo. Este, por sua vez legitima o “respeito à diversidade e ao pluralismo” como dois fatores que permitem que o Fórum atraia os mais distintos participantes das mais diversas causas, de modo a poderem trocar experiências e vivências. Indo em direção ao princípio da pluralidade e, ao respeito às diversidades e causas, Glasius (2005) reconhece nessa diretriz uma reminiscência do cosmopolitismo kantiano⁶¹ que é estrutural em todo o documento.

Outro traço identitário do Fórum é instituído a partir da proibição da participação de organizações militares e paramilitares, partidos e governantes, a menos que se pronunciem como indivíduos apenas, livres de suas patentes e titulações.

Por fim, o FSM é estabelecido como um espaço de debates e resistência à Globalização, mas que, incongruente, conforme a Carta, apóia a multiplicidade de ações políticas e estimula as articulações de ações que antes estavam isoladas, propondo que seja estabelecida uma comunicação

⁶⁰O termo “outra globalização” é geralmente traduzido para o francês como *alterglobalisation* e muitas vezes é confundido com antiglobalização por se colocar contra e em uma perspectiva propositiva a outra forma de globalização. Destarte, conforme poderá ser observado, o FSM congrega em si aspectos anti e alter globalização.

⁶¹O cosmopolitismo kantiano ilustra a modernidade política e cultural. Utilizou-se tal abordagem na medida em que a mesma pressupõe os interesses dos povos em formar uma livre confederação de repúblicas e uma aliança de paz visando alcançar os preceitos da identidade humana universalista, remetendo, por fim, a idéia de “cidadão do mundo”.

horizontal entre os participantes, respeitando dessa forma, sua transnacionalidade nas questões e agendas de seus participantes e, conjugando, mesmo sem perceber, valores e artifícios globalistas.

Em linhas gerais, a Carta de Princípios orienta para que o FSM seja um evento plural, diversificado, não-confessional, apartidário, descentralizado, e não se constitua enquanto lócus de poder a ser disputado em seus encontros anuais, ou seja, indo diretamente contra a toda estrutura política básica. Entretanto, sinalizamos através da análise desse “documento oficial”, que o FSM pode ser lido também como um tipo novo de movimento de caráter transnacional, ainda se encontra em construção.

2.4) PERSONAGENS QUE CIRCULAM PELO FSM

O FSM é composto por um conjunto de entidades, Movimentos Sociais, redes e indivíduos, oriundos da sociedade civil, que partilham das mais diversas correntes e ideologias políticas, religiosas, étnicas, etc.

Assim, investindo do papel de protagonista desses movimentos e organizações da sociedade civil que atuam no sentido oposto ao modelo vigente de Globalização e das políticas neoliberais, segundo Haddad (2002), o FSM “aposta na idéia da participação crítica como processo de construção de uma esfera pública democrática” (HADDAD, 2002, p.02), e que não necessariamente se posicionam em oposição aos Estados.

Uma definição profícua das diversas organizações e movimentos que transitam pelo Fórum Social Mundial se faz necessária uma vez que se deseja conhecer sua essência a partir das múltiplas identidades que o constituem. Desta maneira, as pessoas que participam nos Fóruns Sociais Mundiais são membros e/ou representantes de ONGs (Organizações não Governamentais), Movimentos Sociais, Redes, Sindicatos, etc., ou mesmo cidadãos não pertencentes a nenhuma dessas entidades.

A dificuldade em caracterizar os participantes que transitam pelos Fóruns apresentando painéis, compondo mesas-redondas, dando workshops, etc., se deve ao fato de que eles são parte de um universo marcado por inúmeras mudanças nas últimas décadas do século XX⁶². Assim, a caracterização que segue fia-se em 2 fontes: as organizações que compõem o Comitê Internacional do FSM e no perfil do público anual que transita pelo Fórum e que, na maioria das vezes, participam dessas organizações.

⁶²Mudanças que desencadearam no que é conhecido hoje pela alcunha “novos movimentos sociais”, movimentos antiglobalização (AGMs), Redes transnacionais, etc., que justamente por ainda estarem em transformação, torna ainda mais difícil a tarefa de compreender suas origens, características e atuais mecanismos de ação.

2.4.1) MOVIMENTOS SOCIAIS

Um dos atores mais bem articulados e mais representativos dos países da América Latina e Ásia, são os Movimentos Sociais⁶³, que no contexto do Comitê Internacional FSM correspondem à 8% de todas as organizações que compõem sua rede. Devido às suas características específicas que serão aqui analisadas, é considerado um sujeito central no Fórum e, para melhor conhecê-lo, será utilizado o trabalho de Maria da Glória Gohn (2004).

A autora inicia sua discussão trabalhando com os “paradigmas clássicos norte-americanos”, também chamados de estudos dos “conflitos e mudanças sociais”. Nessa perspectiva os movimentos são entendidos como “problemas sociais” e fatores de “disfunção da ordem” (GOHN, 2004, p. 328), enfatizando a abordagem “sociopsicológica”, que procurava explicar os comportamentos coletivos por meio da análise das reações dos indivíduos e de sua “inadaptação”.

Na esteira dessa primeira perspectiva, surgem os “paradigmas contemporâneos norte-americanos”. Acredita-se que, a partir das modificações ocorridas na sociedade norte-americana desde o segundo pós-guerra e, com o surgimento de movimentos sociais mais amplos (particularmente a partir da década de 60), e.g. movimentos pelos direitos civis, contra o apartheid, pacifistas, feministas, estudantis, etc., os movimentos sociais começaram a ser vistos pela Sociologia como “construtores de inovações culturais”. Desta maneira, segundo Gohn, o grande mote desses movimentos era a derrubada das oligarquias tradicionais e a necessidade de afirmar a democracia em oposição ao totalitarismo soviético.

Um pouco diferente dos outros dois paradigmas, os “marxistas clássicos”⁶⁴ centravam suas análises nos movimentos operários, e na contradição “capital-trabalho”, cujo principal interesse era a “derrubada do capitalismo”, considerando todos os movimentos que não manifestassem explicitamente esse objetivo como “reformistas” ou “periféricos”. Com isso, essa abordagem procurava constituir-se numa escola de formação política e como um celeiro de lideranças que pudessem ser preparadas para lutas políticas mais amplas. Nessa perspectiva, os movimentos sociais são vistos como blocos homogêneos, e referenciados em relação à manutenção ou transformação de uma dada ordem.

Dentre todos os paradigmas citados por Gohn, o que mais se aproxima da realidade do FSM é o “paradigma dos novos movimentos sociais” (NMS). Essa vertente nasce na contramão dos modelos norte-americanos e busca superar as insuficiências do paradigma marxista clássico, por enfatizar as questões referentes à cultura, ideologia e organização no cotidiano. Nessa concepção, os “atores

⁶³Inúmeros estudiosos trataram da questão dos movimentos sociais, como Melucci (1996), Touraine (1988), Berger e Zald (1978), Tarrow (1988), Katzenstein (1990), Maria da Glória Gohn (2004), dentre outros.

⁶⁴Os paradigmas ligados aos marxistas clássicos não devem ser confundidos com militância, mesmo estando associado às lutas de classes e à questão das transformações sociais.

sociais” passaram a ser vistos como “sujeito coletivo” e o interesse fundamental destes passou a ser a superação das estruturas econômico-sociais excludentes, e as políticas totalitárias de toda espécie.

Assim, através de uma variedade de mecanismos formais e informais de conexões que desenham pequenos laços sociais entre as pessoas, a partir de seus hábitos de trabalho e vida conjuntos, através de seu desejo por tomar parte e dar prosseguimento às ações coletivas, os NMS ligam sua cúpula organizacional à base como uma opção metodológica que os diferencia essencialmente dos seus precursores.

Conforme Tarrow (1996), as redes sociais seriam as melhores formas de organização para dar prosseguimento às ações coletivas⁶⁵ acionadas por esses novos movimentos. Essas ações coletivas podem ocorrer por várias razões e se aproveitam de momentos únicos na política, também conhecidos como “oportunidades”⁶⁶. Essas “oportunidades” acontecem quando as elites estão divididas e precisam de um realinhamento. Nessas “oportunidades”, movimentos diversos⁶⁷ aproveitam-se para se reorganizar⁶⁸.

No cenário do FSM, o papel ocupado pelos movimentos sociais segue profundamente marcado por ideologias que, passam pela esfera dos posicionamentos político-ideológicos como o marxismo, o socialismo e o anarquismo; pela esfera da identidade, como os movimentos orientados pelas demandas vinculadas às questões de gênero, meio ambiente, reforma agrária; pela esfera dos direitos sociais básicos, como os movimentos que tratam das demandas por educação, saúde, etc., até chegar aos novos movimentos sociais, marcados pelo transnacionalismo. Nesse sentido, é possível encontrar no seio do FSM um amplo espectro de movimentos sociais cujo papel é tornar públicas as demandas da sociedade civil e organizar seus grupos reivindicativos.

⁶⁵Por ações coletivas entendem-se os engajamentos cívicos “clássicos” dos mais distintos níveis, desde associações de mães até movimentos sociais.

⁶⁶Segundo Tarrow (1996), as oportunidades políticas são fatores externos à sociedade civil, como fatores políticos, que podem encorajar ou desencorajar as pessoas a participarem ou não em ações coletivas. Tais oportunidades podem afetar a capacidade de mobilização e recrutamento de grupos sociais. Segundo a leitura de Rennó (2003, p.75) acerca do conceito, *a idéia central é muito simples: quando as estruturas de oportunidade política reduzem os custos da participação, haverá mobilização social.*

⁶⁷Mais recentemente, a este cenário, podem ser acrescentados os Movimentos Sociais que agem a partir da Internet, como é o caso do Indymedia (LANGMAN, 2005). Nos últimos anos, com o surgimento de uma sociedade cada vez mais baseada em redes eletrônicas, têm-se assistido ao aparecimento de ISMs (Movimentos Sociais via Internet), configurando uma espécie de “exército em rede” cuja orientação seria global (CASTELLS, 2006). Com organizadores proficientes em computação e programação, esses ISMs tornaram-se altamente qualificados na Internet de modo a utilizarem as novas formas de “networking” para mobilizar estruturas fluidas e permitir ações conhecidas como “ciberativismo”. Conforme Langman (2005), o ciberativismo pode ser definido como mobilizações e ações políticas através da Internet, e.g. boicotes aos consumos de transgênicos na Catalunha, bombardeamento on-line a um site corporativo ou governamental, como a caixa de e-mails da Casa Branca, ou organização de um protesto como o de Seattle (1999). Desta forma, o alcance mundial desses movimentos sociais depende diretamente da Internet para a difusão de informações, comunicação e coordenação.

⁶⁸Tal fato, segundo Tarrow, leva seus organizadores a pensar que em tais ocasiões se formam novos movimentos sociais, o que, não é verdade, na medida em que tais ocasiões são fruto das “oportunidades” políticas já mencionadas e fazem parte de um todo maior chamado de “ciclos de protesto”, os quais serão aventados mais á frente.

2.4.2) ONGS

As Organizações não Governamentais (ONGs)⁶⁹ correspondem a 28,8% dos sujeitos que constituem a rede do FSM. Com seu nome e funcionalidade cunhados pela ONU⁷⁰ nos anos 40, o termo ONG (Organização Não Governamental) assinala diferentes entidades que vinham se propondo a realizar projetos sociais humanitários ou de interesse público. São então, consideradas ONGs aquelas instituições que assim se autodenominaram, excluindo entidades de classe, como os sindicatos, empresas ou partidos políticos, embora também sejam instrumentos não governamentais.

Conforme Coutinho (s.d), até os anos 60, a expressão ONG se referia, principalmente, às organizações de “cooperação internacional” do eixo Norte, formadas por igrejas (católica e protestante) tais como o Comité Catholique Contre la Faim et pour le Développement (CCFD), o Serviço das Igrejas Evangélicas da Alemanha para o Desenvolvimento (EED), a Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (ICCO) e a Organização para a Cooperação Internacional de Desenvolvimento (NOVIB), OXFAM, etc.

Ainda nos anos 60, estas organizações priorizavam a ajuda aos movimentos sociais principalmente nos países do hemisfério Sul, que ainda viviam sob o regime militar, com o intuito de “consolidarem a democracia” nesses países, através de financiamentos e assessoria à esses movimentos sociais. Com o princípio da abertura política dos países do Sul na década seguinte, essa conjuntura muda e há um abrupto crescimento das ONGs, sobretudo nesses países recém saídos do regime militar. Assim, “na medida em que adotavam uma política integradora através de parcerias com o poder público” (GOHN, 2004, p. 297), as ONGs expandiam seu campo de atuação.

Na década seguinte esse cenário dos países do eixo Sul se amplia e diversifica com o surgimento das entidades autodenominadas “terceiro setor”, que nasciam com um perfil ideológico e projeto político definidos, já vindo articulados às empresas e fundações. Por essa época, algumas ONGs entraram em crise e se fragmentaram em múltiplas frentes de ação de modo a melhor contemplarem temáticas específicas e atuarem em redes de abrangência local, regional, nacional e transnacional, e acabaram sofrendo transformações, tais como: a) adoção de uma perspectiva intervencionista⁷¹, abandonando as antigas funções de “assessoria”; b) especialização em novas questões: gênero, raça, políticas públicas, etc.

⁶⁹ Não é de hoje que as atividades de caráter filantrópico são encontradas, porém segundo Landin (1993) entre os termos filantropia e assessoria organizacional não governamental existe um abismo institucional.

⁷⁰ Segundo Tavares (1999), o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC) define as ONGs como qualquer organização que não foi criada no seio dos aparelhos do governo. Porém, segundo a definição da ECOSOC, uma ONG não deve ambicionar ganho com tal associação.

⁷¹ Essa perspectiva confere as ONGs um novo protagonismo, o de produzir conhecimentos e democratizar informações (COHEN, 1998).

Tal mudança desencadeou a adoção de uma outra maneira de atuar por parte das ONGs, como a busca por melhor qualificação tanto por parte de seus funcionários, como de seus “clientes” e parceiros, o que acabou por gerar uma certa “universalização” dos primeiros. Outra mudança ocorreu no próprio paradigma que orienta as atuais práticas das ONGs: em linhas gerais, nas décadas anteriores, predominavam as preocupações com as particularidades dos sujeitos envolvidos, já no paradigma atual, predomina uma preocupação com a comunicação e com a pluralidade em si, do que com as particularidades dos sujeitos envolvidos (FERNANDES, 1995). Tais “saberes universais” são, por sua vez, encaminhados das ONGs para os sujeitos, em um movimento “de cima para baixo”, quase que simulando um movimento localizado entre os eixos norte-sul⁷² (KECK e SIKKINK, 1998).

Assim, no cenário dos FSMs, as ONGs podem ser as mais diversas possíveis, desde pequenas organizações com projeto único, até organizações com sedes em vários países e com uma agenda de trabalho variada, cujo papel é justamente negociar e cooptar as diversas demandas da sociedade civil e institucionalizá-las através das respostas dadas a partir da própria sociedade.

2.4.3) SINDICATOS

Sua origem remete às corporações de ofício na Europa do século XVIII, surgindo paralelamente ao capitalismo. Com o objetivo principal de melhorar as condições de vida da classe operária, os sindicatos vêm atuando como “representantes dos interesses de classe”, advogando acerca dos interesses dos trabalhadores. Tais condições de mediadores têm permitido que conheçam tanto o lado capitalista quanto o lado operário do mundo do trabalho.

Com a revolução francesa e com o surgimento de idéias liberais as associações de trabalhadores e patrões caíram na ilegalidade e, nesta condição atuaram até 1884, na França (e 1871 na Inglaterra). Mesmo sendo considerada atividade legal, o sindicalismo atravessou duas grandes guerras quase que na completa clandestinidade e assimilou nesse percurso algumas idéias comunistas e socialistas predominantes, sobretudo, antes da queda do muro de Berlim (1989), ainda conservados por alguns grupos atualmente, mas por outros já superados.

Nos Estados Unidos, o sindicalismo nasceu por volta de 1827 e, em 1886, foi constituída a

⁷²Do ponto de vista radical, James Petras (1996) traça uma crítica a esse novo universo, dizendo *que as ONGs geram um mundo político onde a aparência da solidariedade e da ação social disfarça a conformidade conservadora com a estrutura de poder internacional e nacional* (op.cit., p.49). De tal análise, surge outra questão que em muito incomodará essa pesquisa, na medida em que gera também uma relação hierárquica, de poder (e prestação de contas). Trata-se da questão dos financiamentos não governamentais e, sobretudo internacionais. Segundo análise de Coutinho (2006), *quanto mais dependente do financiamento institucional, mais limitada é a atuação das ONGs*, o que surge um duplo dilema: se aceitam o financiamento, acabam por sucumbir à lógica do seu patrocinador; se permanecem autônomas, encontram dificuldades para manter suas atividades. Portanto, a tendência de atuação sobre determinados temas das ONGs nacionais segue à lógica do financiamento das ONGs internacionais, geralmente oriundas de países do Norte.

Federação Americana do Trabalho (AFL), que defendia as atividades sindicais e não se vinculava a correntes doutrinárias e políticas, e que atualmente dá origem a um dos personagens mais importantes no contexto do FSM, a AFL-CIO.

No Brasil o sindicalismo surgiu no final do século XIX, trazido pelos operários imigrantes que trabalhavam em diversas fábricas. No final da década de 70 e no decorrer dos anos 80, o sindicalismo viveu seu auge, pois o Brasil estava num momento importante: passando do regime militar para o democrático. O “novo sindicalismo” - como foi denominado - tinha como uma de suas características principais uma atuação reivindicatória que ia além do tradicional assistencialismo, e passava a adotar uma postura mais propositiva e com resultados, adequando-se cada vez mais à lógica capitalista e, segundo Rodrigues (2000), se tornando cada vez menos combativo.

Em concordância com tais tendências, Aguiton (2002) observa que a década de 90 trouxe a reboque a Globalização e muitas mudanças políticas, sociais, econômicas e tecnológicas para a vida cotidiana, levando o movimento sindical a passar por uma transformação no modo de atuar, agindo através de redes internacionais e estabelecendo parcerias como ONGs, inclusive. Além disso, atualmente o movimento sindical também assume a Globalização e as campanhas comerciais neoliberais como alvos contra os quais deveria se posicionar politicamente. Diante de tais ajustes políticos, os sindicatos atualmente participam na cena política dos grandes protestos e dos Fóruns Sociais Mundiais como um dos sujeitos presentes em menor número, cerca de 4% da rede do Fórum, mas como os mais bem articulados entre si.

2.4.4) REDES TRANSNACIONAIS DE ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS

Atualmente, tanto ONGs quanto Movimentos Sociais têm feito uso de estruturas organizacionais baseadas em “redes”. Estes arranjos metodológicos que em muito se aproximam dos “rizomas” de Deleuze (1976) e de uma “ecologia dos saberes” de Lévy (2003), são definidos por Fischer e Carvalho (1993 apud SCHERER-WARREN, 1996) como grandes agrupamentos de organizações de origens diversas e localidades variadas. No caso das organizações participantes do FSM, as redes são agrupamentos de ONGs, movimentos sociais, sindicatos, etc., que apresentam maior articulação e proporção, correspondendo a 52,8% das organizações participantes do Fórum.

Nesse sentido, as redes podem ser entendidas tanto com sujeitos, quanto como uma metáfora organizacional que se apresenta como uma fonte rica de recursos intelectuais para se entender tanto a “virtualidade” dos vários arranjos possíveis que ONGs e Movimentos Sociais realizam como sua “transversalidade”, que os faz sobreviver a todas as formas de institucionalização ou burocratização (tentativas de “controle”). Assim, segundo Scherer-Warren (1996), subjacente a esta metáfora das redes

há uma “utopia para a democratização das relações sociais nos agenciamentos coletivos”, responsáveis pela construção de um novo “imaginário social”.

Uma maneira bastante autêntica e atual de se utilizar essa lógica das redes se dá entre as organizações da sociedade civil chamados de “transnacionais”, que podem ser ONGs ou movimentos sociais. Desde o fim do século XIX muitas organizações vêm interagindo umas com as outras por meio de redes de ajuda. Essas redes que Keck e Sikkink (1998) chamaram de “redes de ajuda transnacionais” são constituídas a partir de ligações entre esses sujeitos da sociedade civil, Estado e organizações internacionais. Tais redes têm por função integrar entre si suas diversas práticas de ativismo, multiplicar os canais de acesso ao sistema internacional, ajudando, sobretudo, a transformar convicções individuais em motivações coletivas e a promover mudanças em práticas de soberania nacionais.

Para Milani e Laniado (2006) as redes transnacionais de movimentos sociais e ONGs “are the expression of a new social subject and have shifted their scale of political intervention since the 1990’s in order to render their fight for social justice politically pertinent” (MILANI E LANIADO, 2006, p.03).

Estruturadas no contexto da Globalização, tais sujeitos instalaram-se num campo político instável que reúne redes comerciais e sociais, fluxos transnacionais horizontais, hierarquias institucionalizadas inter-governamentais, relacionamentos solidários entre os “sem-pátria” e os “cidadãos”, além das diferenças entre as tradições das crenças e a modernidade das leis públicas internacionais.

Habitando zonas idealizadas chamadas de “espaços transnacionais”, essas redes fazem uso de estratégias virtualmente desterritorializadas, ocupando um continuum, que transcorre do local para o global, e contribui para a emergência de espaços chamados “transnacionais”.

Milani e Laniado (2006) situam a identidade política dessas redes sobre um tripé que comporta público e privado; nacional e transnacional; Estado-Nação e organizações não governamentais. Tal identidade está baseada na centralidade dos valores ou idéias principais da rede; na crença que os indivíduos têm de que podem fazer a diferença; no uso da criatividade na disseminação de informações; no emprego de organizações não governamentais e suas sofisticadas estratégias políticas para alcançar suas metas de campanha (KECK e SIKKINK, 1998).

Tais redes são mais comumente encontradas em áreas caracterizadas por um alto conteúdo de valores e informações incertos e, por isso, se fazem necessárias justamente nessas localidades, onde a troca de informações é o bem mais escasso e, portanto, mais valorizado.

Segundo Keck e Sikkink (1998), o que é interessante observar nessas redes é a habilidade não tradicional que as organizações internacionais têm de mobilizarem estrategicamente informações

que possam ajudá-los a criar novas pautas de trabalho, novas categorias e formas de persuasão, pressão e influências não apenas sobre os governos, mas também sobre órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas. Assim, “activists in networks try not only influence policy outcomes, but to transform the terms and nature of the debate. They are not always successful in their efforts, but they are increasingly relevant players in policy debates” (KECK e SIKKINK, 2002, p. 02), e.g. o caso da nigeriana Amina Lawal⁷³.

Com as metas de “mudar o comportamento dos Estados e das organizações internacionais” (KECK e SIKKINK, 1998), “romper e ameaçar a ordem estabelecida” com o sistema internacional (TARROW, 1998), as organizações envolvidas com as metodologias de trabalho em rede acreditam que podem interferir no comportamento dos Estados e das instituições. Com isso,

Transnational advocacy networks must also be understood as political spaces, in which differently situated actors negotiate – formally or informally – the social, cultural, and political meanings of their joint enterprise (KECK e SIKKINK, 1998, p.03).

Assim, tais redes lucram com “institutional breaches in order to create their political opportunity structures” (MILANI e LANIADO, 2006, p. 07), aparecendo quando: 1) os canais utilizados por grupos locais são ineficazes para resolver um conflito; 2) quando os ativistas acreditam que o trabalho em rede irá ajudá-los em suas campanhas; 3) quando há a necessidade de conferências ou outros contatos internacionais, o que consolida ou amplia ainda mais essa forma de trabalho.

Assim sendo, onde os canais transnacionais se encontram bloqueados⁷⁴, essas “arenas internacionais” podem ser um meio através do qual os ativistas locais ganham atenção internacional para suas questões. Além disso, tais redes operam melhor quando são densas, isto é, com muitas organizações e fortes conexões entre elas, por onde escoariam informações confiáveis, onde, “the “voice” of the network is not the sum of the network component voices, but the product of an interaction of voices” (KECK e SIKKINK, 1998, p. 207).

A participação dos ativistas locais em redes transnacionais têm se tornado mais comuns na

⁷³No ano de 2002 a nigeriana Amina Lawal foi levada á julgamento, acusada de adultério, devendo ser penalizada com apedrejamento segundo as leis de seu país. Graças a uma ação judicial movida pela Anistia Internacional, cujas campanhas são motivadas por noções políticas em direitos humanos, baseadas na Carta de Direitos Humanos da ONU, Amina foi absolvida em 2003, considerado um fato inédito em seu país.

⁷⁴Segundo Tarrow (1998), Milani e Laniado (2006) uma forma de se ultrapassar tais bloqueios utilizados pelas redes transnacionais seria modificar e subjetivar as noções de tempo e espaço. Nesse sentido, os espaços seriam notados como os lugares que promovem a convergência, aproximam as pessoas (facilitando o conhecimento mútuo), e que promovem aos movimentos transnacionais a aproximação das vozes de seus participantes. Desta maneira, os espaços podem ser vistos em última análise como uma forma de ação coletiva onde, sua própria existência já consolidaria e caracterizaria uma forma de ativismo. O tempo, por sua vez, conferiria aos movimentos e redes transnacionais as dimensões capazes de estruturar, criar estratégias e conteúdo a esses atores.

medida em que estes as auxiliam na construção de sua “identidade ativista”⁷⁵. Embora as redes sejam motivadas por valores simbólicos, esses elementos precisam ser ativados a partir de relações concretas, as quais, por sua vez, geram um novo repertório de ações. Assim, das estreitas ligações de ativistas locais com a mídia e com outros ativistas internacionais, pode ser gerado o “efeito bumerangue”⁷⁶, que ultrapassa o âmbito do Estado e vai buscar no plano internacional novas técnicas e estratégias políticas que, por sua vez, retornam para o contexto local pressionando elites e Estado. Tal estratégia de ação pode resultar, portanto, na ativação de um reflexo da relação local/global estabelecida como uma estratégia de ação dessas redes.

Desta maneira, pode-se afirmar que as redes transnacionais têm desenvolvido uma cadeia altamente sofisticada de técnicas e estratégias, as quais se utilizam de testemunhos, informações confiáveis, eventos simbólicos e conferências para tornar públicas suas questões internas e fortalecê-las. Com isso, pode-se pensar no impacto das redes para 1) construção de agendas locais; 2) cobrança dos compromissos dos Estados com os sujeitos políticos da sociedade civil; 3) modificações políticas⁷⁷; 4) influência para mudanças comportamentais das organizações participantes da rede.

Nesse sentido, os citados autores e também Scherer-Warren (2006) acreditam que o Fórum Social Mundial pode ser caracterizado tanto como um desses espaços (considerados transnacionais) onde os movimentos sociais transnacionais e os membros das redes sociais podem tentar influenciar os processos de democratização numa ordem global, como uma rede em si que se posiciona nesse contexto. Assim, na seqüência serão apresentados ambos os panoramas para o FSM enquanto rede.

2.4.5) MUDANÇAS E NOVAS NUANCES

Observando os Movimentos Sociais, ONGs, Sindicatos e Redes no contexto do FSM são percebidas novas formas de atuação (através da Internet, por meio de Redes, etc.), novos sujeitos (movimento de mulheres (não apenas de feministas), indígenas, desempregados, Organizações de empresários, etc.) e novas agendas (que não compreendem apenas os interesses diretos dos movimentos

⁷⁵No entanto, tal identificação geralmente não ocorre em um primeiro momento (com a participação em apenas um evento), mas em inúmeros eventos carregados de um arcabouço simbólico necessário para que haja a identificação em meio à rede, tal como metas comuns, princípios e bandeiras compartilhadas, além de um vocabulário específico.

⁷⁶Conforme uma leitura de Cohen (2003) acerca do trabalho de Keck e Sikkink (1998), o “efeito bumerangue” implica, portanto, passar por cima de um Estado local, acionar uma rede transnacional para dar publicidade a uma questão, criar uma “opinião pública mundial” e apelar para normas e princípios acordados no plano supranacional a fim de pressionar outros Estados, organismos regionais ou organizações que, por sua vez, tentarão fazer pressão sobre o Estado cujas políticas estão em causa (op. cit., p. 440).

⁷⁷Essas mudanças na política são explicadas por Milani e Laniado (2006) com base na pluralidade de opiniões e valores que esses atores acrescentam ao cenário.

e organizações em si, mas abrangem outras fontes e dimensões⁷⁸.

É possível notar ainda que, juntamente com as mudanças de agenda e identidade, que se tornam mais “flexíveis” (DELLA PORTA, 2005), e com a multidimensionalidade de ação dos Movimentos e ONGs (do local ao global), mudam também os tipos de perspectivas almejadas. Assim, por partilharem de um discurso de caráter difuso no interior do FSM, esses sujeitos não lutam apenas pela democratização, participação ou Institucionalização como o fazia nas décadas anteriores, antes, partilham dos diversos discursos proclamados no FSM e são conduzidos a realização de um tipo de mudança social mais abrangente e holista e, ao que parece própria à sociedade reflexiva, na medida em que propõe validar práticas tecno científicas antes esquecidas pela sociedade civil.

Partilhando de uma perspectiva de atuação mais tradicional e hierarquizada, os sindicatos procuram se manter fiéis às temáticas canonizadas em seu “metiér”, como a busca por melhores condições de trabalho, emprego, direitos à sindicalização, etc., e às suas bases de organização tradicionais, com hierarquias e institucionalidades. Contudo, as mudanças no interior desse grupo a partir de sua entrada no FSM dizem respeito a uma ampliação na sua capacidade de ação, aprendendo a usar a metodologia de trabalho em rede para se organizar com outros grupos sindicais de outros países e a ajudar nas causas e manifestações, que podem ter ou não caráter antiglobalização.

De um modo geral, observa-se que as circunstâncias atuais, bem como a participação dessas organizações no FSM, têm permitido que sindicatos, ONGs, movimentos sociais e redes sejam acometidos por mudanças estruturais e profundas, seja na constituição de suas identidades⁷⁹, seja na forma de se organizarem, ou mesmo nas dimensões de suas ações.

2.5) QUEM PARTICIPA?

Por trás de muitas dessas Organizações, Movimentos e Sindicatos, estão os reais participantes do FSM, considerados o “sangue” do Fórum. Assim, faz-se necessário conhecê-los.

A fim de melhor traçar um perfil dos participantes que estiveram presentes nas edições do

⁷⁸Como exemplo dessas novas formas de atuação, identificação e agendamento é possível citar o MST que, uma vez conectado a Via Campesina assume novas prerrogativas (e identidades) que vão além da questão da terra em si, e abarcam as temáticas de gênero, trabalho infantil, meio ambiente e produção e consumo de organismos geneticamente modificados, para citar apenas algumas novas interfaces que compõem a agenda do MST). No seio do FSM, observa-se que o MST, assim como outros movimentos sociais que fazem parte do Fórum, assume novas dimensões de atuação, por vezes multi espacial que abarca tanto questões e atuações locais como globais. Tal mudança nas agendas e no modo de atuar do MST pode ser verificada após a parceria desse movimento com o Via Campesina que tradicionalmente já vinha circunscrevendo-se no âmbito transnacional desde o final dos anos 90.

⁷⁹Como são muitos e diversificados os atores que participam do FSM não serão aqui analisados um a um, porém, devem constar em uma agenda de pesquisas futura que a Sociologia e as Ciências Políticas não podem deixar de contemplar.

FSM entre os anos de 2003, 2005 e 2006, serão utilizados como fontes de dados os estudos realizados pela organização IBASE⁸⁰. Para tanto, privilegiou-se aqui os fatores geográficos, socioculturais e engajamento político dos participantes elencados no presente estudo. Assim, os traços considerados relevantes acerca da relação espacial dos participantes para com o FSM, seu histórico de vida em relação à participação cívica nos protestos e seu interesse nos contextos políticos com os quais o FSM eventualmente dialoga, serão tratados de modo a estabelecer um panorama geral nos termos etnográficos em que Lins Ribeiro observou:

In comparison with street demonstrations, World Social Forums are alterglobalization mega events that are highly structured, institutionalized and hierarchical. They are mega global integration rituals of transnational alter-native political elites with a basic two-layered structure. First, there are the open, 'self-managed' activities, a set of more horizontal communicative encounters. These usually are hundreds of workshops, seminars, courses, meetings and other initiatives proposed by NGOs, unions, social movements, churches, etc. They represent smaller rituals in which segments of the transnational imagined virtual community that share specific interests meet and interact in real public space. Some of these are transnational activists that may have been in touch with others from different countries through the virtual public space provided by the Internet. They are often meeting face-to-face for the first time. Secondly, there are the Panels, Conferences, Testimonies and Round Tables of Dialogue and Controversies where the political and intellectual elite of the anti/alter-globalization movements perform their roles as global leaders and acquire more prestige and power. These are highly structured encounters and their participants defined by powerful members of the WSF organization. (LINS RIBEIRO, 2006, p.16).

Começando tal análise a partir do contexto geográfico de onde os participantes provêm, percebe-se um alto grau de concentração de participantes locais nesses eventos, tal como é possível observar na TABELA 1, abaixo:

TABELA 1: Percentual de participantes oriundos dos países sede:

País de origem	Ano e local de realização do evento			
	2003Bra Total absoluto	2005Bra Total absoluto	2006Bam Total absoluto	2006Car Total absoluto
Local de realização do evento e total absoluto de participação	100.000	155.000	25.000	72.000
Percentual de participação local no evento	85,90%	80,00%	72,00%	65,00%

Fonte: IBASE, 2003, 2005 e 2006.

Tal TABELA demonstra não apenas uma concentração local nos eventos, mas também reflete uma baixa capacidade “mundializadora” dessas edições.

Visto de outra forma, tais dados também podem ser indicativos de uma aceitação e certo “engajamento” da sociedade civil local frente às questões antiglobalização. Assim, “os países-sede têm uma participação maciça”, como apontado na edição brasileira de 2003 com 85,9% da participação exclusiva de brasileiros; vindo em seguida os países vizinhos, com presença bem menor, e, finalmente,

⁸⁰Para melhor conhecer acerca da metodologia, amostra e resultados, os citados estudos encontram-se disponíveis na íntegra na Internet: <http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=1070>

os demais países, com participação ainda mais modesta. Assim, conclui o relatório do IBASE, 2005:

distância geográfica representa uma limitação à participação no Fórum, e o país-sede acaba imprimindo sua marca no público presente. Isso havia sido verificado em 2003, em Porto Alegre, em 2004, em Mumbai, e voltou a se repetir em 2005. Na Índia, a participação local correspondeu a 84% do total e, no Brasil, em 2005, a 80%. (IBASE, 2005, p. 12).

Para além dos relatórios analisados é possível conhecer que os países com maior e mais assídua participação nas edições do FSM são justamente aqueles cujo histórico de participação nos movimentos antiglobalização perdura há alguns anos e segue marcado por uma lógica baseada na reprodução de práticas solidárias a esses movimentos, como por exemplo a França, que se faz bastante presente nos FSMs através dos membros da ATTAC; a Bélgica com diferentes organizações, como a CES/ETUC, GPF, APRODEV, CIDSE, CETRI, etc., dentre outros países e suas respectivas organizações. Além disso, a baixa adesão dos ativistas norte-americanos às primeiras edições do FSM é analisada por Cassen (apud MERTES, 2004) inter-relacionada aos fatos históricos do movimento antiglobalização anteriormente relatados:

We could then incorporate American contingents in a movement that already had its own vocabulary, concepts and slogans, and could draw on support from Latin American forces, for a homogeneous outlook (IBASE, 2005, p.163).

Por fim, a especificidade geográfica desses eventos também pode ser um revelador do impacto recebido pelos países do mesmo continente que o país-sede. O elevado número de participantes dos países vizinhos reflete uma facilitação geográfica estampada pela proximidade e identificação com o público presente, cultura local aproximada, raiz lingüística similar e, também com as temáticas propostas para o evento que, na maioria das vezes, acabam por contemplar questões locais, firmando com isso um compromisso entre o local e o global.

Outra variável importante que deve ser considerada na descrição do público participante das edições do FSM é a faixa etária. Levando-se em consideração os dados da TABELA 2, é possível verificar que as maiores concentrações de jovens entre 14 e 24 anos são originários dos países-sede do evento. Também é verificada a presença massiva de uma fatia ainda jovem, mas cuja formação educacional, na maioria das vezes já se encontra completa (entre 25 e 34 anos) é originária em sua maioria dos demais países estrangeiros (incluindo países do mesmo continente que o evento).

TABELA 2: Percentual de faixa etária conforme localidade de origem:

Faixa Etária	País (em % dentro de sua categoria e segundo distinção)							
	2003 Brasil*		2005 Brasil		2006 Venezuela		2006 Mali	
	País sede	Demais países	País sede	Demais países	País sede	Demais países	País sede	Demais países
14-24 anos	12,9	13,2	37,4	33,3	37	52,5	30,5	36,8
25-34 anos	22,5	26,7	26,5	70,8	25	70,8	31,2	62,1
35-44 anos	32,7	23,7	18,6	42,3	15,3	34,4	16,7	40,2
45-54 anos	22,8	22,4	12,8	28,3	13,4	27,3	16,4	38,1
55 ou mais	9,1	14	4,7	15,1	9,3	13,9	5,2	22,7

Fonte: IBASE, 2003, 2005 e 2006. * Nessa análise, a pesquisa cobriu apenas os participantes delegados por alguma organização.

Segundo o relatório de 2005, “as facilidades de acesso e deslocamento no território brasileiro e a proximidade geográfica parecem ter interferido na conformação do perfil etário de quem esteve presente no FSM” (IBASE, 2005, p. 18). Revelando com isso que os participantes dos demais países têm um perfil etário mais elevado.

Cruzando essas informações com os dados referentes à escolaridade dos participantes (TABELA 3), é possível perceber um panorama bastante interessante. Em sua maioria, tratam-se de jovens, acima de 25 anos e com altos níveis de escolaridade (superior completo ou incompleto), o que revela traços de uma cultura política baseada não apenas nas vivências, mas nos anos de escolaridade, sobretudo entre os participantes do FSM de Bamako (África), aonde a proporção de Mestres e Doutores participantes do FSM é reveladora de uma elite intelectual engajada e participante do movimento antiglobalização.

TABELA 3: Anos de escolaridade segundo evento:

Escolaridade em anos (%)	Local evento			
	2003 Bra	2005 Bra	2006 Car	2006 Bam
0-8*anos	4,7	-	-	-
Até 4 anos	-	0,9	2,7	6,9
5-12 anos	-	21,4	22,2	27,5
9-12*anos	21	-	-	-
Sup (compl/incompl)	63,7	67,9	67,9	43
Mestr/Dout	9,7	9,8	7,2	22,6
Não respondeu*	0,9	-	-	-

Fonte: IBASE, 2003, 2005 e 2006. *A pesquisa realizada em 2003 utilizava outros critérios de classificação escolar que não os mesmos utilizados nas pesquisas posteriores.

Tais dados também atentam para a grande participação do público universitário e acadêmico, muitos dos quais fazem parte dos quadros de organizações não governamentais e apóiam e/ou estudam movimentos sociais e, por isso, contribuem para esse “caráter intelectualizado” do Fórum, conferindo-lhe uma aura crítica e de caráter congressual.

Uma vez que o local de origem, faixa etária e anos de escolaridade são conhecidos, deve-se fazer menção ao critério Ocupação como um possível revelador do perfil dos participantes do FSM, assim a TABELA 4 tem por função gerar tais informações.

TABELA 4: Ocupação dos participantes segundo evento:

Ocupação (%)	Eventos			
	2003 Bra	2005 Bra	2006 Car	2006 Bam
Estudante	28,9	40,8	36,7	24,2
Funcionário/a público/a	36	17,5	9,8	9,6
Empregado/a de ONG/ entidade da sociedade civil/ partido político/sindicato	43,4	11,5	7,6	16,6
Empregado/a de empresa privada	.*	8,9	10,1	7,4
Autônomo/a	17,3	8,4	11,8	6,9
outro	3,3	12,9	24	35,3

Fonte: IBASE, 2003, 205 e 2006. *o critério “empregado de empresa privada ainda não compunha o leque de opções da pesquisa realizada em 2003.

Observando todos os estratos de presenças registradas ao longo desses 3 anos de estudo do IBASE, a ocupação de estudante revelou-se bastante alta, ficando como principal opção, seguida de empregado(a) de ONGs/entidades da sociedade civil/partidos políticos/sindicatos. Assim, cruzando esses dados com os anteriores como a faixa etária e local de origem, percebe-se a mobilização de uma grande fatia dos jovens estudantes em direção aos Fóruns, uma vez que os mesmos acontecem em seus países de residência e o ônus para tal participação é menor.

Tal panorama ainda deve ser analisado segundo o engajamento político (participação em movimentos sociais, partidos, sindicatos, ONGs, etc.) desses participantes, tal como revelam as três bases de dados utilizadas, verificável na TABELA 5.

Em todos os relatórios observa-se uma constante sinalização para o perfil do engajamento cívico no interior do FSM via ONGs e Movimentos Sociais e um pertinente cruzamento de dados entre participação em ONGs, Movimentos Sociais e filiação partidária, que demonstraram ser uma constante com maiores percentuais de sindicalistas filiados a partidos políticos do que participantes de ONGs e Movimentos Sociais.

TABELA 5: Engajamentos políticos segundo evento:

Tipo de participação (%)	Locais			
	2003 Bra	2005 Bra	2006 Car	2006 Bam
Movimentos, instituições, associações da sociedade civil				
Movimentos sociais populares	25,7	28,5	56	38,4
Comitês/ Associações voluntárias (ecumênicos e coalizões)	9,5	-*	40,2	38,7
Grupos culturais	5,5	-*	50	21,6
ONGs (OSCIPs)	21,2	33,8	28,9	36,8
Sindicatos ou associações profissionais	24,3	15	23,1	28,1
Partidos políticos	8,8	11,3	25,5	22,5
Cooperativas	2,3	-*	30,2	15,7
outro	2,6	11,3	-	-

Fonte: IBASE, 2003, 2005, 2006. * os referentes critérios não foram adotados no questionário de 2005.

De modo geral, a TABELA 5 revela um traço cultural e regional no engajamento cívico entre os Fóruns realizados no Brasil, Venezuela e África. Na América Latina (Brasil e Venezuela) prevalece a participação em Movimentos Sociais, na África, esses movimentos dividem atenção com os Comitês, associações voluntárias e ONGs.

Corroborando tais assertivas, o relatório de 2005 aponta e acrescenta um dado interessante:

Considerando os dados relativos às pessoas que afirmaram participar de movimentos e/ou organizações sociais e que, como vimos, correspondem a 55,4% do total de presentes, verifica-se que um terço destes (33,8%) está vinculado a ONGs. Entre os(as) participantes de outros países, esse percentual é 52,7%. É possível levantar a hipótese de que os custos e recursos exigidos para a participação no FSM contribuem para explicar o alto índice de membros de ONGs, especialmente, entre participantes estrangeiros(as). (IBASE, 2005, p. 33).

Outro dado importante que o relatório de 2006 indica diz respeito ao perfil do participante do FSM, seu local de origem, trajetória e participação em determinados eventos e protestos considerados antiglobalização, segundo temáticas que lhes interessem mais ou menos:

No Fórum realizado na América Latina, a participação em eventos da sociedade civil internacional é maior nas “mobilizações pela paz e contra a guerra” (cerca de 76%). Em Mali, é maior na “participação no FSM”. Outras variações podem ser facilmente observadas com relação aos eventos de “mobilização em cúpulas do Banco Mundial, FMI ou OMC”, de “mobilizações em cúpulas G-7/G-8, além de “campanhas contra acordos de livre comércio”, nas quais participantes de outros países declararam participar significativamente mais que africanos(as) e malienses. Na Venezuela, também observamos uma diferença relacionada aos eventos de “mobilizações em cúpulas do Banco Mundial, FMI ou OMC” e “mobilizações em cúpulas do G-7/G-8”: A presença de participantes de outros países nesses eventos é consideravelmente maior que a de venezuelanos(as). (IBASE, 2006, p. 20).

De um modo geral, as três edições do FSM realizadas no Brasil e analisadas pelo IBASE, apontaram um pronunciado déficit de participação proveniente da África, Ásia e Europa, e também de vários países da América Latina, conservando, com isso, um perfil predominantemente sul-americano e de apenas alguns poucos países do sul da Europa. Cruzando essas informações com o perfil social e cultural dos participantes, observa-se um predomínio ocidental (com elevada porcentagem de brasileiros e estrangeiros provenientes de países vizinhos, como a Argentina) sobre o total dos

participantes. Ainda, é verificada uma grande participação de uma “classe média educada” (quase 75% com educação superior incompleta, completa e pós-graduação), majoritariamente jovens e/ou de “meia idade” e com uma participação igualitária entre os sexos (51% eram mulheres e 49%, homens) (FSM, 2003, Vol. 5 apud GÓMEZ, 2005).

Em linhas gerais o perfil do participante do FSM nessas edições, segundo Gómez (2005), é o mesmo do ativismo transnacional do início dos anos 90, resumido como “homem branco, do hemisfério Norte, de classe média, cristão e urbano” (SCHOLTE, 2001 apud GÓMEZ, 2005,) e representativamente participante de ONGs.

Complementarmente, as análises de Gómez indicam que em Mumbai, produziu-se um verdadeiro salto qualitativo em matéria de expansão geográfica, social, setorial e cultural do FSM. Da multidão verificada na capital econômico-financeira da Índia, 90% dos participantes eram do país e 10% estrangeiros, contando com numerosas delegações de países asiáticos (Paquistão, Nepal, Sri Lanka, Filipinas, Coréia do Sul, Tailândia, Malásia, Japão, China, Indonésia), caracterizando-o como um evento marcado pela diversidade cultural, pela baixa participação de ocidentais e por um viés radicalmente anti-etnocentrista.

Por fim, sabe-se que a cultura política dos participantes do FSM tanto é um capítulo a parte em sua história, como merece uma pesquisa com maior fôlego, não cabendo aqui realizá-la. Sendo assim, sugere-se que a Sociologia e a Ciência Política dêem conta desse objeto de estudos rico e revelador de traços significantes dos novos sujeitos da sociedade civil.

CAPÍTULO III.

ANALISANDO OS VÁRIOS ASPECTOS DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL: ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS

De caráter institucional o presente Capítulo tem por função estabelecer os marcos normativos a partir dos quais o Fórum Social Mundial constituiu suas bases ideológicas e metodológicas. A necessidade de analisá-las se deve ao fato de que muitos dos trajetos que o Fórum realizou nesse período de homologação de suas bases institucionais resultaram em questionamentos e orientações sob as quais essa pesquisa deve se debruçar no Capítulo subsequente a este.

3.1) ORGANIZAÇÃO DO FSM

Na presente Seção são observadas as estruturas organizacionais do Fórum Social Mundial, como o Conselho Organizacional (Brasileiro) (CO), Conselho Internacional (CI), Secretariado do FSM e site na Internet, enfim, sujeitos e ferramentas que contribuem fortemente para sua cultura política e também representam a imagem pública do FSM, nos planos local, nacional e internacional.

O primeiro instrumento de organização adotado pelo FSM foi o CO (Conselho Organizacional) que, segundo Jai Sen (2002)⁸¹ é avaliado como o principal órgão de tomada de decisões do Fórum até 2003. Criado na metade de 2001, o CO⁸² foi formado pelas oito organizações que também se responsabilizaram por organizar de maneira horizontal, as duas primeiras edições do FSM e que assinaram o Acordo de Cooperação que deu início dos trabalhos do FSM, como mostrado anteriormente. Após esta edição o CO criou o CI⁸³ (Comitê Internacional) e tornou-se o que é atualmente conhecido pelo nome de Coletivo, responsável pelo Escritório ou Secretaria do FSM localizada em São Paulo.

Essa idéia de “coletividade” implícita já na formação organizacional do FSM remete à noção de não-liderança, fato que tem permitido ao FSM não se tornar um sujeito político com efetivo posicionamento e que tem levado às discussões internas acerca de seu caráter de evento e movimento, como mostrado.

⁸¹Jai Sen é diretor do Indian Institute for Critical Action: Centre in Movement.

⁸²Constituição do CO e CI vide ANEXO V.

⁸³Vide composição dos membros do CI na página do FSM:

http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=3_2_1&cd_language=1

Logo na primeira reunião do CI foram debatidos e aprovados alguns termos relativos ao seu caráter, responsabilidades, composição e funcionamento. Desse debate resultou um documento que tem regulado e prescrito suas ações⁸⁴, quais são:

- 1) Formular as estratégias do FSM;
- 2) Manter a articulação permanente com movimentos, campanhas, iniciativas, lutas e eventos internacionais;
- 3) Divulgar o FSM em seus países e regiões, promovendo a ampla participação e debate sobre as questões e propostas identificadas pelo FSM;
- 4) Promover e apoiar a realização de FSMs, identificando possibilidades de participações e mobilizações locais;
- 5) Assegurar a articulação política, temática e operacional entre os FSMs;
- 6) Promover e apoiar a criação de Comitês em seus países;
- 7) Estruturar, junto com os comitês organizadores dos FSMs, as temáticas, a metodologia, o formato, a identificação e convite a palestrantes e expositores, e
- 8) Captar recursos financeiros.

Todavia, tal documento instituiu uma paradoxalidade às diretrizes e ações do Comitê. Desta forma, ao passo que este não deveria deter qualquer tipo de poder e controle, de modo a assegurar sua horizontalidade e diversidade, devendo incluir na sua composição sujeitos regionais e transnacionais e de variados setores da sociedade, também não deveria ser entendido como uma estrutura burocrática com pretensões à representar a sociedade civil. No entanto, caberia ao Comitê o papel de protagonista na orientação das diretrizes políticas e na definição dos rumos estratégicos do FSM, podendo ou não adotar Comitês Organizadores nacionais, que teriam atribuições e facilitariam suas operações.

Mediante tal incongruência, Jai Sen (2002) acredita que o CO (e também o CI) “is more a professional outfit than a decision-making body” (JAI SEN, 2002, p.04). Tal assertiva se deve ao fato de que o CI é um dos organismos que dirige o FSM, com poderes bastante amplos, como mostrado através de suas incumbências, e que tem por função ser um organismo permanente que visa assegurar a continuidade do FSM, tendo assim, um papel importante na orientação das políticas e diretrizes na definição das linhas estratégicas do evento (ROMERO, 2005)⁸⁵, devendo existir como uma área onde os laços entre organizações são permanentes e abertos para outros movimentos e lutas sociais que desejem participar.

⁸⁴Disponível em www.forumsocialmundial.org.br.

⁸⁵Miguel Romero é redator da Revista Viento Sur.

Assim, de acordo com Sen (2004) e Keraghel⁸⁶, existe nos Conselhos (CO e CI) e no FSM, um forte contraste entre as tendências autônomas e auto-organizadas exibidas pelos participantes, e as “tendencies among organisers to somewhat centralised and opaque decision-making” (SEN e KEREGUEL, 2004, p. 489).

Amit SenGupta (2004)⁸⁷ concorda com os dois autores e completa que, mesmo após a instituição do CI, na reunião realizada em Bangkok em agosto de 2003 para a definição do programa da edição do FSM de 2004 e, mesmo que o CI já estivesse desempenhando um papel maior na formação do programa do Fórum de 2003, a maior parte da responsabilidade, ainda ficou sob o comando do Comitê brasileiro (CO) formado pelas oito organizações já citadas. Tal fato tem levantado a seguinte questão: “Quem decide acerca de quais temáticas seriam mais interessantes ao evento, sobre qual seria a melhor metodologia a ser adotada, ou ainda, em quais locais seriam realizados os eventos? Cabe lembrar que se trata de um espaço onde não podem ser tomadas decisões finais, que iriam contra a Carta de Princípios do Fórum.”⁸⁸

Composto inicialmente por alguns dos sujeitos que criaram o FSM, as organizações membros do CI deveriam designar um representante e um suplente. Trata-se, portanto, de uma enorme estrutura com ONGs de vários tipos, sindicatos, redes de comunicação, grupos de reflexão, organizações religiosas de diferentes denominações, redes de mulheres, povos indígenas, campanhas internacionais de redes de movimentos antiglobalização, pequenos grupos locais, etc., somando um total de 124 organizações que são membros ativos e respectivos observadores do Fórum.

De composição difusa, mas com uma grande capacidade decisória acerca da programação dos eventos e temas abordados durante o FSM, o CI deve obediência aos seguintes critérios:

- a) Adesão à Carta de Princípios;
- b) Equilíbrio geográfico/regional e que contemple a diversidade;
- c) Participação dos setores: sindical, movimentos sociais, ONGs e outros;
 - d) Participação de redes mundiais e regionais;
 - e) Compromisso com a continuidade do FSM;
 - f) Não deve haver um número pré-determinado de membros, e
- g) Somente são participantes os representantes de entidades, organizações internacionais e regionais, redes e articulações internacionais.

Porém, para Romero (2005), tais dispositivos transmitem uma imagem opaca acerca da

⁸⁶Chloé Keraghel faz parte da equipe da Unesco.

⁸⁷Amit SenGupta é integrante do Comitê Organizador Indiano (COI).

⁸⁸Tais questionamentos terão reflexos nas análises acerca das redes do CI e CO desenvolvidas mais adiante.

função e possibilidades do CI, para tanto, o autor afirma que “ao mesmo tempo em que é aberto, é também inacessível, lembrando uma "tirania das estruturas informais". Gómez (2005) é ainda mais radical em suas análises:

Ocorre, contudo, que a composição inicial de ambos (primeiro do CO brasileiro, e depois, a convite deste último, do próprio CI) respondeu a mecanismos de cooptação: seus membros não foram eleitos, não representam senão a si mesmos, e não são responsáveis diante de ninguém. Em consequência, a estrutura organizacional do FSM reproduz de forma acentuada (especialmente em seu órgão político por excelência (o CI) desequilíbrios, distorções e ausências de representação regionais, setoriais, temáticas e de orientações políticas distintas (...)) Ao operar como um espaço de poder atravessado de influências, tensões e contradições múltiplas e desiguais (entre os CO nacionais e o CI, entre os diferentes componentes do CI, entre as instâncias organizadoras e os movimentos e organizações fora delas), onde as regras e os critérios de incorporação e funcionamento ainda não foram definidos de modo claro e preciso, não é de estranhar que os imperativos proclamados de transparência, responsabilidade e democracia interna continuem sendo promessas não cumpridas (GOMEZ, 2005, p. 184-5).

Tais abordagens indicam um mecanismo de atuação bastante centralizador, indo na contramão da “Carta de Princípios” do FSM, assumindo práticas que Bramble (2006) conclui serem resquícios de um passado elitista.

Com baixa presença de quadros, estruturas e de governança formal, o CI e o CO se apresentam como “estruturas horizontais”, em vez de “verticais”. Porém, na prática, segundo Bramble e, reforçando a fala de SenGupta (2004), impera uma estrutura de governança interna marcada por distintos níveis de articulação: “the WSF is in effect governed by the Brazilian Organizing Committee, comprising the original eight Brazilian NGOs, and an International Council of 125 representatives that was established in June 2001” (SENGUPTA, 2004, p. 292).

Para Bramble, mesmo que os trabalhos do CI e do CO estejam baseados na cooperação, e nenhum dos representantes seja eleito (WATERMAN, 2004 apud BRAMBLE, 2006), isto tem levado a um sentimento de desenfraquecimento e descrença, onde o FSM é inclusive acusado de estar se tornando um processo “de cima para baixo” (ALBERT, 2004, apud BRAMBLE, 2006). “For example, the major plenaries, with their themes and speakers, are decided by the Organizing Committee” (BRAMBLE, 2006, p. 292).

No bojo dessa análise, a crítica de Sen (2006) apontada pouco antes, reforça essa visão ao sinalizar as estruturas locais e de poder no Fórum, como o CI e demais órgãos, enquanto tradicionais arranjos políticos (antidemocráticos) onde, apenas algumas organizações fazem parte de seu corpo de membros.

Um balanço das atuações do CO e CI realizado por Smith (2004) traz uma visão diferente das anteriores e bastante positiva sobre a postura do CI em relação à organização do FSM. Smith se solidariza com a dificuldade do CI de se fazer representar como a liderança do FSM, ao mesmo tempo

em que tenta assegurar sua continuidade e seus princípios básicos. Segundo a autora, tal Comitê é constantemente atormentado por tensões entre as demandas para organizar encontros anuais para 100.000 pessoas, mantendo sua estrutura organizacional inclusiva e descentralizada. “It includes a wide range of organizations, and organizers explicitly seek to avoid exclusionary tendencies and to maximize space for expressions of diversity” (SMITH, 2004, p. 415). Para Smith, o grande momento crítico da organização do CI deu-se na passagem do FSM pela Índia em 2004: “The move to India this year (2004) reflects this tendency to some extent, as participants are well aware of how the location of a meeting determines who can participate, and it privileges some voices over others”. (SMITH, 2004, p. 415).

Assim, através de algumas correspondências trocadas com pessoas que acompanham as reuniões do CI e a preparação dos Fóruns, foi possível perceber um pré-condicionamento por parte do CI de tentar sempre incluir elementos estruturantes do local aonde o evento se realizará de modo a reproduzir uma perspectiva mais focada para suas metodologias e planos de trabalho. Então, para esses sujeitos que estão no centro do processo, não existe a idéia de centralidade como efetivação de relações de poder entre seus membros, mas a idéia de inclusão que passa pelas esferas “locais de ação”, por isso, a impressão que fica é de que o CO “governa” o FSM, o que não parece ser verdade, na medida em que os outros “Conselhos Organizacionais” também se levantaram na organização dos FSMs na Índia, Venezuela, África, Paquistão, etc.

Entretanto, tal perspectiva não exclui da análise a possibilidade de que o evento possa ter uma “direção” política ou mesmo um modelo de ação coletiva que oriente os vários personagens do FSM que, tal como se mostrou anteriormente, pertencem às correntes políticas diferentes entre si. Contudo, de modo a manter-se estratégico, para que as diferentes forças políticas que dele participam tenham voz e participem, o Fórum mantém em seus Comitês de Organização distintas posições e diferentes atores que, muitas vezes declaram seu desejo de participar da organização e em outras, são convidados a participar na perspectiva de influir nas suas decisões, de modo que as mesmas alcancem os ideais plurais e aspire a uma possível “democracia radical” já enunciados e analisados na Carta de Princípios do FSM:

Criam-se com isso tensões entre os que, num certo sentido, deles já se “apossaram” e os que se sentem “excluídos”, ou simplesmente nele querem entrar para poder participar dessa “direção” (WHITAKER, s/d, p. 09).

No mesmo tom positivo, a análise de Lins Ribeiro (2006) vê o crescimento⁸⁹ do FSM e de sua estrutura organizacional como uma necessária formalização da sua estrutura política. O autor

⁸⁹ Como será mostrado mais adiante, o FSM cresceu dez vezes em cinco anos, passando de 15.000 participantes em 2001 para 155.000, que à Porto Alegre em 2005 (Correio Brasiliense, 1 de fevereiro de 2005).

propõe que o CI seja visto, inclusive, como um “‘political and operational body,’ is made up ‘of thematic networks, movements and organizations that have accumulated knowledge and experience in the search for alternatives to neoliberal globalization” (RIBEIRO, 2006, p. 16).

Confirmando tais assertivas, segundo Teivanen e Patömaki (2004), o FSM não apenas adotou novos comitês organizadores como parceiros locais, bem como, a decisão acerca das principais temáticas do evento, que antes eram diretamente decididas pelo CI ou pelo CO, passaram a ser definidas pelos próprios participantes através de um processo de consulta aberto disponível na Internet. Com tais ações pontuais, os membros do CO e CI acreditavam aproximar o FSM de seu ideal de “democracia radical”⁹⁰, aspirado, por sua vez, como um projeto político comum aspirado por grande parte dos participantes do FSM.

Por democracia radical⁹¹ Sousa Santos (2008) entende: “democracia radical concebida como la transformación de unas relaciones de poder desiguales en unas relaciones de autoridad compartida en todos los campos de la vida social” (SANTOS, 2008, p. 57), que perpassam os campos da produção econômica, sustentabilidade ecológica, cultural e articulação política e devem ser determinados por ajuste públicos diretos no momento de tomada de decisão. Tais decisões devem, portanto, ser extremamente participativas e auto-organizadas⁹².

Assim, ao lado das plenárias e reuniões, a ferramenta mais utilizada pelo FSM é sua página na Internet (FIGURA 1)⁹³. Mesmo na Internet, o FSM tem procurado respeitar suas diretrizes, utilizando a web como uma ferramenta de inclusão - disponível em 4 línguas (português, inglês, francês e castelhano); informação – na medida em que é criado com o objetivo de informar acerca dos eventos do Fórum, balanços dos eventos passados, análises de conjuntura política na qual o FSM está situado e, participação; além disso, possui links para que os participantes do FSM opinem com relação

⁹⁰No limiar da Globalização, conforme Sousa Santos (2002) a deliberação democrática não tem sede própria nem materialidade institucional específica, suscitando desenhos institucionais alternativos, marcados, sobretudo, pelas pluralidades políticas, culturais e sociais em disputa nos espaços de prática social, instituições, dinâmica de desenvolvimento, formas de poder, formas de direito e formas epistemológicas, imbricados entre si. Na base desses diferentes espaços são encontradas as relações de poder, nas quais Boaventura localiza um processo de resistência e desejo de retorno de uma democracia começando entre os movimentos sociais e incidido em três teses para o fortalecimento da democracia: 1) reconhece a não existência de um único formato democrático, por sua vez, abrindo *mão de suas prerrogativas decisórias em favor de instâncias coletivas de decisão*; 2) passagem do contra-hegemônico do plano local para o global, como elemento essencial ao fortalecimento da democracia participativa. *A articulação global/local torna possível a aprendizagem contínua, considerada requisito fundamental do êxito das práticas democráticas animadas pela possibilidade da democracia de alta intensidade*; 3) pluralização cultural, racial e distributiva da democracia.

⁹¹Alguns autores, como Teivo Teivanen (2006) vê o socialismo como um projeto de radicalização da democracia, marcado, sobretudo, pela superação das ideologias e poder da economia capitalista. Mobilizações como as realizadas pelo movimento feminista, movimento anti-racista, de defesa da diversidade sexual, povos indígenas, etc., tem estado subordinadas à defesa de um único tema, o dos anti-globalistas.

⁹²Em última análise, tratam-se, de críticas aos sistemas e das formas com são tomadas as decisões dos governos e corporações, como o FMI.

⁹³Imagem recolhida em 21/07/2008.

às temáticas abordadas nas próximas edições.

Conforme critérios adotados por Nielsen (2002), para a avaliação de páginas na Internet, a FIGURA do site do FSM apresentada na seqüência, foi analisada segundo critérios que observam conteúdo, acessibilidade, linguagem, navegabilidade, performance, codificação e usabilidade.

FIGURA1: Apresentação da página do Fórum Social Mundial na Internet:



Fonte: Internet.

Pôde-se conhecer que se trata de um endereço eletrônico bastante acessível, registrado sob a URL de site organizacional, onde se lê: www.forumsocialmundial.org.br/. Tal site possui homônimos em inglês ou alemão, para onde o leitor é automaticamente remetido quando precisa consultar o endereço do FSM nessas línguas. Não veicula propagandas e seus parceiros não estão enunciados, com

exceção apenas da lista de organizações que participam do CO e CI, que se constatou estarem ligados ao FSM.

A análise do site mostrou que, sem apresentar muitas imagens e, portanto, com fácil navegabilidade e rapidez, exceto com relação ao acesso à sua “Biblioteca das Alternativas” que é bastante lenta, seu conteúdo diferencia-se dos demais sites de Fóruns, como o site do Fórum Social Europeu (FSE) (<http://www.fse-esf.org/>), por se ater muito mais às raízes do próprio FSM do que tentar produzir um panorama geral, como o faz esse último.

De um modo geral, o uso que o FSM faz da Internet pode ser avaliado como mais indireto, através de seus membros e participantes, do que direto, tal como será mostrado na seqüência, na medida em que a Internet é absorvida como uma ferramenta atualmente usada na preparação dos eventos e na criação indireta da rede do FSM.

3.2) METODOLOGIAS DE TRABALHO DOS FÓRUNS⁹⁴

De modo a estabelecer suas atividades, os organizadores do FSM construíram mecanismos organizacionais, como redes sociais, que os capacitaram a realizar suas tarefas, como a seleção das temáticas abordadas nos Fóruns. Sua metodologia de trabalho consiste, portanto, de dois eixos metodológicos: o próprio FSM apreciado como um “método” de organização e o método de trabalho utilizado por seus organizadores na preparação dos eventos.

3.2.1) O NOVO MÉTODO DE TRABALHO DO FORUM

Ao longo das sete edições aqui analisadas, os FSMs foram modificando seus métodos de trabalho e escolha de temáticas a serem abordadas durante os eventos, sempre pautados pela sua Carta de Princípios. Tais mudanças podem ser analisadas como indicativas de maior ou menor aproximação do Fórum Social Mundial com questões locais, onde fica evidente que a inter-relação local/global é fortemente marcada.

Para melhor análise e comparação entre as metodologias de trabalho utilizadas na preparação de cada uma das edições do FSM, tais informações foram sistematizadas no ANEXO III.

Entre as edições de 2001 e 2004 o FSM adotou um conteúdo programático tal como foram definidas por seus organizadores:

- Conferências: tinham por objetivo demonstrar propostas, plataformas e alternativas que estavam sendo discutidas por redes, movimentos e organizações da sociedade civil em suas lutas contra a

⁹⁴De modo a discorrer acerca dos impactos das metodologias adotadas para cada uma das edições do FSM foram utilizados relatos, onde se têm parcialmente impressões sobre os acontecimentos da época.

Globalização neoliberal. Cada conferência foi descrita como um espaço de debates, de construção de consensos e de diversidade de propostas, com a finalidade de análise e de reflexão em torno dos eixos temáticos propostos.

- Conferências Especiais: espaços para a divulgação e debate de propostas elaboradas em grandes eventos que precederam o FSM, tal como os eventos de Havana sobre Segurança Alimentar ou o Fórum Mundial de Educação de Porto Alegre, por exemplo.
- Seminários: sua finalidade foi permitir a identificação, a elaboração e o aprofundamento em torno de temáticas específicas, bem como o debate público e a socialização de reflexões estratégicas. Foram vistos como uma grande oportunidade de se criar uma nova temática, construí-la, aprofundá-la, debetê-la e torná-la conhecida.
- Oficinas: seu objetivo era abrir espaços para o encontro, a troca de experiências, a articulação, o planejamento e a definição de estratégias de grupos, coalizões e redes. Foi considerada uma boa oportunidade para se pensar propostas para ações presentes e futuras. Nas oficinas, os participantes puderam formular propostas, assim como nas conferências, organizadas também em torno dos mesmos temas das conferências.
- Testemunhos: contando com a presença de personalidades de reconhecida trajetória em prol da liberdade e dignidade humana. Esse espaço foi organizado para o compartilhamento de experiências, análises e visões. Os depoimentos foram então utilizados como uma forma de valorizar o patrimônio político-cultural do campo das entidades, organizações e movimentos que constroem o FSM.
- Atos políticos: geralmente focados em determinadas campanhas, como o Tribunal de Dívida Externa e a proposta de uma assembléia sobre a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), sua função era testar e demonstrar o poderio de articulação política do Fórum.
- Coletivas de imprensa: foram previstas de modo a dar uma versão integrada do desenvolvimento dos trabalhos, particularmente das conferências e dos conjuntos de propostas discutidas durante o FSM.
- Programação cultural: foi pensada como um espaço aberto para eventos culturais que viessem a fortalecer a mensagem e a identidade pública do FSM como evento político-cultural.

Apesar de formal e classificatória, tal estrutura metodológica provou ser bastante útil como ponto de partida na primeira edição do FSM. Para alguns, contudo, ficou a sensação de fragmentação e dispersão⁹⁵, mesmo nas principais conferências, sensação que se repetiu também nas edições posteriores na medida em que muitos eventos só eram assistidos pelo público de organizações

⁹⁵Vide trabalhos de Callinicos (2005), Maringoni (2005), dentre outros.

parceiras. Assim, o impacto e a riqueza de um grande número de oficinas foram diluídos pela dificuldade de inter-relação entre elas no processo preparatório e, subseqüentemente, de sistematização das propostas.

Como visto anteriormente, cada uma dessas programações eram definidas pelo CO e pelo CI, até que a partir da terceira edição em diante começou um processo gradual de desconcentração das atividades do CI, devido a expansão do FSM para outros países, culminando nos eventos de 2008. Então, nas duas primeiras edições do FSM, realizadas no Brasil, foi seguida a metodologia sugerida e descrita acima. Para então, em 2003, as oficinas começarem a funcionar sob a responsabilidade dos próprios delegados participantes do evento, que, foram consideradas as “fábricas de idéias do Fórum”, uma espécie de laboratório civil mundial, e tiveram a finalidade de permitir o encontro, a troca de experiências, a articulação, o planejamento e a definição de estratégias de grupos, coalizões, redes, movimentos e organizações.

Também foram adotadas na edição de 2003 as Mesas de diálogo e controvérsia em lugar das conferências como espaços específicos no interior do FSM criados com a finalidade de confrontar visões e propostas de delegados com convidados de partidos políticos, governos e organizações da ONU, os quais pela primeira vez puderam estar presentes e ter a palavra em Fóruns Sociais. Assim, a importância das mesas, se deve ao fato de que as mesmas são úteis na própria explicitação de propostas e estratégias da sociedade civil mundial, mostrando-se úteis como espaços que revelam possíveis parcerias a serem realizadas pós Fórum.

Em um balanço geral, as atividades realizadas na edição de 2003 abrangeram um total de 10 conferências, 22 testemunhos, 4 mesas de diálogo e controvérsia e 36 painéis; somente esse núcleo de atividades reuniu um total de 392 conferencistas de diversos países, número três vezes superior ao de 2001, que, na ocasião trouxe um total de 104.

Já no eixo de atividades auto-geridas, houve um salto de cerca de 400 atividades do FSM 2001 para cerca de 1.300 em 2003, representando um crescimento de 300%, não só no volume de atividades, mas na qualidade das mesmas, que, segundo SenGupta (2004), infelizmente foram mal aproveitadas na medida em que os seminários e painéis, considerados o “coração” do FSM, “onde as vozes se fazem ouvidas”, se tornaram meros adjuntos das “atrações principais”, considerados menos atraentes e pouco freqüentados, com exceção daqueles ativistas que estavam de alguma maneira conectados aos organizadores desses pequenos eventos. “Así que, algunas personas han argumentado que, aunque se llame el FSM un “espacio abierto”, gran parte de espacio se ocupa con eventos que los organizadores ya han determinado” (SENGUPTA, 2004, p. 02). SenGupta acredita que, apesar da dimensão do FSM, o princípio do “espaço aberto” não conseguiu ser completamente respeitado.

En ese sentido, a lo mejor el programa del FSA ha adherido mucho más de cerca al principio de “espacio abierto” del FSM, en disminuyendo el número de eventos directamente organizados por los organizadores (SENGUPTA, 2004, p. 03).

No ano seguinte, quando o FSM 2004 realizou-se em Mumbai, Índia e esteve sob a responsabilidade do Conselho Geral Indiano (IGC), Comitê Indiano de Trabalho (IWC), Comitê Organizador Indiano (IOC) e Comitê de Organização de Mumbai (MOC) os quais constituíram o “Conselho Organizador” responsável pelo evento. Nesse evento pôde-se observar a transitividade e o papel preponderante que os comitês locais desenvolveram na preparação dos Fóruns.

Tendo como experiência o FSM de 2003, no qual algumas atividades foram “engolidas” pelos eventos maiores, no ano de 2004 as atividades organizadas oficialmente foram programadas de modo a não coincidirem com os horários das oficinas/seminários auto-organizados. Assim, as manhãs ficaram reservadas para esses grandes eventos e as tardes para as atividades auto-organizadas. Tal programação procurou possibilitar um espaço maior para as citadas atividades dos grupos, marcando um processo de autonomização que vinha caminhando desde a edição anterior.

A quinta edição do Fórum (2005) foi marcada pela adoção de uma nova metodologia, que buscou ampliar a convergência, multiplicar os diálogos durante o evento e evitar a repetição desarticulada de atividades sobre um mesmo tema. O programa do encontro foi constituído a partir das atividades auto-gestionadas propostas pelas organizações participantes. Através de uma Consulta Temática realizada via Internet⁹⁶ entre maio e julho de 2005 e que, segundo dados recolhidos junto ao site do FSM, foi um excelente sinalizador de que essa proposta metodológica seria viável⁹⁷, e com isso foi possível organizar uma grande agenda temática para o evento.

As respostas dessa Consulta foram examinadas por integrantes das comissões de Metodologia e Temática do CI. Em seguida, foram agrupadas por assuntos, definindo Espaços e Subespaços procurando manter a sintonia com a nova organização espacial do FSM em Porto Alegre, que não mais procurava utilizar as dependências da PUC-RS, mas trabalhar nos galpões junto ao rio Guaíba. Com tais medidas, o princípio da auto-aglutinação foi tomado como um instrumento utilizável para facilitar o surgimento de grupos coesos e com comunicação entre si.

A responsabilidade de auto-organização por parte dos participantes se mostrou possível quando, ao propor uma atividade, cada organização deveria situá-la em um Espaço. Nesse momento, os participantes puderam entrar em diálogo com todos os demais inscritos que tratavam de temas

⁹⁶O site disponível na ocasião para a realização da consulta temática era www.consultafsm.org.br/, atualmente, este site encontra-se desativado, mas pode ser recuperado através do site www.archive.org.

⁹⁷Embora não se tratasse do processo definitivo de inscrições, e apesar de o sistema de pesquisa via Internet não ter funcionado de modo eficaz, mais de 1.800 organizações atenderam ao apelo do Conselho Internacional, e participaram da iniciativa.

semelhantes. Assim, foi possível construir uma lógica e arquitetura específica para os 11 Espaços que se realizaram.

Os critérios que orientaram a construção desses espaços, segundo dados disponíveis no site do FSM foram: 1) identificar temas que, por sua proximidade, tornassem possível a construção de propostas e ações comuns; 2) através de grupos facilitadores, formados por mais de três entidades interessadas, promover encontros entre os múltiplos sujeitos sociais que participam do FSM⁹⁸; 3) as aglutinações concretizadas serem noticiadas na página do FSM na Internet e em seus boletins; e, por fim, 4) na reunião entre o CO e a Comissão de Temática e Metodologia do CI, finalmente, foram definidas as diretrizes para a construção final do programa.

Dessa forma, as definições adotadas procuraram responder a dois requisitos essenciais: se, de um lado, era preciso ampliar ao máximo a possibilidade de aglutinar atividades, de modo a multiplicar os diálogos no FSM, evitar a repetição desarticulada de iniciativas sobre um mesmo tema, ampliar a profundidade e pluralidade dos debates, favorecer a construção de ações e campanhas comuns; de outro, era necessário manter intacto o princípio de autonomia e de rejeição ao dirigismo: implicando que todas as aglutinações deveriam ser feitas de modo voluntário, e qualquer organização inscrita poderia manter sua atividade, caso não se sentisse atraída pelas propostas de articulação que lhes fossem feitas. O formato apresentado procurou, por fim, responder aos desafios de realizar a auto-aglutinação a partir da Consulta, determinando, com isso, um FSM de múltiplos espaços e garantindo, dessa maneira, o cumprimento do diálogo e da comunicação entre os sujeitos participantes.

Até esta edição, segundo Aguiton (2005)⁹⁹, o CO e CI foram responsáveis pela escolha dos palestrantes, pelos encontros nas plenárias e, por selecionar os temas mais significativos do Fórum, num movimento aparentemente “de cima para baixo”. Uma radical abertura e a escolha de uma nova metodologia utilizada para preparar o quinto Fórum, marcaram a forma como o programa foi construído, com a participação dos movimentos propondo seminários, assembléias, reflexões, debates, sessões estratégicas, workshops e coordenando campanhas, o que gerou um total de 2600 atividades selecionadas “de baixo para cima”.

Nesse sentido, e como mostrado acima, os papéis do CI, do Secretariado e do CO se resumiram na configuração de condições efetivas para que os participantes do FSM pudessem promover de modo autônomo as aglutinações pertinentes. Como tal coerência não aconteceu nos Fóruns anteriores a 2005, o CI, preocupado com suas práticas criticadas por serem consideradas

⁹⁸Se, por um lado, esta lógica rejeita a “guetização”, por outro, ela estimula os diversos sujeitos sociais a participar de múltiplos Espaços.

⁹⁹Christophe Aguiton é membro da direção internacional da ONG ATTAC.

impositivas, passou a fornecer as ferramentas adequadas para que os próprios interessados se auto-organisassem através da Internet.

Smith (2004), Langman (2005) e Aguiton (2005) vêm a adoção dessas práticas alternativas de comunicação como uma forma primitiva de ciberativismo. Assim, fazendo um paralelo com algumas organizações de AGM

The democratic nature of Internet access has allowed progressive virtual communities to distribute unfettered information and to create alternative “virtual public spheres,” as well as to create alternative globalization organizations and massive gatherings such as World Social Forum (WSF) (LANGMAN, 2005, p. 60)¹⁰⁰.

Tais práticas podem ser avaliadas como contribuintes para a participação democrática e para a formulação de novas estratégias de resistência e visões de emancipação e transformação organizacional/metodológica do próprio FSM.

Para Jai Sen (2007) tais mudanças metodológicas deram às demais organizações do FSM o mesmo estatuto e privilégios que, aparentemente apenas os delegados do CI ou do CO detinham. Segundo o autor, até então, estas organizações menores e não participantes do CI ou CO foram tratados como uma espécie de “cidadãos de segunda classe, com menores privilégios e cartões de cor diferente”, mesmo durante o FSM - e não obstante o fato de que 60% dos participantes nas reuniões mundiais eram justamente essas pessoas: “This had been a fundamental, and bizarre, inequity within the Forum” (SEN, 2007, p.517). A decisão de aceitar os indivíduos como iguais em 2005, portanto, é de grande importância, uma vez que significa uma aceitação formal de que cada participação e contribuição são tão válidas como as organizadas pelos Conselhos e contribui para uma cultura associativista.

Além disso, as inovações não se limitaram ao desenvolvimento do programa. Um esforço particular foi feito para promover práticas alternativas. As praças de alimentação foram promovidas por pequenos produtores e comerciantes locais e as questões ambientais foram integradas no desenho físico de cada lugar. O processamento de dados foi completamente montado sobre o software livre, contando com um sistema de digitalização que tornou possível um fluxo ininterrupto nos fóruns de debate na Internet, e a tradução lingüística ficou sob a responsabilidade da rede BABELS, garantido por milhares de intérpretes voluntários.

Outra novidade metodológica dessa edição de 2005 foi o convite endereçado a todas as organizações que desejassem constituir, num prazo a ser definido, Fóruns Sociais Locais em todas as cidades onde fosse possível. O objetivo destes eventos, segundo o CI, seria o de “apresentar a

¹⁰⁰Waterman et al. 2004; Langman, Morris, and Zalewski 2003a; Castells 2001 também são boas referências para este assunto.

diversidade de idéias e proposta de ação debatidas no FSM aos que se identificam com a idéia de um mundo novo” e que, embora não tenham comparecido ao FSM, desejaram ajudar a construí-lo. Os Fóruns Sociais Locais serviriam assim, como primeira convocação internacional para o VI Fórum Social Mundial e para Fóruns Sociais Regionais, Nacionais, Locais e Temáticos.

Instituiu-se, portanto, um novo padrão metodológico para organização do FSM, baseado na utilização de recursos virtuais e na criação de um “ágora” virtual pré Fórum a ser reutilizado em cada uma das edições posteriores através dos acessos aos arquivos do FSM disponíveis em seu site.

Se 2005 foi o ano da mudança metodológica, 2006 pode ser avaliado como o ano da mudança estrutural do FSM, culminando nos Fóruns Policêntricos. Esta edição ficou marcada pela descentralização espacial do evento, sendo realizado em três continentes diferentes: América (Caracas), Ásia (Karachi) e África (Bamako). Seguindo a metodologia adotada no ano anterior, os Fóruns de 2006 concentraram seus esforços através de um site único¹⁰¹. Para tanto, o programa dos Fóruns procurou, através dessas consultas, garantir uma combinação de dimensões mundiais e locais em suas escolhas, atendendo às agendas internacionais e às questões pontuais de cada localidade, tal como pode ser notado no Anexo VII.

A metodologia de trabalho para a organização do Fórum de 2007 e a seleção de suas temáticas abordadas durante o evento obedeceu à prática já institucionalizada de consulta via Internet, através do site¹⁰² criado somente para esta função, consolidando um processo de auto-gestão que culminaria em mudanças ainda maiores no ano posterior.

Segundo o CI, uma das características mais marcantes da metodologia adotada no FSM 2007 foi a definição de um 4º dia de atividades voltado para a apresentação e socialização das propostas de ações que resultaram das reflexões durante as atividades auto-gestionadas realizadas nos dias anteriores.

Por fim, o maior avanço metodológico rumo à descentralização do FSM foi realizado na edição de 2008, com atos políticos e culturais realizadas simultaneamente em 81 países durante o Dia de Ação Global. No site do FSM, meses antes da realização desses eventos, organizações, movimentos, sindicatos, etc., poderiam sugerir e convidar para atos programados para esse dia. Com tal prática é possível perceber a formação de um movimento de tomada de decisão exponencialmente “de baixo para cima” sinalizando também para uma tendência de abertura estrutural no caráter de rede do Fórum.

¹⁰¹ www.wsf2006.org. Atualmente este site encontra-se desativado, mas ainda com possibilidade de acesso retroativo via o site www.archive.org.

¹⁰² <http://consultation.wsf2007.org/>

Assim, são percebidas mudanças radicais no método de trabalho do FSM ao logo dos anos, passando de um formato altamente centralizado (2001 e 2002) até chegar a um modelo de eventos descentralizados e auto-organizados no ano de 2007.

3.2.1.1) O PAPEL DA INTERNET

Discutir acerca do papel da Internet para o FSM é uma tarefa que se ramifica e pode seguir por dois caminhos: o primeiro deles diz respeito à metodologia de Consulta Temática adotada pelo FSM desde 2005, e sobre a qual se falou na seção anterior. A segunda abordagem, por ser mais complexa, requer maior cuidado e diz respeito a uma somatória entre metodologia de trabalho e identidade virtual em construção para os sujeitos que utilizam a Internet como forma de comunicação e difusão ativista.

O tema do ciberativismo surge indiretamente ligado ao FSM, por se mostrar bastante presente na realidade dos atores que compõem o Fórum, por isso não pode deixar de ser abordado. Sugere-se para tanto, alocá-lo entre as metodologias do FSM por seu caráter ainda em formação e inconstância, que nem Tarrow (2005) nem Langman (2005) conseguiram ainda dar uma conceitualização mais bem acabada.

Imersos nessa trajetória ciberativista, os ISMs (Movimentos Sociais via Internet) são movimentos diferentes dos movimentos sociais tradicionais por se estabelecerem por meio de redes sociais através da Internet (LANGMAN, s.d). Nesse contexto é possível observar que muitas organizações ativistas têm utilizado a Internet (e-mails, chats, blogs, páginas da Web, etc) para coordenar suas ações durante os chamados eventos de resistência como Seattle, Genova, Praga e até mesmo o FSM. Assim, verifica-se que a Internet tem sido uma ferramenta de trabalho e comunicação amplamente usada para divulgar informações, produzir documentos e facilitar a ação conjunta entre os diversos sujeitos envolvidos nas manifestações criando uma espécie de rede de ação.

Assim, fazendo uso da Internet os movimentos antiglobalização vêm ampliando seu campo de contato e ação, procurando novos tipos de comunicação, informação, organização e mobilização entre ONGs e Movimentos Sociais contra o vigente modelo de Globalização¹⁰³.

Compartilhando de tais idéias, porém cético da aplicabilidade real das mesmas, Tarrow (2005) aponta que os atores mais radicais, como alguns presentes no FSM, podem utilizar as novas tecnologias para reivindicar uma reestruturação do capitalismo e para promover ações democráticas que, segundo ele, podem auxiliar na formação de “a social network remarkably similar to the reticular

¹⁰³O trabalho de Kellner (2004 apud LANGMAN, 2005) pode ser um bom exemplo de análise do uso da Internet para essas contestações e mobilizações dos sujeitos da sociedade civil que assumem um posicionamento contrário à Globalização.

structure of social movements” (TARROW, 2005, p. 137)¹⁰⁴.

Contudo, ao passo que a Internet apresenta-se para esses movimentos como uma nova ferramenta de trabalho ativista, por outro lado, ela segue atrelada a mecanismos tradicionais de informação que segundo Bennett (2003, apud TARROW, 2005) ainda se baseiam nos laços sociais, pertencimento ao grupo, capital social, etc., para tornarem a informação difundida confiável, fato que pode ser amplamente verificável entre os movimentos transnacionais.

Todavia, acrescenta Tilly (2004 apud TARROW, 2005), existe um vácuo entre o uso que os movimentos e organizações do hemisfério Norte fazem da Internet, mostrando-se bastante tenaz em seus trabalhos, e os usos que as organizações do hemisfério Sul vem tentando fazer, ainda usando tal ferramenta como veículo informacional apenas. Mediante tal problemática, a Internet, ao contrário do que se esperava, estaria gerando uma assincronia entre essas duas frentes, ao invés de permutá-las.

No caso do FSM, o exercício de sincronização das atividades do Fórum com os demais eventos e entre seus participantes ainda encontra-se em fase de avaliação e aprimoramento. Assim, ao passo em que a convergência temática é estimulada, o pluralismo parece estar sendo freado, causando graves abalos na dinâmica do que se esperava ser um grande passo rumo à “democracia radical”. Acredita-se que tais impasses estejam sendo causados por algumas temáticas que ganham “privilégios” e espaço em detrimento de outras, que aparentemente são “engolidas” pelas temáticas em maior evidência no momento.

Finalmente, o hiato que se apresenta entre os participantes do FSM e o papel que a Internet desempenha pode ser avaliado pelo peso do capital social que muitas vezes não é suficientemente captado on-line como o seria durante eventos. Assim, ao passo que a Internet se mostra uma ferramenta de trabalho poderosa para conectar participantes e eventos, tal como se deu e Seattle, mas ainda não é suficientemente forte para substituir os contatos face-a-face. Mediante tais observações é possível concluir que esses “encounters are the life-blood of any movement – an element that the telecommunications metaphors can never attain” (MERTES, 2004, p. 247). Nesse sentido, a Internet ainda não conseguiu fornecer os ingredientes necessários e essenciais às relações políticas que a sociedade civil visa desempenhar, mas não se deve negar que seu papel tem crescido no cenário do Fórum.

3.2.2) O FÓRUM ENQUANTO REDE

Segundo Aguiton (2005) e Whitaker (2005) o método de trabalho do FSM consiste na

¹⁰⁴O autor também indica W.L.Bennet, 2003; Myers, 2002; Wellman e Giulia, 1999 como fontes interessantes sobre esse assunto.

adoção de um processo baseado em redes sociais¹⁰⁵, no qual, o próprio Fórum pode ser caracterizado enquanto tal. As Organizações e Movimentos que fazem parte desse processo possuem grandes e diferentes estruturas “internamente abertas e idealmente horizontais” de modo a facilitar sua auto-coordenação, criar e desenvolver novas redes e coalizões.

Conforme Klein (2002), a escolha por se comporem redes sociais revela também uma opção metodológica cujo foco concentra-se sobre a formação “de rede(s) internacional(is), cada vez mais coesa(s), de iniciativas locais, cada uma delas construída através da democracia direta” (KLEIN, 2002, p. 03).

Em seu estudo, *A Sociedade em Rede*, Castells (2006a) correlacionou as experiências humanas no final do século XX, às tendências históricas, funções e processos presentes na chamada “Era da Informação”, concluindo que tais experiências são um reflexo das inúmeras mudanças nas relações de trabalho, sociabilidade, mercado, etc., muitas vezes imputados pela eleição de processos tecnológicos, sinalizando para uma ruptura com os padrões anteriores (Lastres, 1999). Nesse sentido, a adoção de mecanismos tecnológicos para efetivar o estabelecimento de tais inter-relacionamentos, conforme Castells (2006) sinaliza para mudanças de paradigmas¹⁰⁶ no plano das relações sociais.

Como mostrado na unidade anterior, ainda no bojo dessa mudança histórica e partilhando de ferramentas tecnológicas as ONGs e Movimentos Sociais utilizam, sobretudo, a Internet para disseminar e incorporar novas lógicas de transporte e domínio público de informações.

A partir dessa categorização pode-se começar a pensar nas novas dinâmicas de ação e organização que o FSM vem adotando para se estabelecer e participar ativamente no cenário político global, sobretudo, a partir dos “networkings”¹⁰⁷.

Assim, tal mecanismo de formação de redes¹⁰⁸ pode também ser encontrado entre as

¹⁰⁵Segundo Marteletto (2001), Tomaél *et alii* (2005), Frey (2003) e Lastres (1999) as redes sociais são estruturas idealizadas não lineares, descentralizadas, flexíveis, dinâmicas, sem limites definidos, auto-organizáveis e que por estabelecerem relações horizontais entre seus atores participantes, teoricamente não admitem o estabelecimento de hierarquias.

¹⁰⁶Esse paradigma, para o autor, é similar ao que Harvey Brooks e Daniel Bell, entendem por tecnologia, como *o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem às coisas de uma maneira reproduzível* (apud CASTELLS, 2006, p.68). Para Castells, esse campo tecnológico deve ser estendido também às tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão e opto eletrônica.

¹⁰⁷O conceito de Networking pode ser traduzido e operacionalizado como uma forma de construir redes sociais de modo a alcançar determinados objetivos específicos, como fazer amigos, realizar um trabalho, organizar uma equipe, planejar grupos de estudo, etc.

¹⁰⁸Levando em consideração os inúmeros e possíveis níveis que uma rede pode ter: inicialmente, duas pessoas que se comunicam, o que forma uma rede binária, onde cada pessoa representa um nó nessa pequena rede; ou então, uma família, ou uma sala de aula, onde todos formam uma rede de comunicação direta; ou ainda, várias salas de aula de uma escola, onde, em cada sala, entre si, os alunos formam uma pequena rede, mas em relação às demais salas de aula da escola, formam uma grande rede, onde cada sala, individualmente, representa um nó nessa extensa rede formada pela escola. A partir daí, pode-se imaginar campos de comunicação mais extensos, como comunidades, municípios, países, etc. O que não se pode esquecer é que em cada um desses níveis de redes, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Onde, sua

organizações que participam do FSM, utilizando-o como espaço para o compartilhamento de informação e conhecimento, caracterizando-o por sua vez como uma rede de cooperação¹⁰⁹ que se dá tanto presencial quanto virtualmente.

3.3) FÓRUNS REGIONAIS E TEMÁTICOS

Por meio de “braços” espacial e tematicamente localizados e estabelecidos a partir da realização de Fóruns Regionais e Temáticos, segundo Gómez (2005), o FSM pode ser entendido como um processo permanente e global.

A idéia do Fórum Social Mundial se espalhou ainda em 2002, quando aconteceu o primeiro Fórum Social Europeu em Florença (Itália), seguido pelo Fórum de Paris e Londres, em 2003 e 2004 respectivamente; como por consequência, aconteceram os Fóruns Sociais do Mediterrâneo, da África, Austrália, etc.

Conforme declaração do Comitê Organizador do FSM, o que diferencia um Fórum Social local, regional ou nacional do fórum global é a dimensão e a origem dos participantes. Assim, um fórum social regional¹¹⁰ tem, portanto, a mesma perspectiva e os mesmos objetivos do Fórum Social Mundial, na medida em que sua referência básica é a Carta de Princípios do Fórum.

Os Fóruns Regionais e Temáticos acontecem ao longo do ano, e invariavelmente após as edições dos FSMs. Muitas vezes estão atrelados às agendas de protestos, como será mostrado mais adiante, variando de acordo com diferentes situações no mundo e, sobretudo, como um reflexo do desenvolvimento das forças sociais auto-organizadas para tais eventos.

Assim, criados de acordo com as diferentes dinâmicas internas de cada país e região, ajudam a construir uma maior compreensão mútua entre os participantes, cooperação, e a produzir frentes de ação a nível local, nacional e regional, bem como sobre causas comuns conforme as necessidades pontuais de cada localidade. Desta maneira os Fóruns Regionais podem ser lidos como uma tentativa de aproximação entre o Fórum Social Mundial e a realidade dos movimentos e entidades sociais nas diversas regiões do mundo e vice-versa. Já os Fóruns Temáticos, recebem uma função um pouco mais complexa e que mais se aproxima das análises que se seguem na medida em que têm como objetivo atender à demanda de aprofundamento dos debates de questões específicas, consideradas prioritárias na conjuntura mundial pelo Conselho Internacional do FSM. Como exemplos podem ser

relação com os demais indivíduos permite que eles, juntos, construam um todo coeso que representará a rede.

¹⁰⁹Conforme Powell e Smith-Doerr (2005) existem dois tipos diferentes de redes de grande atuação: as redes de cooperação e as redes estratégicas. Segundo estes autores, enquanto que a primeira requer um processo iterativo com certo nível de cooperação entre os parceiros, o segundo tipo, por considerar as redes como instrumentos estratégicos, estimula a concorrência interna e os laços estabelecidos por meio desta.

¹¹⁰E incluem-se os fóruns nacionais e locais.

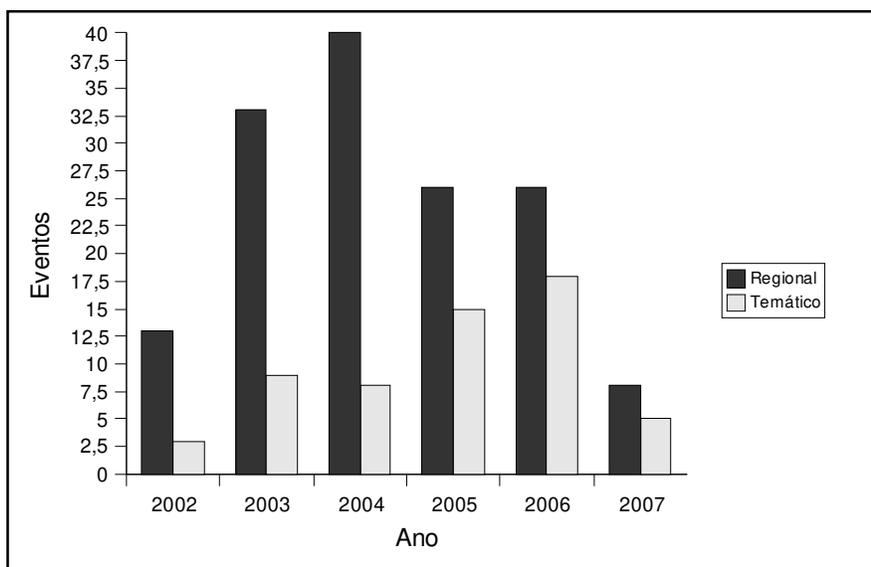
citados os Fóruns Sociais das Migrações (Madrid, 2005), da Água, (Genebra, 2005), de Software Livre (Porto Alegre, 2005), dentre outros.

Tais eventos tiveram uma função muito importante, para além da simples convocatória das pessoas a participarem do FSM. Esses eventos menores carregaram consigo as agendas dos fóruns temáticos para que sejam debatidas por um número muito maior de pessoas nos grandes eventos anuais do FSM, tal como será observado mais adiante.

Através desses “eventos menores” é possível perceber também que a estratégia de mundialização adotada pelo Conselho Internacional em 2002, reforçada em 2003, com o objetivo fundamental de estender-se geográfica, social e culturalmente através da multiplicação de fóruns regionais e temáticos, vem resultando em grandes avanços rumo a um aumento na participação da sociedade civil. Tais avanços são, por sua vez, suscitados pela própria dinâmica interna dessas organizações que, muitas vezes participam tanto nas esferas local, temática e mundial do FSM, atuando como “pontes” e canais entre um eixo e outro.

De modo à melhor ilustrar os avanços dessas iniciativas e “eventos menores”, o GRÁFICO 2 representa a evolução no volume de eventos regionais e temáticos realizados entre os anos e 2002 e 2007¹¹¹. Aonde é possível notar no ano de 2004, no qual o FSM “internacionaliza-se” um grande avanço nas participações regionais.

GRÁFICO 2: Evolução dos Fóruns regionais e temáticos segundo ano:



Fonte: ANEXO III.

¹¹¹No ANEXO III encontra-se uma lista de todos esses eventos e os locais e datas no quais foram realizados.

Observando o crescimento desses eventos entre os anos de 2003 e 2004 e sua correspondência com o FSM nesses episódios é possível perceber um inter-relacionamento que vai muito além da simples complementaridade entre esferas da sociedade civil ou da ação social, por ganhar espaço e razão de existência pelos resultados e identidades fortalecidos através desses eventos. Assim, muitos dos Fóruns Regionais e Temáticos não apenas atuam como “pontes” entre os Fóruns Sociais Mundiais e as micro-esferas da sociedade civil, bem como produzem ações sociais que visam resultados concretos, como por exemplo, os acordos e cartas de diretriz resultantes dos Fóruns Mundiais de Educação, que vem conduzindo ações e projetos anuais entre os participantes.

Nesse sentido, é possível analisar tais fóruns como contribuintes para o fortalecimento de uma cultura democrática (radical) na qual o adversário maior são padrões social e político estabelecidos, e em teoria, adversos às práticas herdadas, como as relações hierárquicas e oligopólicas.

Como será mostrado mais adiante, tais Fóruns têm o papel de institucionalizar, traduzir e estabelecer os debates dos protestos para a lógica do contexto local e, além disso, também podem ser entendidos como parte de um esforço maior para tentar fortalecer relações entre organizações no nível local.

CAPÍTULO IV.

O QUE UMA ANÁLISE MAIS APROFUNDADA DO FSM PODE REVELAR

4.1) ANÁLISE CRONOLÓGICA E TEMÁTICA DO FÓRUM

A fim de melhor abordar a questão da fragmentação no interior do FSM deve-se observar atentamente sua projeção histórica, realizada a partir de uma análise cronológica e temática dos eventos e de suas agendas. Assim, na presente seção procurar-se-á realizar um balanço acerca do volume de participantes e das temáticas abordadas em cada uma dessas edições, colocando-as lado a lado com questões da atual conjuntura na qual o FSM irrompe. Tarefa que se revelou bastante complexa, onde, cada área temática foi arquitetada como um catalisador dos interesses, propostas e estratégias adotadas e que serão analisadas posteriormente utilizando ferramentas da sociometria.

Conforme descrito no site do FSM, as áreas temáticas são definidas como estruturas de referência para as atividades planejadas ao mesmo tempo em que encorajam os participantes a sentirem-se à vontade para propor suas atividades. De modo a possibilitar maior visibilidade e coesão orgânica às atividades propostas livremente, elas são classificadas à posteriori, por um grupo formado a partir do CI e Conselho Organizador local criado justamente para analisar o conjunto de propostas como um todo, determinar critérios e estruturar uma apresentação ordenada para o programa impresso do Fórum. Ficando a cargo de cada grupo descrever e fornecer informações úteis acerca de suas propostas para ajudar os participantes a escolher quais atividades acompanharão durante o evento.

No ANEXO VII é fornecida uma tabela com o número absoluto de participantes, as temáticas contempladas em cada uma das sete edições do FSM, bem como seus eixos transversais e suas principais ênfases. Nessa tabela ainda é possível observar a influência de questões atuais e locais na construção da agenda temática dos Fóruns, bem como informações adicionais acerca de taxas de crescimento e internacionalização do evento, apontando para uma correspondência dos eventos que se sucederam no agendamento da edição seguinte do FSM .

Assinalada por uma conjuntura já exposta na Seção 1.4 (que trata do princípio do Movimento Antiglobalização), a primeira edição do FSM é marcada como uma seqüência dos movimentos e protestos pós Seattle e também como o primeiro de uma série de eventos de grande

monta que marcariam o cenário internacional dos AGMs.

Segundo Jai Sen (2007) nos anos de 2001 e 2002, a ênfase dos encontros do FSM procurou encabeçar uma oposição á Globalização neoliberal. Este foi, portanto, o fermento responsável por assegurar o que então veio a ser conhecido como o slogan evocativo do Fórum: *Um outro mundo é possível!*, anunciando em seu bojo uma mudança maior com vista ao desenvolvimento de propostas políticas e econômicas, e alternativas específicas ao sistema atual.

No entanto, somente é possível compreender o papel da agenda do FSM e o grande crescimento que este apresentou em poucas edições se forem observados os eventos políticos e sociais desse período.

Assim, é possível perceber um reflexo de acontecimentos do ano de 2001 no FSM na medida em que este ano foi marcado por uma série de eventos grandiosos e inquietantes do ponto de vista das Relações Internacionais: no eixo Norte, o atentado de 11 setembro marcou a rotina americana com uma mudança dramática nas relações com os imigrantes e estrangeiros. Após os ataques terroristas, o governo dos Estados Unidos e seus aliados lançaram uma operação militar maciça, chamada de "guerra contra o terrorismo". Na Itália, as reuniões do G8 foram bloqueadas pela enorme mobilização e resistência dos manifestantes de Gênova.

No hemisfério Sul, manifestações na Argentina alertaram para a crise financeira e econômica provocada pelo ajuste estrutural do FMI e para o endividamento do país, que o precipitou a uma crise social e política. Crise que gerou protestos espontâneos das classes médias e operárias, fracasso dos governos, e novas alianças entre os diferentes grupos sociais. Por fim, a “rodada de Doha” confirmou a ilegitimidade da OMC, com a adoção da "agenda do desenvolvimento", entendida pela sociedade civil organizada como uma conversão das várias áreas da vida cotidiana em mercadoria. Como resultado, intensificou-se a agenda de protestos, as enormes manifestações e plebiscitos contra a ALCA na América Latina.

A soma dos acontecimentos nos hemisférios Norte e Sul impactou diretamente sob o leque temático dos dois primeiros anos do FSM, o qual ficou composto da seguinte forma: pela produção de riqueza e reprodução social; acesso às riquezas e a sustentabilidade; afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos; poder político e ética na nova “sociedade civil global”.

O Fórum de 2003 foi marcado pelos eventos do ano anterior, iniciados por uma reunião da cúpula do Banco Interamericano de Desenvolvimento que aconteceu em Fortaleza (Brasil) e foi balizada por intensos embates entre a polícia e manifestantes anti globalistas. Juntamente com essas resistências, a luta contra a FTA/OMC e ALCA, em Quito (Equador); contra a NATO na Alemanha; durante o encontro do Banco Mundial e FMI em Washington, e durante a reunião de Cúpula sobre o

Desenvolvimento Sustentável na África do Sul, marcaram o ano com embates e protestos que refletiram na agenda do FSM de 2003, sinalizando para um discurso de resistência econômica global.

Assim, esse conturbado ano político resultou nas seguintes agendas: desenvolvimento democrático e sustentável; princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade; mídia, cultura e alternativas à mercantilização e homogeneização; poder político, sociedade civil e democracia; ordem mundial democrática luta contra a militarização e promoção da paz. Enfim, temas que refletiram o intensa luta político/econômica que marcou este período.

A edição de 2004 foi a primeira realizada na Índia, e seguiu marcada pelos eventos que aconteceram em meados de setembro (2003): os E.U.A., e a União Européia, perderam a "batalha de Cancún", com a quinta reunião ministerial da OMC sendo barrada pelo movimento antiglobalização. Além disso, neste mesmo ano, foi criado o G-20, liderado pelo Brasil, Índia, África do Sul e China, que trazia à tona a questão dos países do "Terceiro Mundo" e suas dívidas externas. Ainda em 2003 torna-se explícita a questão dos imigrantes¹¹² legais e ilegais na Europa. Com isso, tal questão entrava em definitivo na agenda do FSM e passava a ser temática para outros Fóruns.

Conforme SenGupta (2004) a temática do FSM de 2004 catalisou, portanto, a Globalização neoliberal, a guerra, a militarização, o patriarcado, o regime de castas e segregação de raças, a violência, o sectarismo religioso, a etnicidade, etc., como opções marcadas por um misto de uma visão aprofundada da ideologia existente por detrás da Carta de Princípios do Fórum, mesclada a uma problemática local indiana. Tal problemática segue marcada pela questão dos impactos do livre fluxo de capital, que estão agravando ainda mais as condições de subsistência sobre a economia dos recursos naturais, onde, os mais atingidos são os pobres do mundo, como os indianos Dalits (socialmente desfavorecidos na sociedade de castas indiana), os Adivasi, as mulheres e os trabalhadores.

Assim, o ano de 2003 e princípio de 2004 foram assinalados por insistentes denúncias contra o Banco Mundial e a OMC, a partir de pequenas marchas, no contexto local¹¹³ e, com grandes protestos no contexto global, desafiando, assim, os poderes dessas duas Organizações.

Jai Sen (2007) avalia a realização deste primeiro Fórum fora do Brasil a partir de suas conseqüências: 1) o debate dentro da própria Índia na preparação da organização do encontro no país,

¹¹²Denunciados pela ONG Euromarches, comportamentos xenófobos e agressivos para com os imigrantes, são apontados pela sociedade civil organizada como a expressão de um nacionalismo agravado pelas dificuldades econômicas: "These immigrant populations are coming to Eastern Europe to find a job, to be able to feed their family, but also to learn, to educate themselves" (EUROMARCHES, 2004, p. 68). Sem trabalho, sem casa, segundo a Organização Euromarches, eles sofrem ainda violência social, principalmente encarcerados em alguns centros de detenção à espera de serem deportados em condições inaceitáveis e, freqüentemente, vítimas de brutalidades físicas insuportáveis.

¹¹³Uma dessas reações ficou por conta da indiana Aliança Nacional de Movimentos do Povo (NAPM), propondo mudanças radicais nos processos de produção, juntamente com tecnologias padrões de consumo individuais, seguindo por fim um quadro ideológico que reforçava as lutas do povo indiano por uma vida inclusiva para todas as castas.

2) relatou-se a dominação da cultura política no país e, 3) como reflexo do segundo Fórum Social Europeu, iniciou-se um processo de reflexão crítica no interior do próprio FSM.

Para Vittorio Agnoletto¹¹⁴ (apud FAUSTO REGO, s.d) porta-voz do Fórum Social de Gênova (Itália), esta edição do Fórum “abrigou em seu seio dois fóruns distintos: um nos seminários e outro na rua” – com dança, música e grupos de pessoas discutindo entre si. Tal crítica implicaria, no ano seguinte, em uma mudança radical na adoção das metodologias de trabalho na preparação do FSM, tal como mostrado anteriormente.

Os dois anos que se seguiram (2005 e 2006) foram marcados respectivamente como a maior edição e a primeira edição descentralizada do Fórum respectivamente. Tal magnitude e amplitude política se devem à extensão da agenda de eventos e assuntos construídos ao longo desses dois anos.

Tal como, a reivindicação dos novos assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU e nas reuniões do G-8 pela Índia, Brasil, China, México e África do Sul que marcaram o agendamento do Fórum de 2005, resultando em uma agenda diversificada¹¹⁵, que prezou por contemplar as seguintes temáticas: afirmando e defendendo os bens comuns da Terra e dos povos: “Como alternativa a mercantilização e ao controle das redes transnacionais”; arte e criação: construindo as culturas de resistência dos povos; comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas; defendendo as diversidades, pluralidade e identidades; direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário, economias soberanas pelos/para os povos: “Contra o capitalismo neoliberal”; ética, cosmo visões e espiritualidades: “Resistências e desafios para um novo mundo”; lutas sociais e alternativas democráticas: “Contra a dominação neoliberal”; paz e desmilitarização: “Luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida”; pensamento autônomo, re-apropriação e socialização do conhecimento (dos saberes) e das tecnologias; rumo à construção de uma ordem democrática internacional e integração dos povos.

No ano seguinte, o FSM produziu sua primeira edição Policêntrica, desmembrando-se em 3 edições simultâneas. Assim, o espaço latino americano foi marcado pela Reunião da Cúpula das Américas e sua rejeição à ALCA, pela assinatura e entrada do México no Acordo de Livre Comércio da

¹¹⁴Vittorio Agnoletto é Deputado italiano e membro do Grupo Confederal da Esquerda Unitária Européia/Esquerda Nórdica Verde.

¹¹⁵Além disso, no FSM de 2005 aconteceram graves denúncias, dentre as quais é possível citar um problema interno da cultura americana: enquanto o presidente americano George W. Bush prosseguia com seu aniversário de 1 ano de invasão ao Iraque, a ONG People's Human Rights denunciava que milhões de pessoas nos EUA estariam vivendo sem acesso a alimentos, habitação, saúde, emprego, e direitos humanos fundamentais. Frente à invisibilidade dessa questão, organizações populares de trabalhadores rurais, inquilinos em habitações precárias, sindicatos, mães desalojadas, e muitos mais formaram o Poor People's Human Rights Campaign.

América Central e República Dominicana (CAFTA) - uma contradição latino-americana que seria lembrada constantemente durante o evento de Caracas por meio de sua agenda: Poder, política e lutas pela emancipação social; estratégias imperialistas e resistências dos povos; recursos e direitos para a vida: alternativas ao modelo civilizatório depredador; diversidades, identidades e cosmovisões em movimento; trabalho, exploração e reprodução da vida; comunicação, culturas e educação: dinâmicas e alternativas democratizadoras.

Na edição realizada em Mali, no continente africano, a guerra em Darfur, suas migrações e milhares de desabrigados dariam o tom ao evento de Bamako, orientando para a seguinte agenda: Guerra, segurança e paz; liberalismo mundializado: apartheid mundial e empobrecimento; marginalização do continente e dos povos, migrações, violação dos direitos econômicos, sociais e culturais; agressão contra as sociedades camponesas; aliança entre o patriarcado e o neoliberalismo e marginalização das lutas das mulheres; cultura, mídia e comunicação: crítica e reconstrução, violências; destruição dos ecossistemas, diversidade biológica e controle dos recursos; ordem internacional: Nações Unidas, instituições internacionais, direito internacional, reconstrução da frente do sul; comércio internacional, dívida e políticas econômicas e sociais; alternativas que permitiram avanços democráticos, o progresso social e o respeito da soberania dos povos e do direito internacional.

Já o Paquistão lembraria sua rivalidade para com a Índia e novamente colocaria em pauta algumas das questões já tratadas no Fórum de 2004, como: Imperialismo, militarização e conflitos armados na região e movimento pela paz; direito aos recursos naturais, controle da população e privatização e disputas fronteiriças; desenvolvimento do comércio e globalização; justiça social, Direitos Humanos e Governo; Estado e religião, pluralismo e fundamentalismo; nação, nacionalidade e identidades étnicas e culturais; estratégias de desenvolvimento, pobreza, desemprego e deslocamento; movimentos populares e estratégias alternativas; mulheres, patriarcalismo e mudança social; meio ambiente, ecologia e sustento.

Assim, um balanço temático geral revela um agendamento de questões bastante específicas para tais regiões onde estes fóruns aconteceram como a luta contra a “dependência política dos países latino-americanos contra a dominação dos EUA”, abordada no FSM de Caracas; a questão das “guerrilhas e movimentos migratórios decorrentes de guerras civis” abordados no Fórum de Bamako, e a questão dos “movimentos feministas contra o sexismo indiano e o sistema de castas”, abordados no Fórum de Karachi.

Finalmente, os eventos decorrentes no ano de 2006, marcariam algumas das agendas do Fórum de Nairobi, realizado em 2007, aonde, uma vez mais a maioria das questões regionais dariam o tom ao evento. Assim, nessa sétima edição do Fórum o tema mais controverso não era a AIDS ou a

ocupação do Iraque, antes, o tema central eram as relações econômicas e industriais entre a China e a África e, sobretudo, a questão do Sudão¹¹⁶, onde existe um grande interesse estrangeiro em suas jazidas de petróleo.

Mas, além dessas questões, os altos índices de analfabetismo, contágio de HIV/AIDS e o pagamento da dívida externa dos países africanos não poderiam ser esquecidos e foram levantados durante o FSM. Com isso, a agenda do FSM de 2007 ficou definida pelos seguintes temas: Pela construção de um mundo de paz, justiça, ética e respeito pelas espiritualidades diversas; pela libertação do mundo do domínio das multinacionais e do capital financeiro; pelo acesso universal e sustentável aos bens comuns da humanidade e da natureza; pela democratização do conhecimento e da informação; pela dignidade, diversidade garantia da igualdade de gênero e eliminação de todas as formas de discriminação; pela garantia dos direitos econômicos, sociais, humanos e culturais, especialmente os direitos à alimentação, saúde, educação, habitação, emprego e trabalho digno; pela construção de uma ordem mundial baseada na soberania, na autodeterminação e nos direitos dos povos; pela construção de uma economia centrada nos povos e na sustentabilidade; pela construção de estruturas políticas realmente democráticas e instituições com a participação da população nas decisões e controle dos negócios e recursos públicos.

Por fim, um passo ainda maior rumo ao internacionalismo (e fragmentação) do FSM aconteceu em 2008¹¹⁷. Segundo o site da BBC, no dia 26/01/2008, foram realizadas mais de 800 atividades em pelo menos 81 países, celebrando o “Dia de Mobilização Global”, que ficaram marcadas como atividades descentralizadas de mais uma edição anual do Fórum Social Mundial. Segundo o site do FSM, “esse tipo de ação visa[va] ampliar as diversas organizações, redes, movimentos sociais e coletivos que participam do processo FSM” ao longo desses sete anos, convidando-as a planejar ações, encontros, reuniões, marchas em seus locais de ação.

Conforme declaração de Antônio Martins¹¹⁸, editor do *Le Monde Diplomatique* no Brasil e um dos idealizadores do Fórum, ao site da BBC¹¹⁹, “nega-se que as reuniões estejam se espalhando para conter uma suposta perda de mobilização ou para atender às críticas dos próprios manifestantes de que as dificuldades e custos envolvidos numa viagem ao local do evento “elitizavam” o movimento”. Antes, segundo Martins, trata-se de uma estratégia organizacional e metodológica que visa alternar edições “policêntricas” com reuniões em um só local. Buscava-se com tal estratégia “aproximar” e

¹¹⁶Desde 2003 esta região é pólo de intensas guerras tribais e genocídios na região de Darfur.

¹¹⁷Pela recente realização dos eventos, ainda não dispomos de números de participantes nem temáticas contempladas nos protestos a fim de realizar um balanço ou uma melhor análise desses eventos.

¹¹⁸Antonio Martins é diretor da ATTAC e editor do jornal *Le Monde Diplomatique*.

¹¹⁹<http://www.bbc.co.uk/portuguese/>

tornar realizáveis as questões do FSM com as realidades locais.

Finalmente, considerando os relacionamentos existentes entre os governos políticos dos locais aonde os eventos foram realizados e a definição desses locais, é possível perceber uma sincronia e reciprocidade entre a realização do FSM e os contextos e interesses governamentais locais, os quais muitas vezes vêm pautados pela ideologia partidária imperativa existente por detrás do discurso político vigente.

Como exemplo, podemos citar os eventos de 2001 a 2003 realizados em Porto Alegre (Brasil), durante a gestão de governo do Partido dos Trabalhadores (PT) à frente da prefeitura de Porto Alegre e apoiados integralmente pelo mesmo, dada a “simpatia” ideológica existente entre o PT e o FSM. Em 2005 essa situação modifica-se graças ao perfil do novo partido eleito, o PMDB, tradicional partido de (centro) direita, cujo apoio à realização do Fórum foi pautado pela eventualidade e neutralidade; o mesmo se pode afirmar com relação a Mumbai, cujo evento foi marcado mais pela livre cooperação entre organizações do que propriamente pelos apoios governamentais. Em 2006, novamente a direção ideológica dos governos de Caracas, Bamako e Karachi se destacam, inclusive com declarações de grandes líderes e figuras públicas dessas regiões, posicionando-se claramente a favor da realização do FSM.

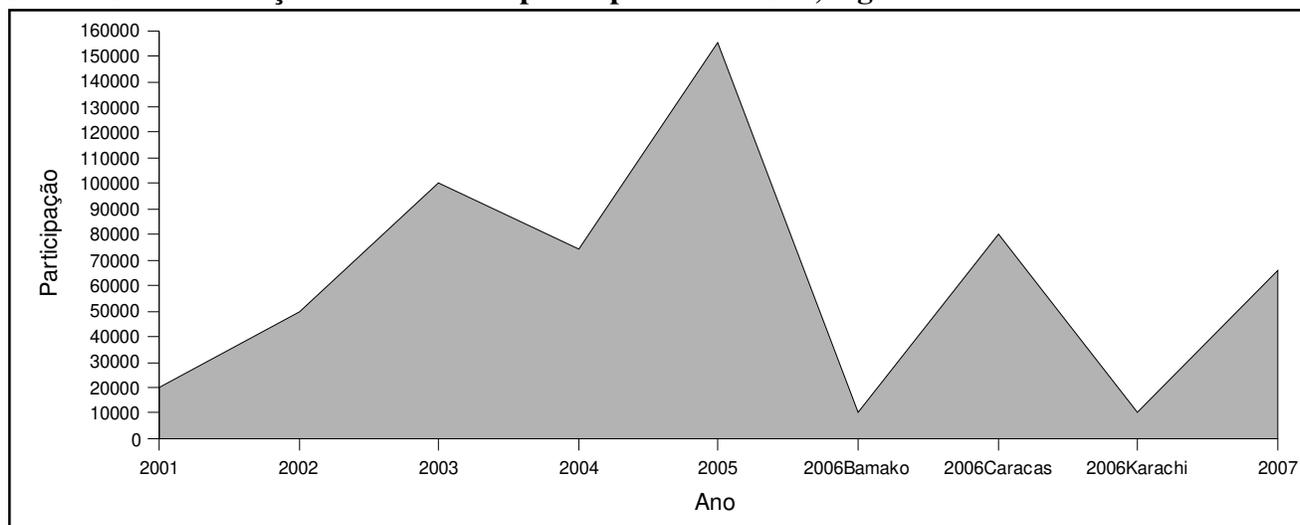
De um modo geral, é possível afirmar que o FSM exerce uma relação simbiótica e de parceria com os governos locais no momento da escolha da próxima cidade sede aonde o mesmo será realizado, na medida em que o Fórum vem despontando como uma espécie de “vitrine democrática” para o mundo.

4.2) DINÂMICA E PARTICIPAÇÃO DOS FÓRUNS

Biagiotti (2004), em um balanço geral das edições do FSM chama a atenção para o caráter holista, horizontal e a visão participativa do início do FSM. Reflete o autor: mesmo com o exponencial crescimento da audiência do Fórum (passando de 16 mil participantes em Porto Alegre (2001) para 100 mil (2003) e caindo para 75 mil (2004), ano em que o Fórum migrou para Mumbai), os citados caracteres do Fórum tiveram uma grande importância no debate sobre seu papel, forma e governança interna (KLEIN, 2001 e TEIVAINEN, 2004). Acabando por inserir o Fórum no contexto internacional com a disseminação do projeto político de “democracia radical” em ampla escala.

O gráfico abaixo (GRÁFICO 3) representa o crescimento no número de participantes das edições do FSM segundo o ano de sua realização, onde é possível perceber um aumento gradual na casa dos 100% variando de edição para edição do evento, com um declínio durante a realização dos Fóruns Policêntricos.

GRÁFICO 3: Evolução no número de participantes do FSM, segundo ano:



Fonte: Pesquisa site FSM, vide ANEXO VII.

A observação do crescimento do FSM ao longo de sete anos (2001 a 2007), revela seu maior pico de participação ano de 2005, quando o FSM foi realizado pela última vez em Porto Alegre. Tal crescimento pode ser observado como um indicador do desenvolvimento do Fórum enquanto um espaço transnacional de diálogo, cujo peso no cenário das mobilizações vinha aumentando gradualmente juntamente com o avanço das redes de protesto e suas ações contra alguns organismos internacionais, como a OMC, por exemplo.

No GRÁFICO acima foram analisadas todas as edições do FSM, chamando a atenção para um processo de crescimento em amplitude numérica do FSM no ano de 2005 e, outro processo paralelo de internacionalização do evento, culminando na caracterização da sexta edição como "policêntrica" por ter acontecido simultaneamente e de forma descentralizada em três continentes diferentes: Caracas (Venezuela – América do Sul), Bamako (África), e em Karachi (Ásia)¹²⁰. Um balanço geral dessa sexta edição do FSM foi realizado por Jai Sen (2007) e procura mostrar a superação do FSM: “the Forum this year is truly a world affair, and has become ‘an efflorescence across the world’” (SEN, 2007, p. 506).

A análise de Boron (2002)¹²¹ acerca do crescimento do FSM vai na direção da representatividade do mesmo, que se viu consideravelmente fortalecida, sobretudo pelo peso dos participantes enviados pelas organizações e movimentos da sociedade civil, que foram cerca de 4 mil no ano de 2001, alcançando a marca de 15 mil na segunda edição, representando 131 países. No total, o salto em volume de participação superou o 100%, indo dos quase 20.000 participantes que estiveram

¹²⁰ O Fórum no Paquistão aconteceu em março devido ao terremoto de Kashmir que tinha ocorrido recentemente na área.

¹²¹ Atilio Boron é secretário executivo da CLACSO.

presentes no Fórum de 2001 e que passaram a ser 50.000 no ano seguinte. Mostrando também a aceitação da sociedade civil ao evento como um espaço político necessário, que, na leitura do autor:

Esto habla bien a las claras no sólo de un simple aumento sino de una verdadera universalización del FSM como espacio plural y abierto creado por las organizaciones sociales. Como se recordará, el foro está abierto a todos los movimientos que deseen participar en él; se excluyen, expresamente, a los gobiernos, los partidos políticos en cuanto tales y las organizaciones armadas (BORON, 2002, p. 02).

O autor sustenta que as mobilizações pré e pós Fórum também contribuíram para o aumento no número de delegações participantes. Assim, no ano de 2002, foi quase mil o número de italianos que tomaram parte nos diálogos acerca das deliberações, refletindo, dessa maneira os impactos das mobilizações e, sobretudo do evento de Gênova (realizado 1 ano antes); mais de 500 franceses e norte-americanos, que participaram das reuniões do Fórum pela primeira vez; numerosas delegações da Ásia e África, que vieram a Porto Alegre, e mais de 15 mil jovens de muitos países, sobretudo, da América Latina, que viveram e conviveram durante uma semana no acampamento da juventude.

Ainda para Boron (2002), o papel da imprensa na cobertura dos eventos é um dado nada desprezível que pode ter também contribuído para essa “explosão” do FSM:

“si el año pasado (2001) la prensa internacional se permitió "ningunear" el encuentro de Porto Alegre y orientar toda su maquinaria informativa en dirección de Davos, este año la situación se invirtió dramáticamente. La cobertura de los grandes medios se concentró principalmente en las actividades del FSM y sólo la prensa norteamericana priorizó la reunión del Foro Económico Mundial”. (BORON, 2002, p.02).

Entretanto, para além desse súbito interesse da mídia pelos acontecimentos da segunda edição do FSM, um grande “gap” é perceptível entre a cobertura dos veículos de imprensa do país sede do evento e da mídia internacional e, em maior escala, da mídia independente. Tal problemática é de certa forma, explicada pelo próprio caráter do Fórum (se evento ou movimento), difícil de ser interpretado pelos jornalistas, que se preocupam muito mais com resultados, declarações, discursos pessoalizados, enquanto que o Fórum rejeita esses “alicerces tradicionais”.

“Tem ainda outro problema: quando os jornalistas começam a entender surge outra dificuldade porque eles geralmente trabalham para empresas inseridas no sistema econômico dominante e que não estão interessadas em que o fórum se promova, muito pelo contrário” (WHITAKER, 2007, s/p)¹²²

Assim, de certa maneira, o Fórum transita pelos canais alternativos de mídia e busca, através desses, se fazer compreensível e mostrar novos arranjos informativos. Assim, no ANEXO VII é possível encontrar os números exatos de jornalistas cadastrados nos eventos do FSM e um amplo

¹²² Entrevista com F.Whitaker, “O arquiteto do Fórum Social Mundial”, 13/10/2007 in swissinfo.ch, vide: http://www.swissinfo.org/por/capa/O_arquiteto_do_Forum_Social_Mundial.html?siteSect=105&sid=8309448&cKey=1192357298000&ty=st

aumento na participação dos mesmos. Entretanto, entre estes, é perceptível uma ampla participação de veículos alternativos justamente por serem estes aqueles que melhor compreendem a essência do Fórum, levando informações ao público sem cobrar resultados e declarações do evento em si.

Apesar dos números, do amplo crescimento e de uma franca aceitação civil do FSM, muitas críticas têm sido traçadas ao Fórum em si, como as de Biagiotti (2004): a primeira delas é sobre a ineficácia dos encontros de produzirem mais consenso, maiores posições comuns e compartilhar campanhas que o Fórum poderia tomar para si. Indo em direção ao caráter de “evento” do FSM, o autor acusa o Fórum de ser um meio inadequado para reprodução em escala global de sua história, cultura de associação e consenso, justamente por não ter uma “responsividade” para com o público que dele participa.

A segunda crítica vem das ONGs – muitas das quais são Anglo-Americanas, como a OXFAM, CAFOD (Agência Católica para o Desenvolvimento), Fundação Ford, etc. – que rigorosamente tem muito mais integração cultural e eficácia em suas práticas de lobbies do que o próprio FSM, que sequer têm consenso em seu interior. Segundo Biagiotti, a inabilidade de se comunicar dos participantes do Fórum torna-se ainda mais explícita se comparada ao caráter “profissional” das ações já estruturadas dessas grandes organizações internacionais, tornando o FSM um “sujeito amador” no cenário das ONGs e Movimentos Sociais antiglobalização que se apresenta.

Entretanto, para além desses apontamentos, percebeu-se, com a análise do crescimento do FSM ao longo de sete anos, que esse é um evento anualmente almejado e esperado pela sociedade civil organizada, contudo, suas ações não vão além de um “carnaval social”.

Mesmo percebendo uma sincronia entre as agendas anuais das sete edições analisadas e o contexto no qual as mesmas foram produzidas, o Fórum ainda persiste em não se posicionar politicamente no cenário internacional, devido a sua proibição dada pelo seu caráter de “evento”, com exceção das organizações que por ele circulam e que extraem dos eventos laços e posições políticas que são, por sua vez, transportadas para outros fóruns menores e que, ali sim, tal como será mostrado mais adiante, podem, enfim ter algum impacto real na sociedade civil.

4.2.1) ANÁLISE DA AGENDA DE MOBILIZAÇÕES DOS FÓRUNS

Na presente Seção será mostrado que os protestos que antecederam e também os que aconteceram juntamente com os FSMs foram fundamentais para que o crescimento exponencial do mesmo acontecesse. Assim, uma vez analisadas as taxas de crescimento de ambos os eventos é nítida e perceptível uma correspondência entre eles, assim, na presente seção serão observados os ciclos de protestos do Fórum.

Começando a partir do auge dos protestos contra Globalização em 1995, quando algumas redes transnacionais civis bloquearam as negociações do MAI e mostraram seu “contra poderio” alternativo (KLOBY, 2003, apud BIAGIOTTI, 2004), passando por Seattle (1999), Genebra (2001) e Gotemburgo (2001) é possível perceber a capacidade desses movimentos de mobilizar milhares de pessoas em resposta aos encontros da OMC, do G8, ou do Conselho da Europa.

Estas gigantes manifestações demonstraram os seus limites, quando perceberam que, “simplesmente bloquear as negociações não era suficiente”. Os movimentos então começaram a ir além da simples denúncia, e surgiram os FSMs, cuja idéia era mostrar que a capacidade política da sociedade civil não se reduzia à simples críticas aos processos de governança existentes, mas também para tornar praticáveis propostas e alternativas de mobilização, de acordo com as suas próprias agendas.

Somado a esse cenário, Wallerstein (2004), identifica três principais marcos no movimento antiglobalização, no qual o autor encaixa o FSM, são eles: o movimento Zapatista da revolta em Chiapas, em 1994; os protestos de Seattle durante a reunião da OMC em Novembro de 1999; e a primeira reunião do Fórum Social Mundial (FSM) em Porto Alegre (Janeiro de 2001). Desembocando na reprodução, após 2003, de vários Fóruns Sociais, de todos os níveis e em todos os continentes, como por exemplo: o Fórum Social Asiático (2003), Fórum Social Europeu (2002), Fórum Social de New York (2003), Fórum Social de Melbourne (2007), Fórum Social do Magreb (2006), os quais podem ser avaliados como o

Producto de este espíritu, el FSM hizo posible la construcción de un espacio fructífero de convergencias, traducido en la confección de un calendario global de movilizaciones y actividades para los dos próximos años e instalando un horizonte común para el conjunto de las luchas nacionales (BORON, 2002, p. 02).

Somado ao cenário acima, o atentado de 11 de setembro de 2001, sem dúvida, sinalizou para um novo horizonte político. O antiterrorismo tornou-se uma preocupação importante para os EUA e UE e, estava na ordem do dia uma provável guerra. O 11/09 foi tomado como um estopim para que inúmeras outras manifestações acontecessem, reivindicando segurança, defesa multicultural, atenção aos direitos humanos e liberdades democráticas. Em Florença¹²³, por exemplo, houve uma grande manifestação em novembro de 2002, onde, quase um milhão de pessoas foram para as ruas no último dia do Fórum Social Europeu. Nas segunda e terceira edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, aconteceram passeatas anti-guerra, além da presença da temática (militarização, guerra e paz) que se tornou constante em todos os demais Fóruns pós atentado.

Com o acirramento da “guerra contra o terror”, desencadeou-se uma nova rodada de protestos, resultando em uma grande manifestação mundial: em 15 de fevereiro de 2003, mais de 5

¹²³http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021109_florencamp.shtml

milhões de pessoas em cerca de 60 países tomaram as ruas para protestar contra a guerra dos Estados Unidos ao Iraque. Essa densa manifestação combinada em lugares diferentes só foi possível graças ao sincronismo das redes cívicas aliadas à instrumentalidade da Internet, voltada para a articulação transnacional da "maior manifestação anti-guerra da história"¹²⁴.

Tanto no plano macro social, das grandes mobilizações mundiais, quanto no micro com as iniciativas locais, a tendência à “mundialização da resistência” tem ganhado terreno e adeptos nos últimos anos por ser promovida por organizações tais como Via Campesina, MST, CUT, ATTAC, Focus on the Global South. Tais organizações por sua vez, possuem tradição de ação local, mas que, por manterem vínculos estratégicos internacionais, tem conseguido lançar mão do “efeito bumerangue” em suas ações e transitar entre o local e o global como “pontes”.

A partir do consenso “mobilizador” observado nos protestos anti-guerra, surgiu o chamado à participação de um novo ciclo de mobilizações conhecidas como: *Resistência contra o neoliberalismo, o militarismo e a guerra: pela paz e justiça social*¹²⁵. Configurou-se, um grande fluxo de mobilizações por parte das organizações antiglobalização trabalhando em conjunto com pequenas ONGs de ação local, indicando não apenas um agendamento comum, mas um trabalho transnacional sincronizado, que combinava as datas dos protestos, com os Fóruns, e com as atividades dos organismos considerados “agentes da Globalização” como a OMC, FMI, etc.

Vale frisar que, mesmo não sendo oficialmente considerado um organismo do movimento antiglobalização, o Fórum Social Mundial é facilmente localizado nesse viés uma vez que, inúmeras organizações que dele participam apóiam os protestos antiglobalização e, o próprio Fórum incentiva tais participações. Assim, no próprio site do Fórum Social Mundial¹²⁶ podem ser encontradas nas Seções “Agenda” e “Fóruns Sociais pelo Mundo” calendários de mobilizações e um pequeno indicativo de alguns artigos que se propõem a realizar breves análises de conjuntura a respeito do período histórico nos qual essas mobilizações aconteceram, como se encontraram e pelo que protestaram.

Fazem parte dessa “agenda” os protestos “anti-MAI”, “NO ALCA”, as oposições às produções e consumo de produtos transgênicos, anulação da dívida externa dos países do “Terceiro Mundo”, implantação da Taxa Tobin, dentre outros.

Cruzando os dados das agendas dos protestos e agenda dos Fóruns, vê-se um espelhamento bastante interessante entre as duas, uma vez que muitas organizações participam de ambas as

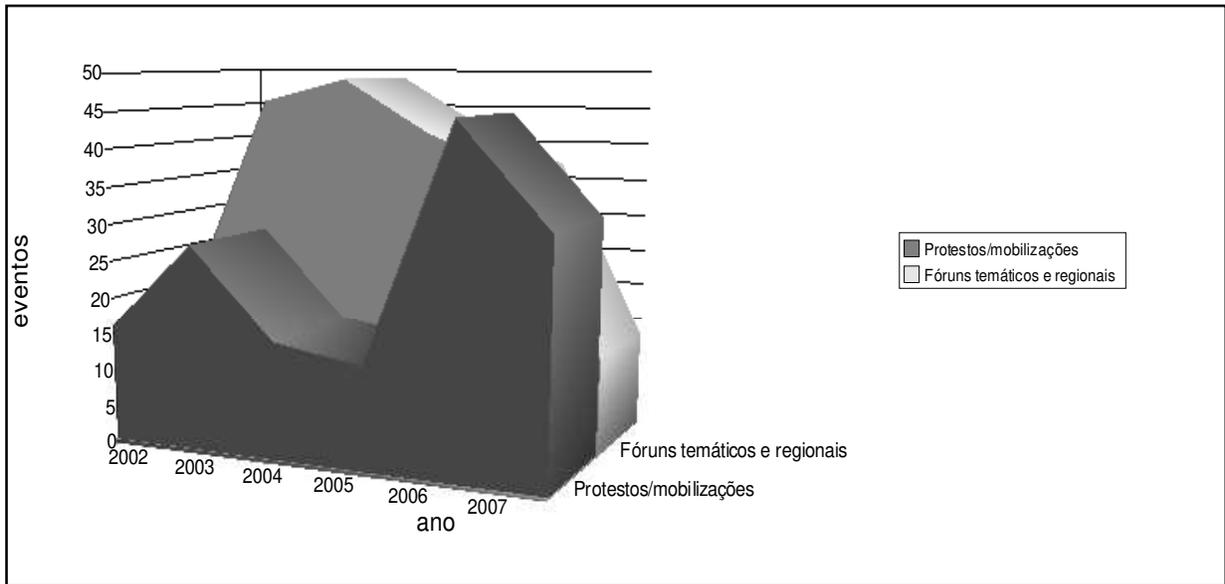
¹²⁴Ver jornal Folha de S. Paulo - 16 de Fevereiro de 2003.

¹²⁵Maiores informações encontravam-se disponíveis no site: http://www.forumsocialmundial.org.br/por/portoalegrefinal_spanish.asp

¹²⁶Disponível em http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=12_1&cd_language=1

agendas¹²⁷. No entanto, quando cruzados, os dados dos FSMs com o calendário de mobilizações observam-se um efeito de espelho invertido como pode ser acompanhado no GRÁFICO 4 abaixo:

GRÁFICO 4: Relação entre Fóruns Sociais Mundiais, Regionais e Temáticos e os Protestos realizados, segundo ano:



Fonte: Pesquisa site FSM e site AGP (Ação Global dos Povos – vide ANEXO I).

A observância de todos esses protestos e sua correlação com a incidência dos Fóruns mostrada no GRÁFICO 4 revela que, quando a realização dos Fóruns diminui, o volume dos protestos aumenta e vice-versa. Portanto, segundo análise de Biagiotti (2004), não estaria havendo um declínio desses ciclos de protestos, antes estaria havendo um fortalecimento de um novo sujeito e de uma nova forma de protesto e atuação em crescimento, que seriam os Fóruns. Essa relação entre os Fóruns e a maneira como as organizações se deslocam de uma atuação à outra remete também ao que Tarrow chamou de “ciclos de protestos” em *Power in Movement* (1996).

No citado livro, Tarrow prescreve uma nova tese, que considera a união entre as pessoas como uma resposta às oportunidades políticas, levando em consideração que também as ações coletivas criam suas próprias oportunidades.

Assim, o que torna possível que uma ação individual se transforme em ação coletiva são os episódios marcados pela identidade do grupo, fator que, por sua vez, pode transformar essas ações coletivas em novos movimentos sociais ou não. Tais ações podem se realizar, por exemplo, através de uma rede formada por múltiplas organizações em busca de cooperação e de confiança entre si. Assim, para Tarrow,

¹²⁷Mais informações vide ANEXO I

o problema da ação coletiva é social e não individual. Os movimentos são produzidos onde as oportunidades políticas são ampliadas, quando eles demonstram a existência de aliados e quando revelam a vulnerabilidade de seus oponentes (...) repertórios de contenção, redes sociais e estruturas culturais ampliam e colocam as pessoas juntas na ação coletiva, criando uma ampla e difusa dinâmica dos movimentos (TARROW, 1996, p., 23).

Estruturada a partir da “liderança difusa” (KECK e SIKKINK, 1998) ou mesmo sem líderes, a forma mais efetiva de ação coletiva, segundo Tarrow é esboçada nas redes sociais com as quais os indivíduos já convivem ou trabalham, e onde já existe o sentimento de pertencimento, ajuda-mútua e solidariedade.

Com isso, o processo de ação coletiva pode ocorrer quando: 1) há uma oportunidade política; 2) há resoluções e levantes; 3) há reforços ou coalizões contra um ator comum as quais podem desembocar no que Tarrow chamou de “ciclos de protesto”.

Os ciclos de protesto, segundo o autor, são caracterizados pela: a) intensificação do conflito; b) amplitude setorial geográfica; c) difusão geográfica; d) expansão do repertório territorial de contenção; e) aparência de novos movimentos sociais ou novas organizações; f) “empowerment”; g) criação de novas estruturas de ligação entre grupos dispersos; e h) interação intensificada entre combatentes e o Estado. Com isso, pode-se observar o FSM tanto como um espaço político, quanto como um elemento de uma ação coletiva maior, que pode ser conhecida como parte dos “movimentos antiglobalização” e, por extensão, como um ator tanto ativo nos ciclos de protesto quanto articulador desses ciclos.

Dentro dessa lógica proposta por Tarrow, a análise desses movimentos pode ajudar na compreensão de como eles se reproduzem e se distribuem, criando uma sucessão de ciclos de protestos. Geralmente tais ações têm como fator preponderante a solidariedade, i.e., se baseiam em símbolos e significados construídos pelo próprio grupo e que por sua vez estão em concordância com a ideologia do movimento, com a mensagem que desejam difundir e com as metas que buscam alcançar. Assim, esses símbolos representam as questões que mobilizam essa fatia da sociedade. No caso dos acontecimentos em torno do FSM pode-se localizar sua identidade nos símbolos antiglobalização por eles apoiados, como os repúdios aos acordos da Organização Econômica de Cooperação e Desenvolvimento (OECD), ao comércio e legalização de produtos transgênicos, repúdio à Guerra anti-terror, repúdio aos Acordos Internacionais como ALCA, MAI, etc., e a mensagem que tentam difundir é que “um outro mundo é possível”.

Analisando o panorama político atual, Milani e Laniado (2006) vêem no FSM uma reflexão crítica ao atual momento político que o mundo está vivendo, onde se observa um cenário composto por guerras, terrorismo, diásporas, fome, catástrofes ambientais, enfim, questões que atravessam e

questionam o atual modelo de Globalização. Assim, o FSM desempenharia um duplo papel: seria tanto um símbolo constituidor das identidades antiglobalização de seus participantes, como um espaço capaz de agregá-las:

The WSF has provided a platform suitable for reflection on the possible alternatives to the neoliberal globalization model, and can be considered as a group of open areas for meetings, discussions and proposals or, as suggested by Fisher and Ponniah, “a pedagogical space¹²⁸ enabling learning, networking and political organisation” (Fisher and Ponniah, 2003, apud MILANI e LANIADO, 2006, p. 25).

Enquanto símbolo, o FSM parece apresentar um caráter um tanto quanto “fluido e amorfo” como as coalizões firmadas por grupos com interesses semelhantes que, em dados momentos e lugares se encontram, protestam lado a lado e, depois se separam quando o protesto termina (GERHARDS E RUCHT, 1992, apud TARROW, 1996).

Tal análise também remete a uma visão do FSM como um “fórum turístico”, que na leitura de Nichelson (2005)¹²⁹: “esta popularización del movimiento de los Foros es positiva, pero también genera exigencias de que sea no ya un turismo de foros sino una plaza de luchas sociales contra el neoliberalismo” (NICHELSON, 2005, p. 01).

Enquanto espaço no qual dialogam as organizações participantes desses protestos realizados, é possível perceber o FSM como uma “oportunidade” para a realização de uma movimentação eficaz contra as agências neoliberais que procuram implementar políticas globais para economias de mercado, e subvenções para os países em desenvolvimento, como o G-8, OMC, OIT, por exemplo.

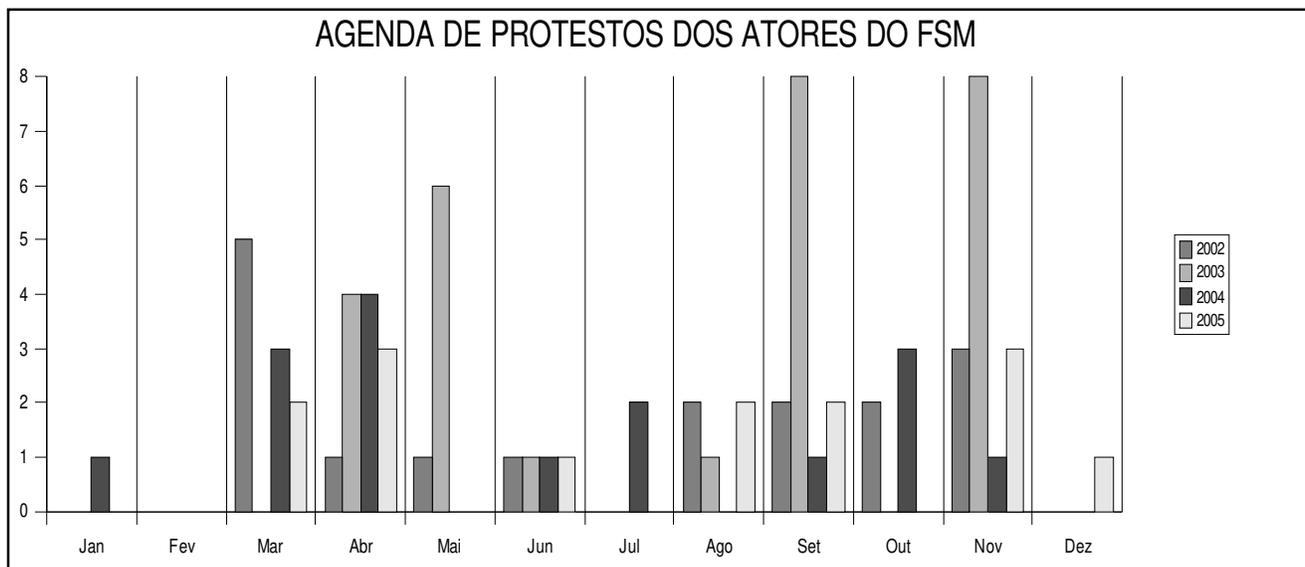
Entretanto, a questão espacial ainda não se dá por encerrada: faculta avaliar a questão dos espaços onde essas mobilizações acontecem e como elas acontecem. No caso do FSM, em que não há uma base territorial fixa opera-se independentemente de uma soberania nacional. “Seu campo de ação é uma área de projetos transnacionais, práticas, símbolos e utopias”, aonde seus objetivos não lhe conduzem à uma “tomada de poder” propriamente dita. Portanto, pode-se dizer que os movimentos antiglobalização, enquanto um novo sujeito político tentam participar nas políticas mundiais ora fazendo uso dos típicos mecanismos do século XIX (passeatas, marchas e petições), ora promovendo novas estratégias de ação através da mídia (impressa ou virtual - alternativa ou não) e, usando as Tecnologias da Informação e Comunicação para se mobilizar e organizar protestos, visando alcançar visibilidade suficiente para se manterem nas agendas de protestos, como foi o caso, por exemplo, de Seattle (1999) e das várias manifestações em Washington (2001).

¹²⁸Pedagogia política fundamentada no grau de coesão dos movimentos anti globalistas (MILANI e LANIADO, 2006).

¹²⁹Paul Nichelson é membro do Via Campesina da Espanha.

Uma pesquisa que analisa parte dessas agendas foi realizada por Pianta, Silva e Zola (2005) e procura cruzar os dados acerca dos ciclos de protestos com a hipótese de se estar vislumbrando uma possível “sociedade civil global”. Tomando como base a citada pesquisa, cruzaram-se os dados obtidos pelos autores com os dados levantados junto ao FSM entre os anos 2003 e 2004. Procurou-se realizar uma análise focada e pormenorizada dos ciclos de protestos agendados pelas organizações que participam do Fórum Social Mundial (mês a mês). Para tanto, foi utilizada como base de dados as informações disponíveis na Seção “Agenda de Mobilizações”¹³⁰ do site do Fórum. Tais eventos foram caracterizados pelos citados autores como eventos organizados pela sociedade civil nacional e internacional com a participação de grupos internacionais; eventos que resultaram a partir de iniciativas autônomas da sociedade civil, coincidindo ou não com as reuniões de Cúpula dos grandes organismos oficiais de governos e instituições internacionais citadas anteriormente, e eventos que abordam questões globais, cuja análise resulta no seguinte GRÁFICO 5 que se segue:

GRÁFICO 5: Agenda de Protestos das organizações do FSM, segundo mês e ano:



Fonte: Pesquisa site FSM , vide ANEXO I.

Trabalhando com um recorte cíclico de quatro anos, entre 2002 e 2005, o GRÁFICO acima exibe um pico no ano de 2003 devido ao aumento no número de protestos, sobretudo nos meses de Maio, Setembro e Novembro, observação igualmente realizada por Pianta, Silva e Zola (2005): “In 2003 and in the first six months of 2004, 43 events took place (24 in 2003 and 19 in the first half of 2004)” (PIANTA e ZOLA, 2005, p. 01), fato que pode ser explicado dada a grande disseminação de

¹³⁰A confiabilidade na veracidade de tais dados se deve à checagem realizada junto a outros sites que também apresentam agendas de protestos como o OneWorld, AGP, Vermelho, Indymedia, etc.

pequenos Fóruns Regionais e Temáticos que efervesceram após 2002 e se intensificaram muito no ano seguinte¹³¹.

Tal relevância se deve ao caráter global das manifestações e protestos, que, por sua vez, dialogavam profundamente com questões locais, tal como a agenda do site do “Ações contra Globalização” (AGP)¹³², analisou:

o ano de 2003 foi marcado por muitos Fóruns temáticos e regionais e por manifestações contra o WTO, pela reunião de cúpula do G-8, por manifestações contra a Guerra do Oriente Médio em Teerã, etc., e por mais de 100 manifestações em várias partes do mundo (AGP, s.d).

O cruzamento dos dados apresentados no GRÁFICO 3, sobre as manifestações apoiadas pelo FSM e outros Fóruns realizados entre 2002 e 2007, com as informações levantadas no GRÁFICO 4, apresentam um crescimento exponencial desses eventos até o ano de 2004, justificados por Pianta, Silva e Zola (2005) como um súbito aumento da capacidade da sociedade civil organizada em produzir consenso em meio à opinião pública mundial. Tal capacidade reflete uma melhor condição da sociedade civil de articular uma visão alternativa e global para as relações políticas e econômicas. Segundo os autores, “they are also able to give a global voice to such a vision with unprecedented mass mobilisations, putting pressure for a change of course on national and global decision makers” (PIANTA, SILVA e ZOLA, 2005, p.01). Como resultado, assistiu-se aos bloqueios aos acordos da OMC e da ALCA nos países da América do Sul.

No entanto, nos anos seguintes, é observado um súbito declínio desse ciclo de protestos, seguido de um aumento no ano de 2006, quando começaram a ser realizados múltiplos protestos contra grandes atores do cenário político internacional, como o G-8, a OMC, e mesmo a guerra no Iraque¹³³, por exemplo.

Tal oscilação nesse ciclo é muitas vezes justificada por conta do embate policial ocorrido durante os protestos em 2001, que resultou na morte de um jovem¹³⁴, e que, por conseguinte, desencadearam em uma mudança dos locais de realização dos encontros desses atores políticos e das grandes agências. Tais organismos migraram suas reuniões das grandes capitais para pequenas cidades, estrategicamente escolhidas devido à sua pouca articulação política no cenário das redes transnacionais. Isso, gradativamente dificultou a articulação desses grandes protestos e, até hoje vêm minando a força política dos mesmos, como mostrado no GRÁFICO 5 apresentado anteriormente.

De modo geral, os ciclos e protestos do FSM e das organizações que dele participam podem ser avaliados como um reflexo da cultura política de cada localidade. Por exemplo, segundo

¹³¹Tal questão será melhor abordada na seção ANÁSILE DAS MOVIMENTAÇÕES ESPACIAIS DO FÓRUM.

¹³² www.agp.org ou <http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/index.htm>

¹³³Vide http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2006/01/060125_formsocialmb.shtml.

¹³⁴Carlo Giulianani.

Tarrow (2005), o primeiro Fórum realizado na Europa, em Gênova, reflete uma tendência dos movimentos e organizações da sociedade civil italiana em participar do cenário anti-globalista já em 1994, quando se solidarizaram com a causa Zapatista. O que Tarrow procura mostrar e que, acredita-se, aplica-se aos ciclos de protestos do Fórum, é que cada localidade tem uma especificidade, historicidade e cultura política própria que as impelem mais ou menos a tomar parte nesses grandes protestos.

Nesse sentido, a realização em maior ou menor proporção dos Fóruns e protestos deve ser analisada mediante um ethos solidário que cada sociedade civil local detém. Certamente, esse é um tema bastante interessante para a Ciência Política, e sua análise pode enveredar para uma observância aos traços e perfis dos participantes do FSM, realizada no Capítulo 3. Contudo, tal como Tarrow desejaria, sabe-se que esta não poderá ser realizada aqui por faltarem dados específicos acerca das organizações participantes dos protestos em si e de um histórico de engajamento e cultura política dos participantes do próprio FSM.

Todavia, os dados referentes ao crescimento e inter-relação do FSM com os eventos que apóia não permitiu que uma análise conclusiva sobre a fragmentação do Fórum fosse alcançada. Antes, observou-se uma maior globalidade do evento em si do que propriamente uma perda dessa propriedade, tal como se cogitou no princípio desse estudo. Assim sendo, nas seções subsequentes serão analisados dados “internos” ao Fórum, ou seja, será realizada uma micro-análise do evento a partir de sua organização, de seus interlocutores, agenda, organizadores, etc.

4.3) CATEGORIAS ESPECÍFICAS PARA ANÁLISE DA REDE DO FSM

Seja dentro ou fora da Internet, de um modo geral, uma rede é basicamente formada por relacionamentos entre pessoas ou objetos, os quais são matematicamente chamados de “nodos”. As ligações entre os nodos são conhecidas pela alcunha “links”. A ligação (linkage)¹³⁵ é o fator responsável por estabelecer a conexão entre pares de organizações (nodos).

Tais ligações podem ser indicativas de relações simétricas ou assimétricas, bidirecionais ou unidirecionais, dependendo do tipo de relação que os nodos estabelecem com os demais. Em tais ligações podem ou não ser encontrados vínculos fortes ou fracos. Laços mais fortes podem caracterizar relações mais próximas, como entre parentes, por exemplo, enquanto que laços fracos fornecem

¹³⁵Os tipos mais comuns de ligação são: a partir do sujeito na rede, cuja ligação entre os atores está muitas vezes baseada em amizade ou respeito, onde, por exemplo, um ator identifica o outro como “amigo”; uma transação ou a transferência de recursos materiais que une dois ou mais sujeitos, como em uma relação comercial entre um ator e um “e-comerce”; uma transferência de recursos não materiais como a troca de e-mails; uma associação ou afiliação que ocorre quando os atores participam de eventos em comum; uma simples interação em uma sala de bate-papo; uma movimentação com conexão física e social; laços entre papéis formais como em uma empresa; relações biológicas, etc.

informações de intercâmbios entre parceiros não tão “próximos”, mas ainda com vínculo¹³⁶, como um comerciante e seu cliente.

Segundo Wasserman e Faust (1994), alguns princípios básicos da teoria das redes sociais são: 1) os sujeitos e suas ações são analisados interdependentemente e não como unidades isoladas; 2) os laços de relação ou conexões (ties) entre sujeitos são canais de transferência de recursos (materiais ou simbólicos); 3) os modelos de rede se concentram sobre as perspectivas individuais (micro) do ambiente estruturado (macro) e de como este possibilita oportunidades e promove, ao mesmo tempo, sujeições estruturais sobre os indivíduos (por exemplo, princípio de circularidade).

No caso do FSM, tanto laços fortes quanto fracos são encontrados e analisados. Acredita-se que a opção por estudos a partir do “networking” do FSM e de seus membros participantes do CO e CI sejam um meio interessante de se perceber algumas estratégias adotadas pelos sujeitos da sociedade civil para melhor se organizarem. Assim, serão utilizadas tais premissas e a Análise de Redes Sociais (SNA) como metodologia¹³⁷ mais indicada¹³⁸ para a realização das observações apresentadas na seqüência.

Tal metodologia também fornece ferramentas adequadas para uma análise que permite ao investigador melhor compreender o impacto social da Comunicação Mediada por Computador (CMC) e as estratégias sociais da Web (BUSCH, s.d). Permitindo reconhecer as macroestruturas das redes sociais que possivelmente estariam além do campo de visão do pesquisador; e também permitindo ver como uma organização específica (micro estrutura) pode influenciar nos processos de tomada de decisão, tais como a criação de alianças políticas (HAAS, 1992, ROGERS e MARRES, 2000 apud BUSCH, (s.d)), dentre outras possibilidades.

Unlike qualitative methods of analysis, which tend to focus on the subjective experiences of an individual or group, SNA provides a quantitative approach¹³⁹ to social structure and its effects upon social decision-making processes; effects that may not be apparent to the actors inside the

¹³⁶ Segundo Granovatter (1973) muitas vezes, a melhor estratégia social está em acumular uma gama diversa de laços fortes e fracos, a fim de obter acesso a vários recursos.

¹³⁷ No enfoque adotado pelas análises de redes sociais, a ênfase da análise recai sobre as relações que se estabelecem entre os indivíduos, instituições e organizações, cujos vínculos estruturam diferentes situações sociais e influenciam um possível fluxo de bens materiais, idéias, informação e até mesmo relações de poder. Esse tipo de análise pode ser aplicado em diversos campos do conhecimento, bem como na análise de diferentes situações e questões sociais, a partir de enfoques teóricos diversificados. Por exemplo, estudos de movimentos sociais, relações internacionais, elites políticas e econômicas, políticas públicas, organizações empresariais, classes sociais, produção de conhecimentos, modos de comunicação, uso de informações, instituições, organizações, etc.

¹³⁸ Tal opção se deve ao fato de ser esta uma boa estratégia para a realização do mapeamento da estrutura organizacional da Rede do FSM, de modo a perceber (fisicamente) se há ou não “fissuras” nessa rede e a que se devem; além disso, sua adaptação para a compreensão de estruturas sociais formadas a partir da comunicação mediada por computador (CMC), para a análise das estruturas sociais da Web, como redes formadas a partir de hyperlinks, tornam-na o melhor estratagema.

¹³⁹ No entanto, esta capacidade “quantificadora” das análises de redes também é sua maior deficiência. Por isso, procurou-se aliar as análises de redes sociais às estratégias de análises textuais e contextualização histórica, como Emirbayer e Goodwin (1999) sugerem.

social network (BUSCH, s.d., p. 02).

Para tanto, foram utilizados os programas N*Vivo (2.0 e 8.0), UCINET¹⁴⁰ e VISIONE devido às suas ferramentas, características e funções no auxílio aos pesquisadores na análise e organizações dos dados qualitativos orientados para posterior construção de redes sociais.

Desta forma, bebendo dos procedimentos metodológicos já utilizados em outras pesquisas¹⁴¹, propõe-se começar a redesenhar a rede organizacional do FSM de modo a buscar conhecer quais são os contatos e influências entre os membros que a compõem. Foram determinadas como unidades de análise as relações estabelecidas entre as organizações e questionou-se: *Na rede do FSM, quem está ligado á quem?*¹⁴².

Buscando informações a esse respeito, entre os organizadores das edições do FSM, primeiramente, procurou-se estabelecer contato virtual (através de e-mail) com os integrantes do Conselho Organizacional e do Comitê Internacional, no qual se pedia que os mesmos enunciassem 3 (três) outras organizações com as quais estabelecessem parceria em seus trabalhos¹⁴³, tal como transcrito no ANEXO IV. Dos 124 e-mails enviados, 48% voltaram sem resposta, indicando que o endereço não era mais válido, ou seja, que o “domínio”¹⁴⁴ não existia mais, ou então que a caixa de e-mails estava cheia (nesse caso, com o intervalo de 1 semana, a mesma mensagem foi reenviada em outras duas ocasiões diferentes). Essa inexistência com relação aos endereços e páginas na web pode estar relacionada ao tipo de membro desse Comitê e ao uso que fazem da Internet. Assim, foi possível identificar que muitas destas são ou fazem parte de Redes de organizações que se formam durante um curto período de tempo no qual se mostram essenciais e depois se desfazem¹⁴⁵, fato que demonstra a volatilidade¹⁴⁶ dessas redes. Do total de e-mails enviados, 40% não foram respondidos; e outros 4,8%

¹⁴⁰Utilizando o programa UCINET 6.0 como ferramenta auxiliar para a construção das matrizes e para a geração dos índices e coeficientes estatísticos de redes, muitas pesquisas em Ciências Sociais, têm realizado análises referentes às ligações políticas entre atores da sociedade civil, como os trabalhos de Martelo (2001), Anheier e Katz (2005), Marques (2006), Hannaman (2005), Gurza Lavallo, Castello e Bichir (2004), dentre outros.

¹⁴¹Martelo (2001), Anheier e Katz (2005), Marques (2006), Hannaman (2005), Gurza Lavallo, Castello e Bichir (2004).

¹⁴²Vale lembrar que este questionamento está intimamente ligado à questão intrínseca às tomadas de decisão no interior do Fórum e as relações de poder presentes na questão inicial dessa pesquisa.

¹⁴³Essas organizações enunciadas poderiam ou não fazer parte dos membros do CO e CI.

¹⁴⁴Domínio é um nome que serve para localizar e identificar conjuntos de computadores na Internet.

¹⁴⁵Muitos desses endereços de e-mail estavam hospedados em provedores remotos, como Singapura, Malásia, África do Sul, Senegal, etc.

¹⁴⁶Essa inexistência em perceber os limites e extensão de tais redes é o que permite sua inconstância, sobretudo, para se constituir e se desfazer, na medida em que se faz necessária. Segundo Tomaél (2005), a cada conexão realizada novos contatos e informações imprevisíveis e determinadas por um interesse específico e momentâneo surgem movendo a rede e contribuindo para a sua ampliação e autonomia (AGUITON, 2005). Com base em tais referências, a noção de “volatilidade” aqui sugerida em muito aproxima-se das características das redes sociais e mesmo da pós-modernidade, como objetos com alta amostra de padrões flexíveis, inconstantes e até mesmo “plásticos” nos relacionamentos; não aproximando-se portanto dos conceitos extraídos da Ciência Política ou da Economia.

retornaram com respostas que indicavam seus sites como fontes de informação acerca de suas parcerias. Somente 7,2% dos membros do CO e CI efetivamente responderam aos e-mails citando seus “parceiros de trabalho” e colocando-se à disposição para maiores informações com os quais se pôde estabelecer contato virtual satisfatório e outras entrevistas informais.

Mediante tais problemas metodológicos, procurou-se utilizar outra opção para a obtenção das informações necessárias acerca das parcerias dos membros do CO e CI. Tomando como base os trabalhos de Newman (2003) que demonstram que a web¹⁴⁷ é uma rede de páginas que contêm informações, ligadas entre si por hiperlinks, ou links de uma página para outra. Propôs-se observar os próprios hiperlinks como uma forma de citar o “outro” como um “parceiro” na rede. Assim, seguindo a orientação daqueles e-mails que sugeriam a busca de informações nos sites, foram localizadas e analisadas as páginas na web das 124 organizações participantes das redes (CO e CI). Nestas páginas, procurou-se informações sobre os links e hiperlinks que ligam uma organização a outra e, que foram aqui assumidos como manifestações de tais organizações à respeito de seus parceiros, tomando-se como referência as menções acerca das palavras-chave “partners”, “enlances”, “partenaire”.

A partir dessas “parcerias”, às quais também se atribuiu a alcunha “links”, foi possível construir as matrizes iniciais de conexões mais relevantes, reproduzidas no ANEXO VIII.

Cruzando os dados daqueles que responderam ao e-mail com as informações disponíveis em seus sites, observou-se uma constante e equivalência nas informações, acerca dos quais se assumiu certa confiabilidade.

Desta forma, cada membro do Comitê Internacional e do Conselho Organizacional do Fórum foi interpretado como um “nodo” na rede do FSM e, utilizando técnicas de Sociometria tentou-se compreender o comportamento desses nodos e suas relações em tais redes.

4.4) ANALISANDO O CONSELHO ORGANIZACIONAL E COMITÊ INTERNACIONAL

Como apresentado anteriormente, a formação de redes sociais, sejam transnacionais, locais ou virtuais são estratégias comumente incorporadas na metodologia de trabalho das organizações antiglobalização, e também do Fórum Social Mundial (FSM). Optou-se por realizar esse tipo de estratégia analítica dada a sua possibilidade de demonstração e avaliação gráfica da transversalidade das organizações do FSM.

Assim, com o uso de técnicas da Sociometria foi possível analisar tais redes, verificando

¹⁴⁷Segundo Newman (1990), a *Web não deve ser confundida com a Internet, que é uma rede física de computadores ligados entre si por fibras óticas e outras conexões* (op.cit., p. 177).

até que ponto são sólidas ou fragmentadas¹⁴⁸, a fim de provar ou não a hipótese inicial dessa pesquisa.

Tomando como base os dados secundários recolhidos e explicitados no princípio desse trabalho, inicialmente, procurou-se perceber e medir a existência de pequenos agrupamentos constituídos pelos organizadores do FSM acreditando que, uma vez tomando conhecimento de tais “quadros”, poder-se-ia melhor compreender os enlaces e conexões que a sociedade civil vem produzindo.

Inicialmente, procurou-se localizar e medir a centralidade¹⁴⁹ das organizações nas redes das quais participam, a fim de conhecer quem seria a organização mais central na rede, de modo a perceber se este é ou não um “mediador” importante ao seu grupo. Optar por localizar a centralidade da rede, bem como os sujeitos centrais, inter-relações, etc., se deve à iminente relação de dependência entre os organizadores do Fórum anteriormente localizada nos registros históricos do mesmo e que poderia ou não estar gerando uma estrutura hierárquica entre eles. Assim, partiu-se da hipótese de que a investigação da centralidade dos sujeitos na rede do FSM poderia revelar relações e conexões que, por sua vez, levariam a reflexão acerca da presença ou não de “nichos” e “micro-redes” no interior da rede do Fórum, em uma chave analítica bastante utilizada nas teorias das relações organizacionais

Esse exercício analítico pode ser operacionalizado de algumas formas, uma delas é obtendo-se o “grau nodal” (UGARTE, 2007), ou o número de nodos com o qual os sujeitos estão conectados no interior da rede. Sugerindo-se que, quanto mais conexões um certo nodo pudesse estabelecer, maiores vínculos (superficiais ou profundos) deteria.

Além do número de vínculos, procurou-se também informações acerca do caráter destes, analisando-os como indicadores do significado social que essa rede representa para o nodo ou grupo que dela participa ou de que forma a rede influencia no comportamento dos demais sujeitos. Sendo assim, propõe-se analisar a rede do FSM a partir da categoria de centralidade, tal como definido por Marteleto (2001) com base nos estudos de Wasserman e Faust (1994):

embora não se trate de uma posição fixa, hierarquicamente determinada, a centralidade em uma rede traz consigo a idéia de poder. Quanto mais central é um indivíduo, mais bem posicionado ele está em relação às trocas e à comunicação, o que aumenta seu poder na rede (MARTELETO, 2001, p. 76).

A esse “local” de poder e influência, Lehman (1995, apud COOK, 1977) dá o nome de “poder sistêmico”, cuja noção de poder e centralidade na rede, no caso do FSM, pode estar ligada a

¹⁴⁸Um padrão reconhecido de “fragmentação” aparece também nas análises de Wasserman e Faust (1994, p. 284) acerca da formação de sub grupos, ou seja, em uma perspectiva particularmente próxima a utilizada aqui, que visa identificar “micro-redes”, tal como proposto por Castells. Desta maneira entende-se aqui por “fragmentação” nos termos de um possível fracionamento da rede do FSM.

¹⁴⁹Tal como será melhor definido na seqüência, a noção de centralidade aqui operacionalizada está intimamente ligada a idéia de “proeminência” de um determinado ator no interior da rede (WASSERMAN e FAUST, 1994, p. 169).

idéia de controle e agendamento.

Partindo de uma análise bastante interessante de Juan Urrutia (2003 apud UGARTE, 2007), é possível compreender a presente trajetória de pesquisa aqui adotada:

Se entendemos que no comportamento dos nodos, a influência pelo entorno é sua estratégia de propagação, teremos um primeiro modelo de motivação e comportamento informacional na rede. A partir de agora consideraremos que o que se transforma na rede é o discurso dominante e que os atores tem o desejo de transmiti-lo um ao outro, abrindo ou fechando seus vínculos em função de sua aceitabilidade pelo entorno imediato (UGARTE, 2007, p. 17).

Com isso, pode-se conhecer que as informações transmitidas em meio às redes podem, por influência de um nodo sobre outro se transformar em uma extensão de poder. O que é interessante notar nessa assertiva é como tal propagação de informações pode extravasar os limites do grupo, influenciar outros grupos e gerar uma aceitação global acerca de uma determinada informação¹⁵⁰.

4.4.1) RELAÇÕES DE PODER NA REDE DO FSM

A observação da rede do FSM trouxe à tona informações que se mostraram por um lado bastante interessantes e, por outro, bastante destoantes com a ideologia do Fórum.

Os procedimentos adotados tiveram início com a recuperação das páginas na web¹⁵¹ de cada um dos 8 membros do CO¹⁵² e das 124 ONGs, Redes, Movimentos Sociais e Sindicatos que compõem o CI¹⁵³ e, analisando-as procurou-se por informações que fizessem menção aos “parceiros” ou “links” com os quais essas organizações estivessem vinculadas. Assim, buscou-se através desses links e parcerias (que tais organizações afirmavam realizar) reconstruir a rede integral de “ligações” entre elas¹⁵⁴.

Com base nas informações sobre parcerias recolhidas junto aos sites de cada uma dessas 124 ONGs, Movimentos Sociais, Redes e Sindicatos na Internet, as redes do CO e CI¹⁵⁵ foram reconstruídas. Como quase todos os membros da rede do CO, com exceção apenas da Organização CIVES também fazem parte do CI, foi criado um banco de dados unificado para todas as organizações de ambas as redes. Tal banco de dados¹⁵⁶ procurou contemplar as temáticas abordadas por cada uma

¹⁵⁰Essa informação pode ser uma idéia em um blog, um texto político, uma imagem, enfim, se trata de novas formas de influenciar, contagiar e disseminar crenças e valores de um nodo ou grupo a outro.

¹⁵¹Alguns sites encontravam extintos, para tanto, foi utilizado o arquivo virtual da organização ARCHIVE, sob o endereço: www.archive.org

¹⁵²Os membros do CO são: ABONG, CUT, MST, CIVES, CBJP, CJG, IBASE e ATTAC.

¹⁵³Os membros do CI estão listados no ANEXO V. Sabe-se que existem outros 10 membros que compunham o CI, porém informações sobre os mesmos não foram encontradas.

¹⁵⁴A opção pela análise integral da rede e não por amostragem (como é o procedimento mais comum) está baseada na impossibilidade de realização de surveys com todas as 124 organizações membros do CI e CO.

¹⁵⁵Todas as organizações que compõem o CO também fazem parte da rede do CI, com exceção apenas da CIVES.

¹⁵⁶Vide ANEXO VI.

dessas organizações, local de atuação, caracterização (se rede, movimento social, organização sindical, ONG, etc.), e os parceiros com quem mantém conexões. Tais informações foram sistematizadas em um banco de dados do EXCEL e posteriormente em uma matriz com 8.565 relações diretas observadas¹⁵⁷. Mediante a dimensão de tal universo, optou-se por trabalhar com uma amostra¹⁵⁸ equivalente às organizações integrantes do CI e CO diretamente ligadas entre si¹⁵⁹. Esse segundo banco de dados resultou em duas matrizes binárias e simétricas no tamanho 8X8 (CO) e 124X124 (CI)¹⁶⁰, onde pôde-se perceber a presença ou ausência de parceria e conexão entre os nodos a partir dos resultados obtidos através do software UCINET 5.0.

A opção por trabalhar apenas com as informações acerca das conexões entre membros já participantes das redes se deve ao fato de que tais presenças ou ausências de conexões poderiam evidenciar relações internas e a constituição de uma estrutura organizacional que pode estar balizada também pelo caráter, dimensão e tipo de conexão entre os membros dessas redes.

4.4.1.1) CLIQUES

De modo a melhor abordar a centralidade dessas organizações nas redes do CO e CI, será inicialmente utilizada a categoria “cliques”¹⁶¹. Optou-se por iniciar essa análise a partir dessa categoria dada sua especificidade gráfica em informar acerca de micro-agrupamentos e relações hierárquicas no interior das redes, tal como se poderá observar nos dendrogramas abaixo.

Um clique pode ser definido como uma rede mais perfeita dentro de uma outra rede, ou seja, indica a presença de micro-redes, formadas de, no mínimo, três nodos com mutuas relações entre si (WASSERMAN e FAUST, 1994, p.254). De um modo geral, os “cliques” ajudam a melhor conhecer quem está ligado a quem, a fim de descobrir pequenas conexões em grandes redes (ERICKSON, 1988 apud WELLMAN e BERKOWITZ, 1988).

Assim, os “cliques” podem ser definidos como a quantidade de relações diretas dos atores. Destarte, quanto mais as relações são diretas, certamente, maiores e mais importantes são os elos

¹⁵⁷As quais equivalem a cerca de 3% do universo total de ONGs existentes em todo o mundo, segundo o levantamento periódico realizado pela ONU.

Para maiores informações, vide http://www.ong-ngo.org/spip.php?page=sommaire&id_rubrique=4.

¹⁵⁸Tal amostra não resultou de um cálculo elaborado, apenas selecionou-se as organizações diretamente ligadas ao CO e CI e conectadas entre si.

¹⁵⁹Mesmo nesse pequeno recorte foram encontradas 15.376 possibilidades de conexão entre os nodos. Vale lembrar que “ligações possíveis” nem sempre correspondem a realidade encontrada.

¹⁶⁰Vide ANEXO VIII.

¹⁶¹Conforme Erickson (apud WELLMAN e BERKOWITZ, 1988), o termo clique também pode ser interpretado como “cluster”, ou seja, enquanto ferramenta de pesquisa pode ser utilizado como um tipo específico de cluster cuja densidade pode alcançar 1.0. Entretanto, Erickson ainda trabalha com o conceito de cliques entendendo-o em termos de relacionamentos interpessoais.

construídos na rede, i.e., mais representam densidade no interior da rede (MARTELETO, 2001). Mas, as relações também podem acontecer de forma indireta, isso significa que não só a quantidade de elos diretos define a posição dos integrantes de uma rede, mas também seu potencial conector. Assim, as duas medidas (diretividade e posição) que compõem a categorização dos “cliques”, devem ser calculadas ao longo da pesquisa de modo a melhor compreender a posição dos atores nas redes. Deste modo, os “cliques” podem representar uma instituição, um (sub) grupo específico e mesmo identificar a movimentação em torno de um determinado problema. Considerou-se como “cliques” apenas os subgrupos formados por dois ou mais nodos.

Com a ajuda da ferramenta N-CLIQUE, disponível no software UCINET que permite perceber nodos intermediários e micro-redes em uma dada relação no interior de rede e, conforme a ROTINA UCINET¹⁶²: NETWORK > SUBGROUPS >N-CLIQUEs, foram identificados 8 “cliques” na rede do CO, com variância entre 0 (nenhuma conexão) e 2 (conexões bidirecionais), dispostos em 3 subgrupos formados por

- 1) Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), Centro de Justiça Global (CJG);
- 2) MST, CJG, Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania (CIVES), e
- 3) ABONG, Instituto Brasileiro de Análises Sócio Econômicas (IBASE), CJG, tal como pode ser observado no DIAGRAMA 1 que se segue.

Também chamado de estudo de subgrupos, as análises referentes aos “cliques” em uma rede também podem ser amostradas através de dendrogramas que representam a “coluna vertebral da rede”, que tem por finalidade ilustrar a força e coesão presentes no interior da rede.

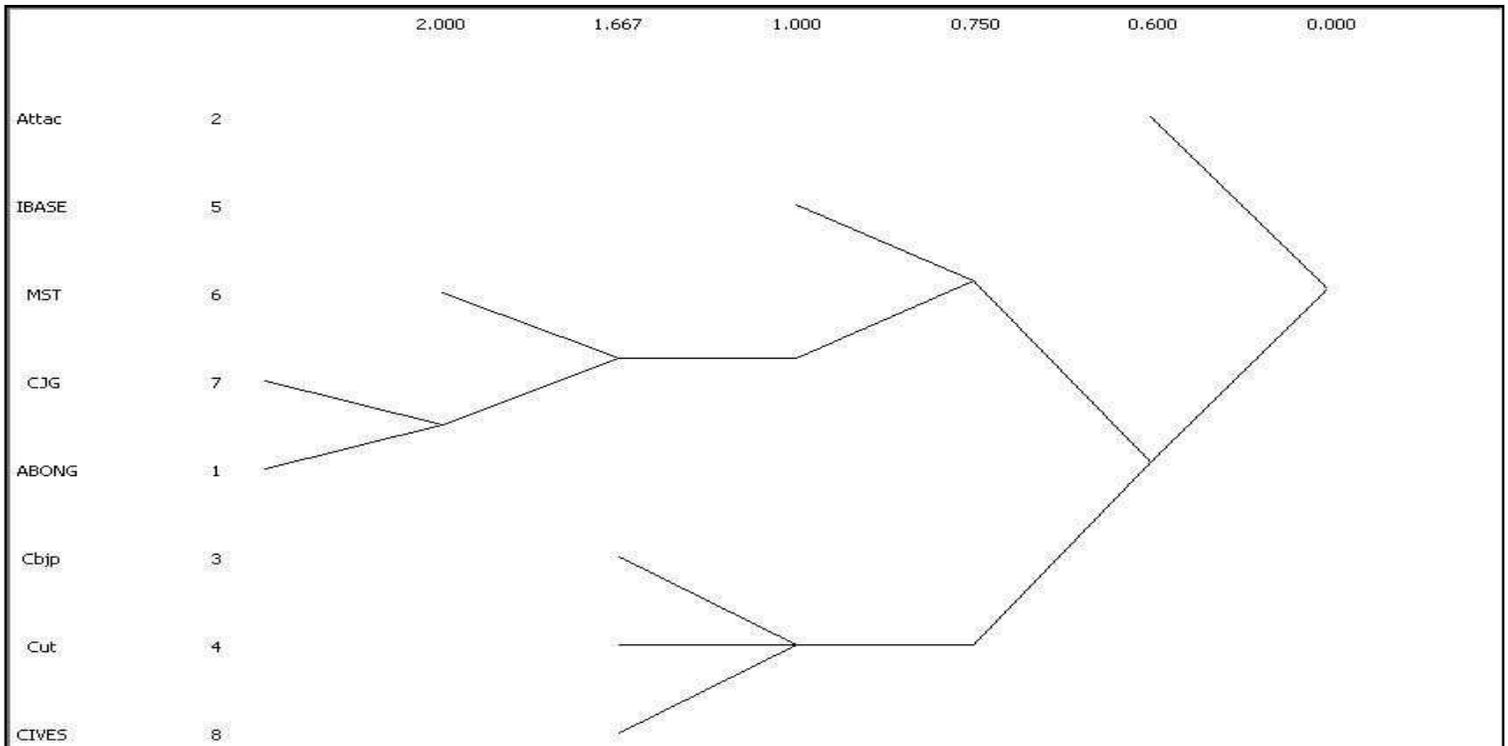
Assim, segundo Wasserman e Faust (1994) a importância das análises de grupos possivelmente coesos se revela através da boa compreensão das forças que operam por meio do contato direto entre os membros do sub agrupamento, ou mesmo do contato indireto transmitidos via nodos intermediários.

Existem inúmeras formas de se manter a coesão entre os membros desses subgrupos, geralmente, tais coesões se baseiam em propriedades específicas dos laços estabelecidos entre os membros desses grupos. No caso dos subgrupos observados nas redes do CO e CI, abaixo amostradas, tais potenciais conectivos foram analisados em termos de agendamento, interesse temático e interesse regional que os membros desses agrupamentos detém e que serão melhor trabalhados nas seções

¹⁶²Para cálculos de n-cliques sem a ajuda do software: d_{ij} (equivale a distancia mensurada e a equivalência estrutural entre os atores ij), α (máxima distância encontrada) resultando em $d_{ij} \leq \alpha$ (para atores próximos entre si) ou $r_{ij} \geq \alpha$ (para atores distantes entre si e com alta correlação) (WASSERMAN e FAUST, 1994, p. 381).

seguintes¹⁶³. Contudo, breves análises são expostas na seqüência apontaram para a formação de um grande bloco constituído de organizações brasileiras, com alta heterogeneidade de interesses entre si.

DIAGRAMA 1: Dendrograma de cliques na rede do CO:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Deste modo, o dendrograma acima representa a rede do CO, na qual é possível perceber uma alta conectividade geral da rede, e um elevado nível de coesão¹⁶⁴, sobretudo, em torno das organizações CJG e ABONG.

O mesmo procedimento analítico foi repetido com a rede do CI e, 524 “cliques” foram encontrados, variando entre 0 clique para organizações como a Confederação Européia dos Sindicatos (CES/ETUC), Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Solidariedade (CIDSE), dentre outras, quase sem conexões, até 785.000 “cliques” como a organização OneWorld, que mantém conexões com inúmeras organizações e que será melhor analisada ao longo desse trabalho.

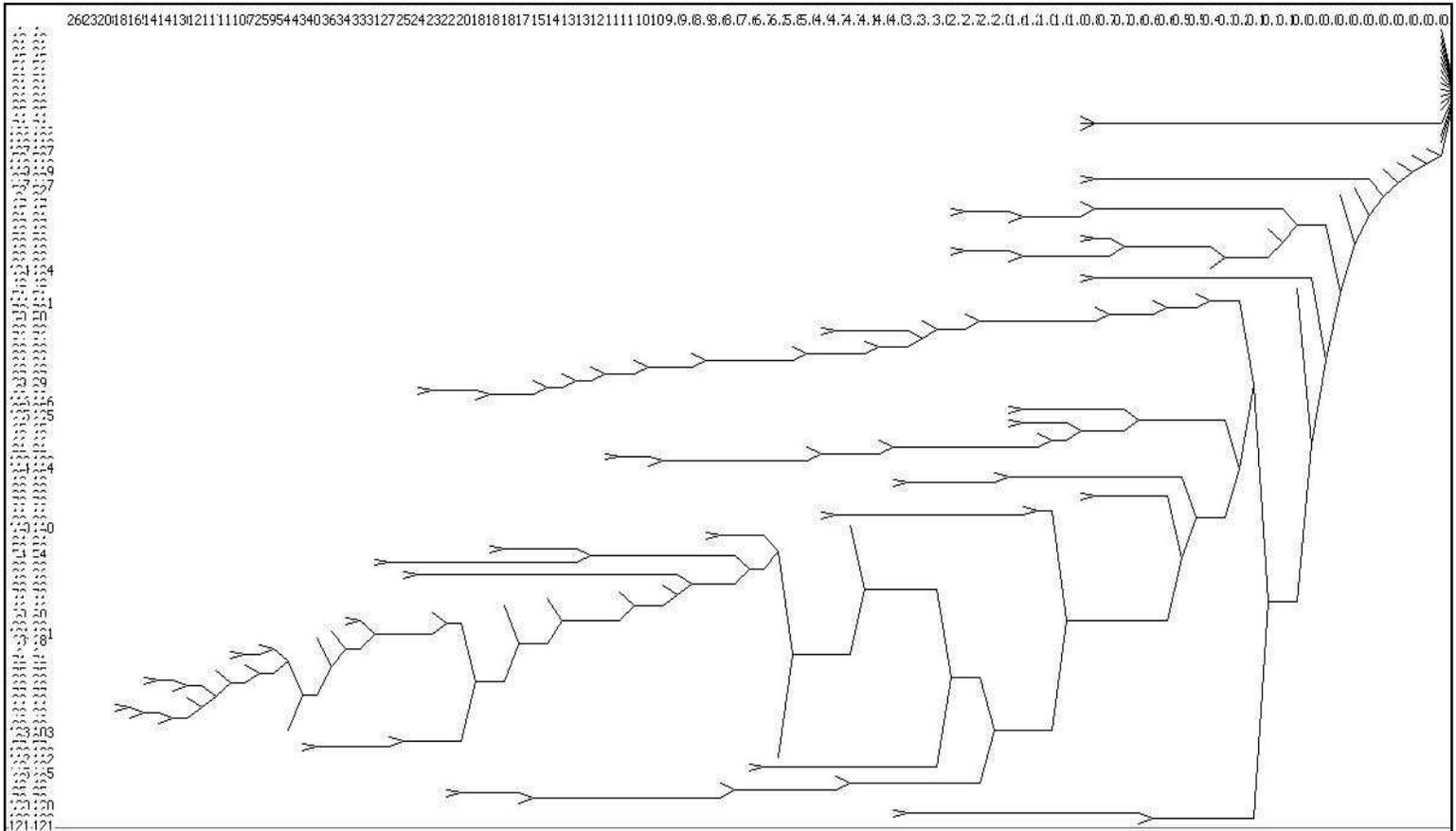
Bastante densa, porém com difícil observação das conexões entre as organizações, o

¹⁶³Entretanto, para se ter uma breve análise do caráter dessas organizações, basta olhar o ANEXO VI aonde é apresentado um Banco de Dados acerca das mesmas.

¹⁶⁴D. Cartwright e A.F. Zander distinguem três significados para coesão: a) é a atração para o grupo, inclusive a resistência em abandoná-lo; b) é o moral ou o nível de motivação dos membros para realizarem suas tarefas; c) é a coordenação dos esforços dos membros. Utilizamos aqui a primeira corrente, ou seja, por coesão entende-se como a resultante das forças de atração e repulsão do grupo (Group Dymanamics, Research and Theory. Evanston, Ill, Row Peterson, 1953, p. 76).

DIAGRAMA 2 contribui para a percepção do volume de fragmentações internas da rede do CI.

DIAGRAMA 2: Dendrograma de cliques na rede do CI:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

De um modo geral, as fragmentações apresentadas na imagem acima podem ser interpretadas a partir dos maiores volumes de conexões que figuram nos grupos formados pelas organizações:

- 1) Inter Pess Service (IPS), One World, Transnational Institute (TNI), e
- 2) Comitê para a Anulação a Dívida do Terceiro Mundo (CADTM), Centro Tricontinental (CETRI), Focus on the Global South.

O caráter dessas organizações sugere tratar-se de grandes organizações e redes internacionais que articulam micro redes específicas no contexto do FSM (ANHEIER e KATZ, 2004). Assim, é identificado nos agrupamentos o interesse desses atores por questões bastante heterogêneas, desde o estabelecimento de simples comunicação entre organizações, sustentabilidade, economia, direitos humanos, até mobilizações antiglobalização.

Individualmente, as organizações One World, Focus on the Global South, Friends of the Earth (FOE) – Friends of the Earth, Corpwach, CADTM, Alternative Information Development Centre (AIDC), e Internation Forum on Globalization (IFG) apresentaram os maiores níveis de articulação, sobretudo em torno de questões ligadas à temática da antiglobalização, opções econômicas sustentáveis e direitos humanos, sugerindo, com isso, tratar-se de mediadores importantes para seus micro-agrupamentos.

Trata-se, portanto de grandes organizações e redes internacionais que, em sua maioria, são originárias de países do hemisfério Norte (com exceção apenas da Focus que é thailandesa), e articuladoras de micro-redes específicas no contexto do FSM tal como será mostrado mais adiante. Por isso, no primeiro agrupamento pode ser percebido o interesse por questões bastante heterogêneas, indo do simples estabelecimento de comunicação entre organizações, sustentabilidade, economia chegando a direitos humanos; no segundo agrupamento, foi percebido um grande consenso entre as agendas temáticas de seus integrantes, versando, sobretudo acerca das mobilizações antiglobalização.

4.4.2) CENTRALIDADE

Outra abordagem interessante para se perceber o caráter dessas conexões é utilizar a categoria centralidade. Definida por Wasserman e Faust (1994) como a posição que um indivíduo ocupa em relação aos outros no interior da rede, a centralidade é considerada um excelente medidor da quantidade de elos que se colocam entre esses sujeitos da relação.

Assim, a centralidade é utilizada para explicar acerca da posição que um nodo ocupa no interior da rede da qual participa, aonde é possível perceber sua inter-relação com os demais nodos.

Preocupada em alcançar os atores mais centrais, mais proeminentes, mais poderosos e com maior prestígio na rede, tal abordagem procura medir o grau de centralidade utilizado nas redes simétricas, como no caso analisado, que se manifesta pelas relações diretas de cada ator (RODRIGUES e MÉRIDA, 2006). Assim, tal gradação pode ser medida pelo número de laços diretos que um ator possui com outros demais em uma rede (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Nesse caso, a centralidade somente poderá ser conhecida uma vez que se conhece qual é a proximidade ou distância que essa organização mantém das demais com quem está conectada e qual é a sua capacidade de alcançá-las. Essa conexão pode ser direta ou indireta. Indiretamente, há intermediação entre um nodo e outro¹⁶⁵. Sendo assim, essa relação pode ser analisada em termos de

¹⁶⁵O ator que realiza essa operação também pode ser chamado de “mediador central”.

índices de intermediação, ou caminho “geodésico”¹⁶⁶ existente entre o mediador central e o nodo com o qual deseja se comunicar. Tal análise revela a importância que um nodo qualquer (que pode ou não ser central) tem na conectividade da rede¹⁶⁷, e como o mesmo conduz a intermediação com as demais organizações.

A centralidade foi aqui aplicada de modo a compreender como se dão as conexões nas redes do CO e CI, visto que alguns micro-agrupamentos já haviam sido anteriormente localizados na análise de “cliques”. Assim, a centralidade de uma organização em uma rede pode ser um indicativo de sua capacidade de influenciar através de fluxos, outras organizações. Desta forma, utilizando a medida de análise de “centralidade”, calculada de diferentes formas, procurou-se responder como se dão as conexões nas redes do CO e CI.

4.4.2.1) PODER DE BONACICH

Uma maneira de se abordar a centralidade de uma organização no interior de uma rede é observando suas relações de poder e medidas, que podem ser obtidas a partir do cálculo do Poder de Bonacich.

O índice de poder de Bonacich analisa a centralidade de cada ator como uma função relacionada à quantidade de conexões que este pode realizar com outros atores próximos a ele. Quanto mais diretas forem as conexões, maior será o ‘poder’ do ator.

Como parte da rotina de análise de centralidade, o “Poder de Bonacich” é uma medida para se descobrir os conectores centrais de uma rede (WASSERMAN e FAUST, 1994). Tal ferramenta encontra-se disponível no software UCINET através da ROTINA: NETWORK > CENTRALITY > POWER¹⁶⁸.

A TABELA 6, portanto, informa acerca da centralidade da Organização ABONG no interior da rede do CO, e a completa dispersão das organizações ATTAC e CIVES deslocadas do restante do

¹⁶⁶ A distância geodésica indica as distâncias entre pares de nodos e pode revelar a real posição de um determinado nodo no interior da rede. Assim, a distância geodésica entre dois “nós” é o número de ligações no menor caminho entre elas, podendo também indicar uma possível métrica a partir da intensidade dos fluxos. Onde, a direção (bidirecional ou unidirecional) dessas conexões pode indicar também o nível de conectividade (influência ou coesão) que essas organizações têm entre si, e que pode também ser analisado em relação à reciprocidade que mantém em suas parcerias. As diferenças na forma como os atores estão conectados na rede pode também ser um indicador fundamental de “solidariedade” ou ausência dela no interior da rede.

¹⁶⁷ Porém, não se deve esquecer que as redes, sobretudo aquelas estabelecidas através da Internet, possivelmente pela suas características de volatilidade, podem mudar e, tais transformações devem ser levadas em conta no momento de sua análise. Entende-se assim, que os desenhos sociométricos vistos hoje de algumas redes, correspondem apenas a sua aparência no dia em que foram investigadas, não sendo imagens perenes.

¹⁶⁸ Para cálculos sem a ajuda do software: α (escala de resultados); β (parâmetro que reflete a centralidade dos nodos com os quais se esta conectado); i -ésimo (entorno); F (matriz de adjacência); i (vetor), I (identidade da Matriz), resultando em $c(\alpha, \beta) \alpha(I \beta F) I F i$ (MUNIZ, HERRERO e CARVAJAL, s/d, p.05).

grupo.

TABELA 6: Poder de Bonacich na rede do CO:

Organização	Power	Normal
ABONG	2.000	5.842
ATTAC	0.000	0.000
CBJP	0.500	1.461
CUT	0.500	1.461
IBASE	1.000	2.921
MST	1.000	2.921
CJG	1.000	2.921
CIVES	0.000	0.000

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Por meio de representação gráfica das relações internas entre os membros da rede do CO é possível perceber com mais clareza tais situações de centralidade e dependência encontradas na Tabela acima.

O fato de alguns indivíduos com mais contatos diretos em uma rede não serem necessariamente aqueles que ocupam as posições mais centrais, como é o caso da organização MST, pode ser explicado através da abordagem de “abertura estrutural”¹⁶⁹. Um indivíduo com poucas relações diretas pode estar muito bem posicionado em uma rede por meio da utilização estratégica de suas aberturas estruturais¹⁷⁰. Nessa discussão, o poder aparece ligado à posição que o ator ocupa na rede, podendo também ser analisado em termos da extensão em relação a uma posição particular na rede.

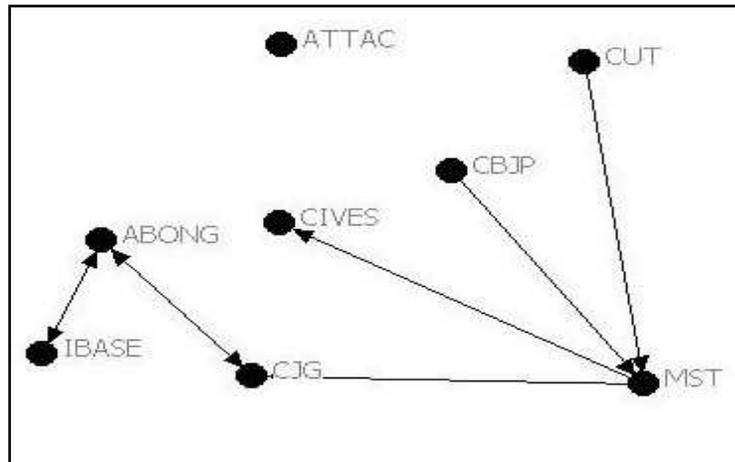
É possível afirmar que na rede do CO o fenômeno da dependência estrutural é exercido pelo nodo CJG, posicionado ao centro da rede e servindo como um vetor de coesão entre os dois subgrupos. Dessa forma, com um índice bastante alto de centralização de 99,34%, cujo cálculo pode ser realizado utilizando o índice de Centralidade de Bonacich com a variante eigenvector¹⁷¹ que simetizou a matriz em x_{ij} e x_{ji} . Tal índice revelou uma alta capacidade conectora da organização CJG no interior da rede do CO com as dimensões restritas à apenas seus membros.

¹⁶⁹ Conforme Emirbayer e Goodwin (1994), a idéia da utilização de aberturas estruturais baseia-se na otimização das relações e maximização dos contatos, o que interfere diretamente na centralidade de um indivíduo no ambiente das redes.

¹⁷⁰ Emerson (1964) denomina como “dependência estrutural”, porém tal premissa somente pode ser utilizada no caso de redes onde os nodos têm pesos equivalentes com respeito à influência que exercem em suas relações com outros nodos.

¹⁷¹ A Série de Bonacich prescreve que a centralidade de cada ator é uma função relacionada à quantidade de conexões de cada ator e de quantas conexões os atores próximos a ele possuem. Assim, quanto menores forem as conexões dos atores próximos, menor será o “poder” do ator na rede. A função eigenvector, por sua vez, é comumente utilizada para encontrar centralidade de cada ator e é geralmente associada à série de Bonacich, também chamada de “encadeamento de menus”.

DIAGRAMA 3: Desenho da Rede do CO:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET, vide matriz ANEXO VIII.

Avaliando o caráter dessas organizações, percebe-se uma concentração decisória das organizações brasileiras, nesse momento (entre os anos de 2001 e 2002), quando o CO ainda atuava, haja visto que o nodo ATTAC (organização francesa) encontra-se à parte dessas conexões. No entanto, tal concentração pode ser explicada pelo histórico do CO, que foi formado para organizar o primeiro FSM e, por ter sido realizado no Brasil, seria natural que a maioria de seus organizadores fosse organizações brasileiras.

Também pode ser identificado no primeiro agrupamento, via agenda temática¹⁷² das organizações que compõem a rede, uma concentração em torno de questões ligadas à economia, trabalho e direitos humanos, enquanto que no outro agrupamento a comunicação e a constituição de redes de trabalho entre as organizações aparecem como as demanda mais preocupantes.

Apresentada na seqüência, a TABELA 7 informa acerca da centralidade de cada organização na rede do CI. Nesta Tabela são mencionamos aleatoriamente apenas algumas das 124 organizações da rede do CI com a finalidade de mostrar o peso da organização OneWorld no interior da rede, com 44.876 indicando a maior concentração na rede, frente a outras organizações como a África Trade Network com 0 grau de concentração.

¹⁷²Vide ANEXO VI.

TABELA 7: Índice de Poder de Bonacich na rede do CI:

Organização	Poder (power)	Poder Normal (nrmpower)
50 Years is enough	5.000	19.511
ABONG	3.000	11.707
Action Aid International	4.000	15.609
ACTU	2.500	9.756
AFL-CIO	3.500	13.658
Africa Trade Network	0000	0000
MST	6.500	25.365
Narmada	1.000	3.902
NIGD	0.500	1.951
OneWorld	11.500	44.876
Rede Dawn de Mulheres	3.500	13.658
Social Watch	3.000	11.707

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

No bojo da análise sobre a centralidade de determinadas organizações na rede do FSM, verificou-se um índice de centralidade de Bonacich em 39,43% da rede.

4.4.2.2) DENSIDADE

Outra abordagem interessante da qual também se extrai análises de centralidade é a observação da densidade das redes do CO e do CI. Por densidade entende-se como as conexões efetivas em relação às conexões possíveis dentro da rede. Mede a proporção de relações existentes sobre o total de relações possíveis, indicando a intensidade de relações em um conjunto da rede (WASSERMAN e FAUST, 1994). Sujeitando as matrizes do CO e CI à análise de densidade no software UCINET através da ROTINA: NETWORK > COHESION > DENSITY¹⁷³, obtiveram-se as seguintes informações.

No caso da rede do CO utilizando a ferramenta de Densidade Média dos Blocos disponível em UCINET, foi encontrado um valor médio entre os nodos de 0,2143 e desvio padrão de 0,5579. Em outras palavras, significa que apenas 20% das conexões possíveis entre as organizações que compõem a rede do CO podem vir a se concretizar como laços fortes, tendo uma variação considerável no estabelecimento de suas relações. Contudo, dentre esses 20% de conexões bidirecionais que poderiam se realizar existe atualmente 12 interações bidirecionais efetivamente concretizadas.

Assim, ao passo que tal rede apresenta uma baixa integração entre as organizações que dela

¹⁷³Para cálculos sem a ajuda do software: Δ (indicando os atores), A (número de arcos) e n (número de vértices), resultando na formula: será: $\Delta = \frac{A}{n(n-1)}$

participam, acredita-se que, enquanto muitas delas estão fortemente integradas como as organizações CJG, MST e IBASE, outras mantêm ligações apenas com um ou dois parceiros, dando a entender certo isolamento ou fragmentação por parte desses últimos. Assim, com a ajuda do software UCINET para a realização desses cálculos, estima-se que 25% desses nodos não conseguem alcançar uns aos outros, exigindo deles um maior esforço para o estabelecimento das relações diretas com as organizações mais centrais na rede, indicando uma fraca solidez para a rede como um todo.

Realizando o mesmo procedimento metodológico para a rede do CI, encontrou-se um valor médio de densidade entre os nodos de 0,0310 e desvio padrão de 0,1991 revelando-se uma rede mais ampla, porém, pouco densa.

De modo a confirmar tais observações, utilizando as ferramentas de centralidade e fragmentação, foram encontrados um total de 724 ligações entre os membros da rede e uma taxa de fragmentação¹⁷⁴ de 0,644 revelando uma fraca capacidade de interação entre seus nodos e uma baixa densidade, possivelmente causada por sua dimensão. Assim, a taxa de fragmentação da rede mostra que a rede do CI, mesmo ampla, possui uma fraca densidade em seu interior e uma alta taxa de fragmentação. Estas, por sua vez, orientam para uma interpretação acerca da baixa capacidade de integração entre seus membros, aonde é possível notar a presença singular de apenas 2 membros com alta capacidade conectora (One World e Corp Watch), mas com baixa capacidade de manter e articular essas conexões.

4.4.2.3) GRAU DE CENTRALIDADE

Conforme a ROTINA UCINET: NETWORK > CENTRALITY > DEGREE¹⁷⁵, pode-se medir o grau de centralidade das redes estudadas. Tal medida, por sua vez revela a proeminência de um determinado nodo no interior da rede e ainda gerar informações sobre as “trocas” entre os nodos.

As Tabelas que seguem apresentam os graus máximo e mínimo de centralidade no interior das redes do CO e CI. Para a rede do CO percebeu-se um percentual de centralidade de 19,05%, o que equivale a cerca de 1/5 da rede sob a centralidade de um único nodo, no caso a ABONG, tal como a TABELA 8 explicita.

TABELA 8: Grau de Centralidade das maiores e menores Organizações da rede do CO:

¹⁷⁴ROTINA UCINET: NETWORK □ CENTRALITY □ FRAGMENTATION.

¹⁷⁵ $C_D(ni) = d(ni) = x_{i+} = \sum_j x_{ij} = \sum_j x_{ji}$, aonde, $C_D(ni)$ é o nível do índice de centralidade do ator.

Organização	Grau (degree)	Grau Normal (Nrmdegree)	Participação (share)
ABONG	4.000	28.571	0.250
MST	4.000	28.571	0.250
CJG	3.000	21.429	0.188
IBASE	2.000	14.286	0.125
CUT	1.000	7.143	0.063
CIVES	1.000	7.143	0.063
CBJP	1.000	7.143	0.063
ATTAC	0.000	0.000	0.000

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

TABELA 9: Estatísticas de Grau de Centralidade da rede do CO:

	Grau (degree)	Grau Normal (nrmdegree)	Participação (share)
Média (mean)	2.000	14.286	0.125
Desvio Padrão (std dev)	1.414	10.102	0.088
Mínimo (min)	0.000	0.000	0.000
Máximo (max)	4.000	28.571	0.250
Centralidade da rede (netw. Centr.)	19,05%		
Heterogeneidade (heter)	18,75%		
Normalidade (norm)	7,14%		

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Semelhantemente, a TABELA 10, apresenta as organizações da rede do CI com maiores centralidades por parte das organizações OneWorld e Focus on the Global South, as quais podem ser interpretadas segundo as estatísticas do grau de centralidade encontrado apresentadas na TABELA 11.

Assim, na rede do CI, foi encontrado um grau de concentração de cerca de 13,43%, com a menor concentração da CES/ETUC com 0 e a OneWorld com 15.854 seguida da Focus on the Global South com 10.976, revelando um alto grau e concentração por parte da primeira organização que, em última análise apresenta-se mais como receptora de conexões, do que propriamente estabelecadora e influenciadora de outros nodos. Considerando o tamanho relativo de ambas as redes, o membro mais ativo na rede do CI possui uma capacidade de concentração bastante elevada.

TABELA 10: Grau de Centralidade das maiores e menores Organizações da rede do CI:

Organização	Grau (degree)	Grau Normal (Nrmdegree)	Participação (share)
OneWorld	39.000	15.854	0.049
Focus on the Global South	27.000	10.976	0.034
CADTM	23.000	9.350	0.029
AIDC	22.000	8.943	0.027
FOE	21.000	8.537	0.026
TNI	18.000	7.317	0.022
Rede Solidária	0000	0000	0000
CES/ETUC	0000	0000	0000

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

TABELA 11: Estatísticas de Grau de Centralidade da rede do CI:

	Grau (degree)	Grau Normal (nrmdegree)	Participação (share)
Média (mean)	6.484	2.636	0.008
Desvio Padrão (std dev)	6.311	2.566	0.008
Minimo (min)	0000	0000	0000
Máximo (max)	39.000	15.854	0.049
Centralidade da rede (netw. Centr.)	13,43%		
Heterogeneidade (heter)	1,57%		
Normalidade (norm)	0,77%		

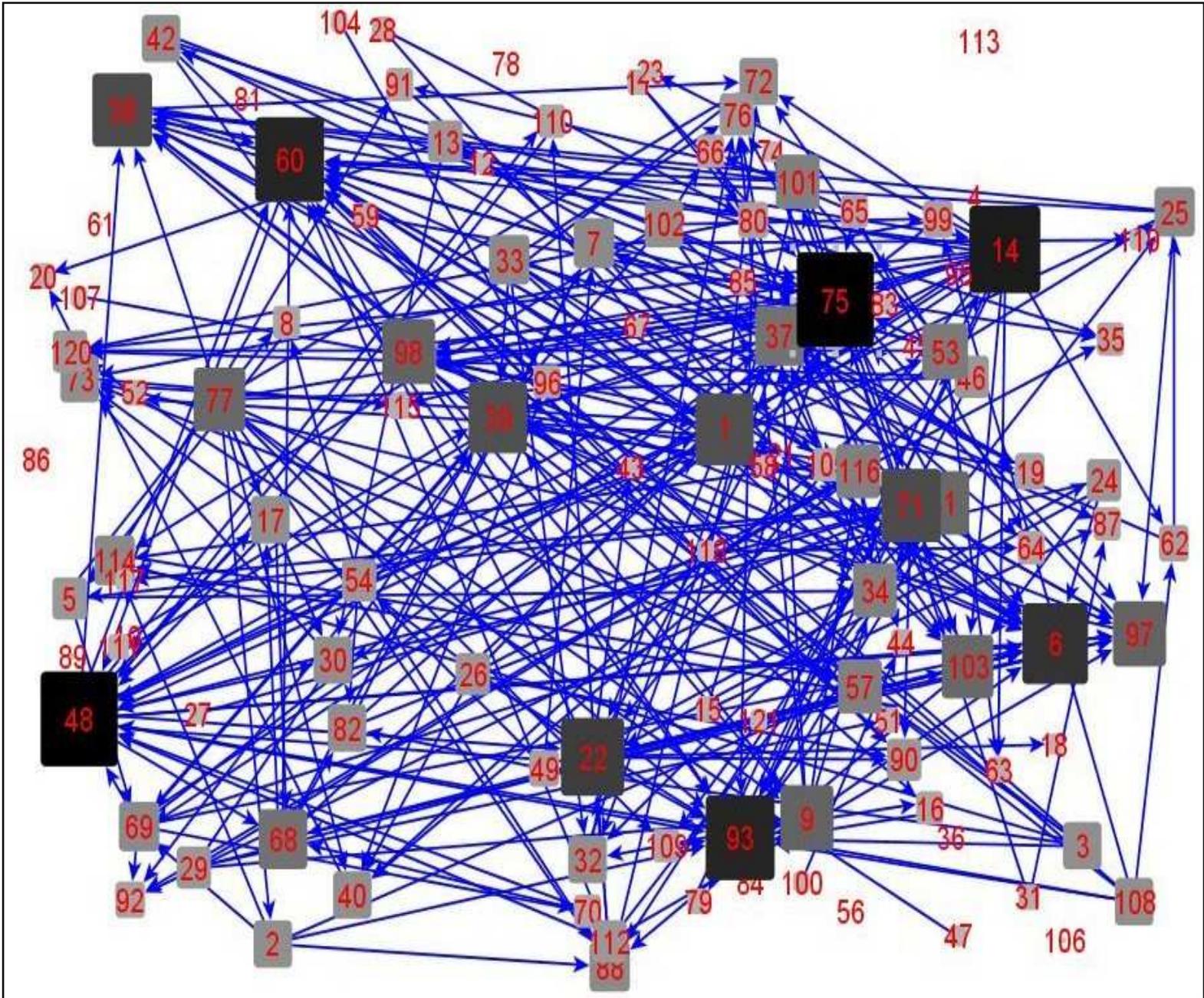
Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

De posse dessas informações acerca das citadas organizações centrais na rede do CI foi possível apresentá-las graficamente, separando-as em escalas de centralidade, onde os nodos maiores apresentam maior “potencial conector”¹⁷⁶, logo, maior centralidade no interior da rede, tal como demonstrado no DIAGRAMA 4.

Assim o DIAGRAMA 4 informa sobre o desenho estrutural da rede do CI, onde, cada membro da rede é identificado por um número, traduzido, por sua vez, no ANEXO V. Também é possível notar os nodos mais escuros e em tamanho maior representando as organizações em torno das quais se condensam o maior volume de micro-agrupamentos. Assim, separados em escalas de cor é possível verificar os nodos mais importantes (em preto) passando aos nodos menores no interior da rede do CI (em cinza claro), interligados, por sua vez pelas linhas azuis, que indicam os circuitos e conexões entre eles.

¹⁷⁶Por “potencial conector” entende-se como a capacidade de realizar conexão ou parceria que cada organização possui e que permite que a mesma pertença a maiores ou menores micro-redes.

DIAGRAMA 4: Imagem da Rede do CI em escalas de centralidade:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software VISIONE a partir de análise de degree e proeminence.

Uma análise dessa representação gráfica da rede do CI permite conhecer a respeito de alguns membros com maior potencial conector no interior dessa micro-rede de membros e que apresentaram os maiores níveis de centralidade nos grupos dos quais fazem parte em meio a rede do CI, enviando maiores vínculos conectores¹⁷⁷ do que recebendo, mostrando com isso, grande capacidade de articulação, sobretudo em torno de questões ligadas às temáticas da antiglobalização, opções

¹⁷⁷O envio de links implica na capacidade de cada ator em exportar informações para os demais nodos, criando com isso uma suposta situação de dependência estrutural (WASSERMAN e FAUST, 1994).

econômicas sustentáveis e direitos humanos, tal como as organizações OneWorld, Focus on the Global South, CADTM, AIDC (Alternative Information & Development Centre), FOE (Friends of the Earth), Corpwach e IFG (International Forum on Globalization).

Conforme levantado no ANEXO VI, de todo o universo estudado, 50% das organizações que compõem a rede do CI são provenientes ou mantêm sua sede em algum país do hemisfério Norte, como Europa ou América do Norte, fato que não é nenhuma novidade neste cenário, onde é reconhecido que tais organizações, por seu caráter internacional, oferecem melhores possibilidades de “participação e influência em assuntos globais” (KALDOR, 2003)¹⁷⁸. E dentre os nodos centrais acima levantados esse percentual de organizações do Norte sobe para 70%.

Se apenas observadas exteriormente, tais conexões não revelam seu tipo de solidariedade. Assim, somente é possível perceber a real natureza dessas conexões a partir de uma análise da densidade da rede como um todo. E, para analisar a densidade da rede é preciso observar o caráter das conexões entre os nodos, que geralmente são oriundas de conexões bidirecionais ou mútuas, assim, na seção seguinte é possível observar tal abordagem.

4.4.2.4) CENTRALIDADE DE FREEMAN

Procurando conhecer quais as organizações que são melhores ligadas a outras, ou detém mais influência sobre as demais, utilizou-se o índice de Centralidade de Freeman¹⁷⁹, o qual indica se os nodos participam mais ou menos da rede, se eles concentram mais ou menos as direções dos fluxos de parceria entre os nodos da rede. Calculado em função da rede com duas ou mais relações mensuradas (betweenness), que indica se os nodos participam mais ou menos da rede e, se eles concentram mais ou menos as direções dos fluxos de parceria entre os nodos na rede.

A diferença do indicador de Freeman para o índice geral de centralidade na rede é que o primeiro pode ajudar a melhor conhecer o gatekeeping no interior da rede a partir do momento em que se observa a mensuração das inter-relações (betweenness) entre nodos (WASSERMAN e FAUST, 1994).

Através da ROTINA UCINET: NETWORK > CENTRALITY > FREEMAN BETWEENNESS > NODE BETWEENNESS¹⁸⁰, aplicada à rede do CO é possível observar que a organização MST possui o maior potencial conector no interior dessa rede, onde o índice geral de centralidade da rede gira em torno de 15,31%, mostrando-se razoavelmente alto, uma vez que se

¹⁷⁸Esse assunto será retomado na Seção 4.5.2.

¹⁷⁹A Centralidade de Freeman é o índice mais utilizado para mensurar as relações entre nodos no interior das redes.

¹⁸⁰ $C_B(ni) = \sum_{j < k} g_{jk}(ni) / g_{jk}$, onde, ni é a soma das probabilidades de centralidade estimadas $p/$ cada ator (i).

constata a existência de alguns nodos sem conexão, conforme mostrado na TABELA 12.

TABELA 12: Grau de Centralidade de Freeman das mais proeminentes Organizações da rede do CO:

Organização	Centralidade (betweenness)	Centralidade Normal (nbetweenness)
MST	8.000	19.048
CJG	6.000	14.286
ABONG	5.000	11.905
CUT	0.000	0.000
IBASE	0.000	0.000
ATTAC	0.000	0.000
CBJP	0.000	0.000
CIVES	0.000	0.000

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

TABELA 13: Estatísticas de Grau de Centralidade de Freeman para a rede do CO:

	Centralidade	Centralidade Normal
Média (mean)	2.375	5.655
Desvio Padrão (std dev)	3.160	7.523
Minimo (min)	0.000	0.000
Máximo (max)	8.000	19.048
Índice de Centralidade (netw. Centr.)	15.31%	

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Assim a TABELA 14 informa acerca das organizações mais centrais na rede do CI, seguida dos índices estatísticos que as referenciam e que se encontram expressos na TABELA 15. Desta forma, para a rede do CI, a OneWorld é a ONG que possui a maior capacidade de centralização da rede, com 13,69%, seguida por outras ONGs e Redes de porte internacional.

TABELA 14: Grau de Centralidade de Freeman das mais proeminentes Organizações da rede do CI:

Organização	Centralidade (betweenness)	Centralidade Normal (nbetweenness)
One World	2150.105	14.328
Focus on the Global South	854.926	5.697
Social Watch	850.734	5.669
MST	792.548	5.282
CADTM	726.971	4.845
ATTAC	664.823	4.430
FOE	632.031	4.212
AIDC	615.199	4.100
World March of Women	590.786	3.937
CUT	464.061	3.093
50 Years is enough	419.143	2.793
Corp Watch	370.102	2.466

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

TABELA 15: Estatísticas de Grau de Centralidade de Freeman para a rede do CI:

	Centralidade	Centralidade Normal
Média (mean)	111.968	0.746
Desvio Padrão (std dev)	263.622	1.757
Mínimo (min)	0000	0000
Máximo (max)	2150.105	14.328
Índice de Centralidade (netw. Centr.)	13,69%	

Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Mas a interpretação mais interessante desse índice de centralidade é a demonstração da concentração estrutural em toda a rede, ou seja, o percentual de centralização da rede como um todo. Tal centralidade é muitas vezes relacionada ao “capital social¹⁸¹” que alguns “atores” possuem e que os tornam detentores de certo “poder” sobre os nodos que a eles se ligam. Indo um pouco além, Kadushin (2004) relacionou o “capital social” aos “círculos sociais” enunciando que estes “círculos”, aglutinariam grupos primários aparentemente desconectos entre si, em uma rede mais ampla.

É possível imaginar esse círculo social como um “pequeno mundo”, onde cada ator é um nodo, as conexões entre esses nodos não necessariamente devem ser diretas, os nodos podem estar distantes em infinitos níveis de distanciamento. Entretanto, nesse construto, o fluxo que circula entre os nodos e que os conecta são as idéias, conceitos, valores, etc., compartilhados pela rede. Neste pequeno

¹⁸¹ O Capital Social, segundo Putnam (2001) é uma ferramenta-chave na preservação dos valores democráticos. Para este autor, que acredita que o capital social esteja em declínio, os valores (físicos ou humanísticos) podem aumentar a produtividade de um indivíduo ou grupo, justamente pelo compartilhamento desses valores na rede da qual participam

universo, um mesmo ator pode compartilhar dos mesmos interesses de sujeitos de outras redes, construindo uma estrutura pessoal cada vez mais densa. Onde, o responsável por esse “pequeno mundo”, seria o “mediador”, ou seja, aquele que detém o “capital social” necessário para formular seu “circulo social”¹⁸².

Analiticamente, pode-se observar que quanto mais central é o ator na rede da qual ele participa, como mostrado em relação à organização inglesa OneWorld, mais ele pode influenciar os outros nodos que a ele estão ligados (tanto direta quanto indiretamente). Tal fenômeno pode ser explicado pela presença de um nodo muito bem posicionado em uma rede por meio da utilização estratégica de suas “aberturas estruturais”, que, em última análise pode, através de sua influência, sugerir na definição de temas, assuntos e até agendas interessantes na rede, variando também de acordo com seus interesses políticos. Pelo levantamento realizado, sabe-se que as organizações OneWorld, 50 Years is Enough, Focus on the Global South, dentre outras, são, com efeito, as maiores ou mais densas de toda a rede do CI.

Desta forma, para a rede do CO a organização MST é, claramente, a que mais centraliza os fluxos da rede, detendo 15,31% de centralidade da rede, enquanto que, na rede do CI, a OneWorld é a ONG que possui a maior capacidade de centralização da rede, com 13,69%, seguida por outras ONGs e Redes também de grande porte internacional. Comparativamente é possível afirmar que, no caso da rede do CO, quanto menor for a rede, maior capacidade de se criar esse “pequeno mundo” e mais bem articulado pode estar o “mediador”.

4.4.2.5) EGO

Uma das interpretações mais interessantes do índice de centralidade é a demonstração da concentração estrutural em toda a rede. Calculado através do UCINET utilizando a ferramenta de análise EGONET¹⁸³, que calcula a concentração estrutural que um determinado nodo detém sobre a rede como um todo, ou seja, o percentual de centralização que esse nodo detém na rede, revelando ainda o comportamento desse nodo em particular (WASSERMAN e FAUST, 1994). Tal abordagem possibilita observar a conexão que cada organização individualmente desenvolveu no interior das redes estudadas.

Assim, na rede do CO, foi encontrado um grau de concentração de cerca de 19,05%, o que

¹⁸²O conceito de Círculos Sociais foi primeiramente introduzido por Simmel (1950) e prescreve a sociedade como um complexo de sobreposições de redes fechadas, umas sobre as outras. Mais tarde, Barry Wellman (1999) correlacionou esses círculos sociais à sua teoria do “pequeno mundo”.

¹⁸³Na Análise de Redes Sociais a função EGO serve para localizar a posição exata de um determinado nodo no interior da rede e suas inter-relações.

pode indicar a existência de organizações em competição pela centralidade no interior dessa rede, particularmente, entre as organizações ABONG e MST, conduzindo, por sua vez a uma interpretação em torno da tentativa de concentração da rede por parte de seus membros. Já na rede do CI esse índice de concentração fica na casa do 13,43%, se considerada somente a concentração dos dois maiores nodos na rede OneWorld e Focus on the Global South, indicando por sua vez uma certa dispersão entre os membros da rede, tal como apresentado no DIAGRAMA 5.

Considerando o tamanho relativo de ambas as redes, o membro mais ativo na rede do CI possui uma capacidade de concentração bastante elevada se comparado ao CO. Porém, nem sempre sua capacidade de centralização indica sua proximidade com os demais nodos na rede, antes esse sujeito pode estar “conectado” ao seu vizinho, mas não necessariamente ligado a um “nodo central” ou um bom conector, como por exemplo, é o que ocorre com a organização OXFAM, na rede do CI. Essa organização apresenta-se mais como receptora de conexões, do que propriamente como estabelecadora e influenciadora de outros nodos, estando ligada a muitas organizações não centrais na rede.

No contexto da Análise de Rede Sociais, a maior recepção de conexões pode estar indicando para uma grande centralidade do nodo na rede, uma vez que quem “recebe” conexões pode também deter um grande número de fontes de informações, tal como acontece com a organização OneWorld, naturalmente ligada a temática das comunicações e ciberativismo, tal como será mostrado na seqüência. Essa organização apresenta muitas conexões, é grande receptora e divulgadora de informações, contudo, não possui vínculos ou conexões fortes e sólidas com muitos parceiros. Esse “feixe” de conexões que a OneWorld detém pode indicar que trata-se de um bom conector, porém, com frágil capacidade agregadora, uma vez que o nodo que centraliza e distribui informações nem sempre é aquele que detém o “poder na rede”, ou seja, quem “recebe” mais conexões detém “mais poder” na rede é uma falácia, uma vez que pode estar apenas reproduzindo um discurso que não é seu e que, portanto, não ratifica suas idéias. Um exemplo contrário é encontrado na pequena, mas sólida, rede formada pela conexão MST, Via Campesina e CUT que, dada a sua reduzida dimensão consegue obter a coesão necessária entre seus membros de modo que as informações e parcerias fluam de um nodo a outro.

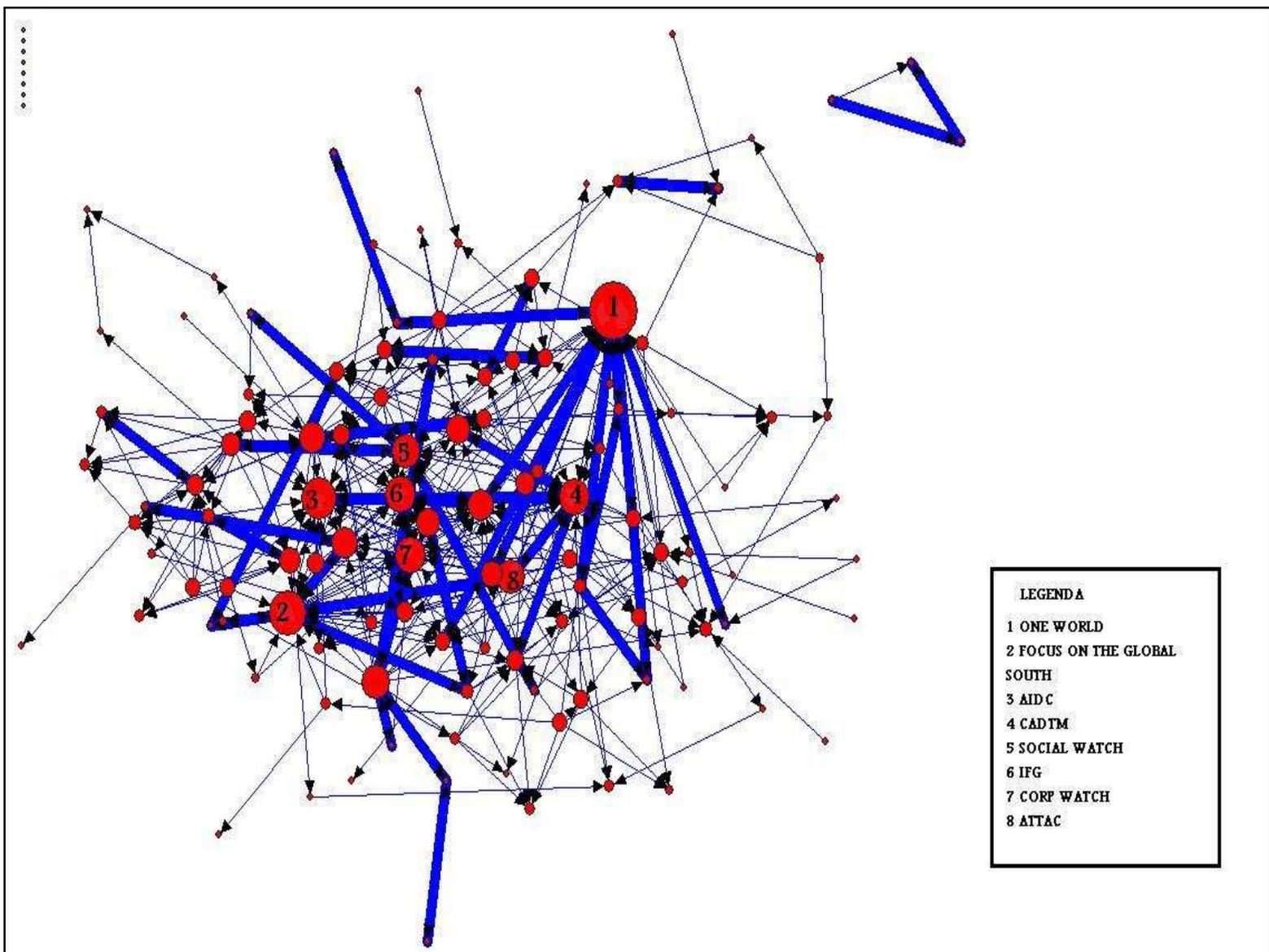
Assim, as diferenças na forma como os nodos estão conectados na rede pode também ser um indicador fundamental de “solidariedade”¹⁸⁴ (ou sua ausência dela) no interior da rede, como é o caso do exemplo dado pela OXFAM, que possui muitos nodos unidirecionais ligados a si (cerca de 12), porém, seu grau de influência sobre esses nodos é muito baixo por só receber conexões e não transmitir

¹⁸⁴Esse reforço da solidariedade no interior das redes remete à idéia de “rizoma” de Deleuze.

nenhuma, assim, na lógica das redes sociais, a capacidade de articulação e solidariedade da OXFAM é bastante frágil. Contudo, como dito, isso pode, por outro lado, representar um indicativo de um outro tipo de “poder”, marcado pela capacidade de concentração de informações de distintas fontes.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, são apresentados no DIAGRAMA 5 alguns dos nodos com mais alta concentração no interior da rede do CI, assinalados segundo o tamanho dos nodos em escala. Foram observados 8 nodos com ampla capacidade e dinâmica de inter-relações na rede. A fim de comparar os tipos de ligações dessas organizações, foram assinaladas as linhas finas indicando ligações fracas e as linhas grossas em azul que indicam as ligações fortes (ou sólidas) entre os nodos.

DIAGRAMA 5: Centralização na rede do CI segundo escalas:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET, utilizando Netdraw, Centralidade, escala métrica entre nodos e ego para localizar apenas para os nodos citados.

Realizando um pequeno teste com os dois maiores nodos da rede do CI: a organização inglesa OneWorld (1) e a ONG thailandesa Focus on the Global South (2), observa-se uma densa rede que se forma em torno desses dois nodos (assinalados na imagem acima) e como ambos se intercomunicam, formando duas redes interpenetráveis entre si, tal como pode ser observado no DIAGRAMA 6. Nessa imagem é possível observar a proeminência desses dois agrupamentos em escalas de concentração de conexões no interior da rede do CI.

Utilizando a ROTINA UCINET: DATA > EGONET > CONSTRUCT 1ST-ORDER NEIGHBORHOOD > NODE FOCAL (58)¹⁸⁵, verificou-se que a organização Focus on the Global South dispõe de 24 nodos ligados a ela direta e indiretamente, o que compromete 19,4% do todos os nodos da rede; o mesmo procedimento realizado para a organização OneWorld apresentou uma alta concentração de 32 nodos e 25,8% de toda a rede. Com isso, observa-se uma concentração de 37,1% do total da rede nas mãos de apenas duas organizações, ambas que trabalham com as temáticas: antiglobalização, direitos humanos e meio ambiente.

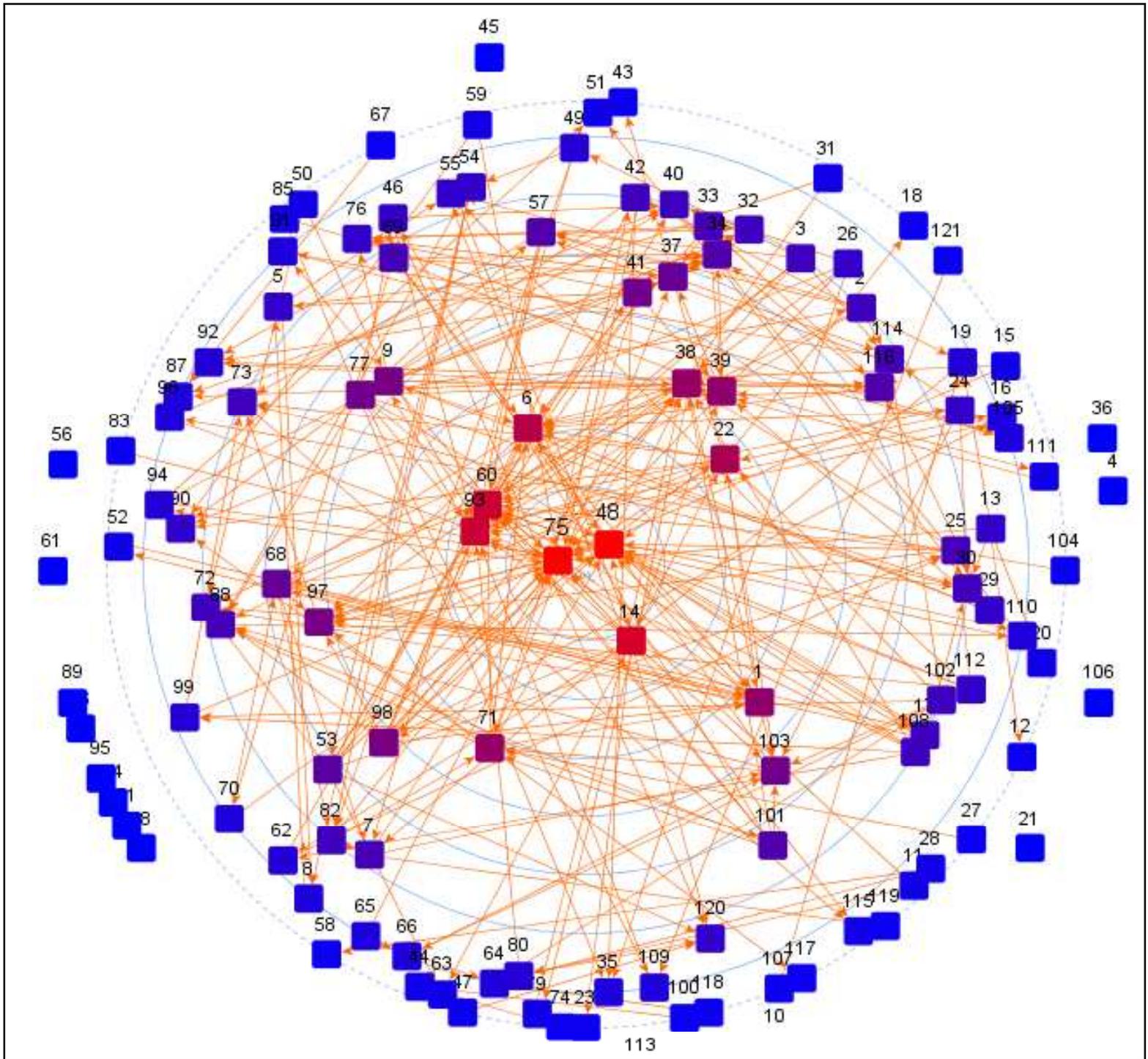
Entretanto, como foi possível verificar nas análises anteriores, mesmo tratando-se de organizações centrais, tais agrupamentos não são potencialmente densos e coesos entre si, fator que indica a presença de micro-redes em seu interior. Tal “gap” pode estar sendo criado por algum fator (ou fatores) que podem estar influenciando a fragmentação dessa rede em micro-redes, como a região de atuação ou as temáticas interessantes a essas organizações no interior do FSM, verificado na seqüência.

Assim, o DIAGRAMA 6 informa acerca do Status e do grau de proeminência das organizações OneWorld e Focus on the Global South no interior da rede do CI. A opção por realizar uma análise dessa monta se deve ao fato de que, conforme Wasserman e Faust (1994), a definição do status de um nodo no interior de uma rede está ligado ao local de ação do ator na rede. Desta forma, os atores com maior ou menor prestígio ou proeminência são alocados em posições estratégicas no interior da rede. Essa imagem diz respeito a tais posicionamentos.

Na imagem que se segue é possível visualizar a rede do CI conforme percentual de proximidade entre nodos a partir de um diagrama de raios coordenados, indicando que os nodos ao centro da circunferência possuem maior potencial conector do que os nodos das extremidades. Também é possível visualizar uma hierarquização por cores entre esses nodos, aonde os nodos em vermelho 75 e 48, respectivamente OneWorld e Focus on the Global South possuem maior status coordenado que os nodos em azul que, por sua vez se encontram nas extremidades e possuem poucas ou nenhuma conexão.

¹⁸⁵Para calcular a citada expressão: $d(L_{ik}, L_{jl}) = \sum_{r=1}^{R+} |x_{ikr} - x_{jlr}|$, onde, L_{ik} e L_{jl} são os atores, $R+$ é a soma do número e relações possíveis para k ou para l .

DIAGRAMA 6: Proeminência de agrupamentos na rede do CI:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software VISONE utilizando Distância entre Nodos e Fontes, grau e visualização a partir de Proeminência e Status coordenado.

Observando o caráter das organizações presentes nessas conexões localizadas mais ao centro do círculo e, como dito, “melhor conectadas”, leva a pensar em algumas suposições que serão mais bem trabalhadas nas seções seguintes. Assim, analisando o caráter dos nodos 75 e 48 (OneWorld e

Focus respectivamente), e dos nodos 14, 06, 93 e 60 (FOE, AIDC, Social Watch e IFG respectivamente) que, tal como pode ser conferido no ANEXO VI, tratam-se de organizações cujas sedes estão localizadas no hemisfério Norte e cujas agendas temáticas¹⁸⁶ revelam uma predileção pelo direcionamento dado pelas temáticas regionais dessas localidades.

Trabalhando com a perspectiva do caráter dessas organizações e de suas inter-relações, é possível dispor o DIAGRAMA 6 em termos de tamanho e campo de atuação das organizações mais proeminentes do contexto. Assim, de modo a melhor abordar a temática da conectividade entre nodos considerados “centrais e periféricos”, já representados anteriormente, o DIAGRAMA 7 ilustra a conectividade existente entre os membros da rede do CI. Aonde, as setas indicam a direção da conexão, com os números variando entre 1 e 2 os quais sugerem a unidirecionalidade e bidirecionalidade das ligações respectivamente.

Nesse DIAGRAMA 7 é possível observar as grandes conectividades das organizações OneWorld, 50 Years, FOE, Focus on the Global South, Corp Watch, dentre outros, cuja presença central na rede do FSM foi percebida ainda nos DIAGRAMAS 3, 4 e 5.

Com isso a imagem abaixo informa acerca de níveis de centralidade entre os nodos, que podem ser determinados a) pelos espaços nos quais se situam no interior da rede, b) pelos tipos de conexão que realizam variando conforme o número de conectores e, c) pelo tipo de papel que o nodo desempenha no registro da rede do FSM¹⁸⁷.

O DIAGRAMA 5 ainda exemplifica a classificação das organizações centrais na rede quanto à sua centralidade, tomando como base suas características e perspectivas de atuação. Para tanto, foi adotada uma classificação desenvolvida por Anheier e Katz (2005) que diz respeito à centralidade das organizações no interior de uma dada rede.

Tal base classificatória gerou por sua vez, quatro “tipos ideais”: organizações centrais; semi-periféricas, periféricas e locais.

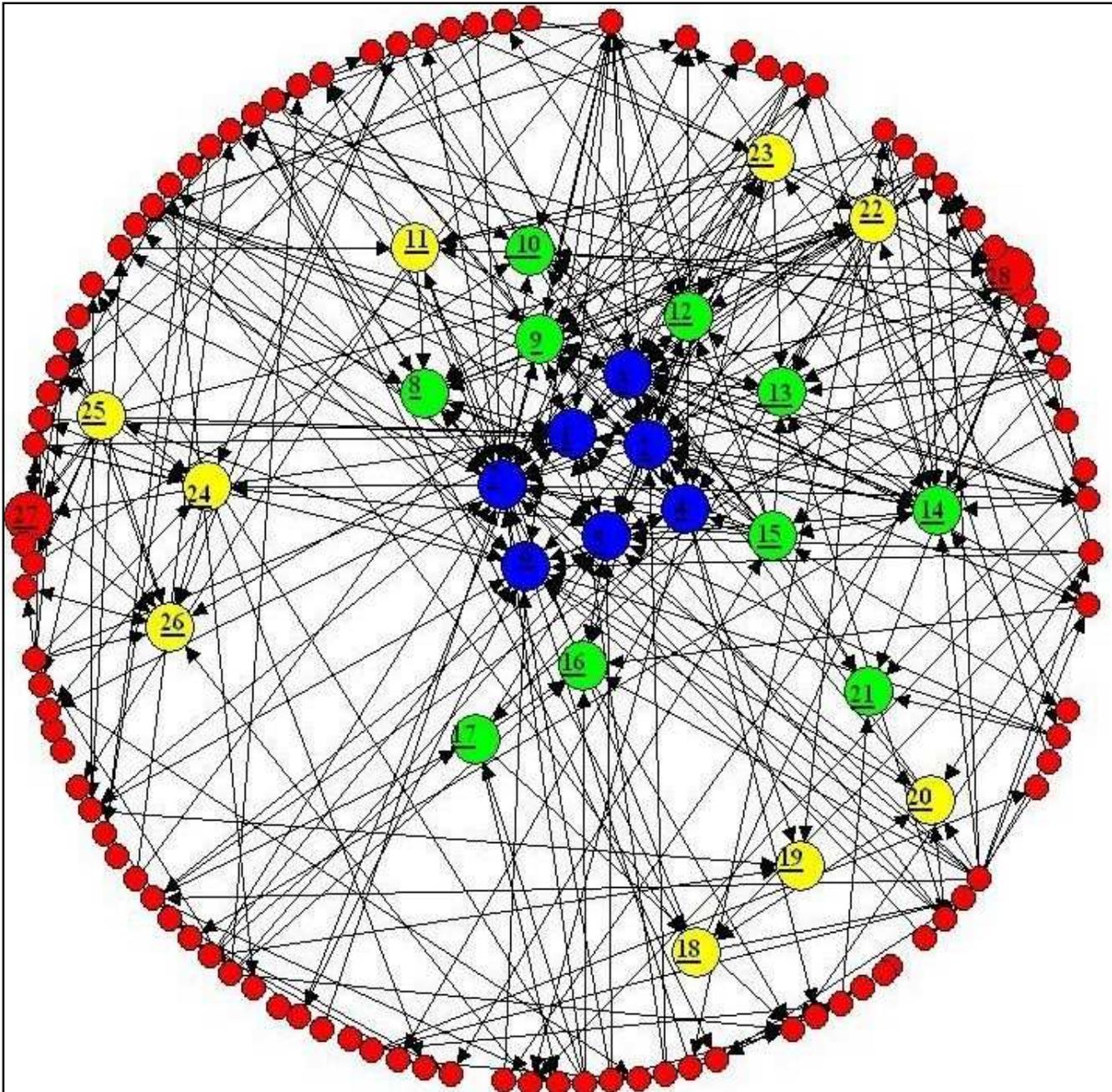
Entende-se por “organizações centrais” como aquelas organizações com tamanho e campo de atuação transnacional, agindo muitas vezes como “organizações guarda-chuva”; as “organizações semi-periféricas” são aquelas cujas atividades são internacionais, mas não centrais em seu grupo de trabalho específico, geralmente adotam temáticas generalistas como opção para transitarem por vários

¹⁸⁶Conforme Anheier et all (2002), dos atores que compõem o FSM, a maioria são ONGs cujas sedes organizativas estão alocadas no hemisfério Norte junto das instituições internacionais e de organizações “financiadoras”, cujo papel parece ser central nesse grupo.

¹⁸⁷Para se chegar a esses três indicadores: espaço, tipo de conexão e papel desempenhado, foi analisado o trabalho de Anheier e Katz (2005) que aplica esse mesmo tipo de lógica formal que subdivide a rede em categorias específicas para analisar a rede formada pelo Conselho que organizou o FSM de Mumbai (2004).

agrupamentos; “organizações periféricas” são aquelas cujo raio de atuação alcança apenas o nível nacional chegando até o limite do continente, ou o raio que sua agenda, que é geralmente específica, dista; por fim são classificadas também as “organizações locais” cujo campo de ação restringe-se apenas ao limite da região e das agendas específicas com as quais trabalha, entre essas organizações, encontram-se muitas que mantêm parceria com “organizações guarda-chuva”.

DIAGRAMA 7: Desenho da Rede do CI com centralidade dos nodos separados em escalas:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Com base no esquema analítico sugerido por Anheier e Katz e, observando tal Diagrama percebe-se que quanto mais central é o nodo na rede da qual ele participa, maior é a sua capacidade de influenciar os outros nodos que a ele estão ligados (tanto direta quanto indiretamente). Assim, através de sua influência, esses atores podem influenciar na definição de temas, assuntos e até agendas interessantes na rede, variando também de acordo com seus interesses políticos particulares.

Com base na classificação em “organizações mais centrais e mais periféricas” que os autores sugerem, pensou-se em explorar a rede do FSM de acordo com tal classificação¹⁸⁸, que foi expandida em “Organizações centrais” que são aquelas que ocupam uma posição central na rede, e que, conforme observado, em geral, são “organizações guarda-chuva”¹⁸⁹, como muitas das listadas e apontadas na imagem:

- 1) AIDC;
- 2) Focus on the Global South;
- 3) IFG;
- 4) ATTAC;
- 5) CADTM;
- 6) Social Watch;
- 7) OneWorld.

Tal centralidade, por sua vez, é dada pela capacidade que uma dada organização tem de melhor orientar e solidificar as relações que mantém com outras organizações a ela conectadas, e não necessariamente pelo caráter “guarda-chuva” que uma organização pode ter.

Uma segunda classificação, diz respeito às organizações “semi periféricas”, que são consideradas aqui como organizações muitas vezes internacionais que trabalham com uma agenda temática mais restrita e com menor parceria que as “guarda-chuva”. Na imagem foram identificadas as organizações:

- 8) World Marches of Women (WMW);
- 9) TNI;
- 10) Narmada;
- 12) 50 years is enough;
- 13) International Gender and Trade Network (IGTN);

¹⁸⁸No ANEXO VI está disponível um perfil das organizações listadas.

¹⁸⁹Conforme Della Porta e Diani (1999), as organizações guarda-chuva são criadas por organizações cujos núcleos e objetivos são específicos. Emergem geralmente em períodos onde a necessidade de partilhamento de recursos, identidade e conectividade entre seus membros se faz presente, recursos que permite que tais organizações se sustentem por maior período de tempo.

- 14) Corpwatch;
- 15) FOE;
- 16) Centre Tricontinental (CETRI);
- 17) Centre de Etudes et d Initiatives de Solidarité Internationale (CEDETIM);
- 21) CEDAR.

Por fim, foram abordadas as organizações “periféricas”, definidas como organizações cujo raio de ação raramente ultrapassa seus países vizinhos, e um conjunto que se chamou de “local”, que são tanto organizações que transitam por várias temáticas, como aquelas que trabalham localmente com temáticas restritas. São elas:

- 18) Rede Latino americana e caribenha de mulheres;
- 19) Rede de socioeconomia solidária;
- 20) IBASE;
- 22) MST;
- 23) Jubilee South;
- 11) Agência Latino-americana de Informação (ALAI);
- 24) Congress of South African Trade Unions (COSATU);
- 25) CUT;
- 26) Coordenadora das Centrais Sindicais do Cone Sul (CCSCS);
- 27) Confederação Mundial do Trabalho (CMT) e
- 28) Grito dos Excluídos.

Tais classificações informam sobre um sistema complexo de organização estabelecido a partir da lógica das redes sociais. Sistema que parece estar sendo orquestrado pelo “capital social” o qual pode, certamente, ser associado à centralidade nas relações que algumas organizações possuem no interior da rede. Centralidade que as tornam detentoras de certo “poder” sobre os nodos que a elas se ligam.

Analisando a rede do FSM segundo o capital social, este capital pode estar ligado tanto às agendas temáticas dessas organizações, como ao local aonde atuam e que podem estar diretamente associados às parcerias que estabelecem. Por exemplo, no caso da rede do CO, as ONGs IBASE, CJG e o MST são grupos brasileiros com expressão e participação em redes internacionais. O MST participa de uma rede vinculada a movimentos camponeses e de reforma agrária, como o Via Campesina e CLOC (Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo), Comissão Pastoral da Terra, CUT, etc.

Já na rede do CI, organizações mais complexas e com maior envergadura internacional

como as ONGs One World, 50 Years is Enough, Focus on the Global South, dentre outras, detêm grande influência sobre as demais variando segundo temática abordada, como por exemplo: coalizão REPEM/FDIM (Red de Educación Popular Entre Mujeres – América Latina/ Federação Democrática Internacional das Mulheres) na abordagem das temáticas referentes ao sexismo e gênero; MST/Via Campesina com relação aos temas de reforma agrária; FOE/GREENPEACE tratando da temática ambiental, etc. Muitas dessas grandes e densas redes são coalizões antigas e cujos trabalhos atuais são muitas vezes frutos e continuidade de seus laços estabelecidos no passado.

Em outra esfera, que não contemplada pela rede do CI é possível perceber que essas grandes organizações também possuem laços com grandes agências internacionais como a ONU, OXFAM, COSATU (Congress of South African Trade Unions), AFL-CIO (American Federation of Labor - Congress of Industrial Organizations), dentre outros.

Nesse sentido, a questão do “capital social” detido por essas organizações centrais revela-se através da credibilidade que essas organizações detêm e que as tornam aptas a exercer o papel agregador e coordenador que demonstram exercer¹⁹⁰.

Com base nas leituras realizadas e nas hipóteses levantadas, é possível pensar no fator regionalismo ou temático como fatores associativos dessas estruturas locais, sendo responsáveis pela formação de pequenas redes (compostas por díades ou tríades) dentro de uma rede maior¹⁹¹.

A partir da hipótese de que as organizações se unem em redes transnacionais em busca da defesa de determinados temas¹⁹², possibilitando a transferência de informações e conhecimentos entre si, é possível enxergar as disparidades nas conexões, como uma possível configuração hierárquica no interior da rede, ou mesmo como uma tendência temática específica, tal como se procurará mostrar na seqüência.

O que, por um lado, parece ser a configuração de sub-redes dentro das redes do CO e CI, acredita-se tratar-se de agrupamentos formados por interesses em determinadas temáticas ou mesmo em ações locais.

Conhecendo, portanto, que em um modelo organizacional baseado em “assembléias” como

¹⁹⁰ Pesquisas como a da ONG CIVICUS tem procurado traçar um perfil de confiabilidade das organizações do Norte e algumas do Sul, contudo, tal pesquisa ainda não está concluída, mas, alguns dados já se encontram disponíveis no site: <http://www.civicusbeta.org/csi/phase-one/csi-phase1-indicator-database?07c23fc490fb56da28db023ad7e04d9d=c36c2eba88b4f4808ab77c412050bf15>

¹⁹¹ As conexões que esses atores estabelecem também são reveladoras dos “fluxos”. Os fluxos são as formas de ligações que compõem essas redes. Por isso, aparecem como os responsáveis pelas novas formas de se obter parcerias, organização e flexibilização frente ao grupo na medida em que lhes possibilita “trocas” informacionais.

¹⁹² Outra maneira de olhar para estas redes é pensar em suas estruturas locais, onde é possível ver díades (conjuntos de dois atores) e tríades (conjuntos de três atores). Nesses pequenos agrupamentos de nodos, percebe-se a existência de maior centralidade, transmissão de fluxos de informação e potencial coesão do grupo devido a algum fator simbólico chave que possibilitou que isso acontecesse.

é o caso do FSM, a possibilidade de decisões unânimes sobre uma determinada temática é quase nula uma vez que o poder de veto das organizações que participam desses conselhos é alto, é possível pensar na necessidade da realização de acordos, mesmo que mínimos, e baseados na capacidade de pressão que determinadas organizações exercem sobre outras, como um dos fatores preponderantes para se observar formações de pequenos sub-grupos dentro do grande conselho do FSM. Assim, o que por um lado parece ser uma “questão de ordem” interna, por outro, pode parecer um padrão de desfragmentação nas conexões entre os membros que compõem as redes, formando grandes agrupamentos em torno de poucas organizações. Tais conexões são, por sua vez, interpretadas como a presença de relações de poder¹⁹³ entre seus membros, as quais também podem ser frutos de sólidas redes baseadas em um padrão transnacional de comunicação existente e há muito utilizado entre os movimentos antiglobalização.

Digitalmente, é possível pensar que essas redes cumprem o papel “rizomático”¹⁹⁴ de emergirem constantemente e trabalharem juntas como numa “colméia”. No entanto, o que é contraditório nessas práticas, conforme Juris (2005) é que dentro dessas complexas relações existe um “jogo de poder”, o qual foi observado pelo citado autor através de longa pesquisa etnográfica entre os ativistas de Gênova e que também pode ser confirmado por Players (2004) acerca da rede do CO de que,

It may be dangerous (...) allowing certain leaders to gain a great deal of influence (...) Power is at stake in multiple ways at a Forum, whether in terms of being able to attend a workshop, the visibility of an association or of a topic, the names and tendencies of speakers, the frequency and location of forums or the exclusion of certain groups (...) Moreover, much power is held by the small number of organisers with agenda-setting functions: many topics, though crucial, are not addressed and others are postponed from one meeting to the next, such as the expansion of the International Council (PLAYERS, 2004, p.513).

Por fim, somadas às análises, tais assertivas sugerem a presença de “hierarquias implícitas” e de relações de força e disputa entre os sujeitos responsáveis pela organização dos FSMs. No entanto, não se acredita que tais relações partam de um único membro ou grupo tal como Anheier e Katz (2005) postulam, acredita-se na existência de múltiplos encabeçamentos como forma alternativa através da qual a rede do FSM consegue manter-se neutra e em diálogo com os vários estratos da Globalização.

¹⁹³Relações que seriam inadmissíveis no FSM (como está discriminado na Carta de Princípios do FSM e, que podem estar acontecendo entre os membros do CO e CI na hora de organizar o Fórum).

¹⁹⁴O conceito de rizomas vem de Deleuze e Guatarri (1976).

4.5) ANÁLISE DAS AGENDAS TEMÁTICAS DAS ORGANIZAÇÕES QUE COMPÕEM A REDE DO FSM¹⁹⁵

A análise das agendas do FSM incidem diretamente no local, na maneira, no tipo e na participação das organizações nos eventos anuais organizados pelo Fórum. No entanto, conforme SenGupta (2004) pensar nesse agendamento vai muito além de uma simples classificação de temas debatidos ao longo do processo, assim, segundo o autor, é possível pensá-los segundo a forma como são classificados, como aqueles que incidem sobre temas transversais (temáticos)¹⁹⁶ e conforme as questões a ele relacionadas, como um setor (setoriais)¹⁹⁷.

Para tanto, procurar-se-á vincular as principais abordagens que foram mencionadas nos eventos às agendas de mobilização e ação de seus representantes setoriais, como sindicatos, grupos de mulheres, etc., pensando-os a partir da perspectiva da Agenda Setting assumindo como uma possível premissa de que algumas organizações determinam a pauta desses eventos ao destacar determinados temas e ofuscar outros.

Para além da seleção temática realizada pelo CO e CI (e posteriormente pelos próprios participantes a partir da Internet, tal como foi mostrado na Seção 3.4.1), é possível pensar nas escolhas temáticas como um fator associativo das estruturas organizacionais que podem ou não ser resultantes de uma combinação de locais de atuação com proximidades institucionais, a partir das hipóteses de que 1) organizações próximas tendem a se unir visando buscar recursos para as ações em sua região; 2) organizações se unem em redes transnacionais em busca da defesa de determinados temas, possibilitando a transferência de informações e conhecimentos entre si. Nesse contexto, é possível enxergar as disparidades nas conexões como uma possível configuração hierárquica no interior da rede.

Assim, na presente Seção procura-se analisar as agendas temáticas sugeridas e trabalhadas pelas organizações do FSM, que foram classificadas segundo a principal área de atuação e suas propostas nas agendas de cada um dos Fóruns. Tais documentos foram recolhidos das páginas do FSM e dos membros ativos do CO e CI, submetidos às análises textuais, investigadas isoladamente e em conjunto e, seus dados, por fim, foram inseridos no software N*Vivo 2.0 e 8.0, correspondendo a um total de 385 documentos.

Para melhor conhecer os temas e agendas abordados por cada uma das organizações que

¹⁹⁵ Como dito anteriormente, as agendas temáticas de cada uma das edições dos Fóruns até 2005 eram construídas pelo Comitê Internacional e Conselho Organizador do FSM. Após 2005, tais agendas passaram a ser construídas virtualmente pelas organizações a partir da Internet, num processo considerado “democraticamente radical”.

¹⁹⁶ Por questões temáticas, entendem-se como as questões descoladas de determinados contextos políticos e que atravessam todo o mundo, como por exemplo, a questão ambiental

¹⁹⁷ Por questões setoriais este autor entende: gênero, trabalho, casta, discriminação, etc.

compõem a rede do FSM, foram levantadas suas agendas temáticas¹⁹⁸, bem como as temáticas que periodicamente propunham ao FSM. Tais escolhas ajudaram a iluminar e estabelecer o inventário de temas abordados pela rede do FSM que, tal como será mostrado, muitas vezes coincide com eventos e acontecimentos contemporâneos e com a própria agenda do FSM.

Conforme Aguiton (2005), cada Fórum determina diferentes abordagens que variam segundo as preocupações imediatas da maioria dos participantes, em concordância com suas agendas regionais. Como exemplo, na América Latina, muitas das temáticas giram em torno dos povos indígenas, dívida externa, etc., ou sobre análises de conjunturas transnacionais, tal como algumas reflexões anuais realizadas pela CLACSO¹⁹⁹ que direta ou indiretamente tocam na temática da crise da política a partir de uma perspectiva geral como a crise e os limites da democracia nos hemisférios Norte e Sul, tal como o caso argentino, que foi muito explorado nos FSMs.

Contudo, tais críticas também podem ultrapassar os campos geográficos e se diluírem em questões mais gerais, tal como a proposta pela Rede “Mujeres del Sur”²⁰⁰ ao Fórum de 2006 (Caracas): “Sabemos que la política fue una invención humana para tratar de resolver los grandes problemas de la sociedad: la violencia, la exclusión, la concentración de los ingresos, brindar educación, salud, derechos a los viejos y protección a los niños”. Tal debate inclina-se a discutir o papel do Estado e de suas incumbências²⁰¹ como a garantia das liberdades civis, direitos políticos, eliminação da violência, condições de vida para todos, redistribuição de renda, educação universal, serviços públicos básicos, etc. Além disso, continua a crítica: o fracasso da política é provado também com a constatação da situação de pobreza encontrada em inúmeros países do eixo Sul, onde, o problema maior não é a produtividade em si, mas a redistribuição de recursos e renda.

Assim, o agendamento da “Mujeres del Sur” procura mostrar que a crise da política nacional está presente não só nos países em desenvolvimento, mas também em países desenvolvidos mostrando-se evidente através de uma “la apatía electoral en las elecciones muestra un acelerado agotamiento con el modelo de la democracia liberal en la cual los ciudadanos solo tienen el derecho a elegir a los decisores, es decir, a sus representantes cada cierto tiempo”. Segundo a citada rede, tais desgastes produzem descontentamento, apatia e desconfiança entre os cidadãos.

¹⁹⁸Vide ANEXO VII.

¹⁹⁹Vide [http://www.clacso.org.ar/difusion/secciones/programa-regional-de-becas/Publicaciones/publicacion.2006-03-17.6885732582/?searchterm=crise argentina](http://www.clacso.org.ar/difusion/secciones/programa-regional-de-becas/Publicaciones/publicacion.2006-03-17.6885732582/?searchterm=crise%20argentina)

²⁰⁰Vide <http://www.mujeresdelsur.org.uy/fsm/fsm.htm>

²⁰¹Porém, segundo tal agenda, o fracasso da política de redução da violência e da satisfação das necessidades básicas da população torna-se evidente com guerras e invasões, como a Guerra do Iraque. Com a guerra, um avanço do fundamentalismo político e religioso passou a permear novas práticas de intolerância e exclusão, não apenas nos países do Oriente Médio, mas também na Ásia e África, o que acabou por dificultar ainda mais a recuperação da democracia como uma negociação de diferenças.

Outro fenômeno que têm ocasionado tais desgastes está relacionado aos financiamentos e à interferência cada vez maior das empresas multinacionais e organismos econômicos no campo da política, como é o caso com o FMI, BID, OMC, dentre outras, agências independentes da ONU, ou nas palavras das organizações do FSM: “financiadas e submissas ao governo dos EUA”²⁰². Corroborando tais críticas, os movimentos antiglobalização têm trazido à tona o debate sobre os movimentos sociais contemporâneos, salientando a opressão sexual, a degradação ambiental, novas práticas de consumo, etc., enfim, temáticas presentes nas quatro edições do Fórum realizadas no Brasil.

Atreladas a essa temática aparecem outras mais, como o tema da mudança climática, das agressões ao meio ambiente, revelando-se diretamente entrecruzadas com o modelo de desenvolvimento neoliberal. Certamente o tema da mudança climática atualmente vem ganhando maior espaço, até porque suas conseqüências sociais e ambientais estão mais evidentes.

Assim, a análise das temáticas do FSM permite perceber que na decisão da agenda do FSM, não é tanto uma questão de prioridade o fator que define as agendas na medida em que o que conta não são os temas com os quais as organizações vem trabalhando, mas o enfoque que estas dão para os acontecimentos contemporâneos e sua relação com as necessidades locais. Dessa forma, é possível afirmar que a ênfase em democratizar radicalmente a tomada de decisões é a substância comum que informa acerca da diversidade dos movimentos antiglobalização como uma prioridade localizada em meio à crise política identificada por esses movimentos.

Como o agendamento do FSM informa sobre temáticas plurais, também o contrário pode acontecer a partir da “centralização de agendas” em torno de um único tema. Tal opção metodológica informa sobre a diluição da presença de um número de atores e de algumas agendas específicas, tal como algumas das temáticas listadas: mulheres; sem-teto; lésbicas; homossexuais, bissexuais e transgêneros; guerra, segurança e paz; apartheid; empobrecimento; marginalização; migrações; violação de direitos econômicos, sociais, culturais; hostilidade contra as comunidades agrícolas; aliança entre o patriarcado e o neoliberalismo e a marginalização das lutas das mulheres; cultura, mídia e comunicação; destruição de ecossistemas, biodiversidade, e controle dos recursos naturais; ONU, as instituições internacionais, direito internacional; comércio internacional, a dívida, e as políticas

²⁰²Baseada em “Otro fenómeno tiene que ver con el financiamiento de la política y con la ingerencia y el papel cada vez más político que asumen las corporaciones multinacionales, las empresas y los conglomerados económicos y financieros. Organismos públicos, dotados de inmensos recursos económicos por parte de los Estados se han tornado en defensores e impulsores acérrimos de las corporaciones transnacionales, tal es el caso del Fondo Monetario Internacional, el Banco Mundial y los Bancos regionales como el BID para América Latina. La misma lógica sigue la Organización Mundial del Comercio. Las instituciones surgidas de los pactos de Bretón Woods, es decir, los organismos que hemos citado anteriormente no cuentan con un gobierno político y han dependido en gran medida del Tesoro de los Estados Unidos y de los diversos países de Europa que en su conjunto con Japón y Canadá dominan en sus Asambleas Generales con más del 60% del total de los votos” (Mujeres del Sur).

econômicas e sociais; alternativas para os avanços democráticos, dentre outras, diluindo-as em grandes assuntos temáticos como as questões setoriais: trabalhistas ou de gêneros, etc.

Procurando resolver tal problemática, o método de trabalho do FSM utilizado na definição das agendas após 2005, essencialmente horizontal, pode ser compreendido, em última análise, como um resultado do debate entre as perspectivas de “democracia radical” e uma certa flexibilidade²⁰³ das agendas dos participantes do FSM, e tem por função, também, facilitar a organização de eventos para grupos de trabalho sobre questões específicas, como por exemplo, o Fórum da Água e o de Saúde, que aconteceram antes do FSM em Mumbai, ou ainda, a Assembléia Anti-Guerra e o Fórum de Proprietários Rurais (Kisan Chaupal) que ocorreram durante o FSM 2004.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2003), o agendamento das edições do FSM não seguem uma única discriminação política, como aconteciam em anos anteriores com o comunismo ou socialismo, assim, não se pode falar em uma agenda única para o Fórum, nem de “sujeitos históricos”. No entanto, não se pode negar que o Fórum, enquanto uma somatória de seus variados sujeitos, com suas diversas agendas, segue seu curso como um evento que enfaticamente se opõe ao neoliberalismo e localiza-se como simpatizante do movimento antiglobalização, conferindo-lhe um caráter “ideológico” às suas agendas.

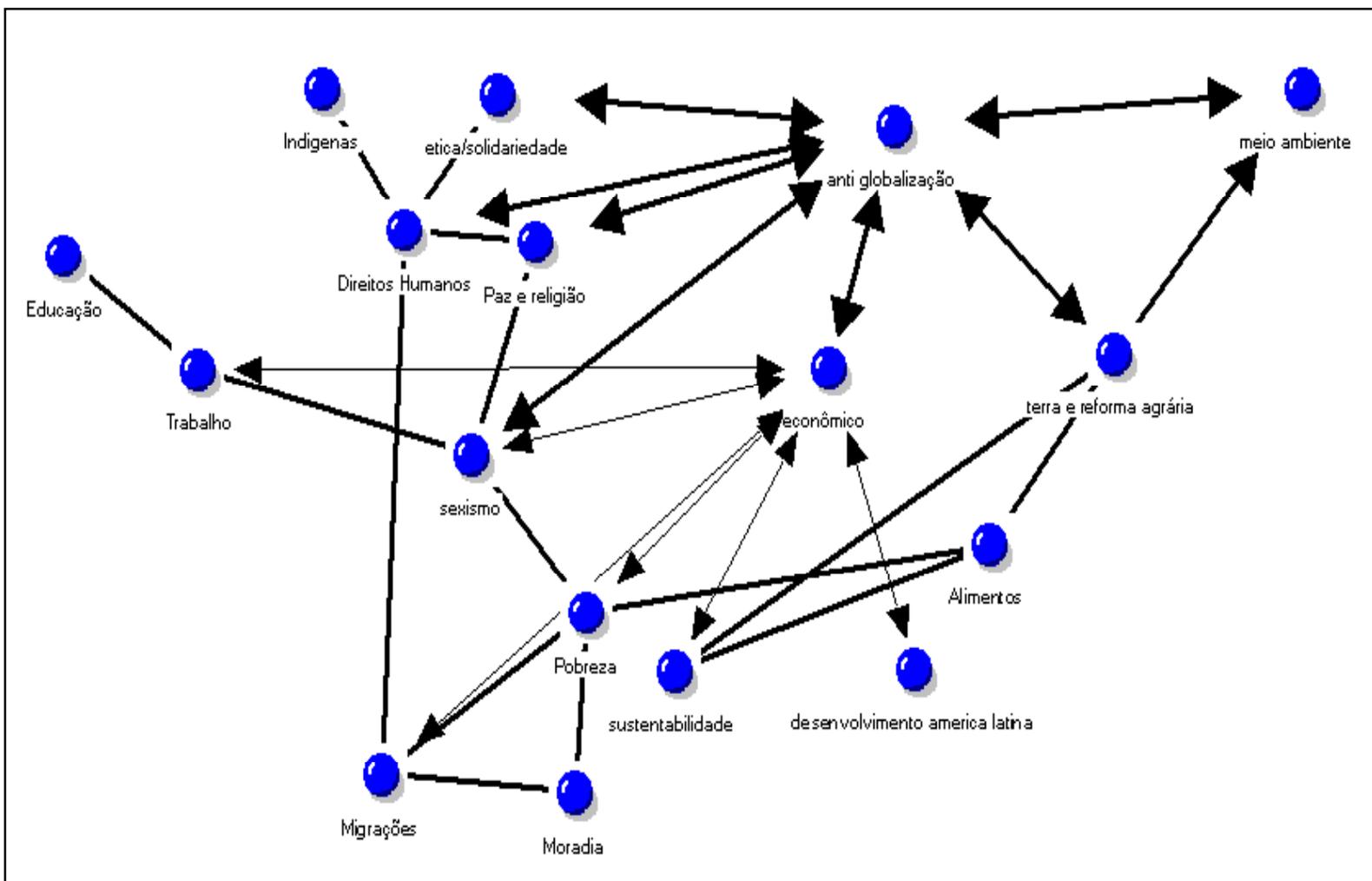
De modo a observar como realmente se comportam essas agendas no interior do FSM realizou-se um pequeno teste utilizando os 385 artigos produzidos pelas 124 organizações do FSM, que compõem a rede do CO e CI. Tais artigos foram recolhidos da mídia independente e mídia impressa disponíveis na Internet. Essa base de dados foi explorada com a ajuda do software N*Vivo e, após filtragem e separação das mesmas, pode-se chegar à FIGURA 2 que trata da transversalidade dos temas mais recorrentes encontrados. Na FIGURA seguinte é possível observar como os mesmos estão imbricados aos temas da antiglobalização e à economia formando com isso, duas grandes sub-redes temáticas.

Buscando perceber a sinergia entre as agendas temáticas das organizações do FSM, na FIGURA 2 é possível observar 3 tipos de conexões distintas entre as agendas: as linhas sem setas indicam uma correlação fraca e indireta entre as agendas, as setas finas indicam uma correlação fraca e direta entre as agendas e que vincula temas considerados centrais na agenda do FSM como um todo. Por fim, as setas largas indicam conexões fortes entre agendamentos centrais na agenda do FSM. Tais conexões temáticas são resultado de análises textuais dos artigos levantados, combinados a uma análise

²⁰³Por “flexibilidade” entende-se como o ponto fundamental que torna exequível a conexão entre atores com a formação de uma identidade comum(...)existindo paralelamente as identidades previamente construídas (COUTINHO, et all. 2006, p. 10).

de Centralização e Grau de Conexão realizada com a ajuda do software N*Vivo.

FIGURA 2: Correlações entre agendas dos participantes do FSM:



Fonte: Dados inseridos no software N*Vivo.

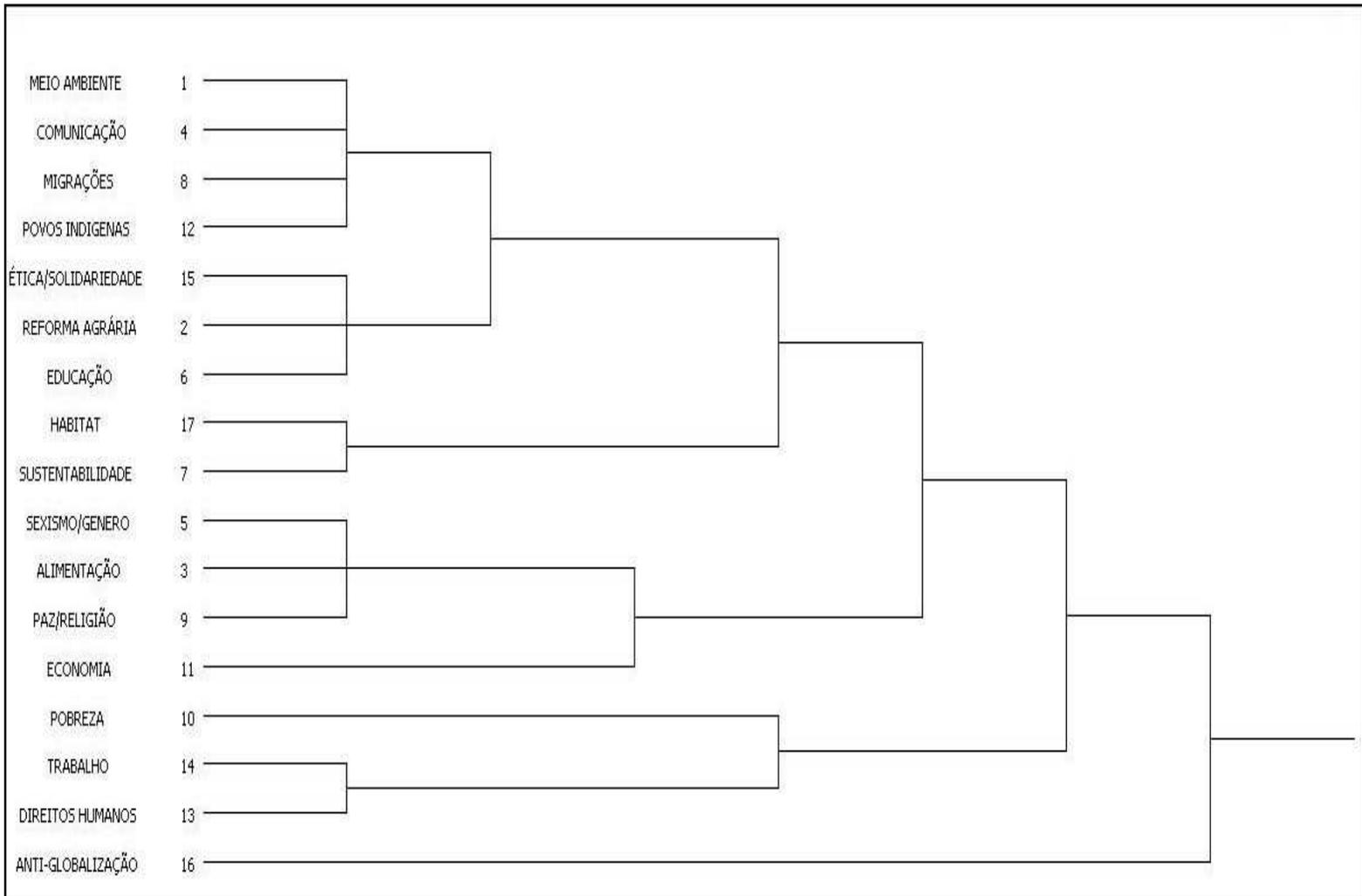
Na FIGURA 2 percebe-se uma leve centralização temática em torno de questões ligadas ao Meio Ambiente, Reforma Agrária e Alimentação, e a configuração de outro pequeno bloco de temas que se revelaram bastante imbricados nos contextos europeu e africano, como as Migrações, Moradia e Pobreza. Enfim, ambos os blocos temáticos representam questões que podem ser avaliadas pela intensidade com a qual tem entrado na pauta do dia dos grandes jornais mundiais como a BBC, CNN, etc., dado o grande tema do Aquecimento Global, produção e consumo de organismos geneticamente modificados e produção de formas alternativas de energia, como o Álcool brasileiro.

Observou-se ainda que, tais conexões entre agendas podem ser encaradas como resultado de dois fatores associativos e essenciais para que se desenvolvam, são eles: a localidade de atuação das organizações e a temática com a qual lidam. Todavia, nem sempre essas agendas trabalham em

unísono, podendo haver competição entre elas, que, como mostrado, são propostas e resultados de diferenças políticas e ideológicas existentes no interior do FSM. Desta maneira, é possível destacar a presença de concorrências e de divergências não assinaladas na FIGURA 2, que aborda apenas os intercâmbios entre temáticas.

Outra representação destas conexões temáticas pode ser observada no DIAGRAMA 8, aonde é percebida uma “hierarquização” entre agendas e a disposição com a qual uma imbrica na outra, formando blocos temáticos flexíveis e permeáveis entre si.

DIAGRAMA 8: Confluência e intersecção entre temáticas da agenda do FSM:



Fonte: Dados inseridos no software UCINET.

O DIAGRAMA 8, concebido como um Diagrama de Grupo exposto no formato de Árvore revela alguns grupos temáticos que geralmente aparecem presentes nos mesmos blocos de articulação, e que, por sua vez, demonstram a transversalidade das agendas abaixo listadas:

1:Educação; Sustentabilidade; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Anti-globalização.

- 2:Reforma Agrária; Sustentabilidade; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 3:Sustentabilidade; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Ética/solidariedade; Anti-globalização.
- 4:Migrações; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 5:Reforma agrária; Sexismo/gênero; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 6:Sexismo/gênero; Educação; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 7:Sexismo/gênero; Pobreza; Economia; Direitos Humanos; Ética/solidariedade; Anti-globalização.
- 8:Comunicação; Educação; Paz/religião; Pobreza; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 9:Migrações; Paz/religião; Pobreza; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 10:Reforma agrária; Paz/religião; Pobreza; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 11:Paz/religião; Pobreza; Direitos Humanos; Ética/solidariedade; Anti-globalização.
- 12:Comunicação; Educação; Sustentabilidade; Pobreza; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 13:Reforma agrária; Sustentabilidade; Pobreza; Economia; Trabalho; Anti-globalização.
- 14:Educação; Sustentabilidade; Pobreza; Economia; Trabalho; Anti-globalização.
- 15:Migrações; Pobreza; Economia; Trabalho; Anti-globalização.
- 16:Sexismo/gênero; Educação; Pobreza; Economia; Trabalho; Anti-globalização.
- 17:Reforma agrária; Sexismo/gênero; Pobreza; Economia; Trabalho; Anti-globalização.
- 18:Migrações; Pobreza; Anti-globalização; Habitat.
- 19:Sexismo/gênero; Pobreza; Anti-globalização; Habitat.
- 20:Reforma agrária; Sustentabilidade; Povos indígenas; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 21:Meio ambiente; Reforma agrária; Sustentabilidade; Economia; Direitos Humanos; Anti-globalização.
- 22:Meio ambiente; Reforma agrária; Sustentabilidade; Economia; Trabalho; Anti-globalização.
- 23:Reforma agrária; Alimentação; Sustentabilidade; Pobreza; Economia; Direitos Humanos.
- 24:Alimentação; Migrações; Pobreza; Economia; Direitos Humanos.
- 25:Meio ambiente; Reforma agrária; Alimentação; Sustentabilidade; Economia; Direitos Humanos.

A análise destes 25 eixos temáticos, separados com a ajuda do software UCINET, permitiu o reconhecimento de algumas orientações temáticas mais pertinentes e também a transversalidade com que tocam em outras agendas de caráter mais geral, como antiglobalização, pobreza, direitos-humanos e economia.

Assim, o DIAGRAMA 8 evidencia a sobreposição e interpolação das temáticas abordadas pelos eventos e sujeitos do FSM. Porém, um olhar mais atento identifica cinco grandes blocos interconectados e a forma como os mesmos estão ligados ao tema da antiglobalização. São eles:

- 1)meio ambiente, comunicação, migrações e povos indígenas;

2) ética/solidariedade, reforma agrária e educação;

3) habitat, sustentabilidade;

4) sexismo, alimentação, paz/religião;

5) economia, pobreza, trabalho e direitos humanos.

Trata-se de temáticas bastante abrangentes e que nem sempre são prioritárias na agendas das organizações, mas que, em relação às demais, acabam por ganhar notoriedade por serem questões pautadas pela preocupação de caráter amplificado e não apenas localizado.

This shows a major convergence among the themes of action of global movements and the ability of organisations mainly active in particular fields to participate to campaigns in other fields when the need arises. This attitude is confirmed by the results of our survey on global civil society organisations (PIANTA e SILVA, 2003 p. 04).

Além disso, também é possível perceber a composição de alguns desses blocos em relação ao local aonde foram mais pertinentes enquanto agenda do FSM, como por exemplo, a temática do sexismo/gênero também ganha destaque no DIAGRAMA 8 devido, seu peso marcante no Fórum de Mumbai e às questões referentes ao gênero e patriarcado, bastante presentes e debatidas na Índia.

Cruzando as informações acerca das temáticas presentes em cada uma das edições dos FSMs com os dados desses cinco blocos encontrados no DIAGRAMA 8 é possível observar que tais temáticas estão intrinsecamente ligadas às opções e temáticas locais, remetendo novamente à idéia do enfoque que é dado pelos organizadores locais às questões que lhe são mais pertinentes e que por isso passam pelo crivo do “local”.

Percebendo uma configuração regional transversalizada por questões globais, achou-se por bem separar as orientações temáticas segundo os países sede das organizações que as propunham. Assim, as agendas dos hemisférios Sul e Norte analisadas paritariamente indicaram uma configuração de agendamentos para novas formas de ativismo e organização que podem ser chamados aqui de “híbridos”.

Por “híbridos” entende-se como as organizações cujas agendas e sedes se encontram em uma determinada região, mas cujo local de atuação se encontra em outro. Para essas organizações com agendamento “híbrido”, ou seja, que não é construído apenas por enfoques locais, mas por uma somatória de agendas locais e de outras regiões, as análises detectaram um “efeito bumerangue” presente nas ações resultantes dessas agendas transversais.

Por exemplo, 40,8% das Organizações listadas na rede do FSM²⁰⁴ têm suas sedes em países do hemisfério Norte e atuam em redes cujas ações visam atingir países do hemisfério Sul. Entretanto,

²⁰⁴Para maiores informações vide ANEXO VI.

tais redes raramente são constituídas unicamente por Organizações do Norte, percebendo-se um “efeito bumerangue” nessas ações, tal como a rede que atua na África por melhores condições de trabalho, direitos humanos e condições de vida, formada pela COSATU (Congress of South African Trade Unions), ICFTU (International Confederation of Free Trade Unions), OATUU (Organization of African Trade Unions Unity) e Alliance 21. Outro exemplo são as agendas mais pontuais que intercambiam temáticas do hemisfério Norte, como a de Direitos Humanos e acabam por compor a agenda do hemisfério Sul somando-se a outros temas “parceiros” como ética, comunicação, etc.

É interessante notar também que 13,6% dessas organizações que compõem a rede do FSM são originárias de países do Norte e trabalham exclusivamente para suas localidades, tal como a rede formada pela FOE (Friends of the Earth) e GREENPEACE que nesses últimos anos vêm atuando na construção de uma sólida rede contra transgênicos e contra os “navios fantasmas” que carregam lixo radioativo.

No eixo Sul, 34,40% das organizações da rede do FSM tem sua origem em países dessas regiões e trabalham para resolver suas questões locais, como a rede formada pela Via Campesina, MST e CUT que atuam junto a outras redes em questões como sexismo e gênero (violência contra mulheres, trabalho feminino, luta contra patriarcado), reforma agrária, alimentação (envolvendo-se também na luta contra transgênicos e defesa do meio ambiente), melhores condições de trabalho, etc.

Raras são as redes cuja sede se encontra em países do eixo Sul e que vem atuando também em países do Norte, contabilizando apenas 7,2% de toda rede do FSM. Geralmente, estas são grandes e densas redes ou organizações cujas sedes não são fixas exclusivamente em um país, mas são voláteis e migram conforme as necessidades específicas do local de atuação. Como exemplo, citamos a Aliança Social Continental (ASC) cuja sede atualmente se encontra no Brasil, mas que, por tratar-se de uma organização transnacional, atua também na América do Norte e demais países da América do Sul.

Tais constatações são interessantes para perceber que as agendas temáticas dos Fóruns não são construídas única e exclusivamente pelas questões atuais de cada região onde os Fóruns são realizados, como mostrado no caso de Mumbai. Antes, são construídas também em função das inter-relações e alianças estabelecidas antes e durante os Fóruns, as quais seguem muitas vezes marcadas pelo caráter imediatista das questões do eixo Sul, e.g., reforma agrária, sexismo, alimentação, etc., frente às questões mais perenes propostas pelo Norte, como meio ambiente, sustentabilidade, economia, etc.

Outra observação necessária é sobre o caráter da construção dessas agendas e parcerias que, muitas vezes são formuladas com base em afinidades temáticas, afinidades regionais e de identidade política entre as organizações (DELLA PORTA, 2005) e muito menos em um caráter de

“gatekeeper”²⁰⁵ das organizações que as selecionam, tal como mostrado nas seções anteriores.

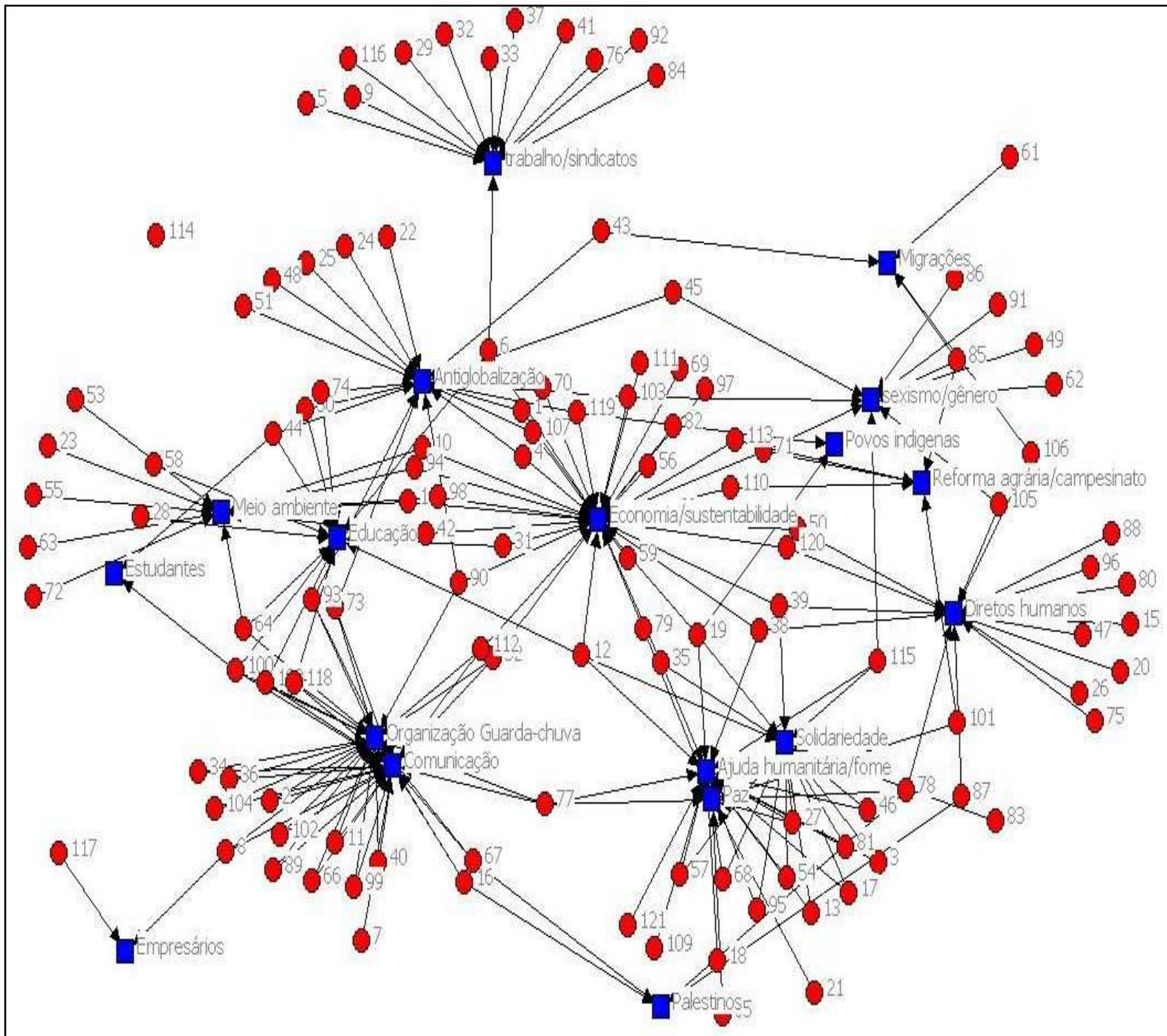
Observando tais relações dadas pelos agendamentos na rede do CI chegou-se ao DIAGRAMA 9 apresentado na seqüência, que demonstra como as agendas se cruzam e como as organizações as constroem a partir de suas inter-relações.

Assim, na rede do CI podem ser verificadas ligações entre grupos dadas as suas preferências ou especificidades temáticas (COOK, 1977), como pode ser examinado no DIAGRAMA 9, aonde são observados agrupamentos segundo temáticas interessantes para cada organização participante da rede do FSM.

A princípio foram localizadas 25 temáticas expostas no DIAGRAMA 8 e que foram sintetizadas em 18 temáticas expostas no DIAGRAMA 7, que é uma representação da rede do CI analisada anteriormente, só que observadas segundo os agendamentos de seus organizadores. No DIAGRAMA que se segue, cada agrupamento pode ser entendido como uma micro-rede que se forma em torno de uma agenda específica, representada pelos quadradinhos azuis. É possível observar nesta imagem o entrecruzamento temático de algumas micro-redes, e as organizações principais dentro das mesmas, que são as que aparecem nomeadas.

²⁰⁵O Gatekeeper é aquele que define o que será noticiado de acordo como valor-notícia, linha editorial, etc.

DIAGRAMA 9: Rede do CI com conexões segundo temáticas:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Sendo assim, o DIAGRAMA 9 informa sobre essas micro-redes compostas em torno de temáticas específicas e como, muitas vezes, as mesmas podem estar interconectadas. Em azul estão expostas as temáticas e em vermelho as organizações que compõem a rede do FSM, que se associam às primeiras e cujo nome pode ser consultado no ANEXO VI.

Essas micro-redes podem (ou não) dar origem a um Fórum Temático em outra ocasião,

como um Fórum (anual) de Educação (Brasil, Argentina, Uruguay), ou de Águas (Índia). Assim, a necessidade por melhor investigar acerca dessas agendas tem origem nos aspectos a serem testados na hipótese sobre a fragmentação do FSM. Com base nas análises realizadas até aqui, é possível afirmar que cada micro rede composta por temáticas específicas dentro da rede do FSM indicaria um princípio de fragmentação da rede do Fórum, como um todo.

Com base nessa idéia de fragmentação do FSM é possível observar no interior dessa rede algumas tendências temáticas mais centrais que outras, como um grande agrupamento que se forma em torno das organizações cujos trabalhos estão mais voltados para as questões de economia, sustentabilidade e antiglobalização, como notado anteriormente, e para a centralidade das chamadas “organizações guarda-chuva”.

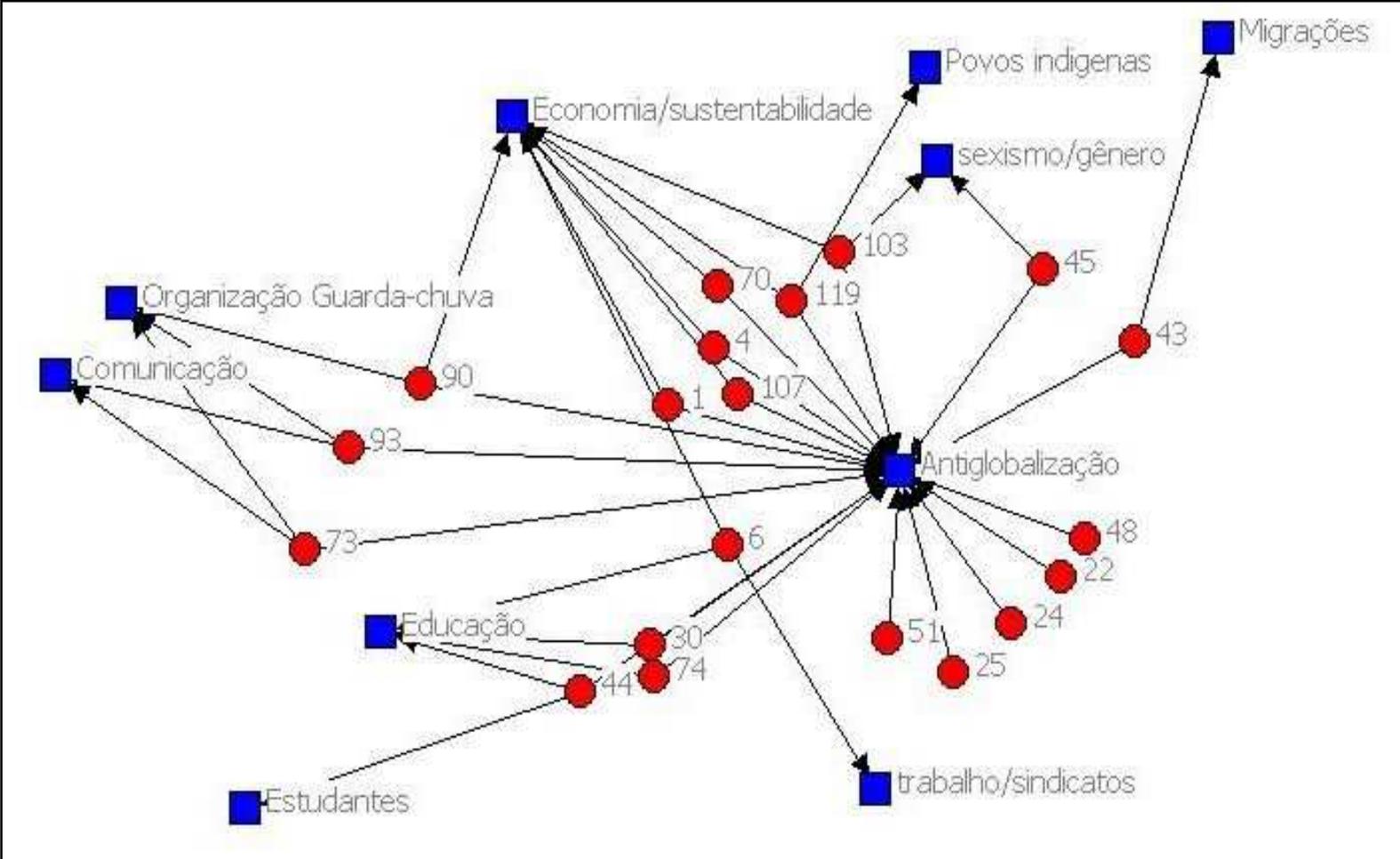
Também é possível observar uma centralidade restritiva e uma alta capacidade de organização entre os sindicatos e as organizações estudantis, constituindo quase que redes autônomas no interior da rede do FSM, o que pode ser explicado pelo caráter homogêneo de sua grade temática e também pelo seu *modus operandi* de ação e organização.

É possível observar tais micro-redes como frutos de “estruturas específicas de debate e deliberação” (ANHEIER e KATZ, 2004), cujo comportamento podem também identificar coalizões e a emergência de determinadas questões na esfera pública, revelando temáticas mais centrais em detrimento de outras, bem como a conexão entre as mesmas.

Tais micro-redes podem ser também compreendidas como espaços de coalizão não excludentes entre si, que, tal como pode ser observado no DIAGRAMA 9, muitas vezes se entrecruzam dada a plasticidade e flexibilidade dos sujeitos que as compõem e cuja identidade muitas vezes atravessa várias agendas simultaneamente. Assim, conforme Thomas Ponniah (2007), “that what unifies the movements is that they are all searching for new radical forms of democracy” (PONNIAH, 2007, s/p). Em última análise, as micro-redes do Fórum seriam uma forma de expressão da “democracia radical” na medida em que se tornam instâncias deliberativas menores.

De modo a exemplificar a assertiva acima de que muitas dessas micro-redes podem dar origem a protestos ou Fóruns Locais ou Temáticos, reconstruiu-se a rede do FSM observando apenas os participantes que direcionam suas agendas para questões tocante ao tema da antiglobalização (DIAGRAMA 10), muitos dos quais encabeçaram muitos protestos e marchas listados no ANEXO I, e que se posicionaram contra os acordos do FMI, WTO, Banco Mundial, etc.

DIAGRAMA 10: Organizações cuja agenda segue orientada pela temática da antiglobalização:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

Observando o DIAGRAMA 10, é possível perceber uma transversalidade nas agendas que orientam os trabalhos das organizações: Rede de Socioeconomia (90), Social Watch (93), NIGD (73), WFDY (44), CONAIE (119) e WMW (103), que são organizações que transitam tanto no debate acerca da Sustentabilidade, Economia, Sexismo Educação, etc., e que, muitas vezes são identificadas como “organizações guarda-chuva”, até chegar ao debate antiglobalização.

Analisando a dinâmica da rede a partir de uma comparação entre os DIAGRAMAS 9 e 10 é possível perceber uma centralidade no interior dessas micro-redes que dinamiza e “contamina” as demais redes em seu entorno, dando o tom do debate e muitas vezes orientando seus posicionamentos e ações políticas. Um exemplo desse dinamismo é observado na micro-rede formada pela WMW e FDIF/FDIM ambas as organizações envolvidas com as temáticas da antiglobalização e sexismo/gênero, entretanto, é interessante notar como essas organizações, através da WMW aproxima-se das temáticas economia e sustentabilidade, que por sua vez, mostram-se intimamente ligadas à questão da antiglobalização dada o grande volume de conexões duplas que muitas organizações desenvolvem

entre ambas as temáticas essencialmente próximas.

Outra análise possível de se realizar através da observação da essência das conexões existentes na rede do FSM revela o caráter transnacional de muitos de seus participantes, e a capilaridade que a rede do FSM assume uma vez que esses co-atores²⁰⁶ são inseridos indiretamente na rede por meio de suas conexões com organizações consideradas mais “centrais” na rede, dada a sua participação direta nos Comitês organizacionais. Um bom exemplo dessa “capilaridade²⁰⁷” das organizações do FSM indiretamente “contaminarem” seus parceiros pode ser observado na análise realizada a seqüência acerca da organização OneWorld.

4.6) ONE WORLD

Com base nos índices de centralidade dos sujeitos na rede do CI e das temáticas com as quais dialogam, chegou-se ao desenho do membro mais central em toda a rede, a saber, a OneWorld, que possui mais de 3.087 organizações parceiras em sua lista de “parceiros”, que cobrem todos os continentes.

Com sede na Inglaterra, a OneWorld é uma rede formada por mais de 3 mil organizações, com um Conselho de Curadores internacional que inclui um representante nomeado por cada centro, sua principal atividade é difundir a temática da sociedade civil global, bem como as temáticas que a orbitam, como direitos humanos, defesa do meio ambiente, sustentabilidade, etc. Agindo na maioria das vezes por ciberativismo, a OneWorld tem despontado como uma das maiores redes de organizações da atualidade.

Fundada nos anos 90 por Peter Armstrong e Anuradha Vittachi, a organização OneWorld trabalha com mídia convencional e virtual para incentivar a cobertura global de questões ligadas ao desenvolvimento social, geralmente excluídas ou aparentemente periféricas nos grandes mídia.

Ainda em 1994, nos primórdios da Internet, a organização já começava a trabalhar com engenharia de software destinado a difusão de informação para outras organizações. Assim, a OneWorld foi pioneira da mídia alternativa e na área dos direitos humanos durante muitos anos. Este feito a colocou no topo do ranking das organizações com pautas atuais, uma vez que a maioria dos sites na época traziam pouco mais que publicidade e pequenos dispositivos informacionais acerca de suas organizações. Assim, para além da autonomia e atualidade em sua pauta virtual, a OneWorld também

²⁰⁶ Chamamos de co-atores as organizações cuja atuação é local ou regional e que muitas vezes não fazem parte diretamente da rede do FSM, mas indiretamente, por sua coligação com outros atores considerados centrais, assumem o papel de “enraizamento” e “tradução” das questões globais para o plano local.

²⁰⁷ A categoria “capilar” é desenvolvida nessa pesquisa a partir da noção de Rizomas, presentes em Deleuze e Gutari (1976) e indica um “enraizamento” das agendas e do caráter entrecruzado e híbrido das organizações do FSM.

optava por prover a sociedade civil, criando uma plataforma colaborativa multi-media, que mais tarde ficou conhecida pela alcunha de “boca a boca on-line”. Além disso, também especializou-se na produção de sites para alguns de seus parceiros, como o da OXFAM e Christian Aid, entre dezenas de outras organizações, construídas entre os anos de 1994 e 96. Em contrapartida, os parceiros acordaram em partilhar os seus materiais com o resto da parceria e do público mundial em geral - sem qualquer encargo, formando com isso o princípio do trabalho de rede, mais tarde aperfeiçoado pela organização.

Com essa estratégia de ação a OneWorld vem criando um “gateway” organizado no formato de rede – que conduz um site ao outro através de hiperlinks de seus parceiros. Desta forma, apoiada por parceiros, a OneWorld vem alargando as suas fronteiras e por isso, é citada nesse estudo como a organização de maior fôlego na rede do CI.

Além disso, seu potencial inclusivo também é visível pelo desenvolvimento nacional e regional das edições dos sites que produz em uma variedade de línguas, o que lhe confere a marca dos cinco milhões de visualizações de página por mês (estima-se mais de 40 milhões de acessos, conforme dados disponibilizados pela própria OneWorld), além do trabalho realizado conjuntamente com mais de 2000 contribuintes de vídeo e cerca de 800 estações de rádio. Contudo, tal estrutura complexa de compartilhamento de informações depende de softwares sofisticados para “vigiar” sites parceiros a fim de classificar o material recebido e possibilitar a troca de informações por meio dos hiperlinks.

Sendo assim, o sucesso da OneWorld deve ser encarado *pari passu* ao crescimento da Internet, uma vez que em nos anos 90 a organização foi forçada a utilizar cada vez mais essa media de modo a esquivar-se do controle de radio e televisão britânicos e poder divulgar globalmente as ações da sociedade civil organizada sem censura. Até que em 1999, a OneWorld, que até então residia no site www.oneworld.org separou-se em dois blocos parceiros e amigáveis, ficando o primeiro a cargo das medias tradicionais como TV e rádio e a OneWorld Network, parceira do FSM, responsável pela media virtual e residindo atualmente na URL www.oneworld.net.

Em 10 de Dezembro de 1999 uma nova OneWorld International Foundation (OWIF) foi constituída no Reino Unido como um órgão com um conselho de curadores internacionais e organizações autônomas responsáveis pelo apoio e parcerias dentro de uma área geográfica delimitada, editorial e edições locais. Dois anos mais tarde, apoiada pela Fundação Ford a OneWorld começou uma nova rede com vistas a garantir a manutenção de sua estrutura de governança e transparência no seu processo de decisão.

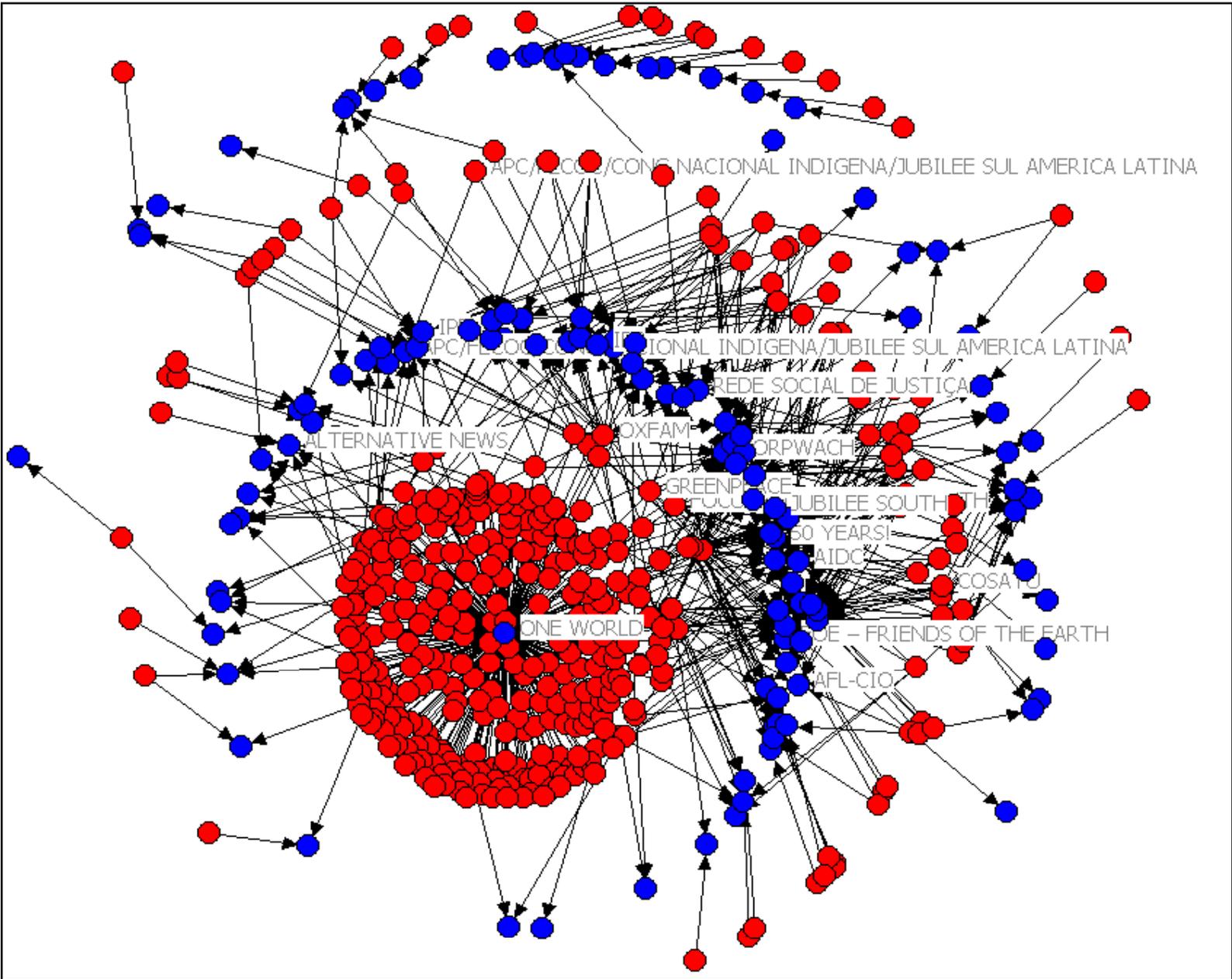
É interessante notar que a maneira como trabalha e como estabelece suas parcerias, já faz da OneWorld uma “rede social” com uma magnitude tal que seria impossível estudá-la por completo nessa pesquisa. Por isso, ante a amplitude dessa rede, foram selecionados aleatoriamente apenas 10%

dos participantes cuja atuação se dá local e/ou globalmente. Suas relações foram reconstruídas partindo de suas conexões no eixo considerado global e suas micro-relações no plano local. Com isso foi possível realizar um exercício de micro e macro entendimento do papel de uma das organizações mais centrais no FSM e de seu envolvimento na constituição da “sociedade civil global” como responsável por exercer o papel de “pontes” entre esses dois planos.

Tal exercício tem por função demonstrar como o FSM, partindo de seus membros e das conexões que estes possuem, apresenta uma “capilaridade” que vai do plano local ao global e vice-versa e que, muitas vezes reflete na agenda e modelos de ação adotados por esses sujeitos.

O DIAGRAMA 11 evidencia a capilaridade da organização OneWorld dentro da rede do FSM e em conexão com (apenas) 10% de seus parceiros. Identificada em azul (ao centro), a OneWorld aparece cercada por um grande volume de nodos (em vermelho), que representam graficamente os 10% das conexões diretas e locais com essa organização. No entorno a essa núcleo, orbitam outras organizações em azul, que são representações das organizações do FSM e que também estão conectados a OneWorld e, por fim, um terceiro núcleo é identificado como os nodos dispersos, que são aqueles que atuam tanto no plano global, como no local que estão indiretamente ligados a citada organização a partir de outras organizações da rede do FSM.

DIAGRAMA 11: Centralidade e periferia na rede da One World, uma vez inserida na rede do FSM:



Fonte: Dados da própria pesquisa inseridos no software UCINET.

A partir do DIAGRAMA 11, é possível verificar que a “capilaridade” que podem ser consideradas como “organizações guarda-chuva”, como a OneWorld, é bastante alta e reveladora de um movimento que a coloca em evidência nos planos local e global e lhe confere um caráter sincrônico na medida em que permite essa transversalidade e permeabilidade de níveis de atuação entre as organizações (a saber, locais e globais) e, também diacrônico por fragmentar o todo em pequenas e múltiplas micro redes fragilmente conectadas.

Tais reconstruções demonstram uma adensada participação no plano local em detrimento das ações consideradas globais, fato que pode ser explicado pelo custo das participações que são menos onerosas e mais inclusivas no plano local do que no global.

Dada a grande “capilaridade” que essas redes demonstram e havendo uma clara movimentação “de baixo para cima” ou “do local ao global” (e vice-versa), pode-se perceber uma interessante segmentação da agenda. Dada muitas vezes pelo perfil do público atingido por tais ações pontuais e pelo impacto que a contemporaneidade de algumas dessas questões que tem se revelado mais centrais que outras tais agendas locais não apenas espelham necessidades específicas, bem como revelam a identidade do grupo atingido, impactando-os e refletindo sua interface e diálogo com a política e com a sociedade civil. Demonstrando desse modo, como as organizações do FSM podem ter agendas flexíveis e também operar em campos de ação intermediários, unindo e dialogando com os planos local e global.

De um modo geral, a observação dessas agendas também fornece indícios de que a agenda do FSM preza muito mais pelo imediativismo e por propor pequenas e pontuais mudanças, do que por sugerir um agendamento institucional, político, cultural e tecnológico cujo impacto resultaria na produção de políticas híbridas, consideradas por Beck mais “eficazes” e aplicáveis.

Assim, a observação das agendas do FSM revelou o caráter fragmentado do mesmo, porém, não mostrou ser esta uma questão preocupante na medida em que tanto as agendas locais quanto as agendas globais são fruto de acordos, permutas e “traduções” temáticas, dada pela flexibilidade das organizações que as colocam em pauta. Assim, devido à capilaridade natural das organizações participantes do FSM, tal “fragmentação” do mesmo não pode ser explicada pelas suas agendas, naturalmente transversais. Assim, as movimentações espaciais do FSM e a proliferação de Fóruns Regionais e Temáticos devem ser observadas na unidade seguinte de modo a responder acerca da suposta fragmentação do FSM, questão que vem norteando essa pesquisa.

4.7) ANÁLISE DAS MOVIMENTAÇÕES ESPACIAIS DO FÓRUM

Abordar as movimentações espaciais do Fórum implica em analisar a segunda variável da hipótese dessa pesquisa a ser testada: de que as fragmentações do FSM podem ser afetadas pelo fator “regionalismo”. Para se chegar a essa variável, deve-se conhecer como o FSM se comporta nos diversos países pelo qual transita e, finalmente, como se comportam os Fóruns Regionais e Temáticos, estes últimos que oferecem um cruzamento interessante das duas variáveis citadas: regionalismo e temática.

Assim, para além das peculiaridades dos eventos em si, já abordadas no Capítulo III,

constatou-se uma continuidade e uma réplica do próprio FSM nesses eventos menores que vai além de sua Carta de Princípios, e que, acredita-se, está fundamentada na participação e no deslocamento da sociedade civil. Assim, no ano de 2002 assistiu-se à multiplicação de Fóruns Regionais, Temáticos, em diferentes partes do mundo, como o Fórum Social Europeu, o Fórum de Hyderabad, na Índia, o Fórum da Argentina, Equador e Colômbia²⁰⁸, etc. As análises apresentadas na seqüência são fruto da observação e agendamento desses eventos menores que receberam um tratamento sistemático e estatístico, a partir do qual se pôde observar deslocamento, espacialização, crescimento e relações desses fóruns com o FSM.

4.7.1) ANÁLISE DOS FÓRUNS REGIONAIS E TEMÁTICOS

Conforme mostrado anteriormente e, corroborado por SenGupta (2004), cada Fórum determina diferentes enfoques que variam segundo as preocupações regionais e imediatas da maior parte de seus participantes. Como exemplo, na América Latina, as preocupações com povos indígenas, o pagamento da dívida externa, etc., sobressaem às outras agendas mais interessantes para outras localidades, como a questão dos transgênicos ou migrações abordadas no Fórum Europeu²⁰⁹.

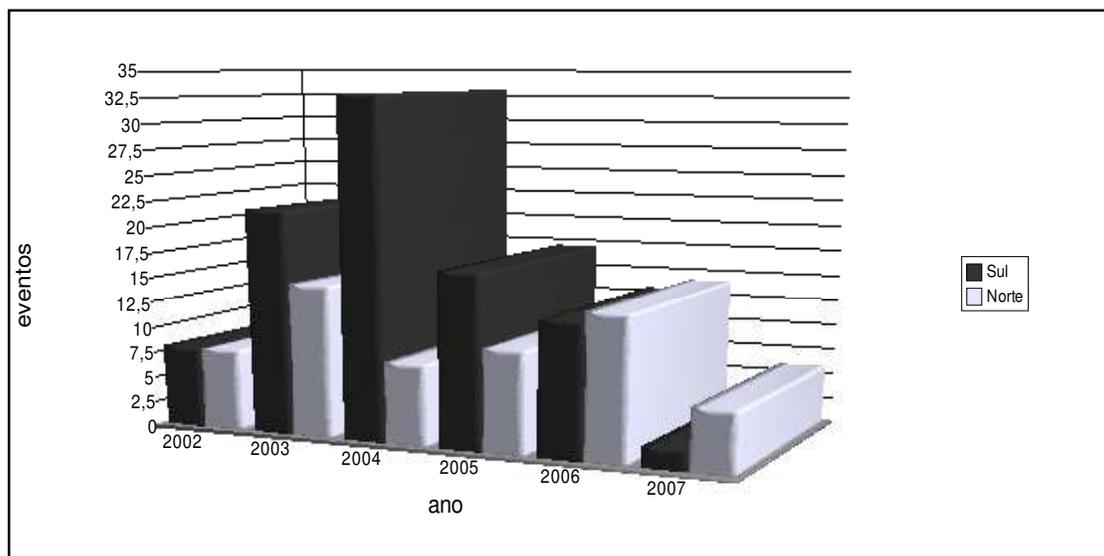
Mediante tais assertivas, optou-se por observar os Fóruns Regionais separadamente dos Temáticos, o que, por fim, resultou em duas análises imbricadas, apresentadas na seqüência.

Começando a análise pelos Fóruns Regionais, disponibiliza-se o GRÁFICO 6, onde é possível observar a evolução dos Fóruns regionais segundo os locais aonde foram realizados - hemisférios Norte ou Sul. Optou-se pela separação por hemisférios e não por continentes de modo a realizar uma análise comparada entre os mesmos, visto que tal perspectiva nos fornece uma polarização bastante interessante em termos de regionalismos e potencial econômico.

²⁰⁸Uma lista mais completa pode ser encontrada no ANEXO I.

²⁰⁹Este fórum é o mais ativo nesse processo descentralizado, contudo é o menos interligado ao FSM, caracterizando uma autonomia própria de seu contexto local e das iniciativas de seus participantes.

GRÁFICO 6: Evolução dos Fóruns Regionais, segundo hemisfério (Norte e Sul) e ano:



Fonte: Anexo III.

O GRÁFICO 6 revela um maior número de eventos regionais sendo realizados no eixo Sul, sobretudo, entre os anos de 2003 e 2005, justamente os anos em que o FSM realizado no Brasil alcança seus maiores índices de participação, e no ano em que o FSM migra para a Índia, indicando uma grande capacidade de articulação a nível regional por parte das organizações participantes, fato que não se repete nos anos subseqüentes quando o FSM se “policentriza” e novamente “internacionaliza-se”.

Observações semelhantes foram apresentadas no trabalho Pianta, Silva e Zola (2005), quando analisaram diversos tipos de eventos considerados “marcantes” para a “sociedade civil global”, como os FSMs, protestos e pequenos fóruns (regionais e temáticos). Frente a esse quadro, os autores concluíram: “The spread of events in the South continues (...) Latin America concentrates one third of all events, Europe one quarter, Asia and Oceania one fifth, North America 12 per cent and Africa 7 per cent” (PIANTA, SILVA e ZOLA, 2005, p. 03).

Como as análises dos citados autores não vão além do ano de 2004, os mesmos não puderam observar um grande crescimento nos eventos regionais realizados ao longo dos anos no continente africano, antes e depois do FSM de Nairobi (2007). Nesse continente foi possível observar um crescimento de 100% no número de Fóruns Regionais realizados no ano de 2003, fato que levou o CI a cogitar a possibilidade da realização de um FSM na África. Anos depois, já em 2005 foi oficializado pelo Comitê Internacional que a edição do Fórum de 2007 poderia ser realizada na África²¹⁰. Desde então, percebeu-se uma concentração de micro fóruns culminando no ano de 2005,

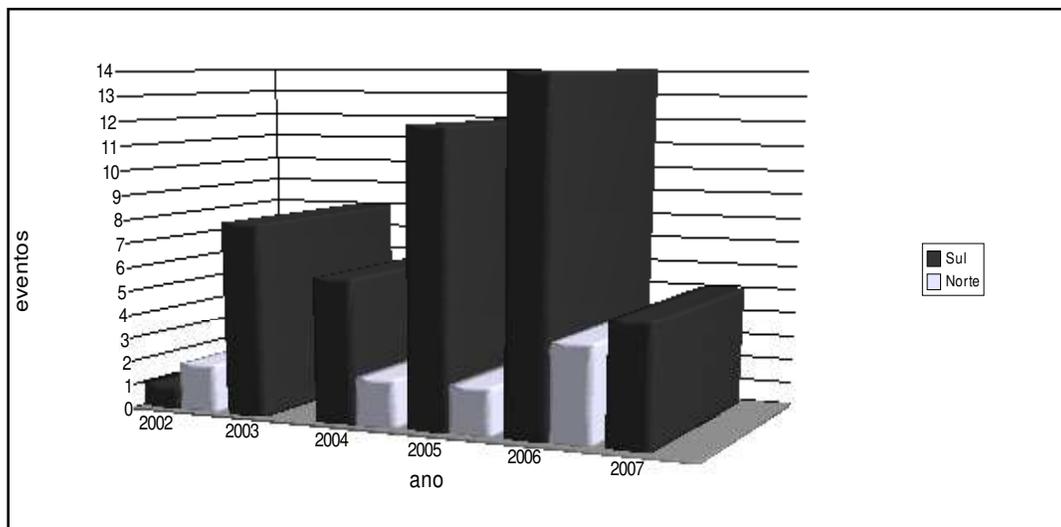
²¹⁰Vide Anexo III.

com um leve declínio no ano de 2006, quando se realizou o FSM Policêntrico (com uma das edições em Bamako, Mali) como é possível verificar nas informações disponíveis no ANEXO III. De um modo geral, no ano de 2007, a maioria dos fóruns regionais acontecidos no hemisfério Sul foram realizados no continente africano, raras foram as atividades observadas na América Latina e Ásia.

Todavia, conforme análise de Smith (2004), mesmo com uma grande concentração e preparação em torno do Fórum da África realizado em 2007, este continua a ser o continente menos ativo no processo geral do FSM, apesar de seus organizadores apontarem para um crescimento das delegações africanas em sucessivas instâncias sociais, e na organização de seus esforços regionais. Com a mesma perspectiva, Smith (2004) avalia a participação dos ativistas da América do Norte, que são os menos frequentes nas edições do FSM e, em termos de organização regional, houveram algumas tentativas frustradas de mobilizar um fórum norte-americano que, frente a tal impasse, optaram pela realização de fóruns locais em várias cidades dos EUA, como Seattle, New York, Chicago, etc.

Comparativamente, a análise dos Fóruns Temáticos, segundo sua localidade de realização - hemisférios Norte ou Sul revelou um elevado percentual de iniciativas alocadas no eixo Sul, sobretudo nos países da América do Sul e Ásia, principalmente na Índia, como pode ser observado no GRÁFICO 7. Tais eventos versavam em torno de questões como uso de software livre, educação e guerrilhas (hemisfério Sul), e migrações, questões ambientais e paz (hemisfério Norte), tal como pode ser observado no ANEXO III.

GRÁFICO 7: Evolução dos Fóruns Temáticos, segundo hemisfério (Norte e Sul) e ano:



Fonte: Anexo III.

Tais opções temáticas revelam uma identidade que esses fóruns estabelecem com o local

aonde são realizados, indicando não apenas um compromisso com as “necessidades locais”, mas também um novo patamar de organização e ação social. Diferente dos antigos protestos e marchas, essas novas ações sociais não apenas buscam soluções imediatas para questões pontuais e urgentes, mas também, visam discutir, trabalhar e realizar costuras e acordos a longo prazo.

É interessante notar que, mesmo sendo eventos temáticos, sua correspondência com o FSM é pontual e menor do que a realizada pelos eventos regionais, marcados muito mais pela territorialidade e pelas identidades locais que automaticamente potencializam a ação local.

De um modo geral, os Fóruns Temáticos podem ser avaliados como canais menores de comunicação da sociedade civil, pelos quais é possível perceber uma intensidade maior de trabalho e redes de organizações, com tendência clara a fluírem como espaços para realização de parcerias e troca de experiências, uma vez que são reuniões focadas e marcadas por objetivos específicos e claramente definidos.

Uma comparação entre o crescimento dos Fóruns Regionais e Temáticos ao longo de seis anos (2002 a 2007) revelou uma maior predileção dos participantes por eventos maiores e, por sua vez, mais parecidos com os Fóruns Mundiais. Fato exemplar é a realização de um maior número de fóruns nacionais em detrimento de fóruns locais. Comparativamente, nos dois últimos anos analisados os Fóruns Temáticos vem crescendo e despontado como opção de ação social interessante na busca por soluções e desenvolvimento de questões pontuais e urgentes, uma vez que sua preparação e organização demandam custos menores e assim, podem ser realizados um maior número desses pequenos eventos.

No GRÁFICO 2 mostrado anteriormente (seção 3.3) foi possível observar que, até o ano de 2004, eram realizados um maior número de eventos regionais que temáticos, indicando que as organizações e participantes, antes de começar a se movimentarem em torno de temas e trabalhos específicos, optavam, primeiramente, por estabelecer laços locais, baseados em sua regionalidade. Então, num segundo momento, após 2005, começaram a se empenhar em realizar eventos temáticos, de onde poderiam resultar parcerias e uma agenda de trabalho melhor formulada.

Cruzando os dados recolhidos acerca das agendas temáticas das organizações participantes da rede do FSM e as temáticas abordadas nos Fóruns Temáticos realizados entre os anos de 2002 e 2007 (ANEXO III), observa-se um curioso caráter setorial (SENGUPTA, 2004) na direção das ramificações temáticas que os fóruns optam por realizarem, no qual as escolhas norteiam os interesses das organizações associados ao temas contemplados no FSM do ano correspondente e aos interesses das organizações que dele participam, como por exemplo, nos Fóruns Mundiais de Educação, a presença das organizações IPF, CLACSO, CEAAL e do CONED é marcante desde a organização do

evento até a seleção dos temas abordados, a saber: “A Educação no Mundo Globalizado” (2001), “Educação e Transformação” (2003) e “Educação para um Outro Mundo Possível” (2004).

Assim, é razoável observar um jogo entre micro e macro, entre a mescla das questões do FSM com as agendas dos Fóruns Temáticos, que prima muitas vezes por contemplar questões voltadas mais para o global do que para o local e, que acabam por “desfocar” as necessidades específicas locais. Como exemplo, o III Fórum Pan-Amazônico, marcado pela presença do presidente venezuelano Hugo Chaves e seu discurso anti-americano e pela ausência dos povos indígenas da região.

No âmbito desta questão o esforço que os Fóruns Regionais e Temáticos procuram realizar dirige-se para um movimento aqui entendido como “tradução”²¹¹ das temáticas globais para as realidades locais, do que propriamente em tentar compreendê-las e abrangê-las por completo.

De um modo geral, percebeu-se que o fator “regionalismo” contribui não apenas para uma “fragmentação” do FSM na medida em que aponta e colabora para uma “dispersão positiva”, na medida em que dissemina por espaços “desfavorecidos” a semente da participação e mobilização civil. Entretanto, a simples difusão das idéias do FSM deve ser encarada de modo distinto do arranjo político local que os movimentos, organizações, sindicatos, etc., são capazes de realizar com a comunidade de determinado espaço, na medida em que “os princípios e agendas do FSM” sofrem uma tradução e conseqüente adaptação para as realidades locais.

Finalmente, algumas afirmações podem ser realizadas. A primeira delas diz respeito à hipótese testada ao longo desta pesquisa, traduzida aqui como: o FSM estaria se fragmentando devido a dois fatores responsáveis, a agenda temática e o regionalismo dos FSMs. As análises do fator regionalismo, observado através das movimentações espaciais do FSM e a análise do fator temático lembrado pelos agendamentos do mesmo, revelaram uma configuração de hierarquias nas relações entre as organizações e suas agendas no contexto do FSM e a presença de uma fragmentação da especialidade geográfica do mesmo.

Contudo, tais hierarquizações e diferentes deslocamentos espaciais dos eventos menores do FSM efetivamente não estão levando a um processo de fragmentação negativa do Fórum, o que por sua vez, poderia incorrer em um “esvaziamento ou enfraquecimento do evento”. Antes, as observações aqui realizadas, desde a análise da rede do FSM até os seu relacionamento com seus eventos menores, levaram-me a concluir que o FSM, enquanto um reflexo da “sociedade civil global”, tal como demonstraram Anheier e Katz (2005), não tem unidade e, por isso, a constituição de hierarquias

²¹¹O conceito de “tradução” aqui utilizado é definido por Sousa Santos (2002) como *um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de parte homogênea* (op. cit., p. 262), e que se refere a uma transformação social em curso, ampliada por sua vez, pelo conceito de tradução que visa sugerir maiores arcabouços para a troca de experiências.

internas à sua rede e às suas agendas são apenas um reflexo da forma pela qual o Fórum minimamente se organiza. Além disso, os deslocamentos espaciais dos eventos menores indicaram uma tentativa do FSM em ampliar seu campo de ação social, conduzindo-o por sua vez a uma forma menos estanque de organização, que passa necessariamente pelos micros e macro eventos.

A análise do processo de “fragmentação” do FSM permitiu constatar que os demais Fóruns que dele desmembram todos os anos, como os Fóruns Regionais e Temáticos estão interligados entre si como um “feixe” de relações, simulando um desenho fractal. Assim, a introdução da lógica matemática para tentar explicar esse processo de inter-relação e fragmentação do FSM, recai diretamente sobre a noção nela implícita de que cada parte se relaciona com o todo em um processo de auto-reprodução e “espelhamento” do FSM.

Procurando modo à melhor entender essas interligações entre micro e macro estruturação do Fórum, a Seção seguinte analisará o Fórum como parte da “sociedade civil global” e como articulador local e globalmente constituído enquanto estratégia de ação social adotada.

4.8) O FSM COMO PARTE DA “SOCIEDADE CIVIL GLOBAL”?

Com base nas análises das agendas dos FSMs, de suas transitoriedades pelos espaços aonde são realizadas suas edições menores, percebeu-se a iminência de alguns aspectos interessantes, como a “tradução de idéias” de um Fórum a outro; o peso das necessidades locais frente aos interesses das organizações participantes desses fóruns e que, muitas vezes revelaram-se mais como uma corporação do que propriamente como representantes da sociedade civil; por fim também se observou um “espelhamento” dos acontecimentos do FSM nos contextos locais e vice-versa, que apontam para um entrelaçamento dessas esferas locais, globais e temáticas.

Assim, em um esforço por melhor tentar compreender todo o mosaico do FSM e estabelecer um marco analítico entre local e global, procurou-se realizar um balanço combinado, onde ambos os aspectos (temáticas e regiões) abordados, que são colocados à prova ante a eminência da “sociedade civil global” de modo a melhor compreender aonde se pode chegar com a expansão do FSM. Para tanto, questiona-se: “Se o FSM é considerado um sujeito da “sociedade civil global”, tal como mostrado no princípio desse trabalho, em que medida é possível afirmar que se trata de um sujeito global uma vez que, tal como se observou, não há coesão interna, nem globalidade nas relações internas da rede do FSM?”. Finalmente, busca-se perceber a partir de tal questionamento, qual o caráter da fragmentação do FSM constatada nas unidades anteriores.

Dessa forma, uma vez classificado como parte dessa “sociedade civil global”, o FSM pode ser questionado em relação ao seu modo de atuação local e global de modo a melhor compreender

acerca do fortalecimento ou enfraquecimento da participação da sociedade civil organizada. Questionando se esta sociedade civil seria efetivamente global, no sentido de envolver e participar a sociedade civil organizada de todas as agendas e lugares, ou não. Para tanto, propõe-se analisá-lo na seqüência, a partir de suas múltiplas esferas, começando pelo modo de atuação e agendas de trabalho de suas organizações.

4.8.1) ANÁLISE COMBINADA: O LOCAL E O GLOBAL

Traçar um panorama que contemple a inter-relação estabelecida entre o local e o global no contexto do FSM é uma tarefa que necessariamente deve passar pelo âmbito das organizações que compõem o Comitê Internacional do Fórum. Tal tarefa deve ainda contemplar as relações dessas organizações tanto transnacional quanto localmente. Justifica-se esse modelo de ação pelo exemplo que foi mostrado anteriormente, no caso da análise da rede centralizada pela organização OneWorld dentro do FSM (vide DIAGRAMA 9) e com alguns de seus parceiros no plano local. Apontou-se uma nítida “capilaridade” em suas conexões (e indiretamente do FSM) e uma correlação entre os planos local e global que escaparia a uma melhor compreensão se as mesmas não fossem observadas em dois movimentos distintos: do local ao global e vice-versa.

Conhecendo que muitas organizações usam o FSM como um instrumento para coordenar ações internacionais com um determinado objetivo (SMITH, 2004), como por exemplo, resistir ao comércio de alimentos geneticamente modificados; promover mobilizações contra as negociações da ALCA, FTAA; ou mesmo se opor a construção de barragens, já é conhecido que a esses grupos isolados faltam informações e criatividade necessárias para inovar e adaptar as suas estratégias: “In the face of repression, exclusion and ignorance, this transnational solidarity helps energize those who challenge the structures of global capital” (SMITH, 2004, p. 420). Nesse sentido, reconhece-se a necessidade de melhor analisar o peso dessas organizações e de suas ações dentro do contexto do FSM.

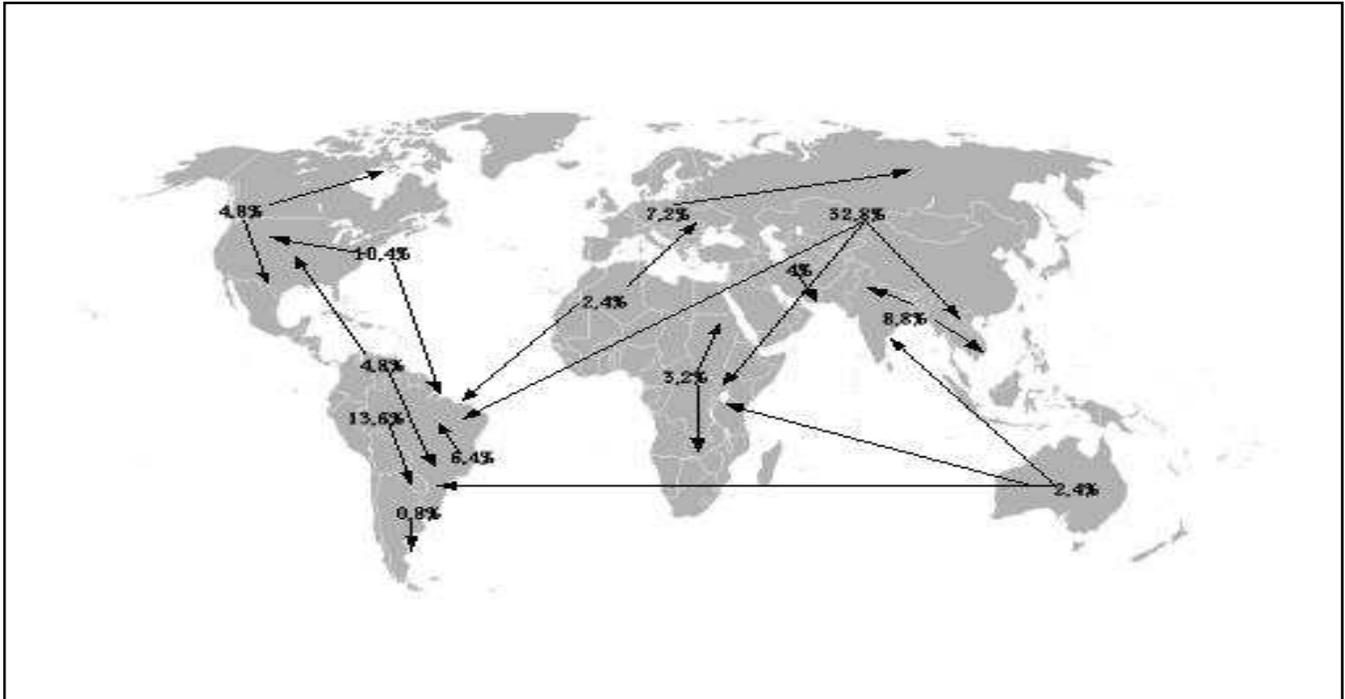
Desta maneira, enquanto muitos ativistas nunca terão a oportunidade de assistir às principais reuniões do FSM, os Fóruns Regionais podem servir como pontos focais que acionam a unidade entre as diversas questões locais e incentivam a coordenação dos trabalhos a partir deste nível, passando pelo nacional, até alcançar o panorama transnacional.

Assim, ampliadas pela participação da sociedade civil organizada, impactadas pela presença de algumas “organizações guarda-chuvas”, essas pequenas edições do Fórum contribuem para nutrir as experiências e reforçar as possibilidades de “participação cívica” também em escala transnacional.

Cruzando os dados dos eventos temáticos e regionais (vide GRÁFICOS 6 e 7) aos dados

referentes às organizações que compõem a rede do FSM (vide ANEXO VI) foi possível chegar a um continuum acerca das ações dos sujeitos que participam desses fóruns acima analisados, observando sua origem e as localidades onde atuam. Com base nessas duas variáveis, foi possível chegar ao seguinte quadro que visa exemplificar a transnacionalidade das ações das organizações presentes no FSM.

FIGURA 3: Direcionamento das ações das organizações do FSM:



Fonte: ANEXO VI.

A FIGURA 3 informa acerca da transnacionalidade nos campos de atuação dos participantes do FSM, e ilustra com as setas o direcionamento dessas ações, evidenciando com isso a maneira como suas atividades estão interconectadas.

Assim, o direcionamento das práticas das organizações que participam da rede do FSM, representados pelas setas e pelo percentual de ações praticadas pelas organizações estabelecidas em uma região, são detectadas a partir de atividades que desenvolvem e que se sobressaem como reflexos em outras regiões e que, em grande medida constroem os campos de ação aonde serão lançadas as sementes dos fóruns regionais e temáticos.

Para melhor conhecer a perspectiva de ação dos citados sujeitos, suas agendas pessoais e seus objetivos de trabalho, foram analisados e colocados em um banco de dados²¹² especialmente

²¹²Tais informações foram recolhidas junto às páginas na Internet dos 124 participantes da rede do FSM e dispostas no

criado para essa finalidade. Uma análise desse banco revelou que, das ações praticadas pelas 124 organizações observadas, cerca de 32,8% são executadas por organizações cuja sede encontra-se atualmente estabelecida em países europeus e, cujas ações são voltadas sobretudo para países do hemisfério Sul, como alguns países africanos, sul-americanos e asiáticos.

Em meio às agendas de ações dessas organizações, foi identificada a predominância das seguintes temáticas segundo seu eixo de origem e segundo seu eixo de ação: 12% de todas as temáticas listadas encontram-se conectadas à agenda denominada “economia/sustentabilidade”, praticada, sobretudo, pelas organizações nos países do hemisfério Norte e incidindo nas agendas das organizações do Sul. Um reflexo direto dessa inter-relação pode ser observado quando 10,4% das agendas das organizações do Sul que também cobrem tal tema e o disseminam para outros países do Sul.

Tal inter-relação entre agendas, feixes de ação e origem das organizações participantes apontam para a formação de uma identidade das organizações do hemisfério do Norte como aquelas que se destacam no campo da cooperação transnacional com as organizações do Sul na medida em que tornam suas agendas suficientemente flexíveis e elencam temáticas amplas e globais de modo alcançar as agendas das organizações do hemisfério Sul sem descaracterizar-lhes.

É possível também destacar que tal flexibilização de agendas pode ultrapassar a simples proximidade entre temáticas, permitindo que agendas aparentemente distantes se cruzem em algum ponto comum, tal como observado nos DIAGRAMAS 8 e 9 aonde o tema da sustentabilidade muitas vezes vem seguido dos temas: trabalho, educação e meio ambiente, o que diluem e ampliam ainda mais o raio de ação dessas organizações.

Com o objetivo de traduzir em percentuais as agendas segundo seu local de nascimento (aonde se encontra a sede da organização realizadora) e o local de ação (aonde esta será posta em prática), a TABELA 16 visa desvelar o transnacionalismo dos atores do FSM a partir de suas práticas.

TABELA 16: Agendas de trabalho das organizações da rede do FSM segundo origem e destino dos trabalhos realizados:

Hemisfério de destino (% agendas)	Hemisfério de origem (% agendas)	
	Norte	Sul
Norte	11,2	7,2
Sul	44,8	36,8

Fonte: Anexo VI.

É possível perceber uma grande preocupação por parte das organizações do hemisfério Norte em atuarem ou apoiarem ações no hemisfério Sul, sobretudo em se tratando das temáticas referentes aos campos dos Direitos Humanos e da antiglobalização, que compõem a agenda Norte/Sul, ambos com 8,8% do agendamento geral. Frente ao tema dos Direitos Humanos, verificou-se um agendamento regional Sul/Sul em resposta ao agendamento geral que se dá na casa dos 5,6% da agenda dos países desse eixo e que versa acerca das questões relativas à tortura (nos países latino-americanos) às migrações, guerras e direitos das mulheres (nos países africanos e asiáticos).

Observou-se, também, uma constante de ações praticadas dentro do eixo Sul (36,8%), sobretudo por organizações sul-americanas (13,8%), cujas ações voltam-se, geralmente, para seu próprio contexto local. Tal sincronia também foi observada na preparação dos Fóruns Regionais, anteriormente analisados, que preza por restringir o global ao local, como em um movimento de reafirmação das necessidades específicas, tentando fazer destas sua grande plataforma de ação.

Algumas temáticas como a questão do sexismo/gênero, temática que ocupa 4,8% da agenda total do FSM e que aparece bastante difundida entre os países do hemisfério Sul, mostraram-se diluídas e pontuadas apenas em casos específicos, como se pode notar com relação à Índia. Assim, a difusão indireta e diluída dessas agendas pode ser explicada pela incidência de movimentos e organizações ligados aos temas da reforma agrária e Direitos Humanos que, indiretamente, trabalham com as questões ligadas a gênero, como é o caso da Via Campesina e do MST.

Por fim, o tema do trabalho e sindicalismo é o que demonstra maior capacidade de atuação regional/local, formando nichos de atuação muitas vezes restritos aos eixos Norte/Norte e Sul/Sul. Tal centralização e regionalização de agendas se deve ao fato de que essas organizações partilham de uma tradição organizacional muito bem constituída hierarquicamente.

No geral, a FIGURA 3 pode ser analisada como um resumo das conexões e agendas globais das organizações do FSM. Onde podem ser observadas agendas e ações que nascem no hemisfério Norte e que incidem no Sul via grandes organizações transnacionais. A partir dessa análise decorre a

pergunta: Se a maioria das organizações do FSM estão no hemisfério Norte, porque então constata-se um baixo índice fóruns regionais e temáticos realizados nesses países, tal como observado nos GRÁFICOS 5 e 6 mostrados anteriormente.

Indiretamente Cheru (apud AMOORE, 2005) responde a essa questão quando afirma que a “civil society in the North has traditionally referred not necessarily to the grass-roots organisations, but to professional associations” (AMOORE, 2005, p.82) que garantem a participação das organizações populares lhes conferindo recursos materiais e simbólicos necessários à sua continuidade. Entretanto, segundo essa perspectiva, Norte e Sul entram em uma “relação desigual de poder e influência”.

Desta maneira, o baixo índice de Fóruns Regionais ou Temáticos realizados no hemisfério Norte e também o grande volume de atuações das organizações com sede no hemisfério Norte junto a ações no Sul seriam melhor entendidos pelo tipo de organização²¹³; tipo de projeção; pelo papel que essas organizações procuram ter no cenário internacional, e pelo tipo de relações entre Estado e sociedade civil²¹⁴, se destacando como organizações centrais, financiadoras e articuladoras junto às organizações do Sul.

Outra forma interessante de analisar as ligações dos participantes da rede do FSM com os Fóruns Regionais seria pensar nas ações de tais organizações como propulsoras dos próprios Fóruns, agindo dessa forma em um duplo deslocamento: ao tempo que fragmentam o FSM e impulsionam a existência de Fóruns Regionais e Temáticos, também imprimem a marca de uma “sociedade civil global”.

Pode-se ter uma idéia sobre essa “sociedade civil global” observando os sujeitos-chave identificados na organização do FSM, e que são formados por ONGs (28,8%) e Redes compostas por ONGs, Movimentos Sociais, etc. (52,8%). Esses sujeitos, por um lado, tem justamente o papel de articular micro-redes, impulsionando e dinamizando a fragmentação do FSM e, por outro, eles também são parte dessa “sociedade civil global” cuja liderança é difusa.

Se somado às análises de Pianta, Silva e Zola (2005) é possível reconhecer que tais grupos considerados centrais no FSM não teriam o mesmo tipo de propulsão não fossem por suas interligações “capilares” com organizações consideradas “de base”, como grupos locais, sindicatos e pequenas redes, cujo desempenho na maioria dos eventos é marcante, e.g., podem ser citadas as ONGs ambientalistas GREENPEACE, FOE (Norte) e suas conexões com as Organizações do hemisfério Sul como a

²¹³Conforme Mertes (2004), tal análise quanto ao tipo de organização, projeção e papel que as organizações do Norte e Sul ocupam no cenário internacional também podem ser entendidas pelo estilo de vida do que pela localização geografia, propriamente dita.

²¹⁴No eixo Sul o tipo de relação com os governos, até o final da década de 80 em alguns países, era marcada pela repressão que nos países do eixo Norte (MERTES, 2004).

Narmada (Índia) trabalhando na defesa do Rio Narmada e nos impactos ambientais que as construções de barragens tem causado; ou a conexão dessas duas primeiras organizações com o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA) (Brasil), em defesa da biodiversidade da fauna e flora na região amazônica. Tais conexões não poderiam ir além se não fossem as sub-redes que essas organizações (Narmada e Grupo de Trabalho Amazônico (GTA)) constroem no âmbito local, com outras pequenas organizações de múltiplas ordens, como ambientalistas, indigenistas, de direitos humanos, religiosas, etc.

Assim, é possível pensar que a “sociedade civil global” só é realmente global na medida em que, suas redes são inclusivas em diferentes níveis e, principalmente, devem ser entendidas como “sistemas expansíveis” na medida em que revelam a unicidade e apelam para uma pluralidade de vozes.

Entretanto, nem sempre essas redes são globais, tal como mostrado no caso dos ativistas norte-americanos, onde suas redes e movimentos seguem permeadas de uma cultura política própria e particular que não se funde às outras perspectivas dos demais sujeitos dessa “sociedade civil” (CASSEN, 2004) e, por isso, não conseguem realizar eventos com o FSM em seu território.

A fim de corroborar minhas observações de que o FSM, enquanto parte da “sociedade civil global” não é tão global quanto divulga. Parto do princípio de que é justamente por não haver uma globalidade estabelecida na própria sociedade civil que o FSM não é um sujeito plenamente global. Para tanto, lanço mão de um estudo de Anheier e Katz (2005) acerca do aspecto global do FSM realizado em Mumbai (2004), é bastante interessante para se observar tal dinâmica a partir dos eventos (no caso, FSM de Mumbai)²¹⁵ e dos sujeitos que dele participam e que pode ser resumida da seguinte forma:

This structure indicates that global civil society is bifurcaed between a small core of well-connected organisations and a vast multitude of organisations that are very much isolated (...) The result is a network that is fragmented into two main components (ANHEIER e KATZ, 2005, p. 220).

Uma análise desses dois grupos levou-os ao conhecimento de que haveriam organizações locais que teriam um papel mais central na organização desse Fórum em especial, mas que também haveria um outro grupo composto de organizações internacionais que atuariam no plano internacional como “ONGs guarda-chuva”, tal como também identificamos na seção 4.3.2.5.

Assim, envolvidas em uma base política formada muitas vezes por redes, segundo Juris (2005), as “ONGs guarda-chuva” envolvem a criação de amplos espaços onde diversas organizações,

²¹⁵O cruzamento das duas bases de dados conduziu os autores às descobertas sobre a centralidade de algumas organizações e de alguns eventos específicos na rede do FSM de Mumbai. Percebeu-se por fim que tal rede encontra-se fragmentada em três pequenas redes com grande conectividade com os demais sujeitos do universo estudado.

coletivos, e redes convergem em torno de características comuns ao mesmo tempo em que procuram preservar a sua autonomia e especificidade.

Com o apoio dessas organizações “guarda-chuva”, o movimento antiglobalização opera tanto no âmbito local (onde as formações políticas são mais definidas) ou participam nos espaços mais amplos que envolvem sujeitos considerados “tradicionais”. Dessa forma, podem estabelecer suas alianças também a nível transnacional, e.g., redes ativistas associadas à People's Global Action que criam "espaços autônomos" por todo o mundo e ao longo do ano, considerados "diferentes, mas ligados" aos eventos “oficiais” do FSM. Entretanto, em minha leitura do FSM, as “organizações guarda-chuva” somente realizam uma “ponte” entre o local e o global na medida em que apóiam iniciativas nesses dois espaços.

Todavia, percebeu-se que se encontram justamente nas pequenas redes com temáticas específicas (e.g., a pequena rede do Narmada), a sinergia necessária entre o local e o global, que imprime a “capilaridade necessária às organizações participantes do FSM”, que lhes capacita para atuar tanto no contexto político local e transnacional.

Porém, segundo Comitê Internacional (2004) existe um perigo de que o FSM poderia estar sendo usado como “canal” de iniciativas internacionais. Como mostrado nas análises anteriores, o único problema é que muitas vezes, estes sujeitos internacionais são os principais elementos constitutivos dos “movimentos globais”²¹⁶. Entretanto, essas organizações ativamente empenhadas em questões internacionais, sofrem uma espécie de “controle vindo de baixo”, na medida em que estão sujeitas a dialogar com agendas locais, como o pagamento da dívida externa na África subsaariana, a guerra em Darfur, etc. Nesse sentido, percebe-se um reforço do global pelas agendas, ações e as redes locais que, entram em diálogo com essas “grandes organizações” via os citados “canais”.

Com base na reflexão acerca da relação Norte/Sul frente aos Fóruns Regionais e Temáticos é possível perceber uma diferença significativa em suas demandas que os conduzem ora para o hemisfério Norte, ora para o Sul, ora para questões globais como as políticas anti-MAI, ora para questões mais pontuais, como os movimentos anti-barragens na região do rio Narmada (Índia). Porém, todas elas podem ser lidas, como uma extensão da “sociedade civil global” que se revela tanto por sua globalidade temática quanto pelo desinteresse do local nos temas considerados globais.

Um exame das temáticas abordadas nas esferas de ação local e global através da análise do

²¹⁶Por movimentos globais, entendemos como a soma total de diversas redes autônomas, aparentemente difusas, que colaboraram entre si e se unem voluntaria e esporadicamente. Naturalmente, que uma rede de redes tão vasta e com variadas alianças é muito difícil de mobilizar, no entanto, estes novos modelos de atuação política tem tido um desenvolvimento muito significativo no mundo de hoje, e não devem ser vistos como um fenômeno provisório apenas, mas como os precursores de diferentes modos de auto-organização e atividade popular.

Banco de Dados (vide ANEXO VI) permitiu revelar como o FSM mescla esses dois panoramas em um único objetivo político e social, focado na temática da antiglobalização como alternativa capaz de forjar diversos sujeitos reflexivos da sociedade civil.

Assim, a temática da antiglobalização emerge não apenas como uma agenda que perpassa múltiplas organizações participantes do FSM, mas também como uma agenda que revela acerca da eficácia no modo de se articular do Fórum. Desta maneira, ao passo que o FSM lança mão das ferramentas da Globalização para se organizar, como mostrado no Capítulo II, também, apropriando-se disto, muda o sentido da ação social tornando-a globalizada e criando um paradoxo interno que o coloca como um opositor da Globalização e sem a qual não consegue subsistir.

De um modo geral, é possível observar que a pseudo-globalidade do Fórum, nessa perspectiva, segue atrelada à fragmentação de suas agendas temáticas, de seus eventos e, principalmente, de uma “tradução” do global para o local.

Nesse sentido, a inter-relação entre o local e o global segue marcada por uma “eficácia do FSM em transitar entre o local e o global” (BORON, 2002). Assinalada por essa noção de “tradução” das propostas que nascem no plano dos Fóruns Mundiais e que são desconstruídas e adaptadas às realidades locais pelos fóruns temáticos e regionais, a “tradução” permite o FSM realizar um duplo movimento que pode tanto surgir no micro e ir em direção ao macro, ou vice-versa.

Essa “tradução”, portanto, revela como o micro e macro se encaixam, sem necessariamente se reduzirem ou expandirem, e como se interpolam, onde o desenho de um é o reflexo do outro. Não se trata, portanto, de somente responder se a “sociedade civil global” é global ou não. Deve-se reconhecer que a sua globalidade, assim como a do FSM, são arranjos que passam por outra ótica, que a simples dimensão geográfica e a idéia de cooptação temática não poderiam abarcar. Trata-se, na verdade, de um arranjo estrutural que atravessa as várias perspectivas políticas e sociais que esses sujeitos concentram e, que se revelam nos discursos, nas inter-relações, no choque de perspectivas e principalmente, no posicionamento antiglobalização que os captura e une.

Retomando a idéia geral de observar essa “sociedade civil global” e o FSM como fractais, percebe-se que o desenho de um influencia na construção do outro. E ambos demonstram que esse panorama sociopolítico caótico construído a partir da Globalização ainda não está terminado, ainda não alcançou seu “ponto de equilíbrio” e, nesse sentido, o papel atual dos Cientistas Sociais é percebê-lo, caracterizá-lo e melhor conceitualizá-lo, para que se possa, finalmente, entender aonde essa “sociedade civil global” chegará.

CAPÍTULO V.

CONCLUSÕES

Quase como uma “brincadeira militante” o Fórum Social Mundial entrou na rotina dessa pesquisadora; aos poucos sua lógica e seus rituais foram sendo incorporados, até me deparar com uma inquietação no interior do FSM acerca de uma suposta fragmentação e um possível enfraquecimento do evento. Assim, como muitos dos participantes de um “fórum turismo”, tateei no escuro, e aos poucos deixei a esfera de “simples participante e ouvinte” e ascendi ao patamar analítico aqui apresentado, aonde não apenas procuro mapear o atual panorama no qual o FSM irrompe e dialoga, mas também, sinalizar para novas perspectivas de pesquisa e para novos objetos de estudo.

Norteei essa discussão observando as relações entre a fragmentação das redes que se pretendem globais em redes de interesses locais e regionais, tendo como objeto de investigação as redes constituídas a partir do FSM. Finalmente, a problemática que se apresentou visava pensar se tais descentralizações são ou não fonte potencial de enfraquecimento das proposições globais do FSM.

Utilizando de novas ferramentas de pesquisa, empreguei um tripé metodológico combinando revisão bibliográfica, análise de redes sociais e pesquisa qualitativa, debruçada, por sua vez, sobre fontes primárias e secundárias.

Uma vez munida de tais ferramentas foi possível caracterizar o FSM como um evento da sociedade civil capaz de arrebatrar e concentrar inúmeras e distintas vozes. Mas também, o FSM pôde também ser pensado como o princípio de um novo tipo de movimento de caráter transnacional, justamente por possuir uma identidade estabelecida em oposição aos projetos neoliberais e um projeto marcado pelo estabelecimento de uma “democracia radical”.

Dois caminhos foram percorridos para se tentar responder à inquietação inicial dessa pesquisa. O primeiro deles considerou os atributos “exteriores” do FSM, ou seja, sua taxa de crescimento, sua relação com os demais Fóruns regionais e temáticos e com as marchas e protestos que o circundavam.

Desta forma, uma análise dos eventos do FSM mostrou seu crescimento ao longo dos anos, com decréscimo apenas nos anos em que o Fórum “internacionaliza-se” (2004) e durante sua edição policêntrica (2006). Nesse momento, percebe-se um aumento no volume de protestos e de Fóruns Regionais e Temáticos, sinalizando para uma complementaridade entre essas esferas de articulação da

sociedade civil. Assim, a análise da relação entre os eventos do FSM e protestos/mobilizações realizados entre os anos de 2002 e 2007, evidenciou uma relação de complementaridade e espelhamento entre essas duas esferas de ação.

A observância de alguns dos Fóruns Regionais e Temáticos, por sua vez, revelou duas condicionantes na definição das agendas desses eventos: a primeira delas atreladas às necessidades surgidas dos locais onde estão sendo realizados os Fóruns, e a segunda ligada aos interesses temáticos de seus organizadores.

Como a inquietação inicial dessa pesquisa não pôde ser explicada apenas com as análises do comportamento dos eventos listados, ou por sua relação com o “lado exterior” do FSM, passou-se a observar o “lado interior”, através de uma análise organizacional do FSM, enquanto evento formado por organizações que trabalham em rede.

Inicialmente, debruçada sobre a bibliografia existente sobre o Fórum Social Mundial, composta de muitos trabalhos críticos, comentários, balanços estatísticos e análises de participantes. Foi observada uma pertinente crítica a um processo de hierarquização interna ao FSM estabelecido entre as organizações participantes do CO e CI e demais participantes. Tais relações formariam “nichos” dentro do FSM, prática que, por sua vez, não condiz com os preceitos delimitados na Carta de Princípios do Fórum.

Procurando melhor entender tais assertivas, acreditei que, observando “de perto e de dentro” encontraria respostas para tais comportamentos. Foram, então, utilizadas as metodologias de trabalho das Análises de Redes Sociais para reconstruir a rede do CO e CI, a qual se atribuiu a posteriori a alcunha de “rede do FSM”. Tomando como ponto de partida a observação de alguns comentadores e analistas do FSM, começou-se a analisá-lo como uma REDE.

Firmado, portanto, sob um modelo de organização em rede, que automaticamente o condiciona ao comprometimento com os valores de respeito, liberdades individuais, culturais e com os posicionamentos políticos de seus participantes, o FSM também pôde ser interpretado como um instrumento declaradamente organizacional. Sua explicação está fortemente ligada à realidade onde se insere, modificando-a e sendo por ela modificada, tal como os processos de inovações sociais impulsionados “de baixo para cima”. Desta maneira, o Fórum aparece no cenário internacional atuando e se organizando segundo a lógica das redes sociais.

Composta pelos membros organizadores das edições do mesmo, ou seja, Comitê Organizador Brasileiro, formado por 8 organizações, e Conselho Internacional, formado por 124

organizações, a rede do FSM foi reconstruída²¹⁷. Seu desenho revelou a existência de relações de hierarquia e dependência entre as organizações parceiras e um grave problema de dispersão e enfraquecimento dessa rede, ocasionado, sobretudo pela alta densidade e volume das parcerias que, em essência, não são totalmente sólidas. Assim, ao contrário do “tipo ideal” de rede, com estrutura descentralizada e planificação, as Redes do CO e CI se mostraram estruturas intermediárias, com centralidade em alguns pontos.

Tal “centralidade” frente ao “modelo ideal de rede” desencadeou a reflexão acerca da fragmentação do FSM em micro-redes. Essa descoberta foi analisada, portanto, como uma face frágil e ainda não estudada da “sociedade civil global”, que, aparentemente segue marcada pela volatilidade das conexões transnacionais entre organizações da sociedade civil, e que, nesse momento de pesquisa, não puderam ser contempladas com a necessária atenção visto que não era esse o foco principal da mesma.

Foi possível observar a rede do FSM como uma grande rede cujo sistema interno aparenta indicar que a fragmentação do FSM - de um grande fórum global em múltiplos pequenos fóruns regionais ou temáticos - têm início já em sua própria base e organização, com a preferência pelo uso de redes. Assim, o que à distância parecia ser a configuração de sub-redes dentro das redes do CO e CI, uma vez observadas mais de perto, mostraram-se como agrupamentos formados por interesses em determinadas temáticas ou mesmo em ações locais resultantes dessas associações e parcerias.

Compreender a formação desses pequenos agrupamentos e os problemas de conexão apontados na rede do FSM exigiu que essa pesquisa observasse os eventos do FSM²¹⁸ como espaços para se obter informações, trocar idéias, formular políticas, planos e ações.

Investigando se a presença desses agrupamentos apontariam para tais “fragmentações” e, se as mesmas estariam acontecendo ou não, foram adotadas duas hipóteses: 1) a fragmentação do FSM pode estar ocorrendo devido a choques de interesses temáticos entre as organizações da rede do FSM; 2) a fragmentação pode estar ocorrendo devido a descentralização do Fórum em eventos regionais ou temáticos realizados ao longo do ano.

A análise das agendas temáticas dos FSMs entre os anos de 2001 e 2007 mostrou uma forte correspondência entre os eventos políticos, econômicos e sociais em curso com o agendamento do Fórum.

Cruzando os dados das agendas do Fórum e alguns eventos “locais”, foram encontradas

²¹⁷A unidade de análise adotada foram as organizações que compõem a rede.

²¹⁸Outras pesquisas também o enunciaram como espaços para rituais de solidariedade, espaços para criar novos laços sociais, reafirmar obrigações, reforçar e renovar identidades muitas vezes baseadas em políticas culturais cujas raízes podem ser comuns ou distintas, mas que se encontram no FSM sob a bandeira de uma “sociedade civil global”.

correspondências entre as “necessidades” regionais do local aonde o Fórum seria realizado e a agenda do evento, revelando um forte “regionalismo” e privilégio na definição das pautas.

Além disso, percebeu-se também a formação de “nichos temáticos”, nos quais foi possível detectar uma confluência entre agendas, não mais marcadas pelas especificidades, mas pela flexibilidade e dinamismo com que são definidas. Assim, observou-se uma mudança no padrão de agendamento das organizações, com forte tendência ao estabelecimento de agendas “transversais” ou “flexíveis”.

Outra abordagem sobre as micro-redes no interior do FSM se deu através da observação das relações entre os Fóruns Temáticos e Regionais e a rede do FSM de forma a entender como o FSM vem se deslocando no espaço.

Observou-se a existência de “vácuos” provocados pelos FSMs de 2004 e 2006, que foram, por sua vez, “cobertos” pelos protestos e Fóruns Regionais e Temáticos, revelando com isso uma tendência por parte da sociedade civil em se articular ora global ora localmente.

Uma análise das agendas das organizações do FSM e sua relação com os eventos do FSM revelaram a predominância de um localismo sulista na realização dos eventos regionais e temáticos frente às pautas de caráter mais “global” propostas por organizações com sede no hemisfério Norte.

As inter-relações entre agendas, Fóruns e protestos também apontaram para uma “solidificação” do FSM como evento global, para o fortalecimento das micro-redes e para a geração dos nichos-temáticos.

De um modo geral, a análise desses eventos apontou uma dificuldade do FSM em se posicionar como um sujeito considerado “global” no cenário internacional, e em se reproduzir, sobretudo, entre os países do hemisfério Norte, apontando para um caráter sulista do Fórum, e para a continuidade de uma “dependência” das organizações do hemisfério Sul para com as organizações do Norte (PETRAS, 2007).

Finalmente, é possível afirmar que não foram encontradas fragmentações relevantes no interior do FSM que pudessem estar levando a seu enfraquecimento ou extinção, desfundamentando-se, com isso, as preocupações iniciais que motivaram essa pesquisa. Antes, as descentralizações internas da rede do FSM e a preferência de seus organizadores por agendas locais apontaram uma fonte potencial de fortalecimento das proposições globais do FSM. Assim, através da relação local/global estabelecida via Fóruns Regionais e Temáticos, o FSM tem sido fortalecido como sujeito da “sociedade civil global” que prescreve em si uma relação imbricada entre esses dois contextos dada pela “tradução” ou “flexibilização” das agendas de um espaço ao outro e pela correspondência estabelecida entre o local e o global via esses eventos considerados “menores”.

Procurando explicar o porquê dessas frágeis conexões entre membros do FSM e sua alta volatilidade, fui levada a observá-lo como um sujeito da “sociedade civil global”, composto como um “todo heterogêneo” que avança rumo a uma “não integração”. Nesse contexto, o FSM, foi analisado como um novo protagonista no cenário internacional que buscaria como ideal o respeito às diferenças culturais, identitárias, econômicas, regionais, etc., seguindo marcado pela “multiplicidade sem unidade” que, segundo Beck (1999), é justamente o ingrediente necessário para conservar e estimular a autonomia e o protagonismo de sujeitos “reflexivos”. Assim, o Fórum e suas atuais perspectivas políticas e sociais aos poucos vêm indicando aspectos formadores de uma nova sociedade civil, que, de certa forma, aparenta ser mais “reflexiva”²¹⁹.

Reflexividade que se aplica também na forma e na dinâmica através da qual os sujeitos do Fórum abraçam o atual cenário político e social, e que reflete, por sua vez, em suas transformações tanto nos agendamentos, que são ampliados; como nas identidades, que deixam de ser únicas e passam a ser “flexíveis”, constituídas a partir de “feixes de possibilidades” e, finalmente na metodologia organizacional utilizada que interliga redes, hierarquias, conselhos, etc.

Desta maneira, essas novas dinâmicas de atuação, identificação e organização foram analisadas como indicativas de um novo patamar de inter-relações políticas que proporcionam a reprodução em múltiplas escalas de diferentes necessidades da sociedade civil organizada.

Assim, a transnacionalidade das organizações do FSM destaca-se como reveladora do caráter “global” dos sujeitos do FSM e do próprio Fórum.

Destarte, pensar o FSM como o difusor de um “feixe de possibilidades” apenas, parece ser uma visão bastante simplificada para um sujeito político que tem mostrado através de suas agendas de trabalho a necessidade atual da sociedade civil em equacionar suas múltiplas vozes e interesses políticos. Por isso, a categoria “flexibilização”, associada à noção de “feixes”, foi utilizada para explicar a atual sinergia entre agendas e eventos locais e globais que agregam diferentes nichos da sociedade civil. Tais feixes também indicam uma mudança no modo de atuar das organizações: não mais sob uma única “bandeira” e sob um único projeto²²⁰ antes, passado a integrar múltiplas identidades baseadas em frágeis e voláteis laços de atuação com outros sujeitos políticos.

Assim, o que antes era tomado como agenda primordial apenas para um determinado

²¹⁹ Nesse sentido, a reflexividade deve ser entendida como “auto-confrontação”, assim, estar-se-ia presenciando um processo de mudança de postura político social emergindo a partir da sociedade civil e, as vezes culminando em “sub políticas híbridas”.

²²⁰ Aparentemente o mote que une esses sujeitos parece ser o tema da “antiglobalização”. Contudo, é bastante reduzido pensar esse contexto apenas sob esse prisma, uma vez que existem muitos sujeitos presentes no FSM que não carregam essa bandeira, mas que se posicionam lado a lado com os movimentos “antiglobalização” por vê-los como sujeitos políticos da contemporaneidade e, sobretudo, por aplicarem o que Sousa Santos chamou de “tradução de idéias”.

grupo, passa a fazer sentido para outros mais, a partir do momento em que a essência dos projetos e as identidades das organizações e movimentos se descolam dos eventos e protestos e passam a integrar um “projeto” de trabalho. A identidade desses “projetos”, portanto, não se reduz apenas às agendas, aos locais de atuação ou ainda à trajetória histórica dos sujeitos envolvidos, antes, fomenta-se sob um espaço de deslocamento de agendas que transita entre o local e o global.

Pensar o local e o global no contexto do FSM e da “sociedade civil global” permitiu observar essa transitividade como um resultado das identidades flexíveis dos sujeitos que constroem o FSM. Assim, dada a diversidade das agendas progressistas do Fórum, com uma acentuada preocupação com a temática da antiglobalização, procurou-se entender os Fóruns Regionais e Temáticos também sob o prisma de uma dupla relação sociopolítica que indica para um caminho tênue entre o global e o local, entre as instituições internacionais e os espaços políticos locais. Tal misto de micro e macro agendamento mostrou uma frágil continuidade e uma séria descontinuidade entre as agendas do global e local, interferindo, por sua vez, nas determinações dos Fóruns Regionais e Temáticos, aos quais, atribuiu-se o papel de “fragmentadores” do FSM.

Entretanto, tal fragmentação que, primeiramente foi analisada sob um prisma pejorativo passou ser visto aqui como um efeito preeminente da contemporaneidade da sociedade civil organizada, resultado da “tradução” de idéias e perspectivas de trabalho descoladas e deslocadas de seu contexto original e reimpressas mediante uma nova lógica local.

Nesse sentido, foi possível observar o Fórum como um sujeito que procura assimilar novas facetas que visam integrar o local e o global em um nível intermediário de globalidade. Tal globalidade viria, por sua vez, marcada pelas conexões e trabalhos políticos que não necessariamente conduzem a resultados efetivos, mas que certamente estão dirigidos para baixas conexões entre os sujeitos políticos contemporâneos de modo a estenderem seus raios de ação e contato, buscando com isso, fortalecer seu projeto interno de “democracia radical”. Assim, acrescida da categoria “tradução” como o fermento responsável para que os laços entre as organizações presentes no FSM sejam construídos e desconstruídos, tal projeto poderia entrar em ação a partir das micro-esferas, como os eventos menores do FSM.

A guisa de conclusão resta expor minha inquietude com relação ao futuro do Fórum que, justamente por poder ser pensado como um sujeito político/histórico cuja finalidade e objetivos não podem ser compreendidos se descolados do contexto político, filosófico e social no qual irrompe e contra o qual se posiciona, a saber, a Globalização, vem mostrando-se apático e ausente das atuais discussões acerca do cenário político atual, aonde podem ser elencadas: a recente eleição do democrata Barack Obama como presidente do EUA, o vislumbre de um possível fim da Guerra no Iraque, as

críticas ao Painel da Mudança Climática da ONU, etc.

Frente a tais perspectivas, não acredito que o FSM esteja se esgotando, antes, observo que a adoção da estratégia de fragmentação do FSM em eventos Regionais ou Temáticos pode ser encarada como mudança significativa no seu modo de atuar, com vistas, sobretudo, para se manter no cenário político.

BIBLIOGRAFIA

- AGUITON, Christophe. **O Mundo nos Pertence**, São Paulo: Ed. Viramundo, 2002.
- _____. “Mapping the Movement”, in **Development Review** 48:2, 2005.
- ALEXANDER, J.C. “Ação coletiva, cultura e sociedade civil”, in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13 n.37, 1998.
- AMOORE, Louise (org). **The Global Resistance Reader**, London: Routledge, 2005.
- ANDREOTTI, Vanessa e DOWLING, Emma “WSF, ethics and pedagogy” in **Publicações da Unesco**, 2004.
- ANHEIER, Helmut, GLASIUS, Marlies e KALDOR, Mary. “Introducing Global Civil Society”, in **Global Civil Society, Year Book 2001/2002**, London: Sage Publications, 2002.
- ANHEIER, Helmut e KATZ, Hagai. “Network approaches to global civil society”, **Global Civil Society, Year Book 2004/2005**, London: Sage Publications, 2005.
- ARAÚJO, Eduardo Jordão. “Redes e Poder na Sociedade da Informação”, in **Comunicações do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 29 de maio á 01 de julho, 2007.
- BECK, Ulrich (org). **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**, São Paulo: ed. Unesp, 1997.
- _____. **Risk Society: towards a new modernity**, London: Sage, 1998.
- _____. **O que é globalização?** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- BIAGIOTTI, Isabelle. “The World Social Forums. A paradoxical application of participatory doctrine”, in **Publicações da UNESCO**, 2004.
- BOITO JR. Armando (org). **O Sindicalismo brasileiro nos anos 80**, São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G.and FREEMAN, L.C. **UCINET 5.0 Version 1.00**. Natick: Analytic Technologies, 1999.
- BORGIDA, E., SULLIVAN, J., OXENDINE, A., JACKSON, M. S., RIEDEL, E., GANGL, A. “Civic Culture meets the digital divide: the role of Community electronic networks”, in **Journal of Social Science**, vol.58 n.1, 2002.
- BORON, Atilio A. “Reflexiones a propósito del Foro Social Mundial”, in www.forumsocialmundial.org.br, 2002, acesso em 08/02/2006.
- BRAGA, S.S. “Internet e política: um estudo sobre a informatização dos órgãos legislativos na

- América do Sul”, anais do **III Congresso da ALACIP**, em 4-6 Set/2006, Campinas: Ed. Unicamp, 2006.
- BRAMBLE, Tom. “Another world is possible’: A study of participants at Australian”, in **Journal of Sociology** n.42, 2006.
- BRANDES, Ulrik e ERLEBACH, Thomas. **Network Analysis: methodological foundations**, Heidelberg: Springer, 2005.
- BUSCH, Laura. **Social network Analysis Annotated Bibliography**, disponível em <http://staff.washington.edu/lbusch/SNA.htm>, acesso em 22/10/2006.
- CALLINICOS, A. 'The Future of the Anti-Capitalist Movement', in DEE, H (ed.), **Anti-Capitalism: Where Now?**, London, 2004.
- CASTELL, Manuel. **A Galáxia da Internet**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. **A Sociedade em Rede**, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006a
- _____. **O Poder da Identidade**, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006b.
- _____. A sociedade em rede. In: MORAES, Denis. **Por uma Outra Comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. “Power and Politics in the network society”, in **London School of Economics and Political Science**, March, 2004.
- COHEN, Anthony, **The Symbolic construction of community**, London: Routledge, 1998.
- COHEN, Jean L. “Sociedade Civil e Globalização: Repensando Categorias”, in **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 46, no 3, 2003.
- COMITÊ INTERNACIONAL. Report from the IC of the WSF - for social movement activists and analysts in Africa, 17/03/2004, disponível em http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_keet_2004_ing, acesso em 16/04/2008.
- COOK, K.S. “Exchange and Power in Networks of Interorganizational Relations”, in **The Sociological Quarterly**, n.18, 1977.
- CORREA LEITE, José. **Fórum Social Mundial: a história de uma invenção política**, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.
- COUTINHO, J.A. “As ONGs e as políticas neoliberais”, in **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico – ComCiência – SBPC**, No. 82 – 10/11/2006, acesso em 25/05/07.
- COUTINHO, Marcelo, DELGADO, Ana C. e MIRELES, Pedro D. Por que protestam? Movimentos sociais sul americanos no século XXI, in **Anais da ABCP**, Unicamp, 29 de Julho a 1 de Agosto, 2008, disponível in <http://201.48.149.88/abcp2008/>, acesso em

01/08/2008.

- _____. Por que protestam? Uma nova sociedade no horizonte sul americano, in **Estudos e Cenários**, Publicações do IUPERJ, fev. 2008, disponível em <http://observatorio.iuperj.br>, acesso em 01/08/2008.
- DE ANGELIS, Massimo. “Opposing fetishism by reclaiming our powers: The Social Forum movement, capitalist markets and the politics of alternatives”, in **Publicações da UNESCO**, 2004.
- DELLA PORTA, Donatella e DIANI, Mario. **Social Movements: an Introduction**, Oxford: Blackwell, 1999.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Rhizome: introduction**, Paris: Minuit, 1976.
- DURÃO, Jorge. **Começando o balanço do Fórum Social Mundial**, in www.forumsocialmundial.org.br, 2002, acesso em 08/02/2006.
- DWYER, T. “Um Salto no Escuro: um ensaio interpretativo sobre as mudanças técnicas”, in **Revista de Administração de Empresas**, v.29, n.4, São Paulo, 1989
- EINSENBERG, J. e CEPIK, M. (org). **Internet e Política: Teoria e Prática da Democracia Eletrônica**, Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.
- EMERSON, R.M “Power-Dependence Relations: Two Experiments”, in **Sociometry**, vol.27 n. 3, 1964.
- EMIRBAYER, Mustafa e GOODWIN, Jeff. “Network Analysis, Culture, and the Problem of Agency”, in **The American Journal of Sociology**, Vol. 99, No. 6., 1994.
- ESCOBAR, Arturo. “Other Worlds Are (already) Possible: Cyber-Internationalism and Post-Capitalist Cultures”. Draft Notes for the Cyberspace Panel, **Life after Capitalism Programme, World Social Forum**, Porto Alegre, January 23-28, 2003.
- EUROMARCHES. **For an East – West solidarity of the social movements**, Bruxelas, 2004, disponível em http://www.euromarches.org/english/04/socialrights_book.pdf, acesso em 20/05/08.
- FERNANDES, R.C e PIQUET CARNEIRO, L. **ONGs anos 90: A opinião dos dirigentes brasileiros**, Séries de Pesquisas, Rio de Janeiro: ISER, 1991.
- FERNANDES, R.C. **Privado, porém Público – o Terceiro Setor na América Latina**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. “Elos de uma cidadania planetária”, in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: Anpocs (28), 1995.
- FERNANDES, Rogério Garcia. **Campanhas eleitorais brasileiras na Internet**, Dissertação de

Mestrado – IFCH/Unicamp, Campinas, 2005.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy. **A Guerra e o Espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN**, Dissertação apresentada ao IFCH/Unicamp, Campinas, 2003.

FREY, Klaus. “Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias da informação e comunicação”, in **Revista de Sociologia e Política** n.21, Curitiba, 2003.

_____. “Redes comunitárias na sociedade da informação”, in **Anais ANPOCS GT-22**, Caxambu, 2002.

GADEA, Carlos e SCHERER-WARREN, Ilse. “A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos”, in **Revista de Sociologia e Política**, n.25, Curitiba, jun. 2006.

GADOTTI, Moacir. “Informação, conhecimento e sociedade em rede”, in **Fórum Paulo Freire - IV Encontro internacional - Caminhando para uma Cidadania Multicultural**, Universidade do Porto, 19 a 22 de setembro de 2004.

GIDDENS, Athony. **As Conseqüências da Modernidade**, São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GLASIUS, Marlies. “Deliberation or Struggle? Civil Society. Traditions Behind the Social Forums”, in **Ephemera Forum Review**, v. 5(2), 2005, também disponível em www.ephemeraweb.org., acesso em 05/06/2008.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da Sociedade Civil**, São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**, São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

_____. **Movimentos Sociais no início do Século XXI: antigos e novos atores sociais**, Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

GÓMEZ, José Maria. “De Porto Alegre a Mumbai. O Fórum Mundial e os desafios do movimento altermundialista”, in CECEÑA, Ana Esther. **Hegemonias e emancipações no século XXI**, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, também disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/cece2PT/09_gomez.pdf

_____. “Entre dois fogos: o terrorismo, a guerra e os desafios do movimento social global contra-hegemônico”, in CECEÑA, Esther e SADER, Emir. **A Guerra Infinita: Hegemonia e Terror Mundial**, Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

_____. **Política e Democracia em Tempos de Globalização**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

GRANOVATTER, Mark S., “The Strength of weak ties”, in **American Journal of Sociology**, n.78 (6), 1973.

GURZA LAVALLE, A., CASTELLO, G., e BICHIR, R. “Quando novos atores saem de cena”. in

- Palestra concedida no **Seminário Nacional: Movimentos sociais, participação e democracia**, UFSC, maio de 2004, também disponível em <http://www2.ids.ac.uk/futurestate/pdfs/Quando%20novos%20atores2004.pdf>, acesso em 10/12/2007.
- _____. “Protagonistas na Sociedade Civil: redes e centralidades de Organizações civis em São Paulo”, in **Revista Dados**, vol.50 n. 3, Rio de Janeiro, 2007.
- HABERMAS, J. “A crise do Estado do Bem-Estar Social e o Esgotamento das Energias Utópicas”, in **Novos Estudos do Cebrap**, n.18, São Paulo, 1987.
- HADDAD, Sergio. “Fórum Social Mundial: um processo em construção”, in www.forumsocialmundial.org.br, 2002, acesso em 08/02/2006.
- _____. “Caderno Especial: Um outro mundo é possível”, **Revista ODE**, 2003.
- HANNEMAN, Robert. **Spatial Dynamics of Human Populations: Some Basic Models**, disponível em <http://faculty.ucr.edu/~hanneman>, 2005, acesso em 24/10/2007.
- HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**, São Paulo: Ed. Loyola, 1989.
- HELD, David e MCGREW, Anthony. **Prós e contras da Globalização**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- IBASE. **Fórum Social Mundial: pesquisa sobre o perfil dos participantes**, Coleção Fórum Social Mundial, vol V, Secretaria Internacional do Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2003.
- _____. **Raio X da Participação no Fórum de 2005: elementos para o debate**, Secretaria Internacional do Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2005.
- _____. **Raio X da Participação no Fórum Policêntrico 2006**, Secretaria Internacional do Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2007.
- JOHNSTON, J. And LAXER, G. Solidarity in the age of Globalization: Lessons from the anti-MAI and Zapatista struggles”, in **Theory and Society Review**, vol.32, 2003.
- JURIS, J. “The New Digital Media and Activist Networking within Anti– Corporate Globalization Movements”, in **The Annals of the American Academy**, AAPSS, n.597, 2005.
- KADUSHIN, C. **Introuction to Social Network Theory**, Draft: Fev, 2004, disponível em <http://home.earthlink.net/~ckadushin/Texts/Basic%20Network%20Concepts.pdf>, acesso em 16/11/2006.
- KEANE, John. **Global Civil Society**, Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KECK, M. E. e SIKKINK. K. **Activists Beyond Borders. Advocacy Networks in International Politics**. Nova York: Cornell University Press, 1998.
- KLEIN, Naomi. **Cercas e Janelas: na linha de frente do debate sobre a Globalização**, Rio de

- Janeiro: Ed. Record, 2003.
- _____. “Acreditando no fim do fim da História”, in **The Nation Magazine**, Março 2001.
- LANDIN, Leilah. **A Invenção das ONGs: do serviço invisível à profissão sem nome**. Tese de Doutorado apresentada à UFRJ, 1993.
- LANGMAN, Lauren e MORRIS, Doug. **Globalization and Social Movements: The Impact of the World Economic Forum and World Social Forum**, paper não publicado, Departamento de Sociologia, Loyola University of Chicago, s/d.
- _____. “From Virtual Public Spheres to Global Justice: A Critical Theory of Internet worked Social Movements”, in **Sociological Theory** 23:1, American Sociological Association, NY, Março 2005
- LASTRES, H. M. e ALBAGLI, H. M. **Informação e Globalização na era do conhecimento**, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1999.
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**, São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- LINS RIBEIRO, Gustavo “Other Globalizations: alter-native transnational processes and agents”, in **The Marian and Arthur Edelstein Virtual Library - Working Paper** 4, December 2006, disponível também em <http://www.edelsteincenter.org>, acesso em 10/02/2007.
- LOUREIRO, Isabel, CORREA LEITE, José e CEVASCO, Maria Elisa (orgs). **O Espírito de Porto Alegre**, São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MAIA, R. “Redes Cívicas e Internet: do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública”, in EINSENBERG, J. e CEPIK, M. (org). **Internet e Política: Teoria e Prática da Democracia Eletrônica**, Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.
- MANCE, E. A **A Revolução das Redes**, Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- _____. “Redes de Economia Solidária: a expansão de uma Alternativa Global”, in **ANAIS III Fórum Social Mundial**, Porto Alegre, 2002, Disponível em: www.milenio.com.br/mance/fsm2.htm, acesso em 16/02/2006.
- MARINGONI, Gilberto. “O melhor e o mais político dos Fóruns”, in **Agência Carta Maior**, 31/01/2005.
- MARQUES, Eduardo César, “Redes Sociais e o Poder no Estado brasileiro”, in **RBCS** Vol. 21 nº. 60, 2006.
- MARTELETO, Regina Maria. “Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação”, in **Revista Ciência da Informação** 30:1, Brasília, 2001.
- MELUCCI, A. **Challenging Codes: collective action in the Information Age**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

- MERTES, Tom (org). **A Movement of Movements: is another world really possible?**, London: Verso, 2004.
- MILANI, Carlos R.S.e LANIADO, Ruth N., “Transnational Social Movements and the Globalisation Agenda: a Methodological Approach Based on the Analysis of the World Social Forum”, in **The Marian an Arthur Edelstein Virtual Library**, disponível em <http://www.edelsteincenter.org>, ou http://www.cccg.umontreal.ca/pdf/Laniado%20et%20Milani_en.pdf dec. 2006, acesso em 10/02/2007.
- MINOW, M. **Not only for my self: identity, politics and the law**, N.Y: New York University Press, 1997.
- MUNIZ, A.S., HERRERO, R.A. e CARVAJAL, C.R. “Análisis Estructural a partir de la Teoría de las Redessociales: un nuevo enfoque de un problema clásico”, in <http://www.uv.es/asepuma/XI/Analisis%20estructural%20a%20partir%20de%20la.pdf>, acesso em 10/10/2008.
- NIELSEN, Jakob. **Homepage: usabilidade, 50 websites desconstruídos**, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.
- NEWMAN, M.E.J., “The Structure and Function of Complex Networks”, in **SIAM Review** (Society for Industrial and Applied Mathematics), vol.45, n.02, 2003.
- NICHOLSON, Paul. “El Foro no es un fin en si mismo”, in www.forumsocialmundial.org.br, 2005, acesso em 24/03/2006.
- OAKLEY, K. “Citizenship in the Information Society”, in **Anais do Seminário Brasil-Reino Unido: Cidadania na sociedade da informação**, disponível em: www.institutoagora.org.br, 2001, acesso em 17/05/2006.
- PECI, Alketa. “Emergência e proliferação de redes organizacionais – marcando mudanças no mundo dos negócios”. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração, Foz do Iguaçu. **Anais do ANPAD**, Rio de Janeiro: ANPAD, 1999.
- PETRAS, James. “Intelectuais: uma crítica marxista aos pós-marxistas”, in **Revista Lutas Sociais** nº 01, São Paulo: Ed. Xamã, 1996.
- _____. **Una historia de dos foros**, disponível em www.forumsocialmundial.org., 24/08/2002, acesso em 18/03/2007.
- PIANTA, Mario. “Parallel Summits of Global Civil Society”, in **Global Civil Society Year Book 2001-2002**, London: Sage, 2002.
- PIANTA, M. SILVA, S. e ZOLA, D. “Global Civil Society Events: Parallel Summits, Social Forum, Global Days of Action”, in **Global Civil Society Year Book 2004-2005**, London: Sage, 2005.

- PLEYERS, Geoffrey. "The Social Forums as an ideal model of convergence", in **Publicações da Unesco**, 2004.
- PONNIAH, Thomas. "The Role of the Writer at the WSF", **ZMAG**, 28/02/2007, disponível em <http://www.zmag.org/zspace/thomasponniah>, acesso em 23/05/2008.
- POWELL, W.W. e SMITH-DOERR, L. "Network and Economic Life", in SMELSER, N.J. e SWEDBERG, R. **The Handbook of Economic Sociology**, Princeton: Princeton University Press, 2005.
- PUTNAM, R., "Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community" in **Public Choice Journal**, vol.100 n.3-4, 2001.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**, São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- REGO, Fausto. "Fórum discute novos caminhos e estratégias", in www.rits.org.br, s/d, acesso em 19/08/2006.
- RENNÓ, L. "Estruturas de oportunidade política e engajamento em organizações da sociedade civil: um estudo comparado sobre a América Latina", in **Revista de Sociologia e Política**, v. 21, 2003.
- ROBERTSON, Roland. **Globalização: teoria social e cultura global**, Petrópolis: ed. Vozes, 2000.
- RODRIGUES, L. "Do 'novo sindicalismo' à conceituação social", in **Revista de Sociologia e Política**, n. 15, Curitiba, 2000.
- ROMERO, Miguel, EGIREUN, Josu e GARÍ, Manolo. "FSM-2005 - Un futuro difícil", in **Revista Viento Sur** 79, marzo 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. "Para ma Sociologia das ausências e uma Sociologia das emergências", in **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, 2002.
- _____. "Globalización y democracia", **Conferência apresentada no Fórum Social Mundial Temático Democracia, Derechos Humanos, Guerras y Narcotráfico, em Cartagena das Índias**, Colômbia, 16-20 Junho 2003, também disponível em <http://www.ces.uc.pt/bss/pt/artigos.htm>, acesso em 18/02/2008.
- _____. **O Fórum Social Mundial: manual de uso**, Porto: Ed. Afrontamento, 2005.
- _____. "El Foro Social Mundial y a izquierda Global", in **El Viejo topo**, Janeiro, 2008, também disponível em <http://alainet.org/active/21552>, acesso em 05/06/2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, e RODRIGUES-GRAVITO, César A., **Law and Counter-hegemonic Globalization: toward a subaltern cosmopolitan legality**, Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**, São Paulo: Hucitec, 1997.
- SASSEN, Saskia. **Globalization and Its Discontents: Essays on the New Mobility of People and Money**. New York: New Press, 1998.
- SCHERER-WARREN, Ilse. “Das mobilizações às redes de movimentos sociais”, in **Sociedade e Estado**, v. 21, n.1, Brasília, 2006.
- _____. **Redes de Movimentos Sociais**, São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- SCHOLTE, J.A., “Civil Society and Democracy in Global Governance” in **GSGR Working Paper**, Vol.1, Nº 65, Coventry, 2001.
- SEOANE, José e TADDEI, Emilio. “From Seattle to Porto Alegre: the anti-neoliberal Globalization movement”, in **Current Sociology**, vol. 50 (1), 2002.
- SEN, Jai. “On Building Another World. Or: are other globalisation possible? The World Social Forum as an instrument of global democratisation”, in **Paper for the NIGD (Network Institute for Global Democratisation) Seminar at the World Social Forum, on Global Democracy? A north-south Dialogue**, Porto Alegre, 2002.
- _____. “The World Social Forum as an emergent learning process”, in **Futures 39**, CACIM-India Institute for Critical Action: Centre in Movement, New Delhi, 2007, também disponível em www.elsevier.com/locate/futures, acesso em 19/12/2007.
- SEN, Jai e KERAGHEL, Chloe´ “Explorations in open space. The World Social Forum and cultures of politics”, in **Publicações da UNESCO**, 2004.
- SENGUPTA, Amit e GUTTAL, Shalmali e PURKAYASTHA, Prabir “El Programa y la metodología del FSM 2004 - una breve nota de discusión”, in www.forumsocialmundial.org.br., 2004, acesso em 08/02/2006.
- SIMMEL, G. **The Sociology of George Simmel**, New York: Free Press, 1950.
- SMITH, Jackie. “The World Social Forum and the challenges of global democracy”, in **Global Networks 4**, Blackwell Publishing Ltd & Global Networks Partnership, 2004.
- STREET, J. “Political Culture – from civic culture to mass culture”, in **Journal of Political and Society, n.24**, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- TARROW, Sidney. **Power in Movement**, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- _____. “Transnational Politics: Contention and Institutions in International Politics”, in **Annual Reviews Politic Science 4**, 2001.
- _____. **The New Transnational Activism**, Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TAVARES, Ricardo Neiva. **As Organizações Não Governamentais nas Nações Unidas**, Brasília:

Instituto Rio Branco, 1999.

TEIVAINEN, Teivo e PATOMÄKI, Heikki. “The World Social Forum: An Open Space or a Movement of Movements?”, in **Theory, Culture & Society** Vol. 21(6): 145–154, London: SAGE, 2004.

_____. The WSF needs to seriously discuss its relationship with political parties and states, in **Carta Maior**, 26.1.2006, disponível em <http://cartamaior.uol.com.br/>, acesso em 21/04/2008.

TOULOUSE, C. e TIMOTHY, L. (orgs). **The politics of cyberspace**, London: Routledge, 1998.

TOMAÉL, Maria Inés, DI CHIARA, Ivone, e ALCARÁ, Adriana. “Das Redes Sociais á Inovação”, in **Revista de Ciência e Informação** 34:2, Brasília, 2005.

TOURAINÉ, Alan. “An Introduction to the Study of Social Movements”, in **Social Research**, Vol. 52, No.4, 1985.

_____. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Poderemos viver juntos?** Petrópolis: Vozes, 1997.

UGARTE, D. **El Poder de las Redes**, disponível em <http://dugarte.com> , 2007, acesso em 28/10/2007.

URRUTIA, J. **La individuación por la pertenencia**, disponível em <http://juan.urrutiaelejalde.org>, 2003, acesso em 28/10/2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. “The dilemmas of open space: the future of the WSF”, in **Publicações da Unesco**, 2004.

WASSERMAN, S. e FAUST, K. **Social Network Analysis : Methods and Applications (Structural Analysis in the Social Sciences)**, Cambridge: Cambridge Press, 1994.

WELLMAN, B. e BERKOWITZ, S.D. **Social Structures: a network approach**, Cambridge: Cambridge Press, 1988.

WELLMANN, B. “The Network Community: introduction o Networks in the Global Village”, in **Networks in the Global Village**, Boulder: Westview Press, 1999.

WHITAKER, Francisco. “Fórum Social mundial: origens e objetivos”, in www.forumsocialmundial.org.br , acesso em 08/02/2006, e artigo publicado no “Correio da Cidadania” de Dezembro de 2000, ed. 222.

_____. **O desafio do Fórum Social Mundial: um modo de ver**, São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

_____. “Notas para o debate sobre o Fórum Social Mundial”, in http://constel07.u-bourgogne.fr:8080/sdx/sdx/apiurl/getatt?app=org.pleade.test&base=fa&id=FRMSH021_000000002_de-334-image-7253, acesso em 10/10/2008.

WOLTON, D. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**, Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003.

GLOSSÁRIO DE SIGLAS:

- AFL:** American Federation Labour (Federação Americana do Trabalho)
- AGM:** Against Globalization Movement
- ALCA ou FTAA:** Área de Livre Comércio das Américas ou Free Trade Area of the Americas
- ATTAC:** Ação pela Tributação das Transações financeiras em Apoio aos Cidadãos
- BID:** Banco Interamericano de Desenvolvimento
- CI:** Comitê Internacional
- CMC:** Comunicação Mediada por Computador
- CO:** Conselho Organizacional
- EZLN:** Exercito de Libertação Zapatista
- FSE:** Fórum Social Europeu
- FSM:** Fórum Social Mundial
- FTA:** Free Trade Agreement
- IMF ou FMI:** International Monetary Found ou Fundo Monetário Internacional
- ISMs:** Internet Social Movements (Movimentos Sociais via Internet)
- MAI:** Multilateral Agreement on Investment
- NAFTA:** North American Free Trade Agreement (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio)
- NATO ou OTAN:** North Atlantic Treaty Organization ou Organização do Tratado do Atlântico Norte
- NMS:** Novos Movimentos Sociais
- OCDE:** Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- OIT:** Organização Internacional do Trabalho
- ONG:** Organização não governamental
- UNCTAD:** United Nations Conference on Trade and Development
- ONU:** Organização das Nações Unidas
- URL:** Uniform Resource Locator
- SNA ou ANS:** Social Networks Analisis ou Análise de Redes Sociais
- WTO ou OMC:** World Trade Organisation ou Organização Internacional de Comércio
- G-8:** EUA, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá (antigo G7), mais a Rússia.

ANEXO I – Lista de eventos e protestos antiglobalização e sua conexão com o FSM:

Data	Evento	Local	Relação com o FSM
1980	Políticas neoliberais	EUA e Inglaterra	
1989	Queda do muro de Berlim	Alemanha	
1991	Fim da URSS	Europa	
1991	Guerra do Golfo	Oriente Médio/EUA	
1994	Início Movimento Zapatista	México	Considerado o princípio do Movimento anti globalista
1994	Genocídio Ruanda	África	
1996	Marcha Zapatista	México	
1997	Início acordos MAI	EUA	
1997	Marcha contra precariedade e exclusão social	Holanda	
1997	Reunião ASC contra ALCA	Am. Sul	
1997	Início da Ação Global dos Povos – durante marcha do human	Espanha	Início dos protestos anti neoliberais
1997	Crise asiática	Japão, China	
1997	Jubilee 2000	EUA, África	Pelo cancelamento da dívida externa
1998	Início Campanhas anti MAI	Am. Sul	Campanhas paralelas às grandes reuniões de cúpula
1998	Reunião de cúpula dos Povos das Américas	Am. Sul	
1998	Protesto contra OCDE	França	Formação ATTAC
1998	Protestos contra G-8 e OMC	Inglaterra	
1998	Encontro CCSCS anti MAI	Am. Sul	Reuniões de organizações começam a entrar na pauta dos anti-globalistas
1998	Protestos anti MAI		Suspensão das negociações – primeira vitória do movimento coordenado
1999	Reunião do “O outro Davos”	Suíça	Primeiro evento contra Davos paralelo ao FSE
1999	Guerra dos Balcãs	Balcãs	
1999	Protestos em centros financeiros		
1999	Encontro “Um outro mundo é possível”	França	Primeira ação conjunta: CADTM, ATTAC, FMA
1999	Grito dos Excluídos	Brasil	
1999	Encontro Internacional pela anulação da dívida dos países do te	África do Sul	
1999	Protesto Seattle	EUA	Contra a reunião da Cúpula do Milênio e acordos da OMC
2000	Protestos contra FME	Suíça	Princípio de oposição a Davos
2000	Protestos contra UNCTAD	Thailândia	Ações da Focus
2000	Marcha Mundial das Mulheres		Um “ator central” começa a despontar
2000	Protestos contra FMI	EUA	
2000	Mobilizações no Dia do Trabalho		Considerado o 4 Dia de ação Global
2000	Protestos contra o BAD (Banco asiático de desenvolvimento)	Thailândia	Ações da Focus
2000	Protestos contra OEA	Canadá	
2000	Protestos contra OCDE	Itália	
2000	Realização da Cúpula Alternativa à II Cúpula Social (ONU)	Suíça	
2000	Mobilizações em apoio a Bové	França	Processos contra José Bové por ataque ao Mc Donalds
2000	Protestos contra G7	Japão	Reivindicações a anulação das dívidas do terceiro mundo
2000	Protestos por direitos humanos diversos	EUA	Ações conjuntas do Black Bloc e NOW
2000	Reunião CCSCS e CCLA	Brasil	
2000	Reunião Via Campesina	Índia	
2000	Protestos contra a Reunião de Cúpula do Milênio (ONU)		
2000	Protestos contra FME	Austrália	
2000	5 Dia de ação Global contra FMI	República Tcheca e divers	Começam as ações coordenadas em diversos países
2000	Marcha Mundial das Mulheres		

2000	Mobilizações contra Cúpula da União Europeia	França	
2000	Encontro Internacional Dacar 2000 pela anulação da dívida do	Senegal	
2001	I FSM	Brasil	
2001	Protestos	América Latina	Ações conjuntas: F26, ASC, Coordenação de Desobediência Civil, etc. - Princípio das redes
2001	Levante indígena e popular	Equador	
2001	Manifestações contra o Global Fórum	Itália	
2001	Protestos contra ALCA	Argentina	
2001	Protestos contra a Cúpula das Américas	Canadá	Realização da II Cúpula dos Povos das Américas
2001	Fórum Social de Barcelona	Espanha	Cancelamento da Reunião do Banco Mundial
2001	Protestos contra Reunião da UE e Bush	Suécia	
2001	3 dias de protestos em Genova contra G8	Itália	Morre o "martir" do anti globalismo: Carlo Giuliani
2001	Conferencia contra Racismos, xenofobia, etc.	África do Sul	
2001	Atentado terrorista as Torres Gêmeas	EUA	
2001	Manifestações em Washington contra FMI e Banco Mundial	EUA	
2001	IV Conferência ministerial da OMC	Catar	Os grandes organismos como OMC, ONU, G8, etc., começam a escolher locais diferentes
2001	Protestos contra a reunião de Cúpula da UE.	Bélgica	Ações de Confederação europeia de Sindicatos, ATTAC, Rede D14, etc.
2002	I Fórum Pan Amazônico	Brasil	Começam os Fóruns paralelos ao FSM
2002	II FSM	Brasil	
2002	Protestos em N.York contra o FSE e FMI	EUA	
2002	Reunião de Cúpula da UE	Espanha	Protestos pela campanha contra a Europa do Capital e da Guerra
2002	Fórum Global contra o Conferência sobre Financiamento e De	México	
2002	Protestos anti guerra, anti globalistas, direitos humanos, etc.	EUA	
2002	Manifestações e realização do I Fórum Social Transatlântico c	Espanha	
2002	Fórum Social de Sevilha em oposição a UE	Espanha	
2002	Fórum Social Temático da Argentina	Argentina	
2002	Fórum Social Temático da Palestina	Palestina	
2003	Fórum Social Asiático	Índia	
2003	II Fórum Social Africano	Etiópia	
2003	III FSM	Brasil	
2003	II Fórum Pan Amazônico	Brasil	
2003	Manifestação Internacional contra guerra		
2003	Início ataque EUA ao Iraque	Iraque/EUA	
2003	Luta contra ALCA	Argentina	
2003	Manifestações contra intervenções militares dos EUA na Am. I	EUA	
2003	Protestos contra FMI e Banco Mundial	EUA	
2003	Dia mundial da Luta Campesina		
2003	II Encontro nacional rumo a Cacun	México	Contra reunião da OMC e contra ALCA
2003	Encontro contra militarização	México	
2003	Encontro global contra OMC	México	
2003	Conferencia contra Guerra Iraque	Indonésia	
2003	III Convenção contra ALCA	Ecuador	
2003	II Encontro contra ALCA e Guerra	Bolívia	
2003	Protestos contra G8	França	
2003	III Assembleia de Povos do Caribe (APC)	Haiti	
2003	Seminário FSM	Índia	

2003	IV Plenária: Sociedade civil pela paz	Colombia	
2003	Protestos contra OMC	Mexico	
2003	Encontro nacional da Via Campesina	Venezuela	
2003	Conferencia Internacional dos Direitos Humanos	Colombia	
2003	Seminário contra guerra e campanha anti terror	India	
2003	Seminário FSM	India	
2003	Encontro Movimentos Sociais	França	
2003	Consulta popular sobre ALCA	Argentina	
2003	Marcha Dalit	India	
2003	III Seminário Internacional da CADTM	Holanda	
2003	Conferencia pelo perdão da dívida externa nos países do 3 m	Thailandia	
2003	Consulta Asiática sobre o Viena 10+		
2003	Consulta povos indígenas	Índia	
2004	Protestos contra a Reunião de Cúpula das Américas	México	
2004	Protestos contra ALCA	Brasil	
2004	Cúpula continental dos Povos Indígenas	Equador	Ação conjunta: CONAIE, Ecuarunari, Coica
2004	IV Conferencia mídia livre	Brasil	
2004	Protestos contra FMI e Banco Mundial	Bélgica	
2004	Grito dos Excluídos	América do Sul	
2004	Mobilização contra reunião da OMC	China	
2004	Encontro hemisférico de luta contra ALCA	Cuba	
2004	Marcha Mundial pelo direito das Mulheres		
2004	Mobilização contra Guerra Iraque		
2004	Mobilização contra construção do Muro na Palestina	Palestina	
2004	Mobilização contra o FME	Asia	
2004	Dia Internacional da Luta Campesina		
2004	Manifestações contra FMI e Banco Mundial	EUA	
2004	Campanha Mundial contra Financeiras Multilaterais		
2004	Manifestações contra a Cúpula do FME na Asia	Coreia	
2004	Conferência da Via Campesina	Brasil	
2004	Semana de Mobilizações contra o FMI e o Banco Mundial	EUA	Tem inicio as Campanhas Mundiais Contra as Instituições Financeiras Multilaterais e a Dívid
2004	Assembléia dos Povos do Caribe sobre a Articulação do Fórum	Caribe	Organização: APC, Jubilee South e Grito dos Excluidos
2004	Manifestações contra a Cúpula Asiática do Fórum Econômico	Coreia	Rede Internacional de Movimentos Sociais
2004	IV Conferência OURMedia	Brasil	Org.: OurMedia
2004	Mobilização contra a Reunião Ministerial da OMC	China	
2004	Seminário Internacional sobre o futuro da ONU e das Instituições	Itália	
2005	Ações acompanhando a passagem da Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade por diversos países		
2005	Ação Global pelo Fim da Ocupação do Iraque		
2005	Jornada de Ação Global contra os Tratados de Livre Comércio		
2005	Atos políticos pelo Dia Mundial dos Camponeses		
2005	IV Encontro Hemisférico da Luta Contra al ALCA	Cuba	
2005	Mobilização contra o encontro do G8	Escócia	
2005	Encontro Internacional dos Direitos Humanos e da Igualdade de	Rep. Dominicana	A Via Campesina desponta no cenário internacional como uma organização cuja agenda é f
2005	14º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes	Venezuela	
2005	Protestos contra a	Itália	

2005	Organização Mundial de Comércio (OMC) e por uma nova ordem democrática no mundo		
2005	III Cúpula dos Povos das Américas	Argentina	
2005	Apoio à mobilização no marco da Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, em Tunis, em defesa da comunicação como um direito humano fundamental		
2005	Mobilização pelo Dia Internacional dos Estudantes, em defesa da educação pública e contra a privatização e transnacionalização da educação		
2005	Protestos contra a 6ª Reunião Ministerial da OMC		
2006		México	Começam as campanhas anti globalistas de vertente radical
2006	Ação No Nato	Alemanha	
2006	Manifs européennes contre la directive Bolkestein	Alemanha, França	
2006	Paro y Movilizacion contra TLC y La OXY	Equador	
2006	Another World Is Blossoming	Inglaterra	
2006	Global Women's Strike		
2006	Global Action Days 3 rd Anniversary of the "Shock and Awe" Invasion of Iraq		Org: International Answer, Stop War!
2006	COP8 - Não privatizar a biodiversidade	Brasil	
2006	Inmigrants March against Racism		

Fonte: www.forumsocialmundial.org.br e www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/

ANEXO II - CARTA DE PRINCIPIOS DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

- 1. O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.*
- 2. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que "um outro mundo é possível", ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie.*
- 3. O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial. Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional.*
- 4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de tod@s @s cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.*
- 5. O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.*
- 6. Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes. @s participantes não devem ser chamad@s a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que @s engajem a tod@s ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui, portanto em instância de poder, a ser disputado pelos participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.*
- 7. Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido.*
- 8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.*
- 9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades*

físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta.

10. *O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.*

11. *O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países.*

12. *O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações.*

13. *O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades.*

14. *O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.*

ANEXO III - Fóruns Regionais e Temáticos, segundo local e data de realização:

Nome do evento	Dimensão		Local	Ano	Mês
	Regional	Temático			
Fórum Social Transatlântico	x		Espanha	2002	Maio
Fórum Social Venezuela	x		Venezuela	2002	Julho
Fórum Social Bélgica	x		Bélgica	2002	Setembro
Fórum Social Quebec	x		Canada	2002	Setembro
Fórum Internacional do Direito das Mulheres		x	México	2002	Outubro
Fórum Argentina	x		Argentina	2002	Outubro
Skane Social Fórum	x		Suécia	2002	Outubro
Fórum Social Maldonado	x		Uruguay	2002	Outubro
Fórum Social Camarões	x		Camarões	2002	Novembro
Fórum Social Uruguay	x		Uruguay	2002	Novembro
Fórum Social Canada	x		Canada	2002	Novembro
Fórum Social Colômbia	x		Colômbia	2002	Novembro
Fórum de Mundialização		x	Espanha	2002	Novembro
Fórum Social Noruega	x		Noruega	2002	Novembro
Bay Area Social Forum		x	EUA	2002	Novembro
Fórum Social Marrocos	x		Marrocos	2002	Dezembro
Fórum Social Asiático	x		Índia	2003	Janeiro
II Fórum Social da Africa	x		Etiópia	2003	Janeiro
Fórum Social Pan - Amazônico	x		Brasil	2003	Janeiro
Fórum Social de NY	x		EUA	2003	Janeiro
Fórum Social Upsala	x		Suécia	2003	Janeiro
Fórum Mundial de Educação		x	Brasil	2003	Janeiro
Fórum Social Hungria	x		Hungria	2003	Abril
Fórum Social dos Países Bascos	x		País Basco	2003	Abril
Fórum Social Mundial Temático: Democracia, Direitos Humanos, Guerra e Narcotráfico		x	Colômbia	2003	Junho
Fórum Social Portugueses	x		Portugal	2003	Junho
Fórum Social da Grécia	x		Grécia	2003	Junho
IV Fórum Mesoamericano	x		Honduras	2003	Julho
Fórum por um Direito Social Mundial		x	Argentina	2003	Setembro
Fórum Social Suíço	x		Suíça	2003	Setembro
II Fórum Social (Universitário)		x	Paraguay	2003	Setembro
II Fórum Social Potiguar	x		Brasil	2003	Outubro
III Fórum Social do Rio de Janeiro	x		Brasil	2003	Outubro
Foro Social Temático Santafesino - Catástrofe y Políticas Neoliberales: La inundación en Santa Fe		x	Argentina	2003	Outubro
Fórum Social Zimbabue	x		Zimbabue	2003	Outubro
II Fórum Social Uruguay	x		Uruguay	2003	Outubro
II Fórum Social de São João del Rey	x		Brasil	2003	Outubro
Fórum Social Alberta	x		Canada	2003	Outubro
Fórum Social Irlandês	x		Irlanda	2003	Outubro
Fórum Social de Mallorca	x		Espanha	2003	Outubro
Fórum Social da Dinamarca	x		Dinamarca	2003	Outubro
Fórum Social Europeu	x		França	2003	Novembro
Fórum Social de NY	x		EUA	2003	Novembro

Fórum Social Brasileiro	x		Brasil	2003	Novembro
II Fórum Social da Saúde		x	Argentina	2003	Novembro
Fórum Social da Africa do Sul	x		Zâmbia	2003	Novembro
Fórum Social da Africa Austral	x		Zâmbia	2003	Novembro
Fórum Social Paraguáio	x		Paraguay	2003	Novembro
Fórum Social Aotearoa	x		Nova Zelândia	2003	Novembro
Fórum Social das Mulheres Nigerianas		x	Nigéria	2003	Novembro
Fórum Social da Nigéria	x		Nigéria	2003	Novembro
Fórum Social da Costa do Marfim	x		Costa do Marfim	2003	Novembro
Fórum Social Centro Africano	x		Bangui	2003	Novembro
Encontro do Fórum Social Delhi		x	Índia	2003	Dezembro
Reunião de Consulta sub-regional		x	Moçambique	2003	Dezembro
Fórum Social Senegal	x		Senegal	2003	Dezembro
Fórum Social Somália	x		Somália	2003	Dezembro
Fórum Social da Republica Centro africana	x		Rep. Centro Afr	2003	Dezembro
Fórum Social do Paquistão	x		Paquistão	2004	Janeiro
Fórum por uma outra Mali	x		Mali	2004	Janeiro
Fórum Social Guine	x		Guine	2004	Janeiro
Fórum Social Pan-Amazônico	x		Venezuela	2004	Fevereiro
Fórum Mundial de Educação de São Paulo		x	Brasil	2004	Abril
Fórum Social Finlandês	x		Finlandia	2004	Abril
Fórum Social Sul	x		Brasil	2004	Abril
IV Fórum das Autoridades Locais		x	Espanha	2004	Maió
Fórum Social Lima	x		Peru	2004	Maió
Fórum Social do Triangulo Mineiro	x		Brasil	2004	Maió
Fórum Regional Argentino y Latino-americano de Educação “para que os povos falem”		x	Argentina	2004	Maió
Fórum Social Austríaco	x		Áustria	2004	Junho
Fórum Social Temático de Economia Solidaria		x	Argentina	2004	Junho
Fórum da Sociedade Civil		x	Brasil	2004	Junho
Fórum Social Tríplce Fronteira	x		Argentina	2004	Junho
Fórum Social do Congo	x		Congo	2004	Junho
Fórum Social da Nigéria	x		Nigéria	2004	Junho
Fórum Social das Américas	x		Equador	2004	Julho
Fórum Social a Costa do Marfim	x		Costa do Marfim	2004	Julho
V Forum Mesoamericano	x		El Salvador	2004	Julho
Fórum Social de Boston	x		EUA	2004	Julho
Fórum Social do Marrocos	x		Marrocos	2004	Julho
III Fórum Mundial de Educação		x	Brasil	2004	Julho
Fórum Social do Peru	x		Peru	2004	Agosto
Fórum Social Parana Medio	x		Argentina	2004	Agosto
Fórum Social da Colômbia	x		Colômbia	2004	Agosto
III Fórum Mundial de Juizes		x	Argentina	2004	Agosto
Fórum Social Mineiro	x		Brasil	2004	Setembro
Fórum Social Sydney	x		Australia	2004	Setembro
Fórum Social do Uruguay	x		Uruguay	2004	Setembro

Fórum Social Europeu	x		Reino Unido	2004	Outubro
Fórum Social da Dinamarca	x		Dinamarca	2004	Outubro
Fórum Social Capixaba	x		Brasil	2004	Outubro
Fórum Social do Noroeste	x		EUA	2004	Outubro
Fórum Social Malawi	x		Malawi	2004	Outubro
Fórum Social Benin	x		Benin	2004	Outubro
Fórum Social da Cidade de NY	x		EUA	2004	Outubro
Fórum Social Baiano	x		Brasil	2004	Outubro
Fórum Social Maranhense	x		Brasil	2004	Novembro
Fórum Social Alagoas	x		Brasil	2004	Novembro
Fórum Social Chileno	x		Chile	2004	Novembro
Fórum Social Nordeste	x		Brasil	2004	Novembro
Fórum Social do Rio de Janeiro	x		Brasil	2004	Novembro
Fórum Social da Zona Noroeste (Santos, Brasil)	x		Brasil	2004	Novembro
Fórum Social da Província de Malaga	x		Espanha	2004	Dezembro
Fórum Mundial sobre a Reforma Agraria		x	Espanha	2004	Dezembro
Fórum Social Africano	x		Zâmbia	2004	Dezembro
III Fórum Social Potiguar	x		Brasil	2004	Dezembro
II Fórum Social da Colômbia	x		Colômbia	2004	Dezembro
Fórum Social Pan-Amazônico	x		Brasil	2005	Janeiro
Fórum Social das Migrações		x	Brasil	2005	Janeiro
Fórum Mundial da Saúde		x	Brasil	2005	Janeiro
IV Fórum Mundial de Juizes		x	Brasil	2005	Janeiro
Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social		x	Brasil	2005	Janeiro
I Fórum Mundial da Informação e Comunicação		x	Brasil	2005	Janeiro
Fórum Parlamentar Mundial		x	Brasil	2005	Janeiro
Fórum Alternativo Mundial da Agua		x	Suíça	2005	Março
Fórum Social do Tocantins	x		Brasil	2005	Abril
Fórum Social Finlandês	x		Finlândia	2005	Abril
Fórum Social de Chicago	x		EUA	2005	Maió
Fórum Temático Português: encontros, resistências e alternativas		x	Portugal	2005	Maió
Fórum Social de Mallorca	x		Espanha	2005	Maió
Fórum Social Mediterrâneo	x		Espanha	2005	Junho
VI Fórum Social de Software Livre		x	Brasil	2005	Junho
Fórum Social Suíço	x		Suíça	2005	Junho
Fórum Social de Guadalupe	x		Guadalupe	2005	Junho
Fórum Social do Oeste de Camarões	x		Bafoussam	2005	Junho
IV Fórum dos Povos		x	Mali	2005	Julho
Fórum Social do Parana Médio	x		Argentina	2005	Julho
Fórum Social Alemanha	x		Alemanha	2005	Julho
Fórum Social Brisbane)	x		Austrália	2005	Julho
Fórum Internacional dos Povos Indígenas		x	Brasil	2005	Agosto
Fórum Social de Sydney	x		Austrália	2005	Agosto
Fórum Social da Nigéria	x		Nigéria	2005	Setembro
Fórum Social da Africa Ocidental	x		Benin	2005	Setembro

III Fórum Social do Atacama	x		Chile	2005	Outubro
Fórum Social Mineiro	x		Brasil	2005	Outubro
Forum Social do Sul da Africa	x		Zimbábue	2005	Outubro
II Fórum da Cultura Solidária		x	Peru	2005	Outubro
Fórum Social da Zona Sul de São Paulo	x		Brasil	2005	Outubro
Fórum Social de Camarões	x		Camarões	2005	Novembro
Fórum Social de Uganda	x		Uganda	2005	Novembro
Fórum Gaúcho da Juventude		x	Brasil	2005	Novembro
II Fórum Social da Nigéria	x		Nigéria	2005	Novembro
II Fórum Social de Melbourne	x		Austrália	2005	Novembro
Fórum Social Chileno	x		Chile	2005	Novembro
Fórum Social Quebec	x		Canada	2005	Novembro
Fórum Social Quênia	x		Quênia	2005	Novembro
Fórum Social Carioca		x	Brasil	2005	Novembro
IV Fórum Social Africano	x		Guiné	2005	Dezembro
VI Fórum Mesoamericano dos Povos		x	Costa Rica	2005	Dezembro
Fórum Social do Magreb	x		Marrocos	2006	Janeiro
Fórum Mundial de Teologia e Libertação		x	Quênia	2006	Janeiro
Fórum Social dos Povos da Guatemala		x	Guatemala	2006	Janeiro
VI Fórum de Autoridades Locais		x	Venezuela	2006	Janeiro
Acampamento da Juventude Binacional – Brasil e Uruguai		x	Brasil e Uruguai	2006	Janeiro
Fórum Continental da Saúde das Américas		x	Venezuela	2006	Janeiro
Fórum Social da Dinamarca	x		Dinamarca	2006	Fevereiro
Fórum Mundial de Educação		x	Brasil	2006	Março
VII Fórum Internacional de Software Livre		x	Brasil	2006	Abril
II Fórum Social Brasileiro	x		Brasil	2006	Abril
Fórum Social Cymru/Wales	x		Grã-Bretanha	2006	Abril
IV Fórum Social Europeu	x		Grécia	2006	Mai
III Fórum Social de	x		USA	2006	Mai
Fórum Social Holandês	x		Holanda	2006	Mai
II Fórum Social em la Vall	x		País Valencià	2006	Junho
Fórum Social pela Democracia		x	Chile	2006	Junho
Fórum Social da Áustria	x		Áustria	2006	Junho
II Fórum Social Mundial das Migrações		x	Espanha	2006	Junho
Fórum Mundial da Paz		x	Canada	2006	Junho
Fórum Social do Caribe	x		Martinica	2006	Julho
Forum Social Midwest	x		EUA	2006	Julho
Fórum dos Povos		x	Mali	2006	Julho
II Fórum Social da Tríplice Fronteira	x		Paraguay	2006	Julho
Fórum Social de Uganda	x		Uganda	2006	Julho
Russian Social Forum	x		Russia	2006	Julho
I Fórum Social do Trabalho Social		x	Chile	2006	Setembro
III Fórum Social Paraná Médio	x		Argentina	2006	Setembro
II Fórum Social Juvenil		x	Argentina	2006	Setembro
I Fórum Social Regional Saguenay-Lac-Saint-Jean	x		Canada	2006	Setembro

V Fórum Social Departamental dos Alpes Marítimos		x	França	2006	Setembro
Fórum Social da Turquia	x		Turquia	2006	Setembro
Fórum Social Fronteiriço	x		México	2006	Outubro
I Fórum Social Internacional: sabedoria dos ancestrais		x	Bolívia	2006	Outubro
II Fórum Social Português	x		Portugal	2006	Outubro
III Fórum de Cultura Solidária		x	Peru	2006	Outubro
Fórum Social da Noruega	x		Noruega	2006	Outubro
Fórum Social Moçambicano	x		Moçambique	2006	Outubro
Fórum Social Quênia Central	x		Quênia	2006	Outubro
Fórum Mundial de Educação		x	Venezuela	2006	Novembro
Fórum Social da Índia	x		Índia	2006	Novembro
Fórum Social de Porto Rico	x		Porto Rico	2006	Novembro
Fórum Alternativo ao G20		x	Austrália	2006	Novembro
Fórum Social do Chile	x		Chile	2006	Novembro
IV Fórum Social Potiguar	x		Brasil	2006	Novembro
I Fórum Social da Argélia	x		Argélia	2006	Novembro
V Fórum das Autoridades Locais		x	Quênia	2007	Janeiro
III Fórum Social de Melbourne	x		Austrália	2007	Abril
III Fórum Social em laValla	x		Pais Valência	2007	Maio
Fórum Social dos Países Baixos	x		Holanda	2007	Maio
Fórum Social do Congo	x		Congo	2007	Junho
Fórum Social dos EUA	x		EUA	2007	Junho
II Fórum Social Nordeste	x		Brasil	2007	Agosto
I Fórum Social de Quebec	x		Canadá	2007	Agosto
Fórum do Movimento Social		x	Coreia	2007	Agosto
Fórum Mundial de Educação		x	Brasil	2007	Setembro
II Fórum Social Mundial: sabedorias ancestrais		x	Bolívia	2007	Outubro
Fórum Social Alemanha	x		Alemanha	2007	Outubro
Fórum Social da Juventude do Mercosul		x	Brasil	2007	Novembro

Fonte: www.forumsocialmundial.org.br

ANEXO IV - CARTAS ENVIADAS AOS MEMBROS DO CO E CI

Prezado (a),

Primeiramente, deixe-me apresentar. Me chamo Fernanda de Almeida e faço Mestrado em Ciências Políticas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - Brasil. Minha pesquisa propõe reconstruir e analisar as relações organizacionais na rede do Fórum Social Mundial (FSM). Eu estou interessada na organização, agenda e desenrolar das ações do FSM.

Portanto, com a finalidade de levantar dados para viabilizar minha pesquisa, gostaria de solicitar que se identificasse três organizações parceiras que avalia como mais importantes para a realização seus trabalhos, salientando que as respostas fornecidas somente poderão ser utilizadas com a exclusiva finalidade de pesquisa científica. As respostas serão tratadas rigorosamente segundo os critérios científicos das pesquisas em Ciência Política.

Desde já, eu e meu orientador, o Prof. Dr. Thomas P. Dwyer, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - Brasil, agradecemos a sua colaboração e nos colocamos à sua disposição para após a conclusão do estudo oferecer um retorno (ou um breve relatório caso queira) sobre a análise realizada.

Atenciosamente,

Fernanda de Almeida.

Dear Sir or Madam,

First, let me introduce myself, my name is Fernanda de Almeida and I'm doing Masters degree in Political Science at the University of Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brazil. My research seeks to reconstruct and examine the organizational relations which make up the network of the World Social Forum, I am interested in its organizers, the issues raised, the timing of events and the location where action takes place.

Therefore, in order to raise data to facilitate my research, I would very much appreciate it if you could identify the three organizations that you evaluate as the most important for achieving your organization's objectives.

The answers provided will only be used for scientific purposes. Therefore they they will be not be disseminated in any way that permits the identification of the person who named the organizations. In anticipation, my supervisor (Prof. Tom Dwyer of UNICAMP, Brazil) and I thank you for your cooperation.

I remain at your disposition to provide any further information you may wish, including, subsequent to completion of the study I would be happy to send you a brief offer a return (or if you want a brief report) on the analysis.

Yours faithfully,

Almeida, F.

(versão em língua inglesa).

ANEXO V – Lista de Organizações Participantes do CO e CI e sua respectiva numeração nos Diagramas:

1 50 YEARS!	42 ENDA/FAMES
2 ABONG	43 EUROMARCHES
3 ACTION AID	44 WFDY
4 AFRICA TRADE NETWORK	45 FDIF/FDIM
5 CTA	46 FIAN
6 AIDC	47 FIDH
7 ALAI	48 FOCUS on the GLOBAL SOUTH
8 ALAMPYME/APYME	49 GLBT
9 AFL-CIO	50 Global Policy Network
10 ALLIANCE 21	51 GLOBAL POGRESSIVE FORUM
11 ALOP	52 GGJ
12 ALTERNATIVE NEWS	53 GREENPEACE
13 ALTERNATIVES	54 Grito dos Excluidos/Movimientos
14 FOE – FRIENDS OF THE EARTH	55 GTA
15 APRODEV	56 Herriak Aske
16 ARAB NGO	57 IBASE
17 ARENA	58 ICAE
18 ASC/ascahasa	59 IFAT
19 APC/FECOC/CONG.NACIONAL INDIGENA/JUBILEE SUL AMERICA LATINA	60 IFG
20 AEC/ CEDETIM	61 HABITANTS
21 Assembléia das Nações Unidas dos Povos/ Perlapace	62 IGTN
22 ATTAC	63 IRN
23 BANK WATCH	64 IPF
24 CADTM	65 IPAO
25 CANADIANS	66 IPS
26 CARITAS	67 ITTIJAH
27 CBJP	68 JUBILEE SOUTH
28 CEAAL	69 KCTU
29 CES/ETUC	70 KOPA
30 CETRI	71 MST
31 CIDSE	72 NARMADA
32 CIOSL	73 NIGD
33 CLC	74 OCLAE
34 CMT	75 ONE WORLD
35 Coalicion Internacional para el Habitat	76 ORIT
36 Conselho MundIaL de Igrejas/COE/NORTH-SUL CENTRE	77 OXFAM
37 CCSCS	78 STOP THE WALL
38 CORPWACH	79 PEACE BOAT
39 COSATU	80 PIDHDD
40 CRID	81 PPEHRC
41 CUT	82 MOVIMIENTOS

83 CIEMEN
84 DSP
85 REDE MULHER E HABITAT
86 REDE MUNDIAL DE MULHERES

87 REDE PALESTINA DE ONGS
88 REDE SOCIAL DE JUSTIÇA
89 REDE TRANSFORME
90 REDE SOCIOECONOMIA

91 REPEM/REDE DAWN
92 SIGTUR
93 SOCIAL WATCH
94 SOLIDAR
95 SOLIDARITY AFRICA
96 IFTDH
97 TNI
98 TWN
99 UBUNTU
100 IUS-UIE
101 VIA CAMPESINA
102 AMARC
103 WMW
104 ZNET
105 MUJERES DEL SUR
106 FORIM
107 FMA
108 IATP
109 KENDREN/KENIA DEBT
110 Land Research Action
111 OATUU
112 PUBLIC CITZEN
113 APM
114 CRIOLA/REDE LATINOAMERICANA DE MULHER
115 Vasudhaiva Kutumbakam
116 ACTU
117 CIVES
118 CLACSO

Fonte: Composição CI, www.forumsocialmundial.org.br

ANEXO VI – Banco de Dados: Caracterização dos membros do CI:

ONGS, Mov. Sociais e Redes	País de origem	Língua oficial do site	Outras línguas do site	Links	Temáticas trabalhadas	Locais com maiores atuações	Caráter	URL	Caráter segundo Gohn
50 YEARS IS ENOUGH	EUA	Inglês	Inglês	47	economia, sustentabilidade, anti/alter globalização, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	EUA e outros 65 países por meio de suas conexões	Rede	http://www.50years.org/	ONG/Rede de organizações
ABONG Associação Brasileira de ONGs	Brasil	Português	Português	5	Organização, comunicação, Redes solidárias de princípios e valores	Brasil	Rede	Http://www.abong.org.br/	ONG/Rede de organizações
ACTION AID INTERNATIONAL- AAI	Holanda	Inglês	Inglês	2	Pobreza	33 países	Agencia Internacional	http://www.actionaid.org/	
ACTU Australian Council of Trade Unions	Austrália	Inglês	Inglês	16	Trabalho	Austrália e outros 156 países	ONG	http://www.actu.asn.au/	
AFL-CIO American Federation of Labor - Congress of Industrial Organizations	EUA	Inglês	Inglês, espanhol	78	Trabalho	EUA e outros 152 países	ONG	http://www.aflcio.org/	Central sindical
AFRICA TRADE NETWORK	Gana	Inglês	Inglês	1	Economia, sustentabilidade, anti/alter globalização	Africa	Rede	http://www.twnafrica.org/atn.asp	
AIDC Alternative Information & Development Centre	Africa do Sul	Inglês	Inglês	126	sustentabilidade, educação e trabalho	Africa do Sul, Malawi, Mozambique, Tanzania, South Africa, Zambia, and Zimbabwe	Rede	http://www.aidc.org.za/	
ALAI Agencia Latinoamericana de Información	Equador	Espanhol	Português, Ingles	20	Comunicação, Mídia	America Latina	Rede	http://alainet.org/	ONG/Rede de organizações
ALAMPYME Assoc. Latino Americana de Pequenos e Médios Empresários	Argentina	Espanhol	Espanhol	52	Organização, comunicação	America Latina	Rede	http://www.apyme1.com.ar/redlat/alampyme.asp	
Alliance 21 ALIANÇA POR UM MUNDO RESPONSÁVEL E SOLIDÁRIO	França	Frances	Ingles, espanhol, frances	26	sustentabilidade, meio ambiente, Redes solidárias de princípios e valores	Africa, America, Asia, Europa	Rede	http://www.alliance21.org	ONG/Rede de organizações
ASC ALIANÇA SOCIAL CONTINENTAL	Brasil	Espanhol	Espanhol	23	Anti/alter globalização, sustentabilidade, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	América Norte e Sul	Movimento Social/ Rede	http://www.asc-hsa.org/	ONG/Rede de organizações
ALOP Assoc. Latino Americana de Organismos de Promoção	Mexico	Espanhol	Espanhol	44	Organização, comunicação	America Latina	ONG	http://www.alop.or.cr/	
ALTERNATIVE INFORMATION CENTER – alternative news	Israel	Inglês	Ingles, arabe, hebraico, castelhano	14	Educação, sustentabilidade, igualdade social	Palestina e Israel	Rede internacional	http://www.alternativenews.org/	
ALTERNATIVES	Canada	Frances	Frances, Ingles	2	Igualdade social, Redes solidárias de princípios e valores	América Latina, Africa, Europa, Oriente Médio	ONG	http://www.alternatives.ca/	ONG/Rede de organizações
AMIGOS DA TERRA – FOE	Inglaterra	Inglês	Ingles	15	Meio ambiente, sustentabilidade	Reino Unido, Inglaterra, Irlanda e outros 70 países	ONG	http://www.foe.co.uk/	ONG/Rede de organizações
Churches related Development Organizations in Europe	Belgica	Ingles	Ingles	17	Direitos Humanos	Uniao Europeia	Rede	http://www.aprodev.net/main/index.htm	
ARAB NGO NETWORK FOR DEVELOPMENT	Arabia	Ingles	Ingles, arabe	5	Organização, comunicação	Oriente Médio	Rede	http://www.aand.org/	
ARENA Asian Regional Exchange for New Alternatives	Koreia	Ingles	Ingles	45	Igualdade social	Korea, Singapore, Taiwan, Hong Kong sar, China, Australia	Rede regional	http://www.arenaonline.org/	
ARTICULATION FEMINISTA MARCO SUR – mujeres del sur	Brasil/ Uruguai	Espanhol	Espanhol, Ingles	57	Promove articulação feminista no Mercosul	Uruguay, Chile, Paraguay, Brasil, Bolivia, Peru e Argentina	Rede	http://www.mujeresdelsur.org.uy/index_e.htm	Movimento Social
APC/ movimientos Asamblea de los Pueblos del Caribe	Cuba	Espanhol	Ingles, frances, espanhol	9	Sustentabilidade, igualdade social	Trinidad e Tobago, Rep. Dominicana, Cabo Haitiano, Barbados, Cuba, Curacao, Martinica	Rede regional	http://movimientos.org/apcaribe/show_text.php3?key=11774	
AEC/cedetim – ASSEMBLEE EUROPEENNE DES CITOYENS	França	Frances	Frances, Ingles	9	Direitos Humanos	Alemanha, França, Balcas, Caucaso, Leste Europeu	Rede	http://www.reseau-ipam.org/rubrique.php3?id_rubrique=10/	
APC – ASSOCIAÇÃO PARA O PROGRESSO DAS COMUNICAÇÕES	EUA	Ingles	Ingles, espanhol Arabe, Ingles,	48	paz, direitos humanos, meio ambiente, Mídia	América do Norte e Sul, Asia, Africa, Europa	Rede	http://www.apc.org/	ONG/Rede de organizações
ATTAC Ação pela Tributação das Transações financeiras em Apoio aos Cidadãos	França	Francês	Ingles, espanhol, Alemão, Espanhol, Frances, Italiano, holandes,portugues	32	Economia, sustentabilidade, anti globalização, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	Austria, Finlândia, Grécia, Italia, Holanda, Portugal, Suécia, Belgica, França, Hungria, Jersey, Noruega, Romenia, Suíça, Líbano, Marrocos, Tunisia	Rede	http://www.attac.org/	ONG/Rede de organizações
BANKWATCH NETWORK	Republica Tcheca	Ingles	Ingles, Russo	17	Meio ambiente	Bulgaria, Rep. Tcheca, Estonia, Georgia, Hungria, Latvia, Lituania, Macedonia, Polonia, Russia, Eslovaquia, Ucrania	ONG	http://www.bankwatch.org/	
CADTM Comitê pela Anulação da Dívida Externa do Terceiro Mundo	Belgica	Frances	Ingles, espanhol, frances	105	anti globalização, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	Europa, Am. Latina e Asia	Rede	http://www.cadtm.org/	ONG/Rede de organizações
CANADIAN COUNCIL	Canada	Ingles	Ingles, frances	56	Anti globalização	Canada	ONG	http://www.canadians.org/	
CARITAS INTERNACIONALIS	Vaticano	Ingles	Ingles, frances, espanhol	7	Direitos Humanos, Trabalho e economia solidária	Mais de 200 países	Rede	http://www.caritas.org/	ONG/Rede de organizações
CBJP Comissão Brasileira de Justiça e Paz	Brasil	Português	Português	7	Igualdade social, paz	Brasil	ONG	http://www.cbjp.org.br/	Movimento Social
CEAAL Consejo de Educación de Adultos de América Latina	Panama	Espanhol	Espanhol	64	Educação	21 países	Rede	http://www.ceaal.org/	ONG/Rede de organizações

CEDAR INTERNACIONAL	Holanda	Ingles	Ingles	50	Direitos humanos, economia, igualdade social	Africa, Asia, America Latina, Oriente Médio e Leste Europeu	Rede	www.cedarinternational.net	
CEDETIM Centre d'Etudes et d'Initiatives de Solidarité Internationale	França	Frances	Frances	16	Direitos Humanos, paz	Africa, America Latina, Europa, Oriente Médio	ONG	Http://www.reseau-ipam.org/rubrique.php?id_rubrique=47/	
CTA – CENTRAL DOS TRABALHADORES ARGENTINOS	Argentina	Espanhol	Espanhol	47	Trabalho	Argentina	Sindicato	http://www.cta.org.ar/base/	
CES/ETUC European Trade Union Confederation	Belgica	Ingles	Ingles, frances	94	Trabalho	36 países Europa	Rede	Http://www.etuc.org/	Central sindical
CETRI Centre tricontinental	Belgica	Frances	Frances, Ingles, Espanhol	22	anti/alter globalização, educação	Europa, Africa, Am. Latina	ONG	http://www.cetri.be/	
CIDSE Coopération Internationale pour le Développement et la Solidarité	Belgica	Frances	Frances, Ingles	15	sustentabilidade, educação, Trabalho e economia solidária	Asia, Africa, Camboja	Rede	http://www.cidse.org/	ONG/Rede de organizações
CIOSL Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres	Brasil	Espanhol	Espanhol, Ingles, Portugues	49	Trabalho	America Norte e Sul	Rede	http://www.cioslorit.net/espanol/index.asp	
CIVES Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania	Brasil	Português	Português	2	Igualdade social	Brasil	ONG	http://www.cives.com.br/	
CLACSO Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales	Argentina	Espanhol	Espanhol, Portugues, Ingles, Frances	4	organização, comunicação, educação	America do Sul	ONG	http://www.clacso.org.ar/difusion	Centros de Estudo
CLC Canadian Labour Congress	Canada	Ingles	Ingles, frances	86	Trabalho	Canada, EUA	Rede	http://canadianlabour.ca/	
CMT	Belgica	Frances	Frances, Ingles, Espanhol	272	organização, comunicação	Asia, Africa, America Latina	Agencia Internacional	http://www.cmt-wc1.org/cmt/ewcm.nsf	
HIC – COALICIÓN INTERNACIONAL PARA EL HABITAT	Kenia	Ingles	Espanhol, Portugues, Ingles, Frances	108	igualdade social, sustentabilidade, Moradia urbana	America Latina, Africa, Europa, Oriente Médio, Asia, America do Norte	Rede internacional	http://www.hic-net.org/	Movimento Social
CONAIE	Equador	Espanhol	Espanhol	10	Anti globalização, sustentabilidade, reforma agraria, Indigena	America Latina	ONG	http://conaie.org/	Movimento Social
CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS	Suica	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances, Alemão, Russo	10	organização, comunicação, Religioso	110 países	ONG	http://www.oikoumene.org/	Movimento Social
COORDENADORA DE CENTRAIS SINDICAIS DO CONESUL/CCSCS	Uruguay	Espanhol	Espanhol, Portugues	410	Trabalho	America Latina	Sindicato	http://www.sindicatocomercosul.com.br/	Central sindical
CORPWATCH	EUA	Ingles	Ingles	188	Direitos humanos, economia, igualdade social, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	America do Norte	Rede	http://www.corpwatch.org/	ONG/Rede de organizações
COSATU Congress of South African Trade Unions	Africa do Sul	Ingles	Ingles	273	igualdade social, direitos humanos, economia, Trabalho e economia solidária	Africa	Rede	http://www.cosatu.org.za/	oNG/Rede de organizações
CRID Centre de Recherche et d'Information pour le Développement	França	Frances	Frances	51	Organização, comunicação, Trabalho e economia solidária	Africa, Oriente Médio	Rede	http://www.crid.asso.fr/	ONG/Rede de organizações
CUT Central Única dos Trabalhadores	Brasil	Português	Português	66	Trabalho	Brasil	Organização sindical	http://www.cut.org.br/	Central sindical
ENDA Environnement et Développement du Tiers Monde	Senegal	Frances	Frances, Ingles	7	Meio ambiente, sustentabilidade	Africa, America Latina, Asia	ONG	Http://www.enda.sn/	
EURALAT Observatorio Eurolatinoamericano sobre el Desarrollo Democrático y Social	Italia	Italiano	Italiano, Espanhol, Frances, Ingles, Portugues	0	anti/alter globalização, organização	America Latina, Europa	Rede	Http://www.euralat.org/	
EUROMACHES	França	Frances	Frances, Ingles, Espanhol, Alemão, Dinamarques, Holandes	15	anti/alter globalização	Europa	Rede	http://www.euromarches.org/	
FEDERACION MUNDIAL DE JUVENTUDES DEMOCRÁTICAS/WFDY	Hungria	Ingles	Ingles	48	anti/alter globalização, educação		Rede	http://www.wfdy.org/	
FDIF/fdim/widf Fédération démocratique internationale des femmes	França	Frances	Frances, Ingles, Portugues, Espanhol	203	Sexismo/gênero, anti/alter globalização	Africa, América do Sul, EUA, Asia, Europa Oriental	Rede	Http://www.fdif.eu.org/	
IPB Fundación per la Pau/International Peace Bureau	Suica	Ingles	Ingles, Espanhol, frances, Alemão, Arabe, Italiano, Portugues	245	Paz, igualdade social, direitos humanos		Rede internacional	Http://www.ipb.org/	
FIAN Food First International Action Network	Alemanha	Ingles	Ingles, espanhol	14	alimentação/fome, igualdade social	Africa, Asia, America Latina, Oriente Médio e Leste Europeu	ONG	http://www.fian.org/	
FIDH Fed. Internacional Direitos Humanos	França	Frances	Espanhol, Arabe, Persa	150	Direitos Humanos	America Latina, Asia, Africa, Oriente Médio	ONG	http://www.fidh.org/	Movimento Social
FORIM Forum des Organisations de Solidarité Internationale issues des Migrations	França	Frances	Frances	43	Direitos Humanos	Africa subsaariana, Magreb, Asia, Caribe	Forum	http://www.forim.net/	
FOCUS ON THE GLOBAL SOUTH	Thailandia	Ingles	Ingles	63	Anti globalização, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa, observatório internacional	Tailandia, Filipinas e India	ONG	http://www.focusweb.org/	ONG/Rede de organizações
FMA FORUM MONDIAL DES ALTERNATIVES	França	Frances	Frances, Ingles, Espanhol, Portugues, Italiano, Arabe	17	Anti globalização, sustentabilidade, Trabalho e economia solidária	Africa, America Latina, Asia, Oriente Médio, Europa, Oceania	Forum	http://www.forumdesalternatives.org/FR/inicio.php	ONG/Rede de organizações

GLOBAL EXCHANGE	EUA	Ingles	Ingles		Direitos humanos, economia, anti globalização, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	Africa, America, Asia, Europa, Oriente Medio	Rede internacional	Http://www.globalexchange.org/	ONG/Rede de organizações
GPN GLOBAL POLICY NETWORK	EUA	Ingles	Ingles	43	Economia, direitos humanos, Trabalho e economia solidária	36 paises	Rede	http://www.gpn.org/	ONG/Rede de organizações
GLOBAL PROGRESSIVE FORUM	Belgica	Ingles	Ingles	8	anti/alter globalização	Europa, Africa	Forum	http://www.globalprogressiveforum.org/index.cfm	
GGJ GRASSROOTS GLOBAL JUSTICE	EUA	Ingles	Ingles, espanhol	48	organização, comunicação, sustentabilidade	EUA, America Latina	Rede	http://www.ggjalliance.org/	
GREENPEACE	Holanda	Ingles	Ingles	2	Meio ambiente	44 paises	ONG	http://www.greenpeace.org/international/	Movimento Social
GRITO DOS EXCLUIDOS	Brasil	Português	Português	27	Pobreza, igualdade social	America Latina	Movimento Social	http://www.gritodosexcluidos.com.br/	
GTA GRUPO DE TRABALHO AMAZONICO	Brasil	Português	Português	192	Meio ambiente	Brasil	Movimento Social	http://www.gta.org.br/	
HERRIAK ASKE/ASKAPENA	País Basco	Euskara	Euskara, Espanhol, Frances, Ingles, Italiano	31	sustentabilidade, economia	País Basco, America Latina, Palestina, alguns povos indigenas	Movimento Social	http://www.askapena.org/herriak/EHL	
IATP Institute for Agriculture and Trade Policy	EUA	Ingles	Ingles	9	Organização, comunicação, educação	EUA	ONG	http://www.iatp.org/	
IBASE Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas	Brasil	Português	Português, espanhol, ingles	42	Igualdade social, Saude	Brasil	ONG	http://www.ibase.org.br/	ONG/Rede de organizações
ICAE Consejo Internacional de Educación de Adultos	Uruguay	Ingles	Ingles, Espanhol, frances, Arabe	7	Educação	America, Africa, Europa, Asia	ONG	http://www.icae.org.uy/	ONG/Rede de organizações
IFAT International Federation of Alternative Trade	Holanda	Ingles	Ingles, Espanhol, frances, japonês	64	sustentabilidade, economia	Africa, Asia, America Latina	ONG	http://www.ifat.org/	
IFG International Forum on Globalization	EUA	Ingles	Ingles, espanhol	160	sustentabilidade, economia	America do Norte e Sul, Asia, Africa, Europa	ONG	http://www.ifg.org/	
INTERNATIONAL ALLIANCE OF HABITANTS	Italia	Ingles	Ingles, Espanhol, frances, Italiano	3	Igualdade social	Africa, Europa, America	Rede	http://www.habitants.org/article/frontpage/15/140	
IGTN – INTERNATIONAL GENDER AND TRADE NETWORK	Brasil	Ingles	Ingles	82	sexismo/genero	Africa, Asia, Europa, America do Norte e sul	Rede	http://www.igtn.org/	
INSP International Network of Street Papers	Reino Unido	Ingles	Ingles	79	Pobreza, comunicação	Africa, America Latina, Asia, Europa, Australia	ONG	http://www.street-papers.org/	
IPF - INSTITUTO PAULO FREIRE	Brasil	Português	Português	52	organização, meio ambiente	Brasil e outros 90 paises	ONG	http://www.paulofreire.org/Capa/WebHome	
IPAO Institut Panos Afrique de l'Ouest	Senegal	Português	Português, Ingles, Frances	3	Paz	Africa, Asia, França	ONG	http://www.panos-ao.org/sip.php?article2940	
IPS Inter Press Service	Italia	Ingles	Ingles	17	Comunicação, organização, Midia	Africa, Asia, Europa, Americas, Oriente Médio	ONG	http://www.ips.org/institutional/	ONG/Rede de organizações
ITTIJAH The Union of Arab Community Based Associations in Palestine 48	Palestina	Ingles	Ingles, Arabe	54	organização, comunicação	Palestina	Rede	http://www.ittijah.org/about/about01.html	
JUBILEE SOUTH	Filipinas	Ingles	Ingles, frances, espanhol	36	Pobreza, igualdade social	Asia, Africa, America Latina	Rede	Http://www.jubileesouth.org/	
KCTU Korean Confederation of Trade Unions	Korea	Koreano	Koreano, Ingles	20	Economia	Asia, Korea	Movimento Social	http://www.kctu.org/	
KOPA Korean People's Action against FTA & WTO	Korea	Koreano	Koreano, Ingles	59	Economia, anti/alter globalização		Rede	http://antiwto.jinbo.net/	
LAND RESEARCH ACTION NETWORK	EUA	Ingles	Ingles, Espanhol, Portugues	6	Reforma Agrária, sustentabilidade	EUA, America Latina, Europa	Rede	http://www.landaction.org/spip/?lang=en	
MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	Brasil	Português	Português, Ingles, alemão, espanhol, frances, italiano, sueco, holandes, suíço	68	Reforma Agrária, sexismo/genero, sustentabilidade	Brasil	Movimento Social	Http://www.mst.org.br/	Movimento Social
NARMADA	India	Ingles	Ingles	88	Meio ambiente	India	Rede	http://www.narmada.org/	Movimento Social
NIGD NETWORK INSTITUTE FOR GLOBAL DEMOCRATIZATION	Finlandia	Ingles	Ingles	14	organização, comunicação, anti globalização, Observatório internacional	Europa, America Latina, EUA	Rede	Http://www.nigd.org/	ONG/Rede de organizações
NORTH-SOUTH CENTRE	Portugal	Ingles	Ingles, Frances	95	anti/alter Globalização, economia	Europa, America Latina	Agencia internacional	http://www.coe.int/t/dg4/nscentre/default_EN.asp	
OCLAE Organización Continental Latino Americana e Caribenha de Estudiantes	Uruguay	Espanhol	Espanhol	61	anti/alter globalização, educação	America Latina	Rede	http://www.oclae.eu/	
ONEWORLD	Inglaterra	Ingles	Ingles	3093	Direitos Humanos	America, Asia, Africa, Leste Europeu	Rede	http://www.oneworld.net/	
ORIT Org. Regional Interamericana de Trabajadores	Brasil	Espanhol	Espanhol, Portugues, Ingles	81	Trabalho, economia solidária	America Latina, Asia, Pacifico	Organização sindical	http://www.cioslorit.net/espanol/index.asp	ONG/Rede de organizações
OXFAM - INTERNATIONAL	EUA	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances	1	organização, comunicação, igualdade social, Trabalho e economia solidária	Central America, South America; Central and East Africa; West Africa; East Asia; South Asia; Eastern Europe; Pacific	Rede	http://www.oxfam.org/en/	ONG/Rede de organizações

PALESTINIAN GRASSROOTS ANTI-APARTHEID WALL CAMPAIGN	Palestina	Ingles	Ingles, Italiano, Espanhol, Alemão, Árabe	8	Paz, igualdade social, direitos humanos	Palestina	Movimento Social	http://www.stopthewall.org/	
PEACE BOAT	Japao	Ingles	Ingles, Espanhol, Japonês	9	sustentabilidade, economia	Japao, Asia	ONG	Http://www.peaceboat.org/english/index.html	
PIDHDD Plataforma Interamericana de Derechos Humanos, Democracia y Desarrollo	Colombia	Espanhol	Espanhol	3	Direitos Humanos	América Latina	Rede	http://www.pidhdd.org/	
PPEHRC Poor People's Economic Human Rights Campaign	EUA	Ingles	Ingles	60	Pobreza, igualdade social	EUA	Movimento Social	http://www.economichumanrights.org/index.shtml	
PUBLIC CITIZEN	EUA	Ingles	Ingles	11	organização, comunicação, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	EUA	ONG	http://www.citizen.org/	ONG/Rede de organizações
REMTE RED LATINOAMERICANA MULHERES TRANSFORMANDO A ECONOMIA	Peru	Espanhol	Espanhol	19	genero/sexismo educação, sustentabilidade	América Latina	Rede	http://www.movimientos.org/remte/	Movimento Social
REDE APM Agricultures paysannes, sociétés et mondialisation	França	Frances	Frances	2	Reforma agrária, sustentabilidade	África, América Latina, Ásia	Rede	http://www.fph.ch/fr/partenaires.html?tx_fphfiches_pil%5BpartnerId%5D=50&cHash=e9a466ee03	
REDE CONSEU/CIEMEN Conferencia de Naciones sin Estado de Europa	Espanha	Catalão	Frances, Ingles, Espanhol	7	Igualdade social	Europa	Forum	http://www.ciemen.org/objec-conseu.htm	
REDE DAWN DE MULHERES	Nigeria	Ingles	Ingles	5	sexismo/genero, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	África, América Latina, Ásia	Rede	http://www.dawnnet.org/	ONG/Rede de organizações
REDE DE SOLIDARIEDADE ASIA PACIFICO/DSP	Australia	Ingles	Ingles	6	Trabalho	Australia	ONG	http://www.dsp.org.au/site/	
REDE LATINOAMERICANA E CARIBENHA DE MULHERES NEGRAS/criola	Brasil	Português	Português, Ingles	100	sexismo/genero, direitos humanos	Brasil, América Latina	ONG	http://www.criola.org.br/	
REDE MULHER E HABITAT	Argentina	Espanhol	Espanhol	31	sexismo/genero, reforma agrária	América Latina	Rede	Http://www.redmujer.org.ar/	
REDE MUNDIAL DE MULHERES PELOS DIREITOS REPRODUTIVOS/wgnrr	Holanda	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances	74	sexismo/genero	157 países	Rede	http://www.wgnrr.org/home.php	
REDE PALESTINA DE ONGS	Palestina	Ingles	Ingles, Árabe	193	Paz	Palestina	Rede	http://www.pngo.net/english/default.asp	
REDE SOCIAL DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS	Brasil	Português	Português, Ingles	24	Direitos Humanos	Brasil	Rede	http://www.social.org.br/	Movimento Social
REDE TRANSFORME	França	Frances	Frances	7	Comunicação, organização	Europa	ONG	Http://www.internatif.org/	
REDE SOCIOECONOMIA SOLIDÁRIA	Espanha	Espanhol	Espanhol, Euskera, Catalão, Frances, Ingles, Galego	166	Economia, sustentabilidade, anti/alter globalização	Europa, África, Am. Latina	Rede	http://www.economiasolidaria.org/	
REPEN Red de Educación Popular Entre Mujeres – América Latina	Uruguay	Espanhol	Espanhol	150	Direitos Humanos, sexismo/genero	América Latina	Rede	http://www.repem.org.uy/	
SIGTUR Southern Initiative on Globalisation and Trade Union Rights	Australia	Ingles	Ingles	11	Trabalho	Australia, Korea, Índia, Paquistão	Organização sindical	http://www.sigtur.com/	
SOCIAL WATCH	Uruguay	Ingles	Ingles, espanhol	55	organização, comunicação, anti globalização, Observatório internacional	África, América Latina, Ásia, Europa, Australia	Rede	http://www.socialwatch.org/en/portada.htm	ONG/Rede de organizações
SODNET Social Development Network	Kenia	Ingles	Ingles	4	Igualdade social	África	Rede	http://www.sodnet.or.ke/	
SOLIDAR	Belgica	Ingles	Ingles, Frances, Alemão	63	Meio ambiente, sustentabilidade	África, Ásia, América Latina	Rede	http://www.solidar.org/	
SOLIDARITY AFRICA NETWORK IN ACTION	EUA	Ingles	Ingles	62	Pobreza, igualdade social	África	Rede	http://www.africaaction.org/about/staff.php	
IFTDH The International Federation Terre des Hommes	Suica	Ingles	Ingles, Frances	12	Direitos Humanos	67 países	ONG	http://www.terredeshommes.org/	
TNI Transnational Institute Transform!	Holanda	Ingles	Ingles, espanhol	120	sustentabilidade, economia	Europa, Oriente Médio, América Latina	Rede	http://www.tni.org/	
TWN Third World Network	Malasia	Ingles	Ingles	7	Economia, sustentabilidade, meio ambiente, Comércio mundial, corporações multinacionais, controle de capitais financeiros, dívida externa	Ásia, África	Rede	Http://www.twinside.org.sg/	ONG/Rede de organizações
UBUNTU Foro Mundial de Redes de la Sociedad Civil	Espanha	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances, Catalão, Chines, Japonês, Coreano, Alemão, Português, Russo, Grego, Holandes, Italiano	36	organização, comunicação	África, Ásia, América Latina, Europa	Forum	http://www.ubuntu.upc.edu	
IUS-UIE – UNION INTERNACIONAL DE ESTUDIANTES	Republica Tcheca	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances	148	organização, comunicação, educação	Ásia, América Latina, Europa	Rede	http://www.ius-ue.org/	
VASUDHAIA KUTUMBAKAM NETWORK	Finlandia	Ingles	Ingles, Finlandês	6	Pobreza, igualdade social, sexismo/genero	Ásia	Rede	http://www.demokratiaforumi.fi/wsf.html	
VIA CAMPESINA	Indonesia	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances	111	Reforma Agrária, paz	África, América Latina, Ásia	Movimento Social	http://viacampesina.org/main_en/index.php	Movimento Social
WORLD ASSOCIATION OF COMMUNITY RADIO BROADCASTERS/amarc	Canada	Ingles	Ingles, Espanhol, Frances	8	Comunicação, organização	Ásia, África, Américas, Europa	ONG	Http://www.amarc.org/	
WORLD MARCH OF WOMEN	Filipinas	Frances	Frances, Ingles, Espanhol	68	Reforma Agrária, sexismo/genero, anti/alter globalização	Europa, Am. Latina	Movimento Social	http://www.worldmarchofwomen.org/index_html/fr	Movimento Social
ZNET	Canada	Ingles	Ingles	4	comunicação, organização	Europa, Américas, Ásia, Oriente Médio	Imprensa	http://www.zmag.org/	

Fonte: www.forumsocialmundial.org.br e sites das organizações.

ANEXO VII – Balanço geral das reuniões do FSM, segundo ano, participação, atividades:

Balanço geral das reuniões do FSM segundo ano, temáticas e participação.

ANO/LOCAL	25 e 30 de janeiro 2001 Porto Alegre Brasil	31 de janeiro a 5 fevereiro 2002 Porto Alegre Brasil	23 e 28 de janeiro 2003 Porto Alegre Brasil	de 16 janeiro a 21 janeiro 2004 Mumbai Índia	26 e 31 de janeiro 2005 Porto Alegre Brasil	2006 Policêntrico			20 e 25 de janeiro 2007 Nairobi África
nº Participantes	20000	50000	100000	74126	155000	19 e 23 de janeiro Caracas 80000	19 e 23 de janeiro Bamako 10000	24 e 29 de março Karachi 30000	66000
Balanço participantes gerais		crescimento acima dos 100%	Crescimento acima dos 100%. Conforme o Censo do IBASE (2003) mostrou: somente cerca de 40 % eram estrangeiros, contra 60% de brasileiros e estrangeiros residentes em algum país da América Latina, revelando uma baixa internacionalização do FSM	Apenas 19% dos participantes eram estrangeiros. Assim, o que assinala a internacionalização do evento é sua realização em um outro país (fora Brasil).	As maiores delegações foram as do Brasil, da Argentina, dos Estados Unidos, do Uruguai e da França. Os dias de maior pico foram 29 e 30 de janeiro: 500 mil pessoas circularam no Território Social Mundial, de acordo com estimativas da Brigada Militar. Cerca de 3.100 voluntários colaboraram na realização do encontro de 2005, em áreas como tradução, cultura, comunicação, logística e serviços, manutenção de redes e construções etc.	Principais delegações: Venezuela, Colômbia e Brasil, marcando um caráter regionalista para o evento	Bamako marcou o processo de internacionalização e descentralização dos FSMs por ser o primeiro evento desse porte realizado na África. Sua realização abriu o precedente para muitas outras atividades como marchas, protestos e outros Fóruns realizados a posteriori nesse território.		caracterizado como o primeiro FSM mundial (não policêntrico) realizado no continente africano, tornando-o o Fórum mais global já ocorrido fora de Porto Alegre.
Balanços gerais	-4.700 delegados, -117 países, -1.870 jornalistas.	-12.274 delegados/as -123 países, -3.356 jornalistas.	-20 mil delegados/as, -123 países -25 mil pessoas no acampamento -4.000 jornalistas	-1653 organizações -117 países -60.224 indianos -2.723 pessoas no acampamento -3.200 jornalistas	-6.872 organizações -151 países -35 mil pessoas no acampamento -6.823 jornalistas	-4.900 jornalistas -3.000 voluntários			-1.400 organizações -110 países
TEMAS	-produção de riqueza e reprodução social -acesso às riquezas e à sustentabilidade -afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos -poder político e ética na nova sociedade	-produção de riqueza e reprodução social -acesso às riquezas e à sustentabilidade -afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos -poder político e ética na nova sociedade	-Desenvolvimento democrático e sustentável -princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade -mídia, cultura e alternativas à mercantilização e homogeneização -poder político, sociedade civil e democracia -ordem mundial democrática, luta contra a militarização e promoção da paz	-militarismo, guerra e paz; -informação, conhecimento e cultura -meio ambiente e economia -exclusão, direitos e igualdade	comuns da Terra e dos povos “Como alternativa à mercantilização e ao controle das redes transnacionais” -Arte e criação: construindo as culturas de resistência dos povos -Comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas -Defendendo as diversidades, pluralidade e identidades -Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário -Economias soberanas pelos e para os povos “Contra o capitalismo neoliberal” -Ética, cosmo visões e espiritualidades “Resistências e desafios para um novo mundo” -Lutas sociais e alternativas democráticas “Contra a dominação neoliberal” -Paz e desmilitarização “Luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida” -Pensamento autônomo, reapropriação e socialização do conhecimento (dos saberes) e das tecnologias -Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e integração dos povos	-Poder, política e lutas pela emancipação social -Estratégias imperialistas e resistências dos povos -Recursos e direitos para a vida: alternativas ao modelo civilizatório depredador -Diversidades, identidades e cosmovisões em movimento -Trabalho, exploração e reprodução da vida -Comunicação, culturas e alternativas democratizadoras.	-Guerra, segurança e paz -Liberalismo mundializado: apartheid mundial e empobrecimento -Marginalização do continente e dos povos, migrações, violação dos direitos econômicos, sociais e culturais -Agressão contra as sociedades camponesas -Aliança entre o patriarcado e o neoliberalismo e marginalização das lutas das mulheres; -Cultura, mídia e comunicação: crítica e reconstrução, violências -Destruição dos ecossistemas, diversidade biológica e controle dos recursos; -Ordem internacional: Nações Unidas, instituições internacionais, direito internacional, reconstrução da frente do sul -Comércio internacional, dívida e políticas econômicas e sociais, -Alternativas que permitirão avanços democráticos, o progresso social e o respeito da soberania dos povos e do direito internacional.	-Imperialismo, militarização e conflitos armados na região e movimento pela paz -Direito aos recursos naturais, controle da população e privatização e disputas fronteiriças -Desenvolvimento do comércio e globalização -Justiça social, Direitos Humanos e Governo -Estado e religião, pluralismo e fundamentalismo -Nação, nacionalidade e identidades étnicas e culturais -Estratégias de desenvolvimento, pobreza, desemprego e deslocamento -Movimentos populares e estratégias alternativas -Mulheres, patriarcalismo e mudança social; -Meio ambiente, ecologia e sustento.	-Pelo acesso universal e sustentável aos bens comuns da humanidade e da natureza -Pela democratização do conhecimento e da informação -Pela dignidade, diversidade e eliminação de todas as formas de discriminação -Pela garantia dos direitos econômicos, sociais, humanos e culturais, especialmente os direitos à alimentação, saúde, educação, habitação, emprego e trabalho digno -Pela construção de uma ordem mundial baseada na soberania, na autodeterminação e nos direitos dos povos -Pela construção de uma economia centrada nos povos e na sustentabilidade- Pela construção de estruturas políticas realmente democráticas e instituições com a participação da população nas decisões e controle dos negócios e recursos públicos.

Eixos transversais				-globalização imperialista -patriarcado -regimes de castas e racismo e exclusões sociais -sectarismo religioso, políticas de identidade e fundamentalismo -militarismo e paz	-Emancipação social e dimensão política das lutas -Luta contra o capitalismo patriarcal -Luta contra o racismo			-Globalização imperialista; -Patriarcado; -Regime de castas, racismo e exclusões sociais; -Sectarismo religioso, políticas de identidade e fundamentalismo (comunalismo), -Militarismo e paz.	
Ênfase	Oposição à globalização neoliberal	Oposição à globalização neoliberal. Diversos encontros destinados a desenhar estratégias de mobilização, luta em relação à juventude, o mundo do trabalho, comunidade negra, movimento de mulheres, povos indígenas, minorias sexuais e outros grupos de setores sociais oprimidos.		Globalização neoliberal, guerra, militarização, patriarcado, regime de castas e segregação de raças, violência, sectarismo religioso, etnicidade					
Balanco programático		-96 seminários, -27 conferências -622 atividades autogestionadas			-2.500 atividades, -ampliação temática de mais de 60% em relação às edições anteriores.	-2 mil atividades	-160 atividades	-16 conferências/plenárias -360 atividades auto gestionadas	
Tradução				-800 voluntários de 20 países foram recrutados para atuar nesse campo. No total houve 180 intérpretes e tradutores da Argentina, Brasil, Índia, EUA, França, Espanha, Reino Unido, Bélgica, Suíça, Sri Lanka, Tailândia, Indonésia, Japão, Coreia e Palestina. Interpretação e tradução que foram providenciadas gratuitamente por uma rede internacional de tradutores voluntários chamada Babels.	-533 intérpretes (Babels) de 30 países. -16 idiomas foram traduzidos durante o FSM: português, inglês, francês, espanhol, árabe, japonês, hebraico, alemão, italiano, coreano, guarani, hindi, quechua, uolof (África), bahasa (Indonésia), russo e libras (língua brasileira de sinais).				
Atividade	Conferências; conferências especiais; seminários; oficinas; testemunhos; atos políticos; coletivas de imprensa	Conferências; conferências especiais; seminários; oficinas; testemunhos; atos políticos; coletivas de imprensa	Conferências; painéis; seminários; oficinas; testemunhos; mesas de diálogo e controvérsia; atos políticos; coletivas de imprensa; discussões sobre outros fóruns	Conferências; seminários; oficinas auto organizadas; testemunhos; atos políticos; debates	Conferências; seminários; oficinas auto organizadas; atos políticos; debates	atividades auto gestionadas; conferências; oficinas	atividades auto gestionadas; conferências; oficinas	atividades auto gestionadas; conferências; debates; oficinas	atividades auto gestionadas; conferências; debates; oficinas; dia de socialização de propostas
Nº eixos temáticos	4 eixos	4 eixos	5 eixos	3 eixos 5 eixos transversais	11 eixos 3 eixos transversais	Caracas: 6 eixos e 2 eixos transversais	Karachi: 10 eixos e 5 eixos transversais	Bamako: 10 eixos	9 eixos
Quem organizou	CO	CO, CI	CI	CI, Conselho Indiano	CI, consulta temática via Internet	CI, consulta temática via Internet	CI, consulta temática via Internet	CI, consulta temática via Internet	CI, Conselho Africano, consulta temática via Internet

Fonte: www.forumsocialmundial.org.br

ANEXO VIII – Matrizes inseridas no software UCINET:

MATRIZ CO

		1	2	3	4	5	6	7	8
	A	A	C	C	I	M	C	C	
		-	-	-	-	-	-	-	-
1	ABONG	1	0	0	0	2	0	2	0
2	ATTAC	0	1	0	0	0	0	0	0
3	CBJP	0	0	1	0	0	1	0	0
4	CUT	0	0	0	1	0	1	0	0
5	IBASE	2	0	0	0	1	0	0	0
6	MST	0	0	0	0	0	1	1	1
7	CJG	2	0	0	0	0	0	1	0
8	CIVES	0	0	0	0	0	0	0	1

